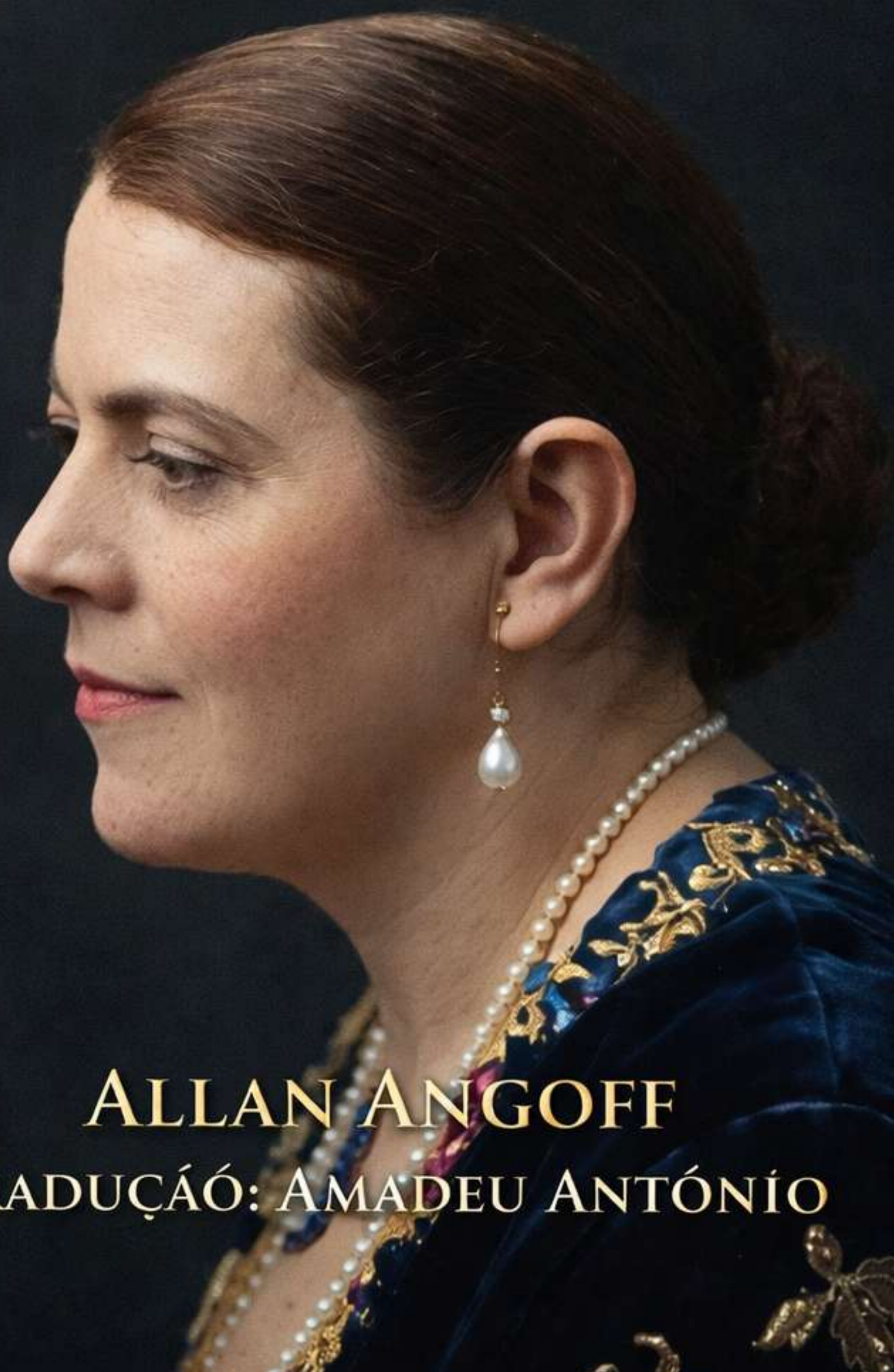
EILEEN GARRETT

E O MUNDO ALÉM DOS SENTIDOS



ALLAN ANGOFF

TRADUÇÁÓ: AMADEU ANTÓNIO

EILEEN GARRETT

E O MUNDO ALÉM DOS SENTIDOS

PREFÁCIO

Eileen Garrett falou com os mortos, curou os doentes, previu o futuro. Realizou milagres durante cinquenta anos com uma precisão inabalável e assustadora. Ela não afirmava ter poderes sobrenaturais, e disse que não era uma milagreira, mas que apenas gozava de uma sensibilidade, muito desenvolvida porventura, que lhe permitia ver e fazer coisas impossíveis à maioria das pessoas. Só isso. Ela também disse que a maioria das pessoas poderia, com treino, tornar-se igualmente sensitiva. Não havia mágica nisso, e aqueles que reivindicavam magia para dons semelhantes em si mesmos eram fraudes ou simplesmente muito ingénuos com respeito a toda a questão.

Ela não estava muito certa de que os seus dons – clarividência, telepatia, psicometria, mediunidade em transe – fossem dons bons. Ela sempre me disse: "Estes podem ser perigosos quando controlados por pessoas desprovidas de compaixão. Estes dons são perigosos, a menos que sejam usados para ajudar as pessoas."

Outras vezes, ela disse-me: "Eu nem sei se são dons. Todas as investigações que fizemos foram inconclusivas. Participei em tantas experiências e trabalhei com tantos investigadores. Eu realmente interrogo-me se eles serão apenas frívolos e não conseguem chegar a lugar nenhum. Todos os cientistas não podem ter deixado de descobrir algo sobre a mediunidade e a perceção extrassensorial. Mas talvez não houvesse nada para descobrir, absolutamente nada."

Depois de milhares de sessões e dos resultados extraordinários que a tornaram uma das médiuns mais célebres do século, ela permaneceu duvidosa até o fim sobre a natureza dos seus poderes. A

admiração e gratidão daqueles que participaram com ela deixaram-na indiferente. Mas ela tinha uma vaga sensação de que bons cientistas poderiam encontrar algumas respostas. "Se todo o dom psíquico, estranho e mistificador pudesse ser arrancado da escuridão das salas de sessões e colocado nas mãos capazes de sondar, da ciência", disse ela, "todos se sentiriam muito melhor sobre o assunto e o mundo da ciência e da filosofia poderia sair enriquecido."

Foi por isso que, em 1951, fundou a Fundação de Parapsicologia. Até então, tinha existido apenas a mais esparsa investigação científica dos fenómenos psíquicos. A parapsicologia era um campo desorganizado de "pesquisadores" claramente tendenciosos, ou que procuravam respostas para problemas pessoais, ou espiritualistas comprometidos, especialistas em sobrevivência ou reencarnacionistas. Com fundos, com conferências, com a sua biblioteca e as suas publicações, a sua Fundação incentivaria o trabalho mais promissor dos cientistas mais promissores que estudam o paranormal em todo o mundo.

Viu muitos cientistas falharem, viu muitos deambular por cultos, familiarizou-se com aqueles que, envolvidos na erupção do psíquico e do oculto dos últimos anos, acharam a popularidade mais estimulante do que a investigação, a experiência e o estudo. Mas não ficou desiludida. Ela riu-se deles como fracos ou como malandros que a tinham divertido. Mas valeu a pena arriscar neles.

Ela não só questionava os seus poderes psíquicos, como também era bastante irreverente com respeito a eles. O excesso de parapsicologia era uma chatice, disse ela, e buscou alívio na administração de um restaurante, um albergue, uma editora de livros, uma revista literária.

E, no entanto, os feitos psíquicos de Eileen Garrett sempre impressionaram aqueles que trabalharam com ela em qualquer empreendimento. Para a maioria das pessoas, ela permaneceu sempre a milagreira, e entre esses tinham lugar não apenas os secretários e editores que trabalharam para ela em Nova Iorque e Londres e St.

Paul-de-Vence no sul da França, como também T. S. Eliot, que a interrogou muito de perto quando ela conversou com ele em Londres anos antes.

Quando morreu, em setembro de 1970, era óbvio que era preciso fazer algum registo dessa vida extraordinária. Eileen costumava dizer-me para escrever a história da sua vida depois que ela se fora. "Eu vou estar por perto," costumava ela dizer a rir. "Eu voltarei. Eu vou aparecer-te de vez em quando, e vou-te ajudar."

Trabalhei com Eileen Garrett durante vinte e cinco anos, tão cético quanto ela com relação aos psíquicos. Mas sei que os seus feitos psíquicos não podem ser ignorados, mesmo que sejam uma afronta à razão. Tentei contar a história dela de forma objetiva. Voltei aos seus primeiros anos, apresentando as suas próprias palavras sobre as suas experiências psíquicas quando tinha cinco anos e era uma criança "pecadora", e aquelas que ocorreram quando ela era mais velha e famosa enquanto vidente incrível.

Os meus agradecimentos pela ajuda neste livro devem-se a muitas pessoas, mas acima de tudo àquela espantosa Eileen Garrett que deu a tantas vidas uma nova e surpreendente dimensão.

ALLAN ANGOFF

UM

Disseram-me para ter cuidado com Eileen Garrett quando, acabado de sair do Exército em 1945, fui trabalhar para ela. Ela era proprietária da editora de livros Creative Age Press e da revista mensal Tomorrow, e eu ia ser um dos seus editores. Pensava-se nela como muito mais do que apenas uma rica emigrante Anglo-irlandesa que insistiu em se interessar pela publicação em Nova Iorque durante a guerra e o período pós-guerra, quando tantas restrições à produção dificultavam a sobrevivência das editoras Americanas mais antigas. Também era conhecida como uma mulher excêntrica e temperamental que demitia pessoas impiedosamente, e em toda Nova Iorque, mesmo

nos seus primeiros dias de editora, já havia uma boa pitada de veteranos de Garrett que nunca tinham conseguido dar-se com ela por mais de alguns meses ou um ano, no máximo.

E é assim que tem de ser, diziam, pois a mulher é uma psíquica, uma bruxa, uma médium, e ela funciona de forma muito diferente das editoras malucas normais. Ela olhou para si. Ela viu a sua aura – aquele envoltório colorido que envolve cada ser – e se ela achou que apresentava uma boa cor, ela contratava-o. Mas as auras também mudam, e às vezes mudam tão rapidamente que significava que o seu trabalho duraria meses, semanas, dias até. Lembro-me que, em 1946, ela contratou Varian Fry, o famoso ex-editor de *The Living Age*, para suceder ao recém-demitido John Richmond da *Tomorrow*, mas em três dias ela ficou tão desencantada com Fry que deixou um bilhete na mesa dele quando ele saiu para almoçar, a dizer-lhe que ele tinha terminado funções. Fry voltou do almoço, leu o bilhete, virou costas e saiu.

Judith Paige, a jovem licenciada da Faculdade Barnard que lia os manuscritos da *Tomorrow* e se encarregava de outras tarefas editoriais, adorava o trabalho que fazia, mas tremia sempre que a Sra. Garrett a cumprimentava com um beijo caloroso todas as manhãs.

"Eu esforço-me por ter apenas pensamentos bonitos quando a vejo a chegar", disse Judith. "Não quero arriscar." Porque a Sra. Garrett, dizia-se, conhecia os nossos pensamentos, os nossos segredos mais íntimos, e ainda assim vinha gente de todo o mundo em busca de conselhos e previsões sobre o futuro. Os seus interlocutores incluíam um bispo, um primeiro-ministro, um político nacionalmente famoso, psiquiatras, empresários, e todos a ouviam com espanto enquanto ela dava conselhos conjugais a um, incentivava outro a comprar propriedades onde logo seria encontrado petróleo e dizia ao político para concorrer a um cargo público num determinado ano porque ele seria eleito facilmente. Ouviam e acreditavam porque se tratava de uma senhora com imensa reputação internacional. Conversava com os mortos. Ela previa o futuro. Durante anos, em Londres, centenas de

pessoas procuraram-na no British College of Psychic Science, em Kensington, para sessões onde ela entrava em transe e recebia aquelas mensagens sobre o passado e o futuro que tanto valorizavam.

Em Nova Iorque esta médium transformada em editora continuava a entrar em transe de vez em quando e a receber mensagens para muitos outros. Eu costumava ver os clientes não pagantes dela entrar e sair do seu escritório. Às vezes ficavam duas ou três horas e, quando saíam, emitiam emanações quase visíveis do que tinham recebido, uma espécie de terapia intensiva de uma curandeira e vidente que possuía um poder impressionante. Certamente não havia nada como esta minha chefe em todas a esfera de publicações.

A maioria dos meus colegas editores e o resto da equipe na *Creative Age* ─ Os escritórios da *Tomorrow* na 11 East 44th Street não eram tão objetivos sobre a chefe. Eles sentiam-se agitados, tentavam sair do caminho dela, tentavam permanecer em movimento quando ela vinha em direção a eles para não terem que falar com ela. Ainda assim, eles aguentavam até serem demitidos, pois havia uma excitação rara e contínua onde uma mulher daquelas comandava o show. Sylvia Marin, a bonita operadora de central telefónica de vinte e dois anos, confessou que, durante as suas duas semanas de férias nas montanhas, continuou a contar os dias que faltavam para poder regressar ao pulsante escritório da Garrett.

As coisas começavam a estourar assim que a Sra. Garrett chegava, ornada devestes, aparentemente caras, de bom gosto e coloridas, acompanhadas pelo seu gerente de negócios, recebida à porta pela sua secretária, Lenore Davison, que aprendera a sentir o momento em que a grande senhora estava para chegar e, em seguida, corria a recebê-la e acompanhá-la até o seu escritório particular. A atmosfera do escritório mudava instantaneamente, é claro, com um abanar de cabeça aqui, um aceno ou uma piscadela ali, o som de beijos e cumprimentos no seu rico sotaque Anglo-irlandês à entrada, e sinalizava o início do verdadeiro dia de trabalho. Seria menos relaxado e mais emocionante até ela sair. Era um dia de conversa,

sobre custos de impressão (que a Sra. Garrett achava aborrecidas e rapidamente descartada ou deixada a cargo do seu gerente de negócios), com autores (que a encantavam), e sessões e terapia para pessoas em dificuldades.

Normalmente, exceto nos dias mais movimentados, ela fazia um passeio descontraído até cada um dos seis ou sete gabinetes onde editores, contabilistas, gente da produção, escriturários e outros cerca de quinze ao todo – se levantavam assim que ela aparecia. Esta pequena cerimónia carregava o ambiente do escritório e empretáva-lhe uma euforia inquietante. Era demasiado rico e irreal e não era uma publicação comercial bem-sucedida, pois a *Tomorrow* sempre perdia dinheiro, tal como a maioria dos livros da *Creative Age Press*, mas para Eileen Garrett, e para a maioria dos seus empregados, ambas eram empresas triunfantes. Na selva que era a indústria editorial, gráfica e de comunicação de Nova Iorque, Eileen Garrett de alguma forma esculpiu um enclave, povoou-o de jovens desconhecidos de que gostava (ou de cuja aura gostava), e conquistou autores (da mesma maneira) e depois desenvolveu aquela que foi durante dez anos uma das editoras mais civilizadas do país. Perdeu muito dinheiro, esse fenómeno editorial de Garrett, mas que bom bocado e que oportunidade deu a tantos.

Eu estava muito pouco familiarizado com a lenda de Garrett antes de a conhecer. Ainda de uniforme e vindo das cerimónias de desmobilização em Fort Dix, ouvi descuidadamente quando o meu irmão Charles, um veterano editor de Nova Iorque que conhecia muitas pessoas na área editorial, me disse para passar por lá e me encontrar com John Richmond, editor da revista mensal *Tomorrow*. Ele explicou que era uma espécie de *Atlantic Monthly* ou *Harper* mais preciosa, iniciada havia cerca de quatro anos antes por uma mulher rica que falava com pessoas mortas e lia o pensamento e, bem, poderia encontrar uma oportunidade de emprego lá por algumas semanas antes de eu me organizar depois de três anos passados no Exército. Depois, eu poderia começar a busca por uma posição mais efetiva.

Richmond cumprimentou-me calorosamente e disse, com um sorriso travesso, que a sua chefe era absolutamente original, mas que não tinha como descrevê-la: ela era a maior excêntrica da publicação de Nova Iorque. Ele não tinha um emprego para mim na revista, mas Robert Knittel, editor da *Creative Age Press*, podia ter alguma coisa. Knittel, jovem, bonito, formado em Oxford, filho do romancista John Knittel, recém-casado com a atriz Luise Rainer, olhou para mim, fez-me algumas perguntas e disse que o trabalho como editor associado da *Creative Age Press* era meu. Eu poderia começar a trabalhar na segunda-feira seguinte, quando a Sra. Garrett iria voltar de uma viagem. Olhando agora para trás, posso ver que Knittel se arriscou quando me contratou por conta própria. Ele deve ter gostado da minha aura, uma habilidade ou faculdade que ele pode ter adquirido da Sra. Garrett após uma experiência de dois ou três anos de editor-chefe.

Na segunda-feira de manhã fui trabalhar num pequeno escritório, que partilhei com um editor chamado Eleanor, e ocupei-me do manuscrito dos *Poemas de Dublin* de Seumas O'Sullivan, arranjados e editados por Padraic Colum. Depois de dezasseis dias num navio de tropas de Karachi e do Canal de Suez e três anos em campos do Exército por todos os Estados Unidos e Índia, essa nova experiência foi ótima. Uma pena que acabaria em poucas semanas, mas não importava agora, já que a minha colega de escritório Eleanor, ao trabalhar num outro manuscrito, me encheu com mais contos da vida quotidiana de Garrett.

E então, ao final da tarde, bateram à porta e entrou uma mulher encorpada de cerca de cinquenta anos, ricamente adornada, que usava uma variedade de pulseiras e anéis, e exalava os aromas mais delicados. Ela era atraente de uma forma dominante e luxuriosa. Levantei-me, assim como a Eleanor, que olhou enquanto Eileen Garrett me pegava nas duas mãos e, segurando-as na dela, disse: "Sr. Angoff, eu sou a Sra. Garrett. Que bom tê-lo connosco." Falava com aquele sotaque Anglo-irlandês que nunca a tinha deixado. "Temos de almoçar na próxima semana. E quero que venha à festa de Ronnie Bodley no Ritz-Carlton quinta-feira."

Quando ela saiu, notei a figura cheia e as pernas em forma. Harold Vursell, ex-editor-gerente da *Farrar, Straus e Giroux*, o primeiro editor da Sra. Garrett e um amigo chegado, disse quando relembramos os velhos tempos passados na *Creative Age*: "Ela tinha as pernas mais belas que eu já vi e falava o Inglês mais bonito que eu já ouvi".

Embora Eleanor estivesse espantada por eu a ter enfrentado tão calmamente, uma vez que a Sra. Garrett ainda lhe dava calafrios e ficara aliviada quando ela saíra, aparentemente a minha aura estava bem naquela tarde. A Sra. Garrett muitas vezes falou aos outros posteriormente de mim na primeira vez que me viu naquela pequena redação. "Olhei para ele e disse que era meu editor. E ele nunca me mais me deixou."

"Quem é Ronnie Bodley?" Perguntei à Eleanor.

"Ah, um Inglês cujo livro estamos a lançar esta semana, *The Gay Deserters*. Trata de Limeys que partiu para os Estados Unidos quando a guerra esquentou demais na Europa. Um verdadeiro coronel Inglês, saído de Poona e lugares desses. Espere até vê-lo na festa."

A festa, realizada numa sala do segundo andar do antigo *Ritz on Madison*, na Forty-sixth Street, foi uma surpreendente mudança de ritmo. para um GI (soldado raso) que deixara um navio de tropas sobrelotado dez dias antes. Fazia parte da magia contínua forjada pela Sra. Garrett. No início daquela tarde eu tinha conhecido Oliver St. John Gogarty, o amigo de James Joyce, o Buck Mulligan de Ulysses, e uma hora antes Mary e Padraic Colum tinham entrado para falar sobre os poemas de Seumas O'Sullivan que eu estava a preparar para a impressão. Esses eram nomes famosos do renascimento literário Irlandês -- figuras distantes, quase míticas, que costumávamos discutir nas aulas de Inglês da faculdade. Mas em Nova Iorque eram visitantes habituais e amigáveis dos escritórios Garrett. O lugar estava a tornar-se um país das maravilhas.

A Sra. Garrett cumprimentou-me calorosamente na festa de Bodley, quase efusivamente, e desta vez, para minha perplexidade, beijou-me ao estilo continental em que beijava tantos outros.

O coronel Bodley, o autor homenageado, foi recebido com cortesia, mas foi a editora que atraiu a multidão. E nos grupos que não cercavam diretamente a senhora de bom gosto com modos aristocráticos, reinava um zunzum sobre ela: eu iria apurar mais sobre a lenda de Garrett enquanto circulava entre eles. As pessoas falavam sobre as suas previsões precisas. entre elas o desastre do dirigível R-101 anos atrás, que ela explicou tão bem, com tantos detalhes técnicos, para consternação das autoridades Britânicas que investigavam após o sucedido, tal como ela havia previsto muito antes do dirigível cair na França. Ela havia trabalhado com cientistas na Inglaterra e nos Estados Unidos, e oferecido os seus estranhos poderes continuamente para pesquisas e experimentos.

Tinha trabalhado em estreita colaboração com Upton Sinclair, J. B. Rhine: Alexis Carrel, o Prémio Nobel da Medicina Professor Adolph Meyer da Johns Hopkins Medical School; Stewart Edward White, Hamlin Garland; Aldous Huxley e tantos outros em tantas áreas, e todos a tinham anunciado a sua genuinidade. Que ela era a coisa real, corria na conversa dos pequenos círculos apartados da Sra. Garrett – a senhora era pura genialidade. Ela tinha poderes avassaladores que funcionavam mesmo que não conseguíssemos explicá-los. A acompanhar os brindes e os coquetéis repletos de comida do Ritz Carlton, eu viria a ser doutrinado nos modos pouco ortodoxos da editora Garrett.

Eileen Garrett tornou-se editora Americana em 1941, uma ideia ridícula para uma inexperiente, particularmente com uma guerra na Europa e uma guerra a chegar aos Estados Unidos, com papel e suprimentos de impressão racionados e à míngua, e, acima de tudo, sem escritores. Mas ela seguiu em frente apesar do ridículo e da descrença dos demais, e montou um escritório na 7-11 East Forty-fourth Street pelo que ela disse que a intrigara o número da sorte e o

nome (o Life Extension Building) do local. De seguida partiu para a Flórida enquanto o escritório estava a ser preparado, tendo instruído alguns amigos a planear uma festa para o seu novo Jornal na Hampshire House no Central Park South para quando ela voltasse.

Dez dias depois, bronzeada, resplandecente num fato branco, com brincos e pulseiras de ouro, com o cabelo cortado à moda de Beatrice Lillie, à garçon, regressou a Nova Iorque na tarde da festa, onde os convidados a olharam com franca admiração. Eram revisores, impressores, tipógrafos, publicitários, outros editores, e havia a habitual abundância de comida e bebida pela qual todas as festas Garrett eram famosas. Um dos convidados, um conhecido impressor e encadernador, encarava-a com tolerância.

"Então você é a Eileen Garrett", disse ele. "Já tinha feito publicação antes?"

"Não", respondeu ela graciosamente.

"Já trabalhou com alguma editora na cidade?"

"Céus! Não.

"Alguma vez foi agente de editoras?", insistiu o homem.

— Não — disse a imperturbável Sra. Garrett.

"Gosto de ti, senhora", concluiu, "mas acho que é maluca.

Era bom ter um escritório com um endereço de sorte e um nome mágico, mas de onde viriam os livros? Tinha algum dinheiro no banco dela em Nova Iorque, vinte e cinco mil dólares, e possivelmente mais tarde de amigos ricos, mas como se consegue um livro? Os dois jovens funcionários dela, Florence Brobeck e Harold Vursell, estavam prontos para ajudar com problemas de edição, revisão e produção, mas não conheciam autores que entregassem um manuscrito a essa mulher que nunca havia publicado um livro antes.

Mas então, um materializou-se livro. Veio de uma mulher chamada Lee McCann, que apareceu no novo escritório pouco depois da sua abertura e disse à Sra. Garrett que tinha ouvido da parte de Janet Flanner, da revista *The New Iorqueer*, que escrevia sob o pseudónimo de Genêt, que a vidente Eileen Garrett, de Londres, estava a pensar publicar livros em Nova Iorque. A nova editora olhou cuidadosamente para a figura "vaga", conforme ela mais tarde a descreveu, e observou que "ela usava uma roupa longa e cinzenta envolvente na qual parecia desaparecer, e um chapéu estranho, na forma de um prato de jantar, acima de um cabelo indescritível; mas ela tinha olhos luminosos e um sentimento espiritual de solidez."

A Sra. Garrett perguntou à figura vaga sobre o seu livro; de que tratava.

"É a vida de Nostradamus", disse Lee McCann.

Eileen Garrett não fez mais perguntas. Ela ficou encantada antes de ver o manuscrito e aceitou-o imediatamente. Ela conhecia a tradição do médico e astrólogo quinhentista da Provença e tinha voltado frequentemente remexer entre as ruínas do país onde ele vivera e escrevera as suas estranhas profecias. Esse era um país místico para ela, e o seu Michel De Notre Dame, mais conhecido como Nostradamus, era um velho favorito. Agora ele voltaria para ela e voltaria a viver de novo no seu primeiro livro de editora Americana. Era um bom augúrio para o futuro.

Mas precisaria haver mais do que um livro para a primeira lista da Era Criativa. Eileen Garrett disse que escreveria ela própria, o que fez em cinco semanas. Intitulou-o *Telepatia*: *In Search of a Lost Faculty*, que tem vendido de uma forma constante em brochura e capa dura desde que apareceu em 1941.

Os convidados da sua festa na Hampshire House que tinham ficado surpreendidos quando ela lhes disse que não sabia nada sobre publicação ficaram ainda mais abalados quando ela confirmou no seu novo livro os rumores da sua feitiçaria. Escrevendo o seguinte:

> Embora eu seja sensitiva profissional há vários anos, nunca na minha própria ideia estive certa de que o material que produzi durante esse tempo fosse a comunicação gemine entre os dois estados – o da vida e da morte. No entanto, uma vez que a posse de uma faculdade supersensível, e a sua intromissão na minha vida normal, me causou perplexidade e sofrimento durante vários anos, pareceu-me legítimo usar os meus poderes para o que alegadamente são, em vez de ter a minha paz de espírito perturbada por viver num mundo onde o irreal parecia mais preciso e digno de mais nota do que o mundo dos chamados acontecimentos normais... Aqueles que me conhecem bem ficaram chocados e magoados com a minha própria incapacidade de aceitar o facto da comunicação com os mortos, que demonstrei diariamente... No entanto, houve alturas de grande paz em que aceitei o facto de que tinha a capacidade de produzir provas para a comunicação e, através dela, estabelecer ajuda para os outros.

Isso era algo novo na editora Nova-iorquina, uma bruxa confessa, uma médium profissional, estabelecer-se como uma editora de qualidade e imediatamente lançar dois títulos fora do comum, *Nostradamus* e *Telepathy*. Os grandes livros da época eram *Por Quem os Sinos Dobram*, de Ernest Hemingway e publicados pelos absolutamente corretos Filhos de Charles Scribner; *H. M. Pulham, Esquire*, de John P. Marquand, publicado pela Little, Brown da Beacon Street em Boston: *Inside Latin America* de John Gunther, trazido pela Harper, e *Blood, Sweat and Tears* de Winston Churchill, publicado pela G. P. Putnam's, fundada no início do século XIX. Mesmo as casas mais recentes, ou seja, as fundadas na década de 1920 e posteriores, não se metiam com a mediunidade nem o oculto. Uma delas, a Knopf, publicou os vencedores do Prémio Nobel, bem como o best-seller de 1941, o *Berlin Diary*, de William L. Shirer, e outra editora mais recente, a Viking, trouxe os livros de John Steinbeck e *The Sun is My Undoing*, de Margaret Steen. Havia títulos psíquicos de vez em quando, livros de J. B. Rhine, William McDougall e outros,

mas não eram muito respeitáveis e, de qualquer forma, era difícil vendê-los. Eram mau negócio, bem como pseudociência.

Mas os livros de profecia e telepatia foram apenas um começo para Eileen Garrett, tão recentemente de Londres e da Riviera. Ela não sentia desinteresse por bons títulos comerciais e confundiu algumas das editoras mais sábias de Nova Iorque quando conseguiu bons livros sobre assuntos tão diversos como ferrovias, Duke Ellington, uma história do New Deal, canções escravas das Ilhas do Mar da Geórgia, para não referir poesia, ficção respeitável e obras importantes de autores como Heinrich Mann, Klaus Mann, Salvador de Madariaga, Oliver St. John Gogarty e até Damon Runyon. Em setembro de 1941, três meses depois de estabelecer a editora, ela lançou o seu primeiro número da *Tomorrow* numa capa amarela brilhante. O artigo principal, *"An Experiment in Adversity"*, de André Maurois, e os outros artigos incluíram *"Religion in the Coming Days"*, de Dean W. R. Inge, *"Use Your ESP Every Day"*, de William Moulton Marston, e *"Mediumship and Mysticism"*, de Gerald Heard. Os revisores do livro incluíram James Hilton, Dorothy Canfield Fisher, Sigrid Undset e o Dr. Rufus Jones, o Quacre. Essa primeira edição tinha igualmente oito poemas. No seu primeiro editorial, a Sra. Garrett escreveu:

> Por eu não ter tido permissão para ler nada além de livros religiosos em criança, todos os outros livros se tornaram para mim belos e misteriosos... Mas se os livros eram uma aventura, as revistas representavam um deleite desconhecido e inimaginável. A sua leveza e cor fascinavam-me... Ouvi das crianças na escola que revistas com capas amarelas eram terríveis para a mente jovem e, a partir daí, a minha necessidade mais profunda era encontrar aquelas com capas amarelas e descobrir seu mistério por mim própria. Eu costumava dizer a mim própria que um dia seria dona de uma revista com uma capa amarela. Não quero insinuar, porém, que o desejo da minha infância seja a única razão para um ponto de partida destes. Tem um motivo mais profundo. Sempre lamentei que as pessoas que admiramos e lemos nunca tenham realmente dito as coisas na forma impressa que nos contavam com tanto prazer

quando nos conheciam bem. E é esse tipo de informação que procuro agora. Quero saber o que cada homem que escreve, sonha e cria pensa, e por que processo estrutural de pensamento ele chegou a construir o seu próprio mundo intelectual. Raramente levamos em consideração os dramas que aconteceram na vida de cada um de nós e que nos tornaram aquilo que somos. É a expressão dessa realidade que procuro. E espero que aqueles com quem eu, enquanto editora deste novo magazine, me sentir afim, abandonem o constrangimento que tantas vezes os esconde, e operem com verdade e liberdade nestas páginas. Os jovens encontrarão sempre pronta compreensão dos editores da *Tomorrow*. . . Um desejo sincero, pois, de resolver a necessidade do mundo subjaz a qualquer desejo de oferecer nestas páginas da *Tomorrow* uma chama brilhante de compreensão, onde o homem possa aquecer ambas as mãos no fogo de uma vida nova e melhor que eu acredito que deve ser criada.

DOIS

Em 1944 e 1945, a Sra. Garrett começou a procurar além de Nova Iorque maneiras de construir a sua editora e revista. Ela tinha sentido a inquietação aumentar à medida que a sua organização se tornava mais empresarial e agora estava entediada com as rotinas diárias de manutenção de uma preocupação crescente, todos os detalhes mesquinhos e as reuniões intermináveis com as pessoas no escritório de negócios. Ela escapava a tudo isso viajando e, mesmo assim, mantinha contato próximo por telefone onde quer que fosse. A presença e a sensação de poder que emanava eram tão avassaladoras que os seus telefonemas, vindos de qualquer parte do país ou de Londres, Paris, Nice e outras cidades Europeias nos últimos anos, eram tão surpreendentes e imponentes quanto as suas chegadas pessoais ao escritório quando estava no país. O seu telefonema era o grande acontecimento do dia, e quando chegava a hora da telefonista a palavra era passada rapidamente aos editores e ao pessoal do escritório de negócios, que se prepararam para estar a postos com os seus relatórios.

Eles preparavam a sua agenda, esperaram a chamada e, em seguida, aguardaram a sua vez. Às vezes, passava uma hora ou mais depois que a chamada chegava ao conselho, e os funcionários eram deixados à espera. Todos sabíamos que se não falássemos com ela – se ela não pedisse para falar connosco – isso poderia significar problemas. Significaria que estávamos de castigo ou prestes a sair. Depois de uma chamada, os três ou quatro de nós que tinham conversado com a chefe descontraíamos e olhávamo-nos um pouco desanimados, pois mais uma vez aquela grande força psíquica localizada a alguns milhares de quilómetros de distância havia causado o seu impacto. E ela fazia isso uma e outra vez, no dia seguinte e no seguinte. Visitava livreiros, autores, distribuidores de revistas em Boston, Washington, Dallas, Los Angeles, São Francisco, dava um almoço sofisticado ou festa aqui e ali, procurando velhos amigos que ela tinha conhecido nas suas várias turnés pelo país entre as duas guerras mundiais como instrutora de pesquisa psíquica.

Para muita gente, talvez a maioria, ela era mais conhecida como médium do que como editora, e onde quer que ela fosse esperavam a médium, a milagreira. Muito antes da guerra, no início da década de 1930, ela havia feito diversas viagens aos Estados Unidos como instrutora a convite da Sociedade Americana de Pesquisa Psíquica. Milhares de pessoas a recordaram como uma personalidade líder de plataforma que falava com os mortos e realizava outros milagres.

Mas estávamos agora em 1951, e ela só ocasionalmente operava os seus milagres psíquicos. Um dia, no entanto, ela veio ao meu escritório com uma carta de Lamar Trotti, um dos principais roteiristas da 20th Century Fox, a quem ela havia ajudado quando estava na Califórnia durante a década de 1930: Datada de 9 de janeiro, dizia o seguinte:

Prezada Sra. Garrett-

Sinto a compulsão de escrever esta carta. Não tem porque responder.

Há cerca de 16 anos, prestou-me um grande serviço que nunca esqueci. Eu estava muito doente, na verdade tive que remover um rim, e eu tinha suposto que os meus dias estivessem contados. Andava carrancudo, preparado para dar a vez ao fantasma a qualquer momento. Com uma esposa e um filho pequeno dependentes de mim, isso parecia particularmente deprimente.

Num esforço por escapar por um momento, a minha esposa e eu dirigimo-nos um certo fim de semana para o Lago Arrowhead. Lá, soubemos que a Sra. Garrett, membro da London Psychical Research Society, iria falar no átrio depois do jantar. Isso, confesso, pareceu-me uma gota de água, mas como estava demasiado frio para sair e demasiado cedo para ir para a cama, ficámos presos. Sentámo-nos o mais longe possível a um canto, mas não pudemos evitar ouvir o orador.

Lembro-me muito bem de como você parecia naquela noite. Você usava um vestido preto (de seda ou cetim, acho eu), usava o cabelo preto curto em torno da sua cabeça. E tenho uma impressão de brincos pesados. Talvez a sua memória lhe falhe, mas é assim que me lembro de si. Lembro-me também de algo que disse e que imediatamente me chamou a atenção. Foi no sentido de que o seu marido a deixara por estar cansado de viver com fantasmas. Lembro-me de pensar que qualquer mulher que dissesse isso devia ter um bom sentido de humor e comecei a dar-lhe ouvidos. Aquilo que disse então fez todo o sentido, foi de facto tão bom senso, que o meu interesse se desenvolveu rapidamente. Você estava a tornar sua ciência tão real e tão necessária quanto a ciência médica. A minha esposa, vendo como eu tinha ficado impressionado, sugeriu que eu tentasse falar consigo em particular. Eu relutei, mas ela insistiu, e no dia seguinte ela marcou esse encontro. Pouco antes de eu ir ter consigo, ela sugeriu que eu lhe perguntasse, se a ocasião surgisse, se teríamos outro filho ou não. Até então, eu estava irredutível com respeito a ter mais filhos desde que determinara que iria morrer em breve.

Lembro-me de que nos sentámos e conversámos como dois amigos. Disse muito simplesmente, tal como poderia ter comentado sobre o tempo, que a minha mãe estava connosco e que desejava que eu soubesse que ia ficar bem. Você falou de coisas sobre ela que só eu poderia saber, mas o mais importante de tudo você deu-me alguns bons conselhos no sentido de que eu não deveria deixar que minha mente se debruçasse sobre as minhas doenças, que eu deveria dar atenção à minha dieta e, além disso, levar uma vida normal -- coisas que qualquer bom médico poderia recomendar.

De repente, percebi que o que você estava a dizer era exatamente o que eu precisava ouvir. Decidi naquele momento deixar o passado para trás, viver uma vida o mais plena possível e morrer uma morte, ao invés de mil. Tenho cumprido esse propósito desde então. Desde então, tivemos dois filhos. Segui a minha carreira até o ponto em que está, não pensei se tinha um ou dez rins. E por tudo isso lhe estou grato.

Pouco depois dessa reunião, falei várias vezes com Hamlin Garland sobre si. As filhas dele tornaram-se amigas das nossas e tinham a maior consideração por si. No entanto, com o passar do tempo, pensei cada vez menos nisso. Com toda a franqueza, confesso que não me lembrava do seu nome próprio.

Então, no verão passado, a 10 de agosto, para ser exato, o meu filho, que era um bebé quando eu a conheci, morreu num acidente automobilístico. Todo o meu mundo desmoronou de repente e eu e a minha esposa ficamos em estado de choque e incredulidade. Faltava-lhe um dia para completar os dezassete anos e oito meses. Tinha acabado de se formar na escola preparatória com as mais altas honrarias e com um dos melhores registos da história da sua escola. Era membro da Cum Laude Society, Salutatorian* da sua classe, e deveria ter ingressado na Universidade de Yale em setembro. Na verdade, ele estava a caminho de uma reunião em Yale patrocinada pelos Alumni** aí quando foi morto. O nosso segundo filho, que andava com ele, sobreviveu ao que só se poderá

designar como uma série de milagres. A nossa governanta, que estava connosco desde antes do nosso primeiro menino nascer, morreu com ele.

Desde esse dia, não consegui encontrar paz nenhuma. Às vezes acho que viver é quase um fardo insuportável. Eu não sou capaz de encontrar nenhum consolo real na religião ortodoxa, embora eu me juntasse a qualquer igreja se eu sentisse que poderia encontrar o que eu quero. Curiosamente, um dos meus primeiros pensamentos foi: devo entrar em contato com a Sra. Garrett. Talvez ela me possa ajudar. Mas eu não sabia onde você estava, não recordava o seu nome próprio, ou sequer se estava viva. Então, no Natal, um amigo meu que não sabia nada do meu primeiro encontro consigo e não tinha noção do conteúdo do seu livro, deu-me um exemplar de *Sense and Nonsense of Prophecy*. Li-o avidamente e quando me deparei com o parágrafo perto do final em que fala de uma situação como a minha e sugere que se tente fazer algo a respeito, eu sabia que devia escrever-lhe.

Agora que o fiz, é forte a tentação de não a enviar, mas enviá-la-ei. Não peço nada, nem mesmo que responda, a menos que se sinta inclinado a tanto. Eu sei, mesmo que eu não tivesse lido o seu livro, que você deve receber centenas de cartas deste tipo, que você não pode responder a todas, que não é razoável esperar que você assuma sobre si própria os muitos fardos do luto. No entanto, escrevo se não por outra razão que não seja para agradecer o serviço que me foi prestado anos atrás.

À semelhança de todos aqueles outros de que você fala, se eu pudesse apenas sentir, pudesse realmente sentir, que o meu filho vive em algum lugar, a vida que me resta poderia ser mais suportável. Como invejo aqueles que não entretêm dúvidas! Esses, em verdade, são os felizes! Com os melhores cumprimentos, seu

812 Birchwood Drive

Los Angeles 24, Califórnia

Atenciosamente, Lamar Trotti

(N.T.: Posição daqueles do segundo maior escalão académico que proferem o discurso da cerimónia de graduação.)

**(N.T.: Ex-alunos)*

Depois de ler a carta, perguntei à Sra. Garrett o que ela poderia dizer que pudesse ajudar o homem que tinha escrito este apelo comovente.

"Ah, o pobre menino", murmurou ela, olhando além de mim pela janela, e eu tinha certeza de que "menino" significava Lamar Trotti, não o seu filho, pois ela considerava todas as pessoas em perigo como meninos perdidos. E então, segurando a carta dele nas mãos, ela disse: "Vou ver o que eu consigo obter dela psicometricamente". Isso significava que ela não entraria em transe, mas seguraria na carta até sentir emanações dela que revelassem a sua informação sobre Lamar Trotti e a sua família e o estado do seu filho falecido. Alguns dias depois, ela mostrou-me a resposta que lhe redigira.

12 de janeiro de 1951

Sr. Lamar Trotti 812 Birchwood Drive

Los Angeles 24, Califórnia

Prezado Sr. Trotti:

Foi muita gentileza da sua parte escrever-me como você fez. Apreciei imenso ter recebido a sua carta de 9 de janeiro. Foi um prazer saber que eu fui de alguma valia para vós há muitos anos. Nunca me levanto para falar sem pedir com toda a humildade que haja alguém presente na minha audiência que ouça e compreenda, e de uma forma estranha que a pessoa sempre se identifique, mais cedo ou mais tarde.

Imagino a terrível angústia que terá experimentado com a perda do seu filho – o desperdício de vida jovem em acidentes nunca deixa de me chocar. Fico sempre chocado quando ouço a "previsão" durante a época natalícia, um procedimento cruel e inútil que não ajuda ninguém.

Só quando a igreja descobrir que a vida é um bem precioso pelo qual cada um é responsável é que começaremos a perceber que somos uma parte útil e construtiva de uma criação que o poder divino exige que sejamos. Não posso dizer-lhe, vá à igreja, se não tem fé, pois não é o que recebemos da religião que nos cura, mas o que lhe trazemos que nos dá sustento e visão para elevar o sacerdote a uma área de entendimento para ele e para aqueles que procura ajudar.

"Quando dois ou três estão reunidos em seu nome" poderia ser expandido de modo a significar que a fé no plano geral pode curar-nos quando estamos reunidos com a crença no milagre do amor, que é outra revelação do divino.

Creio que o seu segundo filho se chama João. Percebo que ele é muito sensível e pode tornar-se profundamente consciente da presença do irmão. Conquanto eles sejam externamente grandes amigos, o Lamar sugere que eles apresentavam diferenças peculiares de temperamento. O menino mais velho era como uma estrela a brilhar sozinho no céu da noite, viajando longe em busca de aventura, mas ele me revela que John tem o sentido mais sólido e prático de viver. Espero que, eventualmente, John sinta essa proximidade do seu irmão. O Lamar sugere que ele poderia até ter ofuscado a personalidade de John, pois ele era alguém cujo riso e alegria às vezes arrastavam os seres menos brilhantes para a sua própria órbita.

Acredito que, não importa como a morte viesse, o processo da sua permanência aqui seria curto. A sua alma pendia para a experiência, a vida era um grande desafio para ele e ainda é.

Tenho a forte sensação de que a mãe dele, em uma ou duas ocasiões, teve conhecimento da sua presença. No material onírico logo após a sua morte, colheu imagens confusas dele. Espero que ela não desanime, mas busque essa evidência da sua continuidade através dos seus próprios sentimentos. O Lamar sugere que ela tenha uma pasta de bolso dele guardada com a foto do grupo da escola, bem como um estudo dele a preto e branco, obviamente uma tentativa de amador, já que parece uma caricatura. Nisso há um símbolo-chave. Um alfinete ou medalhão foi para uma menina de quem ele gostava, uma menina bastante esguia, loira, de olhos castanhos e bonita. Não no folheto, mas talvez na carteira dele agora haja duas cartas, uma indistinta como se estivesse inacabada e uma nota escrita às pressas a sugerir que ele se tenha atrasado na sua volta para casa devido a uma mudança repentina de planos. Uma outra carta sugere que tem o significado de uma rosa ou um raio.

O seu filho foi acolhido por uma avó, uma mulher querida e sensata que o ajudou a superar o seu choque. Sugiro que haja sangue Escocês ou Inglês na família da sua mãe, pois os nomes Kennedy, Pearson, Hall ou McCall parecem predominar, assim como os nomes Emily e Jack em relação com a sua mãe, e neste momento ele revela que descobriu um cachorro que era um ótimo animal de estimação da família nos seus dias de juventude.

Tenho a sensação de que a sua mulher sabe que o rapaz ainda faz parte da família. Isso explica uma certa relutância da sua parte em se separar de algumas das pequenas coisas íntimas dele que ela guardou com mais cuidado. Vejo livros e tesouros dele no quarto de John, mas há um pequeno caderno, que mal servia de diário, mas um em que ele fez curiosas anotações simbólicas – poderia ser taquigrafia, mas acho que não -- e uma ou duas entradas oblíquas. Isso, com a foto particularmente encantadora dele, parece estar contido numa pequena caixa escura de ébano. A pequena foto revela-o com a camisola desportiva ligeiramente aberta, um sorriso largo e saudável, olhos finamente definidos que sugiro serem

escuros, de tez clara e bochecha ossudas particularmente bem formadas. O cabelo sugeria que quando ele era muito mais jovem fora encaracolado. Nessa pequena foto – que sugiro que será recopiada ou tenha sido recopiada -- há uma forte semelhança consigo quando você era mais jovem, mas na realidade o Lamar compara a sua família na cor depois que a infância foi deixada para trás.

Tente assegurar-se de que, não importa o que o destino possa reservar-lhe a ele, ele foi consumido pela curiosidade e um impulso interior que o teria levado a lugares distantes. A esta altura, tenho uma sugestão de que deve haver um membro mais jovem da família, talvez uma irmã. Ele gostava muito dessa menina e os nomes Lucy, Louise, Sarah e Marlowe são identificados quando os seus pensamentos se voltam para ela.

Estes são apenas fragmentos da sua personalidade que lhe envio que me são revelados enquanto leio a vossa carta. Tente ajudar abrindo mão dessa forma de luto que não ajuda ninguém, um luto que o manterá afastado do seu lado, acabará por causar apreensão no seu lar e destruir os seus próprios esforços. Lembre-se que o senso de curiosidade que ele tinha com respeito aos homens e os seus modos de vida o teria afastado da família. Este seu jovem enérgico está mais perto de si agora do que estaria se a vida tivesse ordenado que ele permanecesse.

Só posso assegurar-lhe que a vida continua a ser uma grande aventura para ele, como será para todos nós, pois não há fim. Para concluir, acrescentaria que, mesmo numa transição tão rápida como a sua, há sempre uma preparação subtil. Eu realmente acredito que a alma leva a experiência que pode, mas se essa experiência deve assentar num dia ou em cem anos, é a alma que determina a duração da sua estadia. Peço-lhe que não tenha remorso. Este é um pedido curioso, mas acredito que venha do seu filho. Será que houve uma ou duas pequenas diferenças entre vocês antes de seu falecimento?

Se houve, não faça, deixe a sombra delas ficar entre vós, porque agora vocês os dois têm uma maior compreensão.

Se houver alguma dúvida que lhe venha à mente após a receção desta carta, não hesite em escrever-me.

Atenciosamente, Eileen J. Garrett.

Trotti respondeu imediatamente, agradecendo-lhe pela sua "carta maravilhosamente consoladora" e acrescentou: "Só esta escrita trouxe-me uma certa medida de alívio". Ele também confirmou o que lhe tinha sido revelado, que o Lamar tinha um irmão John e uma irmã Louise.

Quando a Sra. Garrett lhe escreveu uma semana depois, ela disse:

Eu estava muito certa de que eu realmente tinha estabelecido contato com o seu filho. O Lamar amou-o profundamente, e amor que tinha por si nem sempre podia falar sobre isso. Pede-me para dizer que precisava de viver cada uma das vinte e quatro horas. Não podia dar-se ao luxo de perder tempo. Ele repete: "A vontade de aventura era forte no meu íntimo – talvez forte demais. Enfim, o fim foi como adormecer." Por fim, termina com esta nota: "Não nos deixem jogar areia sobre os nossos olhos. Lembre-se que na maioria das vezes eu sei o que você está a fazer e como você está. A morte não é um manuscrito inacabado nem o símbolo final..." Conquanto ele se dirige a si, há um profundo afeto pela sua mãe, uma calidez sem palavras. Talvez ela tenha menos vontade de se evadir à verdade da sua sobrevivência... Ele é um bom rapaz. Tenha orgulho dele e fique feliz por a sua própria vida permitir que você fosse uma pessoa de boa natureza e fiável com ele na maioria das vezes. (Estas não são palavras minhas, mas dele)...

A Sra. Garrett mantinha contacto com os seus "pacientes" por onde passava. Ela nunca aceitou honorários da parte de nenhum. No outono de 1951, enquanto estava hospedada no Claridge's Hotel, em Londres, sentiu-se impelida a escrever a Trotti a 13 de setembro:

Há umas noites atrás, tive que fazer um trabalho psíquico para uma amiga na América, e fiquei muito surpreendida ao reconhecer o Lamar no final desse trabalho de teste. Ele pediu-me para entrar em contacto com os seus pais para lhes dizer que ele definitivamente tentara chegar até si no aniversário da sua morte, que eu acho que deve ter sido em meados de agosto. Ele pareceu achar que, após o evento, a sua mãe estava em baixo e deprimida e não estava bem, e ele implorou que você entendesse que era muito importante que ela tivesse ajuda... Acho que ele quis se referiua uma depressão – o que parece sugerir a necessidade de mudança e de um exame.

Foi evidente para mim que ele próprio estava de muito bom humor... O facto de você ter tomado nota do aniversário tocou-o, e acredito seriamente que ele aproveitou essa oportunidade para o levar a compreender que estava em contacto convosco para que não restassem dúvidas persistentes na mente da mãe.

Trotti respondeu a agradecer-lhe profusamente, embora ele confessasse que a carta dela não tinha sido uma surpresa, pois 10 de agosto era o aniversário da morte do seu filho e ele havia antecipado que ela iria ter notícias dele. Foi um aniversário difícil para pessoas que nunca se recuperou da morte do filho. As suas vidas tinham sido devastadas e eles tentaram dar conta disso de alguma forma sem se tornar num fardo para os amigos. A esposa tinha perdido peso e parecia ter mudado e eles realmente falaram em ela fazer um exame médico completo. Então, de repente, ele disse à Sra. Garrett que estava incomodado com questões que ele mal ousava traduzir por palavras: "De que forma Lamar lhe aparece a si? O que quer dizer com ele estar "de bom humor"? Que atividade ou interesse ou desenvolvimento ou associações ou ambiente sugere?"

Na resposta que recebeu de Londres, a Sra. Garrett começou por garantir a Trotti que servi-lo a ele e aos demais desta forma não lhe impunha qualquer encargo. Esse serviço, segundo ela, parecia ser a

própria base da sua existência. Ela descreveu com algum detalhe como o menino morto tinha chegado até ela:

O método porque Lamar chegou até mim desta vez foi dramático. Eram quatro horas da manhã em Londres. Acordei de repente, tendo ouvido uma voz durante o sono a dizer: "Escreva". Levantei-me da cama e escrevi uma longa mensagem para alguém em Washington a quem ajudara no passado. A mensagem era tão "áspera" que quase não me atrevia a enviá-la, mas hoje em dia sei o suficiente para não desobedecer a ordens dessas... Prefiro suspeitar que a pessoa em questão estava a andar pelo seu apartamento à procura de alguma luz sobre um problema à hora em que eu fui acordada.

Voltei para a cama, mas de repente sentei-me de novo, a sentir-me muito feliz. Havia uma espécie de brilho cálido ao meu redor. Não via nada. Então uma voz diferente disse: "Lamar está aqui". A voz era suave e o ambiente calmo, o que não tinha sido alguns momentos antes. Eu pensei que no início você devia estar em Londres. Depois começou a falar com alguma ansiedade sobre a mãe, e repetiu muitas vezes que "o dia da tragédia tinha sido mau para a família. . .”

Começo por ter consciência de uma sensação irritadiça como a de ter de superar um cão quando sente o cheiro da presa. Às vezes, não com frequência, tenho experiências auditivas. Esta foi uma delas. Pela atmosfera e voz do Lamar, eu sabia que ele estava animado, não infeliz, mas muito preocupado e ansioso. Quando sou clarividente vejo o contorno e às vezes vejo através da figura enquanto alguma parte particular do corpo pode ser enfatizada, realçada ou encoberta. Quando comecei por ver o Lamar, não consegui ver-lhe os olhos. O topo da cabeça estava sombreado, mas ele mostrou-me uma foto dele tirada quando era muito mais jovem e tinha o cabelo enrolado, não encaracolado, mas bonito como se saísse facilmente do sítio. Da vez seguinte em que o vi, os olhos dele estavam claros e eu diria que eram avelãs.

Tenho certeza de que a ciência poderia encontrar, no campo ultravioleta, com a sua alta frequência, a resposta para o problema da sobrevivência. É para esse campo que me vejo atraída. . .

Quando você estiver em Nova Iorque, venha falar comigo um pouco se tiver tempo. Eu sempre posso ser alcançada na minha casa, 220 Madison Avenue... Antes de tudo o mais, lembre-se de que toda a minha vida é dedicada à pesquisa e à cura.

TRÊS

O Dr. Robert Laidlaw, o psiquiatra de Nova Iorque, costumava chamar a Sra. Garrett de vez em quando para procurar ajuda em casos difíceis. Ele disse que ela diagnosticava melhor do que ele, e deu a entender que os seus três mil colegas em Nova Iorque poderiam ser curandeiros mais eficazes se mostrassem maior simpatia para com a abordagem parapsicológica da doença do que agora. Hoje, apenas cerca de oito ou dez psiquiatras empregam essa terapia.

Um dos pacientes de Laidlaw, que vivia em uma suíte, muitas vezes se dava por si no parapeito, possuído por uma voz que lhe bradava: "Pule, pule". Havia obviamente alguma força que impelia este homem ao suicídio, mas era difícil isolá-lo da forma psiquiátrica convencional. Laidlaw então pediu ajuda à vidente Eileen Garrett.

A Sra. Garrett sentou-se com o homem perturbado, que estava deitado num sofá no escritório de Laidlaw, e percebeu por via clarividente, no estado de vigília – não em transe – que havia várias entidades a possuir o paciente. Ela finalmente discerniu três delas com clareza, todos amigos do homem que haviam conhecido mortes violentas e todos ansiosos para que o seu amigo vivo se juntasse a eles pela morte. Ela explicou isso ao homem, e então ela começou a

chamar gentilmente à razão os amigos, e a instar para deixarem o paciente viver a sua vida em paz.

Depois disso, relatou Laidlaw, o paciente melhorou e, embora não estivesse completamente curado, ficou livre dos antigos impulsos suicidas, e a partir daí o psiquiatra pôde prosseguir com ele de forma clínica convencional. Quando ele por vezes a consultava sobre outros pacientes, ela simplesmente os observava e depois os mandava sair da sala para ela poder dar a Laidlaw a sua opinião. Invariavelmente ela foi de imensa ajuda para ele e para os seus pacientes, e ele chamou-lhe "uma das grandes figuras neste campo, de uma sinceridade pessoal e integridade inquestionáveis(...)

Laidlaw leu *My Life As a Search for the Meaning of Mediumship*, publicado pela primeira vez em Londres em 1939. Considerou-a uma obra de espírito franco e científico, embora a maioria dos cientistas, incluindo os seus colegas médicos, evitasse tais memórias como pouco credíveis. Mas ele queria ver por si próprio, conhecer a autora dessa emocionante autobiografia e, três décadas depois, ainda recordava aquele primeiro encontro que tivera com ela como "a experiência parapsicológica mais marcante da minha vida".

Enquanto conversavam, essas duas pessoas que nunca se tinham visto antes, ela contou-lhe sobre a sua vida passada de uma forma tranquila e descontraída, e ele ficou espantado com a precisão das suas descrições que ela fez de membros da sua família. Havia, por exemplo, a sua avó materna nascida na Nova Inglaterra, uma senhora vitoriana muito apropriada em vestimenta e modos, e a Sra. Garrett descreveu-a tal como ele a recordava. Enquanto ela falava, ele decidiu testar os seus poderes telepáticos visualizando na sua própria mente o pequeno boné de renda que a sua avó costumava usar, e imediatamente a Sra. Garrett percebeu isso e começou a descrever-lhe o naperon. "Isso convenceu-me", disse Laidlaw, "de uma vez por todas de que o contato de mente com mente sem a intervenção de qualquer um dos cinco sentidos usuais era uma realidade."

Nesse primeiro encontro, ela também falou com facilidade e precisão sobre os pacientes em tratamento com ele, e mais uma vez o deixou tão espantado que decidiu testá-la perguntando-lhe se lhe poderia dizer algo sobre o caso mais difícil que tinha em mãos naquele momento. Ela disse que sim, que conhecia o caso, e começou a descrever os sintomas de um paciente que Laidlaw não tinha em mente, mas à medida que ela prosseguia a dar em detalhes a história de vida do paciente que ela via, pareceu-lhe que esse seria realmente o caso mais difícil que ele tinha. Ele sempre percebeu outro caso como o mais difícil até que ela lançou luz sobre a complexidade desse caso.

Num momento ela virou-se para ele e disse baixinho: "E agora, Dr. Laidlaw, vou contar-lhe sobre o caso em que estava a pensar." Mais uma vez, relatou ele, ela fez-lhe uma descrição verídica, deu detalhes com uma sensibilidade clínica surpreendente, e foi, segundo ele confessou, a introdução clínica dele à parapsicologia. Até então, ele havia explorado esse campo apenas através de livros, mas agora era guiado nas suas investigações por uma mulher dotada de dons psíquicos comprovados. Ele observou igualmente: "Ela é o tipo de pessoa que dispensa gratuitamente esses grandes dons de natureza parapsicológica sempre que alguém lho pede. Ela nunca faz qualquer cobrança. Essa é o seu passatempo."

Aldous Huxley foi outro grande amigo da Eileen Garrett que teve a mais alta consideração pelos seus poderes psíquicos. Depois que a sua esposa, Maria, morreu, Eileen contou-lhe sobre várias visitas que tinha recebido dela, e transmitiu várias mensagens de Maria ao Aldous. Ela nem sempre entendia essas mensagens, mas as passava-lhas a ele, e ele sempre as aceitava como autênticas. Numa deles, Maria dizia: "Eu não ouvi todo o 'Bardle', mas o efeito que me provocou foi o de me acalmar e de me conduzir, de modo que eu ainda estava com ele do outro lado." Aldous ficou impressionado e convencido de que Eileen estava realmente em contato com Maria, uma vez que o "Bardle" que Eileen pensava ter ouvido Maria mencionar era, ele estava certo, *O Bardo Thodol*, o Livro Tibetano dos Mortos, que Maria lia com frequência. Numa carta endereçada à Sra.

Elise Murrell de Nova Iorque, redigida a 29 de maio de 1955, Huxley dá uma explicação da mensagem da sua falecida esposa:

> Bem, eu não tinha contado à Eileen sobre os últimos dias de Maria, não lhe tinha explicado como me sentei com ela e lhe disse repetidamente para recordar as experiências místicas e visionárias que ela tinha tido, enquanto vivíamos no deserto acima de tudo, e descreviam a luz que permeia a paisagem do deserto – a luz branca da neve nas montanhas, a luz branca do ser puro; o enorme céu (a luz azul da paz); e depois, ao pôr-do-sol, a luz rosada do amor, a luz dourada da alegria ─ e lhe disse que esses eram apenas os símbolos e as manifestações exteriores das luzes para as quais ela avançava e para as quais ela devia agora abrir-se, deixando o corpo como um feixe de roupa usada para trás. Esta lembrança das luzes de diversas cores assemelhava-se de certa forma ao ritual para os moribundos descrito no *Bardo Thodol*... pois Maria conhecia bem o livro e tinha um grande apreço por ele. O que ela estava a dizer era que ela não tinha ouvido o que eu dissera em detalhes, mas que a repetição a embalara e a levara através de uma ideia geral de luz para a Luz factual.

Maria também pediu a Eileen que transmitisse a Aldous a seguinte mensagem: "Achei o Eggart muito útil." Ela sem dúvida queria dizer Meister Eckhart, disse Huxley. Ele e Maria conheciam bem os escritos do grande místico Alemão do final do século XIII e início do século XIV, particularmente a sua "frase tremenda," conforme Huxley a descreveu: "O olho com que vemos Deus é o mesmo com que Deus nos vê." O Eckhart que ambos admiravam estava agora a ajudar Maria no seu estado atual além do mundo dos vivos.

Eileen disse que Maria sempre vinha até ela "no meio de um intenso brilho rubi," e para Huxley essa era "a luz do amor" em que se deliciava com Maria que sempre pareceu tão desprovida de sentimentos possessivos para com amigos e parentes. Uma vez, quando Maria se aproximou dela, a Sra. Garrett perguntou. "Você está

tem visitado velhos amigos e parentes?", e Maria respondeu. "Céus, não!" Era precisamente assim que Maria teria respondido, disse Huxley ao receber essa mensagem, e explicou que a sua falecida esposa "desejava acima de tudo poder amar o Amor supremo direta e ininterruptamente." Era, pois, compreensível, escreveu Huxley, que "a sensação da Eileen fosse que ela não permanecesse nesta região por muito tempo, mas continuasse ciente de que poderia fazer mais bem assim do que vagando à margem do nosso pobre mundo."

Numa carta posterior, Huxley escreveu à Sra. Garrett e falou da separação iminente do seu filho, Matthew e a esposa, Ellen, um evento que entristeceu Aldous profundamente. E então, na mesma carta, revelando novamente a sua fé aparentemente inquestionável nos poderes supernormais da Sra. Garrett, ele disse: "A Ellen diz-me que você discutiu tudo com ela e que você tinha entrado em contato com Maria em relação ao que estava a acontecer. Agradeço toda a ajuda que me puder dar, qualquer conselho que você possa oferecer sobre a melhor maneira de os ajudar.

QUATRO

Vários anos antes, o grande dirigível britânico R-101, na sua viagem inaugural de 1930 ao Egito e à Índia, caiu perto de Beauvais, no norte da França, com a perda de quarenta e seis vidas. Eileen Garrett tinha previsto o desastre. Em 1926, enquanto caminhava no Hyde Park de Londres com o seu cachorro, ela olhou para cima e viu um grande navio prateado a mover-se para oeste em direção ao pôr do sol.

Aqueles grandes sacos em forma de charuto costumavam assustá-la, pois ela tinha vivido os ataques nefastos dos zepelins Alemães sobre Londres em 1916. Mas isso havia sido há dez anos. A Inglaterra estava agora em paz, e aquele dirigível gracioso sobre Hyde Park não a perturbou. Na verdade, ela quase o esqueceu, até que se lembrou dele uma tarde, dois anos depois. Caminhando perto do Holland Park a caminho do British College of Psychic Science para dar sessões a alguns clientes, esta agora bem treinada, respeitável e estabelecida

médium viu novamente um dirigível nos céus, parcialmente coberto por nuvens e fustigado pelos ventos. Ela ficou perturbada enquanto ficou a olhar para a embarcação -- aparentemente invisível para todos, exceto para ela própria, pois ela oscilava, mergulhava, soltava um pouco de fumo e depois desaparecia atrás das nuvens.

Essa seria uma catástrofe que certamente seria reportada nos jornais, e ela esperava ler o relato completo naquela noite. Naquela noite, depois de terminar o seu trabalho na faculdade, ela comprou vários jornais, mas não encontrou notícias de nenhum desastre aéreo. Também não havia notícias nos jornais da manhã seguinte. Agora ela estava confusa, pois a embarcação que vira no céu sobre o Holland Park tinha sido real, tão claramente definida, quanto aqueles assustadores zepelins Alemães sobre Londres durante a Primeira Guerra Mundial.

Um ano depois, em 1929, ela viu a nave novamente sobre Londres, e desta vez estava a arder e a soltar nuvens de fumo. Mais uma vez, não havia notícias de qualquer acidente aéreo nos jornais, mas ela não tinha dúvidas de que tinha visto um dirigível em chamas, o mesmo dirigível que ela tinha visto a mover-se tão suavemente três anos antes, e que parecia estar em dificuldades quando o viu novamente em 1928. Era a visão de uma realidade que estava por vir, e ela não podia explicar por que tinha sido escolhida para captar essa visão, pois não tinha interesse em aeronaves nem pela aviação.

Nessa época, foi anunciado que a Inglaterra estava a construir dois dirigíveis, o R-100 e o R-101. Eileen sabia que um dos dirigíveis voaria para a Índia quando estivesse concluída, e estava agora convencida de que iria cair. Ela estava tão certa disso que pediu a um amigo que transmitisse essa informação a Sir Sefton Brancker, o Diretor da Aviação Civil, que ia fazer aquele primeiro voo para a Índia. Brancker divertiu-se com o relato dos dirigíveis fantasmas que a Sra. Garrett tinha visto, mas ele perguntou-lhe qual dos dirigíveis iria sobreviver à viagem e qual seria destruído, e ela respondeu que o R-101 iria cair. Foi precisamente isso que aconteceu um ano depois,

quando o R-101 deixou Cardington, que na presunção de Lord Thomson, o Ministro da Aeronáutica, "era tão seguro quanto uma casa – numa escala de um para mil."

A Sra. Garrett já tinha dado um aviso anterior do desastre em 1928, quando o seu amigo, o famoso espiritualista, Sir Arthur Conan Doyle, lhe pediu para conceder uma sessão à Sra. Emilie Hinchliffe, viúva do Capitão Raymond Hinchliffe, que se perdera em março desse ano quando tentava um voo transatlântico de Inglaterra para a América. Durante essa sessão, realizada na London Spiritualist Alliance em Londres, a Sra. Garrett em transe não só comunicou com o Capitão Hinchliffe, como recebeu uma mensagem da sua parte, a pedir que e Emilie, sua esposa, avisasse o seu amigo íntimo, Ernest Johnston, navegador do R-101, que o dirigível iria cair. A Sra. Hinchliffe transmitiu a Johnston a mensagem, tendo viajado para Cardington para lhe implorar para não fazer a viagem, mas Johnston estava ficou divertido quanto Brancker mais tarde ficaria, e ambos morreram no acidente.

Conan Doyle morreu a 7 de julho de 1930. A 2 de outubro, o jornalista neozelandês Ian Coster estava em Londres a fazer uma reportagem sobre Doyle para a Nash's Magazine, e ficou com a impressão de que essa também seria uma boa altura para colocar o espiritualismo de Doyle à prova. Doyle, o espiritualista mais conhecido da época, estava convencido de que os vivos podiam falar com os mortos, e Coster estava prestes a pôr isso à prova. Ele entrou em contato naquele mesmo dia com Harry Price, um famoso pesquisador psíquico por vezes conhecido como O Caçador de Fantasmas. Ele chefiava o Laboratório Nacional de Pesquisa Psíquica em Kensington, Londres, onde expôs diligentemente com o auxílio de uma variedade de instrumentos, as fraudes que tinham lugar na área psíquica, incluindo a maioria daqueles que se diziam médiuns. Lá no seu laboratório, com Coster a seu lado, Price telefonou para Eileen e perguntou se ela estaria disposta a conceder uma sessão a um amigo dele.

Não disse que se tratava de Coster nem apresentou nenhuma outra razão para essa sessão. Explicou a Coster que tinha escolhido a Sra. Garrett para a sua sessão porque ela era a médium mais científica que ele conhecia, e também porque "ela não é espiritualista e não se emociona... sente um interesse académico pelos seus poderes, mas não tem nenhuma explicação a oferecer sobre eles... Não há a menor suspeita ligada ao seu nome ou integridade. Nunca tinha participado numa sessão dela, de modo que ela não tem experiência sobre o que eu poderia fazer ou dizer numa sessão... Sir Arthur era amigo dela, pensei que esse facto pudesse ajudar as coisas... Não se estabelecem condições quanto ao que um participante pode ou não fazer numa sessão com a Sra. Garrett, e tudo é informal..."

Price também observou que há alguns anos o London Daily News havia investigado várias pessoas envolvidas no espiritualismo e na pesquisa psíquica e disse que Eileen Garrett era a única médium mental cujo trabalho e métodos estavam acima de qualquer suspeita. Depois de ela entrar em transe, Price explicou a Coster, a prepará-lo para o que iria acontecer, a sua voz mudaria para a de um árabe, um tal de Uvani, um soldado que tinha vivido no século XIV e que era seu controladorador habitual, o homem que falava do mundo dos mortos. Uvani tinha de ser assumido numa base de confiança, concluiu Price a Coster, "como é o caso de tantas coisas em questões psíquicas."

A sessão ocorreu no Laboratório Nacional na terça-feira, 7 de outubro, às 15h, exatamente três meses após a morte de Doyle, e três dias após a queda do R-101. Estavam presentes Price; Ethel Beenham, sua secretária; Coster; e, inclinada para trás e a bocejar numa poltrona, Eileen Garrett, que Coster mais tarde descreveu como uma mulher atraente provavelmente na casa dos trinta anos. A Sra. Garrett continuou a bocejar enquanto os outros olhavam. Ela curvou-se bruscamente, com a respiração pesada e muito audível, com lágrimas a correr-lhe pelo rosto, e então ela caiu num sono sossegado. A sala estava em silêncio quando Price se aproximou dela, olhou para ela atentamente e a pronunciou em transe. Tudo levara apenas cinco minutos.

Então uma voz masculina sou da boca da Sra. Garrett, no Inglês ruim de um árabe. "É Uvani", disse a voz. "Dou-lhes saudações, amigos; a paz esteja convosco, na vossa vida e no vosso lar!"

Uvani começou por dar uma breve mensagem a Price da parte do Dr. Albert von Schreck Notzing, o médico Alemão e pesquisador psíquico, que havia falecido um ano antes. Ela também tinha uma mensagem para Coster de uma mulher idosa, que descreveu de tal maneira que Coster disse que poderia muito bem ser a sua avó.

Até então, Uvani falara calma e casualmente, mas mudou abruptamente e passou a falar em tons assustadores e agitados. "Vejo de momento I-R-V-I-N-G ou I-R-V-I-N", disse Uvani, obviamente assustado. A sua voz mudou de novo, desta vez para um sotaque Britânico cortado, e ele anunciou que esse sotaque vinha do tenente de voo H. Carmichael Irwin, capitão do R-101 despedaçado, que morrera no incêndio que consumiu o seu dirigível quando ele caiu na França.

Falava depressa, nervoso. "Pelo amor de Deus," ele praticamente bradou, "diga-lhes isto... Toda a maior parte do dirigível era inteira e absolutamente demais para a capacidade de motor. Motores muito pesados… elevação útil muito pequena… tentou subir, mas o elevador emperrou… o tubo de óleo entupiu… voou a muito baixa altitude e nunca mais conseguiu subir. O elevador descartável não pôde ser utilizado. . . carga muito grande para um voo tão longo… velocidade de cruzeiro ruim e embarcação a balançar perigosamente… tensão perigosa sobre o tecido que está a sofrer atrito... nunca atingiu a mesma altitude de cruzeiro ─ o mesmo nos ensaios. Ninguém conhecia o navio corretamente. Mau tempo para voos longos. Tecido todo encharcado. Quase raspou os telhados em Achy. Mantido na ferrovia. No inquérito a realizar mais tarde, verificar-se-á que a superestrutura do envoltório não oferecia resiliência e apresentava demasiado peso no envoltório... A seção do meio adicionada era inteiramente pesada demais… demasiado sobrecarregada para a capacidade dos motores."

E assim prosseguiu o agitado Irwin com uma multiplicidade de outros detalhes técnicos. Miss Beenham, a secretária, registou tudo em taquigrafia e transcreveu as suas anotações imediatamente após a sessão porque, como ela confessou na época, Irwin ─ ou a Sra. Garrett? ─ falava com uma rapidez tão nervosa "que não teria podido decidir se não o tivesse transcrito imediatamente. Mesmo assim," continuou ela, "senti que tinha anotado apenas uma parte do todo e, talvez, muito do que seria distorcido e impreciso."

No entanto, Price e Coster sabiam que Irwin, durante os primeiros quarenta minutos do transe da Sra. Garrett, lhes tinham dado fatos extraordinários que iriam fazer furor na imprensa mundial. Nenhum dos dois sabia nada sobre dirigíveis ou mecânica, mas aqui estava uma informação aparentemente lógica. Price, o veterano e normalmente imperturbável caçador de fantasmas, estava tão perturbado que a possibilidade de espionagem de alguma forma, em algum lugar, lhe passou pela cabeça, e ele enviou uma cópia da transcrição a Sir John Simon, Presidente do Tribunal de Inquérito nomeado para investigar o desastre, e uma segunda cópia para o Ministério da Aeronáutica. Note-se novamente que essa fora uma informação revelada apenas três dias após a queda do dirigível, em que os organismos oficiais de investigação mal tinham começado um trabalho que iria levar muitos meses.

Depois do relato de Coster sobre a sessão aparecer na Nash's Magazine, o Sr. W. Charlton, um oficial da Royal Airship Works dee Bedford, onde o R-101 fora construído, escreveu a Price e pediu-lhe uma cópia dos comentários de Irwin durante a sessão. Price enviou-lhe uma cópia e pediu-lhe, ao mesmo tempo, que visitasse o Laboratório Nacional de Pesquisa Psíquica para que pudesse avaliar os dados recebidos do falecido Irwin. Ele concordou em fazê-lo a nível pessoal e não como de oficial da fábrica de Bedford, e quando examinou o material, concluiu que as revelações de Irwin perfaziam "um documento surpreendente repleto de um volume de detalhes técnicos e observação especializada sobre defeitos de construção dirigíveis que apenas um especialista com conhecimento prático do R-

101 poderia conhecer. Ele ficou convencido que ninguém na sessão tinha conhecimento dos segredos da construção e foi forçado a concluir que "Irwin realmente comunicara com os presentes na sessão após a sua morte física."

Outro especialista que ficou igualmente impressionado foi o Tenente de Voo William H. Wood, piloto de dirigível na Primeira Guerra Mundial e amigo de Irwin. Eles tinham servido juntos no Mediterrâneo e tinham cumprido muitas missões lá. Como Charlton, ele ficou impressionado com o uso que a Sra. Garrett fez de termos como "strakes,"* um termo náutico para as placas usadas para fazer as laterais de um dirigível. Wood, Charlton e outros especialistas também se interrogaram de como Garrett poderia ter dito "Elevador mal computado ─ informação ao painel de controladoro," o que mais tarde foi confirmado como tendo sido precisamente um dos problemas. Ela acrescentou mesmo a informação correta de que, se isso tivesse sido ajustado, o "dirigível não teria estado pesado na torre." Também houve confirmação posterior do anúncio dela de que a injeção de combustível não havia funcionado corretamente, a bomba de ar havia falhado e o navio "nunca atingira a altitude de cruzeiro."

Uma das revelações mais surpreendentes veio da seguinte declaração feita durante o transe da Sra. Garrett: “…Tentou-se erguê-lo, mas o elevador bloqueou... quase raspou os telhados em Achy..." Essa é uma pequena paragem ferroviária que não aparece na maioria dos mapas, incluindo o autorizado Guia Michelin para a França. Em 1930 não aparecia nem no igualmente respeitável Baedeker's Northern France (5ª Edição), nem em uma variedade de outros mapas comerciais detalhados que Price e outros consultaram por toda a Londres. Eles localizaram-na finalmente num grande mapa ferroviário usado apenas por ferrovias profissionais e alguns militares. Foi a um mapa desses que Irwin deve ter tido para identificar a pequena aldeia entre Amiens e Beauvais. Charlton e Wood identificaram quarenta referências que indicavam conhecimento de informações confidenciais e técnicas.

Charlton ficou tão impressionado que logo começou um estudo intensivo dos fenómenos psíquicos e, finalmente, tornou-se um espiritualista confirmado. O tenente Wood, igualmente impressionado com os dados técnicos, também ficou impressionado com a maneira excitada e impulsiva com que Irwin aparecera, tão evidente até mesmo ao ler a transcrição das observações de Irwin. Ele estava familiarizado com as idiossincrasias da fala do amigo, e disse: "Na vida, Irwin sempre foi difícil de entender devido à maneira peculiar que tinha de falar; a fala rápida e brusca dele era muito marcada, e eu considerei essa evidência muito importante para estabelecer a sua identidade." E acrescentou: "Se esta sessão não provar a sobrevivência, então nada o fará. Considero que a caixa do R-101 é de ferro fundido."

Mas essa não foi a última coisa que ouviriam do capitão Irwin. Ele voltaria a aparecer no final do mesmo mês, mas dessa vez seria seguido por Sir Sefton Brancker, o Diretor da Aviação Civil, que também morrera no acidente do R-101. Três semanas após a sessão no laboratório de Price, o major Oliver Villiers, um amigo chegado de Brancker que o levara de Henlow para Cardington para embarcar no R-101, teve um amigo espiritualista como hóspede da casa. Villiers não reivindicava poderes psíquicos, nem era um verdadeiro espiritualista, mas admitia sentir a presença de amigos recém-falecidos.

Alguns dos seus amigos mais sinceros haviam morrido no grande dirigível ─ Brancker; a Major G. H. Scott, o oficial encarregado do voo para a Índia; o Capitão Irwin; o Líder do Esquadrão Ernest Johnston, o navegador: e o Comandante da Ala R. B. Colmore, Diretor de Desenvolvimento de Dirigíveis na Bedford Airship Works ─ e era natural que ele estivesse a pensar neles em sua casa naquela noite de outubro tão logo após a tragédia. Sentado sozinho no seu quarto naquela noite, a pensar nos seus velhos amigos enquanto a casa estava em silêncio e todos dormiam, começou ele quando pensou sentir Irwin perto dele. "Pelo amor de Deus, deixe-me falar consigo," disse essa presença invisível. "É tudo horrível! Tenho de lhe falar." Silenciosamente, Villiers disse a si próprio e a Irwin que faria

exatamente isso, e depois disso ele não sentiu mais Irwin perto dele. Villiers pediu conselho ao convidado pela manhã – o que faria para atender aos pedidos de ajuda de um amigo recém-falecido? Não mencionou Irwin pelo nome, mas disse que um amigo chegado parecia ter estado no seu quarto na noite anterior e, embora ele não conseguisse distinguir uma forma humana, ele ouvira a sua voz familiar a implorar-lhe para comunicar com ele. O convidado sugeriu que ele consultasse a Eileen Garrett.

Ela estava a preparar-se nessa altura para partir numa turné de palestras pelos Estados Unidos sob o patrocínio da Sociedade Americana de Pesquisa Psíquica, mas depois de conversar com Villiers, adiou os planos para que poder dedicar-lhe algumas sessões. Ela nunca o tinha visto antes e ele não lhe disse nada sobre o R-101, os amigos que morreram no dirigível, nem a sua própria experiência de oficial ligado ao Ministério da Aeronáutica.

Na primeira das sete sessões a Sra. Garrett entrou em transe e o espírito controladorador dela, Uvani, apareceu e falou. Ele parecia estar a receber mensagens de pessoas que Villiers não conhecia. Isso durou trinta minutos e Villiers começou a duvidar da possibilidade de chegar ao falecido Irwin ou apurar alguma coisa sobre ele. Finalmente, ele pareceu reconhecer a voz do seu velho amigo, como que estivesse a debater-se para comunicar. "Irwin, Irwin," disse. "Não vá, por favor. Fique, tenho de falar!" Uma secretária na sessão começou imediatamente a fazer uma transcrição da conversa e de todas as outras conversas nas seis sessões que se seguiram. Além de Irwin, outros amigos de Villiers falaram com ele: Sefton Brancker, o Major Scott ("Scottie"), o Comandante Colmore, e Ernest Johnston, o navegador.

Na primeira sessão, Irwin disse animadamente: "Nós sentimo-nos como malditos assassinos. É horrível, amigo ─ é horrível! Devíamos ter dito NÃO!"

Villiers respondeu: "Espere um momento, amigo. Comecemos pelo início."

Irwin: "Bem, durante a tarde antes de começar notei que o indicador do gás estava a subir e a descer, o que mostrou que havia um vazamento ou fuga que eu não conseguia parar ou corrigir em torno das válvulas... Eu disse a Thomson [ministro da Aeronáutica] quando ele chegou a Cardington que o gás estava a escapar. Thomson disse: 'Mas isso é insignificante, e certamente que por uma questão insignificante dessas você não contempla o adiamento? É impossível. Comprometi-me a estar de volta para a Conferência Imperial. Temos de sair de acordo com a hora prevista." Eu discordei e consultei Scottie, mas decidimos ir. . . Depois de cruzarmos o Canal, nós os três [Irwin, Scott e Johnston] sabíamos que tudo estava perdido...

Villiers de seguida perguntou como o fim realmente chegara. Irwin respondeu dando muitos detalhes precisos sobre a velocidade do vento, a pressão do saco de gás, as vigas e o trabalho elétrico. O motor diesel provocou a explosão que foi fatal para o dirigível ao inflamar o gás da fuga.

Na segunda sessão, quando Uvani apareceu, a 2 de novembro de 1930, ele disse a Villiers:

"Vejo um homem de uns cinquenta ou cinquenta e cinco, expressão jovial, cabelo a crescer um pouco grisalho nas orelhas. Ele tinha um bigode que o fazia parecer mais velho... Ele está a sorrir muito na sua direção e diz: 'Não, não vou dar o meu nome, pois quero ter certeza de que você sabe quem é, muito importante'. Ele agora está a colocar a mão no bolso do colete e está a colocar um pedaço de vidro redondo no olho, e a dizer: 'Agora, use a sua inteligência!'"

Villiers estava agora certo de que se tratava de Sir Sefton Brancker. conhecido pelo seu monóculo e pela frase impaciente, "Use a sua inteligência, use a sua maldita inteligência." Ele exclamou: "Ah, Brancks, velho, é claro que é você. Quando é que soube ou começou a perceber que as coisas a bordo não estavam bem?"

Brancker respondeu que se tinha encontrado com Irwin, Scott e Johnston, e eles queriam cancelar o voo, mas Thomson disse que isso

estava fora de questão. Ele também confessou que eles deveriam fazer o voo porque "senti que não podia dar parte de fraco," mas achou que uma vez que eles atravessassem o Canal da Mancha descessem m França ou em algum outro pais estrangeiro, "a nossa honra seria reivindicada e poderíamos então abençoar o mau tempo e dizer que o mau tempo nos obrigara a fazer uma descida."

Uvani passou a descrever um homem que envergava um uniforme azul e boné quando Villiers o viu pela última vez. O homem comunicou e foi a voz do Major Scott que soou. "Ah, Villiers", disse ele, "é tudo demasiado horrível para traduzir por palavras. Pense em todas as vidas, experiência, dinheiro e material – tudo jogado fora, e para quê? ─ Para nada."

Villiers respondeu. "Meu caro, há uma razão, mesmo que não possamos vê-la agora." Em seguida, discutiu detalhes técnicos sobre a fuga de gás e válvulas ineficazes. E, ainda assim, disse que eles tinham que tentar atravessar o Canal da Mancha.

"Sem dúvida, Villiers, meu caro," disse Scott, "que se você tivesse sido colocado naquela posição horrível, teria feito o que fizemos.

Tínhamos de defender a honra do nosso país. O que a Alemanha, os EUA e outros teriam dito se o tivéssemos traído? Tínhamos que ir e aproveitar a milésima chance de fazer um pouso na França…"

Nas sessões seguintes, Villiers falou com os seus outros amigos que morreram no dirigível, Colmore e Johnston, e tudo foi registado textualmente. Ficou de tal modo abalado, bem como impressionado, com o que parecia ser factos concretos e provas sólidas, que pediu para ver Sir John Simon, Presidente do Tribunal de Inquérito R-101, para poder revelar essas informações confidenciais ao organismo oficial responsável pelas investigações. Simon escutou atentamente Villiers durante um longo almoço nos Law Courts em Londres, mas no final ele disse a Villiers que não poderia dar qualquer peso aos

factos que lhe apresentara porque eles terem sido recebidos de uma maneira que nenhum tribunal poderia aceitar.

Villiers deu uma cópia do registo das sete sessões de Garrett a Sir John Simon em 1930. Mais de vinte e cinco anos depois, ele deu outro a James Leasor para que ele pudesse usá-lo na preparação do seu livro, The Millionth Chance: The Story of the R-101. Na carta que remeteu a Leasor que acompanhava o registo, Villiers disse que esta era "a verdadeira história da causa do desastre," revelada a ele pelos seus amigos mortos, que lha comunicaram por quererem que o mundo soubesse e aprendesse com o que havia sucedido. "Além de satisfazer os desejos dos meus amigos," continuava a carta, "sinto que este testemunho fortalecerá muitos que são crentes na comunicação espiritual, mas que atualmente carecem de provas. Estou convencido de que tudo o que foi registado é absolutamente verídico e, desde então, nada aconteceu que me fizesse alterar essa perceção.

Surpreendente como foi a história de Irwin e do R-101 quando Price e Coster ouviram pela primeira vez da Sra. Garrett no Laboratório Nacional na tarde de 7 de outubro, eles ainda se interrogavam sobre a possibilidade de completar o experimento que poderia permitir que eles conversassem com Conan Doyle. Às 3h45, depois de Irwin ter parado de falar, Price olhou para a Sra. Garrett, ainda em sono profundo e com a respiração pesada. De repente, ela deu o que ele chamou de "um movimento clonal violento," e o controladorador dela, Uvani, começou a falar novamente no seu Inglês com sotaque Árabe.

"Há um idoso aqui," disse Uvani, "dizendo que não há razão no mundo para que ele o atenda, mas ele tem aqui um SOS enviado a ele há cinco dias. [Aconteceu exatamente cinco dias antes que Price ter marcado a sessão] Ele vem falar-lhe. Ele é alto, pesado, tem dificuldade em andar, é divertido e, às vezes, muito difícil. Ele vai falar muito, mas por outro lado, pode ficar em silêncio… Bem-disposto. Dotado de um grande coração. Olhos azuis profundos. Um

bigode caído, queixo forte, dominador, corajoso, teimoso, coração de criança."

O sotaque Árabe desapareceu e uma nova voz de uma entidade aparentemente nova agora falava num Onglês sem sotaque. "Aqui estou. Arthur Conan Doyle," anunciou a voz. "Agora, como lhe hei de provar isso?"

Price, escutando atentamente enquanto o desnorteado Coster se interrogava do que fazer com aquilo, disse a Doyle que era bom estar em contato com ele de novo.

"Eu próprio não reconheci a dificuldade que envolveria," continuou Doyle, " atravessar este muro ou 'densidade' que há entre nós. Estou dentro de um sistema mais lento, mas fora do vosso sistema simpático – se é que me posso explicar geograficamente. Gostaria que soubessem da minha localização – que estou num cinturão nebuloso fora da superfície da terra e que tem vida e existência por ser da mesma estrutura e matéria que a própria terra."

Como era bem conhecido nos círculos psíquicos de Londres e Nova Iorque, Conan Doyle e Harry Price divergiram durante anos antes da morte de Doyle sobre a verdadeira natureza dos fenómenos espiritualistas. Ambos o recordaram durante essa sessão, três meses após a morte de Doyle. "Foi culpa sua que discordássemos," disse Doyle.

Price respondeu: "Estávamos a trabalhar com o mesmo objetivo em vista, mas de maneiras diferentes. Estou a tentar chegar à verdade."

"Eu estava sempre a interrogar-me daquilo para que você estava a trabalhar, para ser perfeitamente sincero," disse Doyle. "Eu sempre estive de olho em si e você costumava observar-me como um gato observa um pássaro numa gaiola; fui eu que mantive o Espiritualismo com o meu dinheiro."

"Bem, Sir Arthur, estou tão sem dinheiro durante estes últimos cinco anos quanto você."

— Então, meu caro senhor — disse Doyle — Podemos apertar a mão. A maioria das pessoas pensa que ganhava muito dinheiro com o Espiritualismo, a ‘fazer campanha,’ mas percebi que envolvia muito pouco dinheiro."

A conversa com o Doyle falecido prosseguiu desta maneira, com a médium, Eileen Garrett, em transe profundo, e Doyle a soar muito como o Doyle vivo que Price conhecera bem. A certa altura, Price disse que havia um amigo com ele, Ian Coster, que gostaria de lhe fazer uma pergunta, e quando Doyle respondeu que ficaria feliz em tentar responder a quaisquer perguntas da "minha área" Coster ficou desconcertado e interrogou-se se deveria levantar-se e curvar-se ao criador falecido de Sherlock Holmes, cujas palavras saiam da boca de uma mulher adormecida. Mas ele recuperou a compostura e disse: "Posso perguntar qual dos personagens que você criou você gosta mais?"

"Agora é que você me tocou num ponto fraco," respondeu Doyle de maneira amigável. "Gostei de escrever Rodney Stone. Exprimia um lado meu que estava sempre muito em evidência e, à medida que ia adoecendo e incapaz de lidar com as realidades que a vida me colocava nos ombros, podia sempre olhar para trás para a formação daquele personagem e sentir emoção. Mas não é justo colocar todo o meu carinho nele. Sinto um grande amor pelas minhas histórias napoleónicas: o brigadeiro Geraldo... O meu querido amigo. Qual me deu a maior alegria? É difícil dizer, mas muitas vezes, à medida que fui envelhecendo, voltei a cruzar-me na estrada da vida com aquele fanfarrão…”

Após a breve conversa com Coster. Price perguntou: "Pode-nos dizer alguma coisa da sua vida; da sua condição atual?" Doyle respondeu:

“Penso que, de facto, quando digo que estou a viver num mundo consideravelmente semelhante ao que deixei, as pessoas ficarão surpreendidas. Dou por mim a fazer muitas das coisas que fiz nele. Acho que estou a viver num mundo tão sombrio quanto o que deixei, para meu pesar. É uma terra onde a dor acabou para sempre; onde a emoção brota mil vezes mais forte; onde as inspirações me chegam mais facilmente. Encontro-me num estado corporal. É um mundo onde a vida sinistra tem que ser enfrentada. Não é nem o céu nem o inferno. É uma combinação de ambos. Creia-me, é apenas o começo. Entendo que tenda a confirmar a teoria da reencarnação e a passagem da alma por muitas fases. É realmente a alma do meu ser na forma corporal. Os cientistas discordarão de mim, mas eu ainda sou "material" e, enquanto for material, sinto ser o homem que fui na Terra… Estou em contato claro e estreito com a minha esposa. Acho que todos os meus amigos foram um pouco descuidados. Muitos deles acharam que estiveram em contacto comigo e escreveram à minha mulher sobre isso. Eu prefiro comunicar com a minha família na privacidade do meu próprio aposento.”

Então Price perguntou: "É-lhe possível a si averiguar se alguns dos médiuns são genuínos, ou parcialmente genuínos, ou fraudulentos?"

Doyle respondeu da seguinte forma:

Existe um meio (método?) no mundo, pelo que sei agora, que é capaz de obter uma admissão clara na nossa vida. Produzir um instrumento tão sensível e humano como um médium que, um dia, registe os nossos pensamentos e expressões como agora, é uma necessidade absoluta e será realizado. Se bem controladorado, esse instrumento tomará o lugar dos médiuns que, se não forem em definitivo controladorados, deverão necessariamente produzir inconscientemente o que há no cosmos ao redor deles. Se eu conseguisse o meu jeito no treino dos médiuns, eu o faria diferentemente agora. A última coisa que eu faria com que eles se

interessassem seria pelo seu objetivo. Na verdade, eu sentir-me-ia inclinado a colocá-los sob influência hipnótica para que eles não soubessem para que fins eram usados. Percebo isto com maior clareza agora do que quando estava a trabalhar do vosso lado. Lembrem-se, agora vejo dos dois lados do prisma e não tenho dúvidas quanto a esta afirmação... Nenhuma mensagem deixa de ser um pouco alterada por algo que está a contaminar a máquina humana. Mas em todo médium há ouro puro, e é isso que queremos procurar… Darei o meu melhor para dar uma expressão muito mais concisa do modus operandi da *comunicação*, física e mental. Penso que voltaremos a encontrar-nos na sala de sessões. Espero que todos compreendam que agora somos bons amigos."

A conversa terminou passada uma hora. Coster sempre permaneceu cético sobre a possibilidade de ter conversado com um homem que havia falecido, mas ao relatar os eventos daquela tarde memorável, ele escreveu: "Lembro-me de ter ficado impressionado e agradado... Era como se eu estivesse a falar com um homem vivo." Ele ficou igualmente impressionado e intrigado com a Sra. Garrett e sempre continuou a interrogar-se de como todos aqueles detalhes técnicos de aeronáutica tinham sido comunicados na voz do falecido Irwin. Não viu o menor indício de fraude. Vinte anos depois do acontecimento, ele escreveria: "Os ecos daquela sessão ainda soam. Eu, que comecei a coisa toda, ainda me interrogo."

Harry Price também não conseguiu explicar os acontecimentos daquela tarde. Conan Doyle, o verdadeiro autor das histórias de Sherlock Holmes, de alguma forma comunicou, ou terá sido a Sra. Garrett a falar de alguma parte da sua mente subconsciente? Ou estaria ela a representar o papel com uma habilidade assustadora? Ele permaneceu convencido da sua inteira honestidade. Nessa sessão, como em todas as outras que deu, não fez reivindicações e deixava todas as deduções sobre o que tinha acontecido a cargo dos outros, de preferência dos cientistas. No estado de vigília, ela não se lembrava de nada que Uvani ou os seus outros controladores dissessem. "É simplesmente possível," escreveu Price um ano após a sessão, "que as

opiniões expressas pela entidade que se autodenomina Doyle fossem emanações do cérebro do Doyle vivo que, de alguma forma, se tivessem cristalizado e sido 'captadas' pela médium em estado de transe, tal como se sintoniza um aparelho de rádio. Essa teoria é muito rebuscada, admito, mas não mais do que a hipótese do espírito."

CINCO

Tudo começou na Irlanda, acreditava Eileen, os dons psíquicos, a qualidade terra-a-terra, o humor, bem como a capacidade de viver com o básico quando as circunstâncias o exigiam, mesmo após anos de luxo. Essa maravilhosa flexibilidade permaneceu com ela até o fim.

Ela deixou o seu condado natal de Meath quando tinha quinze anos e raramente voltou depois, talvez apenas duas ou três vezes nos sessenta anos seguintes. Ela considerava-se uma exilada, não tão diferente do grupo que inclui Joyce, O'Casey, Gogarty, e nunca criou raízes em nenhum outro lugar. Tinha uma cobertura (Último andar) em Nova Iorque, apartamentos no Hotel Claridge's em Londres e villas (casas de campo) na Riviera, mas adaptou-se rapidamente ao tipo de vida mais cru, e sempre disse que a sua infância irlandesa era a força que tornava tudo tão fácil.

Lembro-me de ter saído do Hotel Savoy, em Londres, para o aeroporto com ela em 1947, num Rolls-Royce com motorista. Mas depois do voo para Dublin, soubemos que todos os quartos de hotel estavam reservados. Ela riu enquanto fazíamos as rondas a pé pelos bairros mais sombrios, à procura de quartos pelos lugares mais sórdidos. Finalmente encontramos um lugar de cama e café da manhã surrado na Adelaide Road pelo equivalente a menos de dois dólares por quarto por noite. É ótimo, disse ela à senhoria cadavérica que obviamente jamais tinha tido um convidado tão grandioso antes. O quarto de Eileen acabou por ser um antigo recinto pequeno com apenas torneira e lavatório que tinha sido convertido num quarto. Mas, mesmo assim, teve uma boa noite de descanso e desfrutou de um pequeno-almoço de enchidos muito parecidos aos da sua infância. Mudamos depois para quartos ainda pobres na área de Ranelagh e, em

seguida para uma limusine Ryan contratada para uma excursão de um dia inteiro pelo campo, e ela ria frequentemente de ter dormido num antigo banheiro na Adelaide Road.

No dia seguinte, almoçamos com Lord Dunsany no Castelo de Dunsany, nos arredores de Dublin. Enquanto Sua Senhoria nos mostrava os seus motivos à sua maneira imperiosa, Eileen desculpou-se e foi procurar os arbustos para se aliviar, dando a conhecer a Dunsany o motivo da sua ausência temporária, tudo com muita naturalidade e sem inibição. Foi essa mesma ausência de inibição sobre o sexo e todas as suas aberrações que provavelmente a ajudou a lidar tão bem com os problemas sexuais de tantos homens e mulheres que a acharam mais eficaz do que os seus médicos e psicoterapeutas.

Uma outra herança dos seus dias de infância no campo da Irlanda foi a sua facilidade e destemor perante a morte. Eram poucos os vizinhos, recordava muitas vezes, que não tivessem perdido entes queridos, jovens e velhos, sobretudo pela tuberculose. Conforme escreveu anos mais tarde,

> Aprendi, pois, em tenra idade, a aceitar a morte como certa. Vi o último suspiro sair do corpo de uma criança que um momento antes tinha uma "personalidade" – e um momento depois, apenas o vazio completo permanecia em torno da forma de alguém com quem já havia brincado ou discutido anteriormente. Estive presente na preparação final para a "Longa Viagem" e vi a família lavar o corpo, ungi-lo e fazer todos os preparativos para o enterro, talvez isso tenha me dado uma filosofia de aceitação... A minha juventude foi marcada por muitas dessas experiências. A primavera e o outono de cada ano acarretavam o seu preço de partidas, e muitas vezes aquele que estava prestes a iniciar a viagem, exasperado com a dor e o sofrimento, maltratava a todos com veemência, bem como exigia uma oração pela libertação... Aprendi cedo a manter uma equidistância com relação à vida e a encará-la sem tristeza quando chegasse o momento de partir.

Eileen ficou órfã duas semanas depois de nascer, a 17 de março de 1893, e foi criada pelos seus tios, William Lyttle e Martha Brownell Lyttle. Os Brownells de Stackallen, so Condado de Meath, a uma hora de Dublin e não muito longe da próxima maior cidade, Drogheda, eram agricultores yeoman (pequenos proprietários rurais) há muito tempo. O primo de Eileen, Joseph Brownell, tem atualmente uma fazenda leiteira de noventa acres lá, e quando eu o visitei há alguns anos atrás, ele recordou bem a prima Jeannie, como Eileen Jeannette Lyttle era conhecida por ele na sua infância. O pai era Arthur Brownell, irmão da mãe de Jeannie, Ann, dois membros de uma família de treze filhos. Um outro irmão que estava lá no dia em que visitei Joe era Edward Brownell, então Cônego da Reitoria de Cartneel, Roughnacloy, Condado de Tyrone, na Irlanda do Norte. O Cónego continua na tradição profundamente Britânica e Protestante de Brownells que remonta a gerações de eclesiásticos que serviram com o Exército Britânico na Índia. Eles eram – e são – a minoria no sul Católico da Irlanda, mas na década de 1890, como na década de 1920 e hoje, havia pouco atrito manifesto com os seus vizinhos Católicos.

Joseph e Edward levaram-me pelo campo onde a sua prima havia brincado em menina, principalmente sozinha. A criança era solitária. Passamos pelos lugares que Jeannie conhecia tão bem, as cidades ainda cinzentas e silenciosas de Slane, Kells, Navan e Malahide, ao longo do rio Boyne, e pelo Castelo de Dunsany e Tara Hill, onde se diz que os reis da antiga Irlanda foram coroados há mil anos. Também me mostraram o Castelo Lambert em Beaupare, que impressionou a jovem Jeannie com o seu grande tamanho e os seus muitos criados, e não muito longe a ainda resistente cabana de pedra onde a mãe e o pai de Jeannie viveram por tão pouco tempo e onde ela nasceu.

Ann Brownell conheceu e casou-se com Anthony Vancho, um basco, durante uma visita a Espanha. Ele era Católico e sempre seria um estranho, senão mesmo um inimigo, para toda a sua família. Duas semanas depois de Eileen Jeanette nascer, a mãe afogou-se num poço perto da pequena casa de pedra. Duas semanas depois, o infeliz pai, funcionário de um escritório de Dublin, suicidou-se disparando contra

si próprio enquanto trabalhava. A criança abandonada seria agora adotada pelo seu severo tio presbiteriano, William Lyttle, que estava de licença do serviço militar na Índia, e a esposa, Martha, irmã da mãe morta da criança, e o nome legal da criança iria ser Eileen Jeannette Lyttle.

O tio Guilherme, alto, altivo, de cabelos brancos, de olhos grisalhos e barba grisalha, surpreendeu a jovem quando ela tinha idade suficiente para caminhar a seu lado enquanto inspecionava a sua terra, armado com um fuzil e à procura de caçadores furtivos. Ele ensinou-a a pegar numa espingarda e pô-la a montar quando tinha três anos. Ele não era um pai, mas ela tinha profundo sentimento por esse homem que a ajudara a apreciar os mistérios naturais da região solitária de Meath. Foram os seus ensinamentos, dizia, que lhe incutiram, na primeira infância, o destemor no escuro que nunca a abandonou. Ela também aprendeu a brincar com os cães que seu tio criava e a ser amigável com todos os animais. Nada na vida, lembrou dele dizendo, existia que a magoasse. A tia Marta era alta, esguia e atraente, mas fria e pouco materna para com a sobrinha e o filho adotivo. Ela tinha cabelo grosso, vestia-se frequentemente com tafetá rico e crocante, e usava óculos que trazia pendurados num cordão de seda preto. Ela era de uma beleza pouco convidativa para a Jeannie, que a receava.

A casa de colmo de dois andares do tio William em Stackallen Bridge, perto de Beaupare, tinha sido alargada ao longo dos anos à medida que os membros sucessivos da família que viviam lá tinham ampliado a casa de pedra original. A Jeannie achava que era enorme. Rosas e madressilva cobriam os lados, e nos campos havia grandes rebanhos de gado e celeiros bem abastecidos. Ela tinha um quarto de teto inclinado no segundo andar, logo à cabeceira de uma escadaria sinuosa. Estava voltado para um jardim cheio de rosas, uma profusão de outras flores e macieiras, e todas pareciam proporcionar à Jeannie o abrigo e o distanciamento do resto da casa que ela apreciava.

Lembrou-se de contar segredos a esse aposento, falando em voz alta quando estava sozinha com os quadros na parede e as fotos na

cômoda que lhe contava histórias quando as tocava. Jeannie contava à tia essas histórias e sobre uma velhinha! que costumava visitá-la, mas a tia Martha dizia que ela era demasiado emocional e andava a ver coisas que não existiam. Durante anos, a tia não disse nada sobre as duas fotos que estavam na cómoda, uma de um homem e outra de uma mulher, mas quando Jeannie fez dez anos, ela disse que eram a mãe e o pai dela, Anthony e Ann Vancho, e que ambos se tinham suicidado por se sentirem muito infelizes.

"No meu próprio quarto," escreveu Eileen mais tarde, "eu podia estender a parte de mim confusa e nebulosa que não tinha espaço para se expandir por completo noutro lugar. Recolhendo-me, abraçava a felicidade. Essa proteção adquirida no meu quarto deve ter sido o início da minha capacidade de me retirar para dentro e viver sozinha comigo própria. Chegou uma altura em que pude usar esse processo para calar a voz da minha tia. Lembro-me de descobrir que podia ver os lábios dela mexer-se, mas sem ouvir qualquer som das palavras que ela enunciava. Esse deve ter sido, pois, o início dessa separação de personalidade que mais tarde levou ao estado conhecido como transe."

Antes de completar os quatro anos e ser enviada para a escola, Jeannie deixou o tio intrigado e a tia irritada quando lhes disse que tinha descoberto três jovens amigos, duas raparigas e um rapaz, que tinham vindo até à sua porta e queriam brincar com ela. Mas ela foi proibida de brincar com crianças estranhas, e por isso ela recusou. No dia seguinte, ela viu-os de novo, e eles olharam para ela sem dizer palavra. Por vezes, eles voltavam ao seu quarto, mas na maioria das vezes preferiam o lado do campo, por onde Jeannie andava, e onde ela costumava encontrá-los dia após dia. Ela chamava-lhes "Os Companheiros" e eles foram companheiros dela até os treze anos.

Ela continuou a falar aos tios sobre eles, mas eles ignoraram o que ela dizia ou repreendiam-na por dizer mentiras. Não existiam tais crianças, disse a tia, e que Jeannie o descobriria rapidamente se tentasse falar-lhes ou tocá-las. Jeannie disse que às vezes tocava nelas e elas eram tão macias e mornos quanto ela. Mas eles eram diferentes

das outras pessoas, que ela via "cercadas por um nimbo de luz," enquanto "a forma de Os Companheiros consistia inteiramente dessa luz." Ela desconfiava de todos os adultos que não acreditavam no que ela lhes dizia sobre os seus companheiros invisíveis, e suportava a má língua da tia por ela continuar mentir. Ela descobriu que necessitava cada vez mais dessas crianças, e costumava procurar novas oportunidades para estar com elas. Deitava-se cedo, antes de escurecer e muito antes de ter de o fazer, para que, depois de escurecer, pudesse descer pela janela e juntar-se às crianças no jardim abaixo.

As crianças apareciam espontaneamente. Jeannie confessou que nunca as vira a aproximar-se; elas simplesmente materializavam-se e desapareciam com a mesma rapidez. Ela podia encontrá-los à sua frente quando erguia a cabeça de um livro ou quando ela se curvava sobre algumas flores no jardim, e elas podiam desaparecer quando ela afastava o olhar por um instante. Ela também observou que as crianças não subiam às árvores com ela nem se juntavam a ela enquanto remava num barco pelo rio. As crianças não se assemelhavam a nenhum outro jovem que Jeannie conhecesse, mas eram as suas companheiras entusiasmadas na exploração do jardim e dos campos, e estudavam e interrogavam-se sobre árvores e pedras e arbustos, pássaros e bagas, morcegos, cães e cordeiros.

A maioria dos parentes concordava com a tia Martha que Jeannie era um pouco mentirosa ou uma criança mal-educada. Essa recusa da parte dos adultos em acreditar no que ela sentia e via tão claramente magoava-a. Ela precisaria esperar muitos anos até descobrir que podia perceber coisas que outras pessoas não conseguiam. Foi só quando conheceu Edward Carpenter, quando estava com vinte e três anos, que ela finalmente conseguiu libertar-se com a ajuda dele, da dor da provocação de parentes e outros que a tratavam como uma criança mimada, desequilibrada ou pecadora.

Jeannie era a única criança Protestante na Escola Nacional a três quilómetros da sua casa, para onde foi levada com o filho de um vizinho numa carroça puxada por cavalos. Recordou-a como uma

experiência indiferente depois de ter superado o choque inicial de estar no mesmo edifício com tantas outras crianças. Ela diz que sempre presumiu que professores e crianças mentiam uns aos outros e que sentia um prazer particular ao perceber o que se passava nas suas mentes. Criança independente e segura de si, ela se destacava-se das outras crianças, que eram tão tímidas e servis na presença dos seus professores e outros mais velhos. Assim, ela ganhou a confiança dessas crianças e elas procuravam-na para pedir conselhos sobre muitos problemas pessoais.

Mas os seus colegas eram mais do que corpos físicos, pois mesmo naqueles primeiros dias na escola cada um deles achava-se para ela "colocado dentro de uma nebulosa cobertura em forma de ovo... Esse envoltório, como eu o chamo por falta de um nome melhor, pode consistir em cores transparentes que mudam, ou às vezes se tornar densas e sem brilho. O estado desses envoltórios mudava de acordo com a variação do humor das pessoas." Ela via esses envoltórios em plantas e animais, bem como nas pessoas, com uma cor característica para cada indivíduo. Ela podia sentir a personalidade de um homem, mulher ou criança observando essa cor, e a cor também lhe revelava se uma pessoa – ou um animal, árvore ou flor – estava saudável ou doente.

Quando a jovem Jeannie começou a contar aos seus colegas e professores o que via ao seu redor, eles passaram a encará-la como uma estranha que inventava histórias mirabolantes, e agora também lhe chamavam mentirosa. Isso magoou-a e ela protegeu-se de mais dor, retirando-se para o seu próprio mundo. Como as pessoas não acreditariam nela nem partilhariam as suas experiências, ela apreciá-las-ia sozinha, não falaria mais com os outros do que via nelas e, na aparência mostrar-se-ia agradável, obediente, mas reservada. Terminava cada dia de aula com alívio, pois isso significava voltar para o seu próprio quarto e para os seus Companheiros, que faziam "sons de canto" e glóbulos de luz que "dançavam como estrelas pequeninas que se entrelaçavam umas em torno das outras de maneira ordenada.

Foi nessa altura que desenvolveu dentro de si um mecanismo que lhe permitiu projetar (a sua consciência) nas plantas, árvores e flores e, mais tarde, nas pessoas. Aparentemente normal na aparência, ela podia, desde cedo, projetar uma "parte fluida" de si própria nas outras pessoas e afetar as suas personalidades, estivessem elas no mesmo quarto com ela ou longe. Isso foi o início da sensibilidade que levou à sua mediunidade nos anos de maturidade. Também a libertou da solidão: para ela, uma sala sem pessoas estava cheia de formas e cores, sombras, sons e vitalidade. Quando saia do quarto, não procurava outras crianças, mas animais e plantas da fazenda.

Um dia, sentada na varanda da sua casa, enquanto virava ociosamente as páginas de um livro ilustrado, ela ergueu a cabeça e teve uma visão da tia Leon com uma criança nos braços. Jeannie gostava muito dessa parente, outra irmã da mãe e da tia Marta com quem vivia, e ficou encantada por a ver. Ela tinha ouvido dizer que a tia Leon não tinha passado bem ultimamente e levantou-se para cumprimentá-la, observando ao mesmo tempo que ela parecia muito cansada. Ela tentou segurá-la pelo braço e ajudá-la a entrar em casa, mas a tia Leon respondeu – ou nisso lhe pareceu – insistiu a Jeannie ao escrever sobre o incidente anos depois: "Preciso ir já embora e levar o bebé comigo." Ao ouvir isso, Jeannie correu para dentro da casa e disse à tia Marta que ela precisava ir rapidamente à varanda, pois a tia Leon estava lá. Mas quando eles foram, ela tinha ido embora e, embora a Jeannie tenha corrido para o jardim e para a estrada além da casa, ela não pode mais vê-la. Quando voltou para a casa, contou à tia Martha como a tia Leon estava vestida. Descreveu o traje em detalhes e falou do bebé que segurava nos rbaços. A tia Marta repreendeu-a por inventar histórias, mas perguntou o que Jeannie tinha ouvido sobre o novo bebé. Nada, respondeu a criança, mas Marta não acreditou e chicoteou a Jeannie por voltar a ser tão má.

Essa foi uma experiência demolidora para uma criança que tentou ser amável para com uma tia favorita. Chorara a maior parte da noite, dormira muito pouco e acordara tão mal de manhã que não conseguia ir à escola. Ela ficou no quarto até o meio-dia. Apesar de já não a

recear, estava tão dominada pelo ódio pela tia Marta que sentiu necessidade de se vingar da pessoa que lhe causara tanto sofrimento. Naquela tarde, ela foi para o jardim para se deitar na sombra. Olhando para cima e vendo os patinhos favoritos da sua tia no lago próximo, ela soube como poderia punir a pessoa que a havia punido. Ela correu para a margem relvada do lago e, quando cada um dos patos passou, ela apanhou-o, o prendeu-o debaixo d'água até estar morto e, em seguida, colocou-o na relva ao seu redor. Ao olhar para os patinhos mortos espalhados à sua frente, viu "uma substância cinzenta semelhante a um fumo, a subir em forma espiral" de cada um dos corpinhos.

Quando a tia Marta soube o que a Jeannie tinha feito, foi ao quarto dela, não a repreendeu nem agrediu, mas disse-lhe em voz baixa que era uma rapariga tão má que precisava mandá-la embora. Jeannie também teve que ir para a cama sem jantar naquela noite. Mas pouco depois de ter adormecido, a tia voltou e disse que tinha acabado de chegar a notícia de que a tia Leon tinha morrido no parto e que o bebé também tinha morrido. E então ela acrescentou: "Nunca mais fales das coisas que vês, pois elas podem se tornar realidade."

Isso foi uma previsão, um dom incrível.

A preocupação de Jeannie com a morte persistiu por algumas semanas depois que ela afogou os patinhos. Ela ainda estava fascinada com a lembrança daquela espécie de fumo que subira deles enquanto estavam deitados na relva ao lado do lago. Era assim que a vida "escapava" aos seres vivos, e talvez também às pessoas, e ela estava determinada a descobrir se a mesma coisa acontecia com outros animais. Ela desatou a matar, corvos e coelhos entre as suas vítimas, pois "a única coisa importante para mim agora era descobrir se a morte trazia ou não uma nova vida; e se fosse verdade, que tipo de vida a morte produziria?" Mas após duas semanas desses experimentos, ela parou e recuou com repulsa ante o seu próprio sadismo. Ela nunca mais mataria. Agora, cada fazendeiro que se

mostrava cruel com um animal tornava-se seu inimigo. Nunca mais foi caçar com o tio e chorou pelos patinhos que matou.

Jeannie sofria continuamente de infeções respiratórias, bronquite e uma forma ligeira de tuberculose. Se queria recuperar de alguma forma, seria necessário viver sob condições mais rigorosas, vestir-se bem no húmido clima irlandês, permanecer dentro de casa durante os períodos agudos das suas doenças recorrentes e ser menos imprudente nos seus hábitos. A tia Martha sabia que não havia forma de controlar uma criança como ela e, quando Jeannie tinha onze anos, decidiu-se que a melhor solução seria enviá-la para um colégio privado em Dublin, onde ficaria a viver e onde uma diretora rigorosa e o corpo docente teriam mais controlo sobre ela do que uns tios envelhecidos poderiam ter.

A nova escola era também um colégio protestante, e consideraram que já era altura de afastar a jovem em crescimento da Escola Nacional mais próxima de casa, onde provavelmente já tinha absorvido demasiados ensinamentos católicos.

O novo colégio situava-se no número 21 de Merrion Square, num edifício de estilo Regência, de três andares e com um aspeto acolhedor. A diretora e as suas duas irmãs, que geriam este estabelecimento protestante extremamente correto, eram senhoras conservadoras e bem-educadas, que tinham tanta consideração pela matemática, línguas estrangeiras, música e história política como pela história e ensinamentos da igreja. Também tinham uma delicadeza que agradava a Jeannie, ainda que ela sentisse falta das suas crianças no quarto da quinta e da sua antiga solidão. Este era um colégio com sessenta raparigas, com idades entre os dez e os dezasseis anos, e estavam por todo o edifício, cruzando-se constantemente dia e noite. Agora, Jeannie partilhava um dormitório com outras cinco raparigas.

Desempenhava-se bastante bem em todas as disciplinas, exceto música, e era a maior especialista da escola em conhecimento bíblico, graças aos anos de treino na Escola Nacional. No entanto, resistia aos métodos de ensino de línguas estrangeiras, que consistiam na

repetição mecânica de palavras e frases, e precisava de ser disciplinada, sendo frequentemente acusada de ser impertinente. Também era repreendida por se recusar, nas aulas de música, a repetir notas ao piano incessantemente. Jeannie defendia-se, dizendo que não ouvia apenas as notas que a professora tocava e pedia que repetisse, mas também outros sons e notas que sentia através da coluna e dos joelhos. Isto parecia uma invenção absurda, e a professora disse-lhe: "Podes mentir e enganar os outros, mas a mim não."

Enquanto esteve no colégio, contraiu pneumonia e teve de ser levada para casa, onde a recuperação demorou vários meses. Durante esse período, o seu tio, que também sofria de pneumonia, faleceu. Foi o acontecimento mais chocante da sua infância, e Jeannie achou que seria impossível continuar a viver com a tia Martha sem a força e o calor interior do tio William por perto. Não entrou no quarto onde jazia o corpo do tio, pois estava convencida de que nenhuma parte dele estava realmente ali, mas que ele se tinha cansado da vida e escapado do corpo. Sentia-se mais próxima dele no jardim. No dia do funeral, foi até ao banco preferido do tio e falou com ele, como sempre fazia no passado, e tinha a certeza de que ele a ouvia. Não foi ao cemitério para a cerimónia de enterro, pois para ela não fazia sentido.

Alguns dias depois, deram-lhe flores para colocar na campa do tio, mas ela atirou-as por cima do muro do cemitério e foi-se embora sem se aproximar do túmulo. "Nunca poderia suportar aproximar-me da campa de alguém que amei", explicou.

Algumas semanas depois, o tio apareceu no seu quarto. Parecia estar bem. Jeannie ouviu-o com alegria enquanto ele lhe falava e aconselhava a obedecer à tia, mesmo que soubesse que isso podia ser difícil, pois ela acabaria por sair da Irlanda dentro de dois anos. E então, ele desapareceu antes que ela pudesse fazer-lhe perguntas. Esta visita deixou-a exultante, pois agora sabia que os mortos não desapareciam completamente, que voltavam a viver num mundo desconhecido. Não fora um fantasma ou uma aparição que vira, mas o

próprio tio – o único ser humano que conhecia as suas necessidades e cuidaria dela, mesmo que não voltasse a visitá-la. Ele, o homem morto, era mais próximo dela do que qualquer pessoa viva.

Alguns meses depois, houve outra morte na família: a da sua prima Ann. Desta vez, Jeannie quis ver o corpo. Entrou no quarto em silêncio, observou o corpo com fascínio e viu, tal como acontecera com os patos afogados, uma substância esfumada a erguer-se do corpo de Ann. Parecia formar uma espiral e continuava a subir dessa forma durante muito tempo. Nunca se sentira próxima de Ann, não a amava e até a ressentia, por isso aceitou, a contragosto, assistir ao funeral e à cerimónia no cemitério. Sentiu repulsa pelo que considerou ser um luto falso por parte de todos os presentes.

Mais tarde, escreveu sobre isso:

*"Todo este cenário lúgubre da cerimónia fúnebre, eu estava convencida, não tinha qualquer relação com as verdadeiras mudanças simples que ocorrem em todas as criaturas no momento que os seres humanos chamam de morte. Esta transformação rítmica, que eu tinha observado repetidamente em todos os seres vivos, não me dava qualquer sensação de fim, mas sim de um movimento contínuo e rítmico em direção a uma nova aventura. Ao viver tão próxima do mundo animal e vegetal, compreendi que parecia haver pouca diferença entre o nascimento e a morte para qualquer ser vivo, exceto para o humano.

Quantas tristezas desnecessárias e desesperadas poderiam ter sido evitadas à humanidade se os homens tivessem observado, como eu, a verdadeira natureza do nascimento e da morte! Sabia que ambos estes processos de mudança eram alegres e igualmente criativos. Porque é que, se o equilíbrio de todo o universo é mantido de forma tão perfeita por uma Direção Infinita, apenas o homem, de todas as criaturas vivas, tem de temer o seu lugar no esquema das coisas e sentir-se tão perdido e aterrorizado perante aquilo a que chama morte?"*

Agora com treze anos e de regresso à escola de Merrion Square, Jeannie conseguiu, com a ajuda de uma aluna mais velha, conhecer um atraente argentino de vinte e quatro anos, estudante de medicina no Trinity College. Foi um encontro clandestino, como teria de ser, e perturbou tanto o jovem quanto assustou Jeannie. Ele não a seduziu, mas disse-lhe que a sua aparência madura – sem saber que ela tinha apenas treze anos – poderia facilmente ter levado a isso com outro homem, e que ainda poderia acontecer se ela não fosse cuidadosa. Falou-lhe sobre os problemas do sexo e, antes de se despedir, pediu desculpa mais uma vez por ter saído com alguém tão jovem.

Foi uma aventura emocionante, mas a diretora da escola soube do ocorrido e isso resultou numa expulsão imediata. A sua tia foi chamada para a levar de volta para casa e, no caminho de regresso à quinta, foi-lhe dito o quão pecadora era. No dia seguinte, a tia Martha voltou a falar-lhe dos pecados dos seus próprios pais.

"Vês como a tua mãe e o teu pai foram castigados pelos seus erros? Não te esqueças de que tens o sangue deles nas tuas veias", avisou-a. "A tua mãe também era rebelde e teimosa. Nunca te esqueças de como ela se entregou aos desejos da carne com um estrangeiro e um católico. Cuidado para que essa tua busca pelo conhecimento não seja apenas um disfarce para o desejo de te afastares da graça espiritual."

Jeannie não se impressionou. Já tinha ouvido tanto dogma católico como protestante e não compreendia por que razão casar-se com um católico tinha sido um pecado tão grande para a sua mãe. As advertências da tia só aumentavam o seu ódio por ela e, como tantas vezes antes, refugiava-se nas suas Crianças. Elas vinham ao seu quarto e davam-lhe conforto, mas começaram a vir cada vez menos e, depois de completar treze anos, desapareceram. Nunca mais as viu.

Nos dois anos seguintes, frequentou uma escola local, obediente em aparência à sua tia, indo regularmente à igreja sem grande interesse. Mas, durante esse período, descobriu a política irlandesa e achou emocionante ir, depois da missa ao domingo, a reuniões

políticas onde falavam grandes oradores como Joe Devlin, John Redmond e John Larkin, defensores da liberdade da Irlanda. "Tomei consciência", disse ela, "pela primeira vez das vibrações que as palavras criam no espaço. A intensidade da emoção libertada através dos sons da voz projetava uma energia em movimento no espaço, que se tornava visível para mim sob a forma de linhas ondulantes. Perdi-me na magia da minha própria contemplação e não sei se era a música da voz do orador ou as linhas emanadas do seu discurso que mais me fascinavam."

Naturalmente, a sua tia desaprovava o seu entusiasmo político e dizia-lhe que a autonomia da Irlanda era uma "causa rebelde".

Aos quinze anos, voltou a adoecer, desta vez com uma forma mais grave de tuberculose do que tivera no passado. O médico afirmou que na Irlanda ela nunca conseguiria recuperar totalmente, mas que o ar mais seco do sul de Inglaterra poderia trazer-lhe algum alívio. A tia Martha fez então os preparativos para que ela entrasse numa escola na Cornualha, mas primeiro Jeannie faria uma paragem em Londres para descansar na casa de amigos. Aqui estava, finalmente, um vislumbre de liberdade e de fuga a uma madrasta odiada. Mas também era uma crise emocional, pois estava a deixar os seus amigos mais próximos – as árvores, os riachos, os pássaros e os animais da quinta – e sabia que "o futuro turbulento da minha vida tornaria isto impossível de repetir". Partiu para Londres com apenas dezasseis anos.

SEIS

A Londres daquela época, antes da Primeira Guerra Mundial, era aquilo que H. G. Wells, em *The New Machiavelli*, chamou "a cidade mais interessante, bela e maravilhosa do mundo, delicada na sua pequenez incidental e multitudinosa, e estupenda na sua totalidade carregada de significado." A jovem Jeannie Lyttle, vinda de uma quinta no condado de Meath e de uma tia autoritária e provinciana, ficou surpreendida ao descobrir que conseguia lidar com a cidade. Foi bem recebida pelos amigos da tia e escutavam-na avidamente. Estes amigos ficaram encantados com uma rapariga de dezasseis anos que parecia tão madura e que, aparentemente, já tinha vivido tanto. Percebeu então que a vida reprimida e frustrante na Irlanda lhe tinha, no entanto, dado caráter e individualidade, qualidades que podiam expressar-se melhor em Londres.

Londres seria apenas um ponto de passagem, um local de descanso antes de ir para a escola num clima mais quente, mas os seus novos amigos discordavam. Disseram-lhe que era ridículo que uma rapariga tão madura fosse para um colégio interno, e Jeannie concordou, perguntando-se como poderia evitá-lo e permanecer indefinidamente em Londres.

Um arquiteto de vinte e oito anos, Clive Barry, ajudou imenso. Conheceu este "homem de olhos azuis, escuros e risonhos, de quem todos pareciam gostar" no seu primeiro jantar londrino, e, quando a noite terminou, ele perguntou à sua anfitriã e tutora londrina se podia mostrar a cidade a Jeannie.

Nos dias seguintes, levou-a a visitar a Torre de Londres, a Catedral de São Paulo, a Abadia, Kew, os museus e parques. Quando ela lhe disse o quanto a entristecia ter de deixar a cidade em breve para ir para a escola na Cornualha, ele acalmou-a e garantiu-lhe que isso nunca aconteceria. Naquela noite, ao levá-la de volta para casa, anunciou à anfitriã de Jeannie que iam casar-se.

Foi uma notícia inesperada e os amigos londrinos de Eileen – pois agora já ninguém lhe chamava Jeannie – sugeriram que ela e Clive almoçassem juntos para conversarem e perceberem o quão tolos estavam a ser ao fazer tais planos. Durante o almoço, Clive declarou o seu grande amor por ela e explicou-lhe quanto o casamento significaria para ambos. Ela pareceu concordar. Quando a tia Martha recebeu a notícia, enviou um sobrinho a Londres para impedir o casamento e trazer Eileen de volta à quinta. Considerava-a uma criança pecadora e perturbada de dezasseis anos, que não estava preparada para o matrimónio.

No entanto, ao chegar a Londres, o sobrinho incentivou o casamento, explicando a Eileen que o apoiava porque queria evitar outra tragédia semelhante à que tinha levado os seus pais ao suicídio.

Eileen e Clive casaram-se numa manhã, às onze horas, e partiram para Paris no comboio das quatro da tarde. Poucas horas depois, foi tomada pelo pânico ao perceber que tinha casado com um homem que ainda lhe era um estranho, por quem não sentia um amor profundo, e com quem agora teria de passar toda a sua vida sob o seu controlo. Sentiu saudades de casa, até mesmo da tia dominadora. "Um medo abjeto do futuro e do que ele continha apoderou-se de mim", disse. "A minha lua de mel foi uma experiência miserável. Todos os dias me revoltava contra o que tinha feito e teria feito qualquer sacrifício para encontrar uma forma de me libertar desta relação."

Clive providenciou uma casa nova em Londres, com um jardim que agradava à jovem esposa. Ela queria cozinhar e cuidar da casa, mas ele disse-lhe que isso era impensável – ela era sua esposa, não sua empregada. Havia empregados para tratar dessas tarefas, e ele tinha dinheiro suficiente para garantir que levassem uma vida confortável e socialmente ativa. Também lhe disse que deveria pôr fim aos seus "hábitos estranhos", às suas sensibilidades peculiares, às suas visões – ou "visioning", como ele chamava – que ela lhe tinha descrito nos passeios por Londres. Acreditava que tudo isto provinha da doença

mental dos pais dela e que, se não se controlasse, acabaria por enlouquecer.

Eileen ficou chocada e voltou a temer pela sua sanidade, como tantas vezes no passado. Percebeu que os adultos, tal como os seus colegas de escola, consideravam tudo o que sentia, via e ouvia como mentiras ou sinais de uma mente perturbada. Nas palavras dela:

Uma parte superficial de mim agora aceitava este facto, mas o "eu" interior ouviu uma voz dizer: "Mas isto não é verdade." A partir desse momento, tomei consciência de que vivia em dois mundos separados. Num, eu era a esposa alegre, superficial e aceitadora; no outro, eu era a personalidade sensível, observadora e verdadeiramente ativa, pertencente apenas a mim mesma. No segundo mundo, ninguém mais tinha a possibilidade de entrar, e o meu marido menos que ninguém. À medida que a divisão entre os meus dois estados mentais crescia, escolhi novamente recolher-me e viver sozinha comigo mesma, como fizera em criança. Isto tornou agora mais fácil lidar tanto com o meu marido como com os meus amigos; quando vivia neste estado separado, ninguém conseguia realmente alcançar-me e já não podiam causar-me nem dor nem confusão. Se isto era loucura, então eu já não a temia, porque só neste estado eu era verdadeiramente pacífica e feliz.

Quando, quatro meses após o casamento, ela contou ao marido que estava à espera de um filho, ele mal reagiu e pareceu indiferente à notícia. Ela ficou magoada, mas não surpresa, pois sabia que ele já tinha regressado à amante que tivera antes do casamento. Nesta nova solidão, Eileen prometeu a si mesma que não partilharia o seu bebé com ninguém e que também evitaria a atenção de enfermeiras e outras pessoas que quisessem ajudá-la à medida que o parto se aproximava. Ficou encantada quando o bebé nasceu mais cedo do que o esperado, permitindo-lhe dar à luz o seu novo filho sem a ajuda de um médico ou enfermeira. Foi uma experiência de dor e sofrimento, muito do qual poderia ter evitado se tivesse aceitado a assistência prontamente disponível, mas ela enalteceu este parto natural, por ter criado e

trazido ao mundo um menino perfeitamente formado, com apenas as estrelas como testemunhas.

Durante cinco meses, o bebé trouxe alegria à jovem mãe e ao seu lar. Então, numa tarde, enquanto estava fora com ele, notou que ele parecia mais irritado no seu carrinho do que nunca. Pegou nele ao colo, tentou confortá-lo e, ao colocá-lo de volta no carrinho, ouviu uma voz chamar o seu nome e dizer-lhe que devia manter-se calma e paciente com o bebé, que em breve já não seria seu. Virou a cabeça na direção da voz, mas não viu ninguém. Durante dias, andou com medo e com um sentimento de tristeza iminente. Mas o bebé recuperou da sua pequena indisposição daquela tarde e continuou a prosperar. Estava disposta a acreditar que o estranho de voz fria existira apenas na sua imaginação, e quase esqueceu o incidente.

Um ano depois, nasceu um segundo filho. Mas agora, com dois meninos aparentemente saudáveis, ela tornou-se inquieta. Temia que o novo bebé não vivesse muito tempo e que, em breve, perdesse os dois filhos. Ficou tão deprimida que teve de falar com alguém, mesmo com o seu marido indiferente, e contou-lhe sobre o aviso que recebera de um estranho invisível e como temia pelas vidas dos seus filhos. Ele disse que tudo aquilo era apenas a sua imaginação selvagem e que ela precisava de um médico. O médico disse que ela estava bem em todos os aspetos, que talvez precisasse de um tónico e de mais envolvimento em atividades comunitárias.

Ela tentou trabalho de caridade e em clubes, mas achou-o aborrecido. O seu marido fez então com que um psiquiatra a examinasse, e o novo médico deu-lhe algum aconselhamento matrimonial inofensivo. Pouco depois, o seu filho mais velho morreu de meningite, e cinco meses depois, o filho mais novo faleceu da mesma doença.

Ela ficou abalada com a morte dos seus dois filhos pequenos e ressentiu-se com profunda raiva contra um destino que destruía vidas que mal tinham começado. Mas não chorou da maneira usual. Tal como nos primeiros tempos na Irlanda, estava convencida de que a

morte levava a outro estado de existência. Novamente, viu a substância esfumada enrolar-se em espiral e flutuar para fora dos corpos dos seus filhos mortos até desaparecer da sua visão. O que revelava este fenómeno que apenas ela podia ver?

"Eu queria um método", disse ela, "através do qual pudesse seguir a jornada dessas energias em movimento para além do ponto que a minha visão não podia alcançar, e acompanhá-las até qualquer estado que ainda pudesse existir para elas, para além da minha compreensão atual. Comecei a ver através, para dentro e para além da forma densa. Tornei-me consciente de que o processo de crescimento na vida orgânica acontecia do exterior... Vi que a envolvência flutuante de todos os organismos vivos sustentava o organismo e a vida do seu próprio corpo físico, como se fosse um pulmão externo respiratório."

Ela diz que, nessa época, também começou a ver luz e cor ao redor das pessoas e que sentia os seus pensamentos manifestarem-se "como formas de luz, movendo-se em direção ao seu destino, de acordo com a força com que tinham sido projetados. Através dessas experiências, soube que os pensamentos eram coisas, revestidas de vida e poder próprios, assim que nasciam..."

Ansiava por alguém que pudesse compreender o que estava a ver. O seu marido continuava indiferente, e ela sabia que, se mencionasse as suas visões, isso apenas o convenceria ainda mais de que ela estava desequilibrada. Leu obras científicas, religiosas e filosóficas, mas nenhuma a ajudou a compreender como poderia ser duas pessoas diferentes ao mesmo tempo ou como poderia sair do seu corpo físico para se libertar da dor e da angústia. E qual era a explicação para um novo fenómeno – a sua capacidade de se retirar do seu próprio corpo, projetar-se para além de si mesma e depois olhar para si própria, ou seja, observar outro aspeto de si mesma?

Eileen tinha-se familiarizado com os poderes da envolvência desde criança e agora podia, à vontade e sem a ajuda de um espelho, ver as suas feições físicas, como os lábios e o nariz, simplesmente projetando a sua envolvência à sua frente. Este novo "eu" projetado

parecia ser uma extensão da envolvência que envolvia todos os seres. Quando as pessoas dormiam, ou estavam sob a influência do álcool ou de outras drogas que permitiam que a mente relaxasse, a sua envolvência desprendia-se da área imediata do corpo e movia-se para mais longe no espaço. Essas envolvências pareciam ter outra função importante: a proteção – proteção contra forças como o som, a luz e o movimento. A envolvência amortecia o impacto que essas forças poderiam infligir ao corpo, caso esse amortecimento não estivesse presente. Era também "um olho totalmente discernente que penetrava para além da visão ordinária do homem."

Paradoxalmente, a Irlanda, e todas as memórias de uma infância infeliz, pareciam conter a promessa de curar as feridas que um casamento infeliz e a morte de dois filhos pequenos tinham deixado. Assim, ela regressou para visitar aquele ambiente sombrio e, mesmo que a tia frágil, agora próxima da morte, ainda fosse implacável, havia mais uma vez o velho quarto, o jardim e a paisagem familiar para se refugiar. Mas sabia que era apenas um refúgio temporário, e que não havia como escapar à nova vida que tinha construído para si mesma em Londres.

Pouco depois, surgiu outra gravidez e a possibilidade de que um novo filho a revitalizasse, mas o bebé, outro menino, sobreviveu apenas algumas horas. Este período de tensão coincidiu com o aumento da acuidade das suas perceções estranhas. Ela conseguia ver coisas, como dizia, através dos ossos, ou seja, as sensações chegavam-lhe através dos pés, joelhos, dedos, nuca, tal como acontecia durante as suas aulas de música na escola. As vozes também lhe chegavam, não de maneira normal, através dos ouvidos, mas por outras partes do corpo que absorviam os sons. Isto era perceção clariaudiente – ouvir sem os ouvidos – assim como a perceção clarividente era ver sem os olhos. Não havia como resistir a essas experiências quando a possuíam, e ela ficava exausta e nauseada. Provavelmente, disse mais tarde, estas foram as suas primeiras tentativas de projeção telepática, mas não as compreendia quando ocorreram pela primeira vez e temia, na época, que a levassem à loucura.

Ela, portanto, pediu ao marido que a levasse a um novo psiquiatra que pudesse salvá-la da loucura, e juntos foram a um dos mais eminentes especialistas de Londres. Este grande médico ignorou a sua audição, visão e imaginação, e disse que o seu estado perturbado e comportamento irracional vinham de problemas sexuais, causados em parte pela inadequação sexual do marido. Desta vez, tanto o marido como a esposa concordaram que o psiquiatra tinha sido menos do que inútil. Esta foi a consulta que a desiludiu permanentemente quanto à eficácia da medicina e da psiquiatria, e que a levou a um estudo vitalício, à sua própria maneira, de uma variedade de outras terapias, em parte como um esforço para encontrar alívio da sensação de loucura iminente.

Ela procurou mais alívio tornando-se sócia de uma amiga num negócio de catering em Londres, e foi aqui que aplicou com sucesso, pela primeira vez, as suas competências organizacionais e culinárias. O trabalho extenuava-a e, por um tempo, pareceu ter afastado o stress emocional que a tinha levado aos psiquiatras. Mais tarde, confessou que talvez estivesse simplesmente demasiado cansada fisicamente para se preocupar, durante esse período, com vozes e visões.

A doença grave da sua tia na Irlanda interrompeu e, finalmente, pôs fim à sua atividade no catering. Ela regressou à Irlanda e esperou pela morte da tia e, quando esta chegou, voltou para Londres sem assistir ao funeral. Sentiu-se mais livre do que nunca, pois uma força elementar e maligna tinha saído da sua vida. "Quando a minha tia morreu", escreveu, "toda a confusão que ela tinha causado na minha vida desapareceu. Soube naquele momento que estava livre. A partir de então, por mais difícil que a vida se tornasse, eu estava sempre pronta para enfrentar cada nova situação antes que ela me atingisse, através de um certo conhecimento prévio do que estava reservado para mim."

O início da Primeira Guerra Mundial em 1914 pareceu salvar, por um curto período, o casamento moribundo de Eileen. O seu marido serviu no exército, tanto em casa como no continente, e parte da sua

nova emoção e sentido de propósito refletiu-se no casamento. Mas ele também continuou com a sua antiga amante, e Eileen sabia que a infidelidade dele não terminaria.

Estava novamente grávida, mas mesmo a perspetiva de um novo filho não a impeliu a salvar o casamento. Chamou à nova bebé Babette e, apesar dos apelos do marido e dos sogros, e apesar da recorrência das suas doenças respiratórias, terminou o casamento um ano depois do nascimento de Babette. "A minha mente saltou para um futuro dedicado à criação da minha filha e à construção de uma carreira própria. Uma parte de mim sempre soube que, um dia, teria de criar um lugar para mim no mundo."

Após o divórcio, regressou ao mundo dos negócios, tornando-se sócia num restaurante, mas deixou-o porque teve demasiado sucesso e exigia um tipo de negociação intensiva com fornecedores e outros comerciantes que lhe tirava o prazer do trabalho. Além disso, queria envolver-se mais diretamente no esforço de guerra, trabalhando com soldados.

Isto levou-a, em 1916, a abrir um albergue para oficiais feridos e convalescentes em Cartwright Gardens, perto da Estação de Euston. Era popular entre os cinquenta oficiais a quem fornecia alimentação, alojamento e instalações recreativas simples. O trabalho era extenuante, mas achou impossível separar-se das suas antigas visões; não havia como parar estas novas perceções.

Ela via imagens dos seus amigos num ecrã escuro, participando em eventos antes de estes acontecerem, e quando aconteciam era exatamente como ela os tinha visto. Via incêndios e explosões, e na manhã seguinte lia sobre esses acontecimentos nos jornais.

Numa das suas visões, viu um incidente horrível envolvendo um jovem oficial sensível e bonito, Garth Wilcox, que passava alguns dias no seu albergue para se recuperar de uma febre. Garth confessou que temia voltar ao serviço ativo, o que significaria França e as trincheiras.

Eileen confortou-o e deu-lhe a simpatia que ele não conseguia encontrar em mais lado nenhum. Quando a ordem inevitável e há muito esperada para se apresentar ao serviço chegou ao albergue, ele foi ter com Eileen e disse-lhe que não poderia partir e enfrentar a guerra em França e na Bélgica a menos que ela se casasse com ele.

Tinha apenas vinte e três anos, era mãe de uma filha de dois anos, sobrecarregada com as responsabilidades do albergue, gostava do jovem bonito, mas sem sentimentos profundos por ele. Mesmo assim, Eileen queria poupá-lo ao sofrimento para o qual ele estava condenado. "Tive uma sensação tão forte de que, se ele fosse, nunca voltaria; por isso, parecia-me um pequeno gesto casar-me com ele e dar-lhe esta breve felicidade. Assim o fiz", disse sobre o casamento, "e dei-lhe todo o sustento que pude ao construir uma fantasia sobre a vida alegre e feliz que teríamos quando ele voltasse da guerra. Eu sabia que ele nunca voltaria."

Um mês depois de ele partir, viu-o numa visão, sofrendo grandes agonias na frente de batalha. Procurou alívio numa festa com amigos, num jantar e dança no Hotel Savoy. A noite correu bem até às 23h30. Então, descreveu o que aconteceu a seguir:

"Quando saí da sala cheia de gente, a visão da morte do meu marido começou a abrir-se; por um momento, parecia que tinha perdido a minha própria identidade e estava presa no meio de uma terrível explosão. Vi este homem gentil, de cabelos dourados, ser despedaçado. Vi os pedaços caírem, nadei num mar de som. Quando recuperei a consciência, estava sentada no átrio do restaurante, sozinha. Sabia que o meu marido tinha sido morto. Recompus-me o suficiente para voltar à minha festa; tive medo de contar-lhes o que acabara de passar."

Uma semana depois, o Ministério da Guerra escreveu informando que o seu marido estava desaparecido e era agora presumido morto. Mais tarde, soube que ele tinha partido numa missão para cortar fios e nunca regressou.

Muito depois do fim da guerra, numa viagem pelo continente, parou no *Menin Gate*, em Ypres, e viu o nome dele entre os milhares de mortos ou desaparecidos na batalha mais dispendiosa da guerra. A sua visão da morte dele, como lhe surgira no Hotel Savoy, a centenas de quilómetros de Ypres, era o único registo dos seus últimos momentos.

Aqui estava novamente o seu grande, talvez terrível, dom da premonição. Temia este poder que indubitavelmente possuía, esta capacidade de ver o que estava prestes a acontecer às pessoas. Tal conhecimento era um fardo insuportável para uma mente que temia a loucura e para um corpo fraco, continuamente atormentado por doenças respiratórias.

Foi então que tropeçou na força da autossugestão e usou-a para bloquear os pensamentos que não queria enfrentar. Era um esforço deliberado da vontade, uma tentativa de regular não apenas um aspeto da sua mente e do seu eu, mas todos os seus níveis de consciência e personalidade.

Esta técnica permitiu-lhe reprimir, durante longos períodos, a dor e a doença, e também lhe possibilitou aceitar pessoas cuja companhia antes achava difícil.

O sucesso desta abordagem de auto-sugestão fez com que começasse a questionar se ainda conseguiria receber as antigas visões. Aprendeu rapidamente que, quando parava de dar ordens às suas duas mentes, as visões reapareciam, mas já não surgiam de maneira a perturbar a sua vida quotidiana.

Este foi um testemunho enfático do seu poder de controlar os seus pensamentos e estados de espírito, mas esta nova força deu-lhe uma atitude que intrigava os seus amigos.

Como podia ela, uma jovem viúva tão recentemente enlutada, ajustar-se tão facilmente à morte do marido e retomar a sua vida social e as festas?

Era quase vergonhoso, e Eileen, outrora respeitada como amiga compassiva, era agora vista como uma mulher fria e calculista.

Ela não se incomodou com os rumores, pois estava agora convencida de que a esquizofrenia, a loucura e todos os outros antigos rótulos não podiam prevalecer contra a sua nova força, e já não os temia.

"Sabia que a minha mente era normal para mim", disse.

Durante o ano seguinte, ela alcançou tal controlo sobre as suas "duas mentes" que a fadiga, que antes resultava do esforço, diminuiu consideravelmente. Também descobriu que as visões que lhe chegavam eram agora mais numerosas e mais variadas em termos de tema. Tinha menos visões sobre si própria, mas recebia mais sobre eventos passados, presentes e futuros na vida dos outros. Estas perceções por vezes surgiam de maneira aparentemente desordenada, mas, alguns dias depois, revelavam-se previsões precisas.

Eileen também aprendeu, nesta altura, que conseguia projetar-se na presença de pessoas distantes. Um amigo a trezentos quilómetros de distância, e outro que vivia a menos de vinte quilómetros do apartamento de Eileen em Londres, escreveram-lhe ao mesmo tempo a perguntar se estava bem, pois ambos tinham sentido que Eileen tinha estado perto deles, nas suas casas.

Anos mais tarde, ela explicou esta sensação de proximidade da seguinte forma: "Provavelmente, estava a pensar em ambos enquanto estava num estado passivo e, assim, um aspeto da minha mente moveu-se para os alcançar. Mais tarde, quando aprendi a usar a mecânica da perceção clarividente e da comunicação telepática, passei a projetar conscientemente esta segunda mente para o local ou pessoa que desejava alcançar."

Uma doença grave forçou Eileen a abandonar o albergue para oficiais antes do fim da guerra, mas, após alguns meses de descanso no campo, recuperou o suficiente para regressar a Londres e começar

a planear outro albergue, onde membros do Partido Trabalhista poderiam ficar quando estivessem longe de casa.

Ela precisava sempre de um estabelecimento – um negócio de catering, um albergue, uma casa de chá, uma revista, uma editora, uma fundação. Descobriu que a ociosidade era perigosa, pois era nesses períodos que amigos bem-intencionados a sobrecarregavam com os seus problemas, e ela precisava de disciplina para evitar que os seus dons a dominassem.

Enquanto terminava os planos para o seu albergue trabalhista, tirou uma tarde de folga para visitar James William Garrett, um velho amigo no norte de Londres, a quem os médicos tinham dito que teria de amputar uma perna para ter alguma hipótese de sobreviver.

Jim Garrett estava ainda mais deprimido por causa do recente rompimento do seu noivado. Eileen ajudou-o a superar a depressão e disse-lhe que, na sua opinião, não seria necessário amputar a perna. Incentivou-o a recusar a cirurgia que os médicos lhe recomendaram. Ele assim fez e, de forma notável, recuperou tanto a saúde física como a emocional e ficou tão impressionado com o aconselhamento e a terapia de Eileen que lhe pediu em casamento.

Mais uma vez, ela aceitou, apesar de nunca ter sentido por ele mais do que um afeto caloroso, mas não profundo. Eram tempos de guerra, e os casamentos eram frequentemente celebrados com a vaga sensação de que eram medidas temporárias.

Garrett foi mais um marido que queria que a esposa ficasse em casa e insistiu para que Eileen desistisse da ideia do albergue. A guerra terminou poucas semanas depois do casamento, e ele dizia que aquele era o momento para um lar tranquilo.

Ela respondeu que era membro da Fabian Society, que muitos dos seus amigos eram membros do Partido Trabalhista – o partido que seria tão importante no período pós-guerra – e que pretendia estar no centro dessa atividade.

O albergue foi bem-sucedido em atrair importantes políticos trabalhistas, mas Eileen ficou novamente desiludida ao observar que a política e o poder transformavam homens idealistas em conservadores e prudentes.

Mesmo assim, continuou o trabalho e encontrou algum alívio ao desabafar as suas desilusões com um homem mais velho e famoso, que partilhava a sua simpatia pelos objetivos originais do Partido Trabalhista. Esse homem era Edward Carpenter, então com quase setenta anos, conhecido internacionalmente por livros como *Towards Democracy*, *Civilization: Its Cause and Cure*, *The Art of Creation*, *Love's Coming of Age*, *The Drama of Love and Death*, *Towards Industrial Freedom* e *Pagan and Christian Creeds*.

Ele ficou fascinado por esta jovem irlandesa bonita, que possuía uma sensibilidade rara numa pessoa cujas habilidades executivas e administrativas também estavam tão bem desenvolvidas.

Eileen contou a Carpenter sobre a sua infância na Irlanda, as suas visões, as suas Crianças, o amor maior que sentia pelas árvores e pela natureza do que pelos homens.

Ele disse-lhe que essas experiências revelavam que ela fazia parte do que chamava de *Consciência Cósmica* e que essas visões lhe chegavam do universo, e não da sua imaginação.

Ela sofreu um choque traumático quando a tia e outros tentaram destruir, em vez de desenvolver, a sua capacidade de receber estas visões e de ouvir as vozes que às vezes as acompanhavam.

Felizmente, não conseguiram suprimir a sua perceção da cor numa gama muito além do espectro normal.

A sua capacidade de ver os gradientes de cor que envolviam as pessoas era um dom raro, e eram essas perceções profundas que perturbavam os outros e os levavam a chamá-la de bruxa louca.

Carpenter tornou-se o seu professor informal. Fez com que lesse alguns escritos de Madame Helena Blavatsky e Rudolf Steiner e disse-lhe para frequentar reuniões da Sociedade Filosófica, mas avisou-a para não se deixar "ser puxada" por ela ou por qualquer outra seita, culto ou religião.

Annie Besant e outros teosofistas tentaram atraí-lo, disse, mas ele resistiu porque tinha o seu próprio Deus, assim como Eileen tinha o dela.

Ele gostava do seu ceticismo, combinado com simpatia e compreensão por todas as religiões organizadas, e disse-lhe para estudar Emerson, Spinoza e *O Ramo de Ouro* de Frazer, juntamente com os *Upanishads* e o *Mahabharata* da Índia.

Depois disso, deveria voltar à Bíblia dos seus dias na Irlanda.

Por fim, deu-lhe uma compreensão verdadeira do seu amigo Walt Whitman.

Carpenter, que tinha visitado Whitman na América, considerava o poeta um dos grandes videntes do mundo moderno e o homem cuja filosofia de viver uma vida simples, em sintonia com a natureza, faria dele o génio supremo da ideia americana.

Falou-lhe sobre sexo e comportamento sexual no ser humano de forma fácil e natural, numa época em que o sexo era praticamente um tabu, exceto nas escolas de medicina.

Deu-lhe vários livros que discutiam aspetos do comportamento sexual, e provavelmente foi o homem mais responsável por incutir nela aquela compreensão ao longo da vida – que alguns homens e mulheres chamariam de uma tolerância excessiva – em relação aos tipos e comportamentos homossexuais.

"Ele queria que eu me tornasse consciente", explicou ela, "de que todos aqueles que possuíam estas sensibilidades especiais combinavam, na sua natureza, qualidades do masculino e do feminino;

desta forma, ele levou-me a compreender que as variações nos tipos sexuais, como o bissexual e o homossexual, não deviam ser desprezadas. Ele interpretava-as como passos da natureza para uma forma última e mais elevada da humanidade."

Ela estudou com Carpenter durante dois anos, visitando-o frequentemente na sua casa de campo em Millthorpe, Derbyshire, onde ele recebia devotos da sua filosofia de vida simples vindos de todo o mundo.

Para Eileen, esses anos foram o equivalente a uma educação universitária, e muito mais valiosos do que qualquer curso académico poderia ter sido.

Os seus estudos com Carpenter foram o mais próximo que alguma vez esteve de uma educação formal.

Ele foi o professor e guia venerado, mas informal, e sob a sua direção, ela explorou toda a gama do conhecimento humano.

Esta mulher bonita, bon vivant e astuta administradora, dificilmente sugeria uma estudante de filosofia oriental, Emerson, Walt Whitman e as então pouco ortodoxas visões de Edward Carpenter sobre o sexo.

No entanto, tal era a sua admiração por este homem, que se tornou facilmente sua aluna entusiasta.

É importante lembrar que ela deixou a escola na Irlanda aos dezasseis anos, e que o seu sotaque culto, o seu imenso conhecimento e a sua facilidade com poetas, estudiosos e cientistas vieram da autodidática (à maneira do seu compatriota irlandês George Bernard Shaw) e dos métodos de ensino informais de Edward Carpenter.

"Tudo o que possa dizer sobre ele", escreveu após a sua morte em 1929, "parece inadequado para expressar a minha profunda dívida para com um dos maiores espíritos do mundo moderno."

Durante esse período, a sua jovem filha, Babette, adoeceu gravemente com tosse convulsa e pneumonia. O médico não tinha certezas sobre a recuperação da criança e disse ao marido de Eileen, Jim Garrett, e à enfermeira, numa conversa que a mãe ouviu por acaso, que o período mais crítico da doença poderia ocorrer por volta das duas da manhã. A criança poderia morrer a essa hora, e o médico queria ser chamado sem demora, não apenas para fazer tudo o que pudesse por Babette, mas também para cuidar de Eileen, que certamente colapsaria se o pior acontecesse.

Eileen ficou furiosa com todos eles, recusando-se a aceitar esse destino, e decidiu tentar salvar a filha à sua própria maneira. Pegou em Babette no berço, insuflou ar na sua boca e tentou transmitir-lhe um pouco da sua própria vitalidade maternal enquanto a segurava nos braços. No meio dos seus esforços, ouviu uma voz dizer: **"Tem cuidado! Ela precisa de mais ar. Abre as janelas e deixa entrar uma corrente de ar fresco no quarto."** Seguiu as instruções sem questionar quem lhe falava ou sentir medo da forte brisa que começou a soprar pela janela aberta.

"Um momento depois," recordou, *"vi o contorno de uma figura encostada à cama, um homem baixo e ágil, mas com o rosto virado para o outro lado. Estava demasiado petrificada para o observar com atenção. Apesar dos meus membros tremerem, sabia que tinha de me aproximar da cama e deitar a criança de novo. Ao fazê-lo, apercebi-me de que esse homem, vestido com roupas cinzentas, estava ao meu lado, sorrindo de forma simpática e gentil. A sua presença tranquilizou-me; o medo desapareceu e soube que ele viera para me ajudar a salvar a criança."*

Sentou-se ao lado da cama de Babette durante mais de uma hora, num estado de semi-sonho, até ouvir fortes batidas na porta. Levantou-se para destrancá-la e, para dentro do quarto, entraram o marido, a enfermeira e outros membros da casa, com rostos pesarosos, certos de que a criança tinha morrido. Mas o bebé dormia profundamente e, em poucos dias, recuperaria completamente.

Foi uma vitória: a dádiva da vida tinha sido conquistada, não graças aos esforços de um médico ou de um investigador, mas pela visão e pela voz de um estranho que ninguém mais viu ou conheceu. Recordou então as suas experiências anteriores com visões, as verdades e as profecias que já tinham sido cumpridas. Sabia agora que precisava de procurar respostas para a origem e a natureza dessas visões de forma mais organizada.

SEVEN

Certo dia, um homem no hostel de trabalhadores disse a Eileen que ela possuía poderes mediúnicos ainda não desenvolvidos. Estava certo disso porque ele próprio era clarividente. Observando-a no seu trabalho e ouvindo-a falar, estava convencido de que Eileen possuía os dons da clarividência, da clariaudiência, da cura e da psicometria.

Ela pediu-lhe que explicasse melhor, e ele fez um breve resumo das crenças espiritualistas – daqueles que acreditam que os mortos e os vivos podem comunicar entre si. Contou-lhe que era capaz de falar com a filha falecida.

Apesar das suas próprias experiências de clarividência, Eileen era cética. Pediu ao homem que fizesse uma demonstração dessa comunicação, e ele começou a falar com uma presença invisível, que insistia ser a sua filha.

Eileen observou e ouviu com pena, convencida de que ele era um homem perturbado, embora inofensivo. Queria afastar-se dele educadamente para continuar o seu trabalho no hostel, mas ele insistiu para que segurasse o seu relógio.

"Diz-me o que sentes com isto," pediu, colocando o relógio na mão dela.

Eileen pensou que se tratava de um jogo e, a brincar, disse o que lhe veio à mente: falou de um filho que o homem talvez tivesse – ou não – e que, em todo o caso, ela nunca tinha conhecido, mas que passara por diversas aventuras.

O homem ficou impressionado e confirmou que tinha, de facto, um filho, acrescentando que Eileen acabara de revelar muitas verdades difíceis sobre ele. Afirmou que ela possuía poderes psicométricos – uma capacidade sobrenatural de obter conhecimento sobre uma pessoa e a sua vida através do contacto com um objeto que lhe pertenceu.

Eileen devolveu o relógio e, agora curiosa, pediu ao homem que lhe falasse mais sobre a comunicação entre os vivos e os mortos. Ele voltou a falar da filha, explicando que ela apenas mudara de plano de existência. Com uma confiança inabalável, afirmou que a filha ainda tinha os mesmos desejos e emoções que tivera em vida, mas agora habitava um outro plano.

Eileen não acreditava em nada daquilo, mas, enquanto ele falava, lembrou-se das suas próprias experiências com a morte na infância. Vira pessoas, animais e pássaros morrerem e, nesses momentos, parecera-lhe perceber algo a erguer-se dos seus corpos, como uma transformação para uma possível nova vida.

Queria explorar mais a fundo essa possibilidade e, por isso, aceitou o convite do homem para assistir a uma reunião espiritualista em Londres.

Na sua primeira autobiografia, descreveu a desilusão que sentiu ao assistir àquela sessão no *London Spiritualist Alliance*.

No palco estava uma clarividente que olhava para a audiência – cerca de cem pessoas, três quartos delas mulheres – e anunciava que tinha mensagens de entes queridos falecidos.

Eileen ouviu com grande expectativa. Tinha tido visões dos mortos e nunca as conseguira explicar, mas agora, ali, talvez obtivesse uma *"revelação profunda e aterradora."*

O início foi impressionante pelo silêncio absoluto. Então, a voz da clarividente ecoou pela sala:

"Para a senhora no fundo da sala, com o grande chapéu preto: vejo um homem idoso, de barba grisalha e olhos azuis. Poderia ser o seu pai?"

"Sim," respondeu a mulher.

"O nome dele poderia ser John? Vejo uma grande letra 'J' – ou talvez James."

"Está certa," confirmou a mulher.

A clarividente então transmitiu a mensagem:

"Ele diz que está preocupada com mudanças que vão melhorar no final do mês. Reconhece isso?"

"Sim. Encaixa perfeitamente."

Eileen não ficou convencida. Esperava ver uma aparição ou pelo menos uma manifestação tangível de um espírito. Mas em vez disso, via apenas uma mulher no palco a afirmar que via um morto e outra na audiência que acreditava ser o pai dela.

A clarividente então chamou por "Alice". Três mulheres responderam.

"Não, é a Alice da fila da frente," corrigiu.

Depois continuou:

"A tua mãe está aqui. Está a chamar-te."

A jovem Alice perguntou, entusiasmada, por mais detalhes.

"A tua mãe diz que está feliz e que não voltaria para este mundo por nada, mas pede-te que continues e cuides do pai e da casa."

As mensagens continuaram, cheias de conselhos triviais sobre a vida doméstica.

Após a reunião, ao tomar chá com os presentes, Eileen ouviu uma mulher dizer:

"Não venho a mais reuniões. Nunca recebo mensagens de ninguém."

"Ah, mas a minha foi maravilhosa!" disse outra. "Soube que era o Eric porque descreveu o porta-retratos que o pai lhe deu antes da guerra."

Alice, da fila da frente, exclamava emocionada sobre a comunicação com a mãe.

Para Eileen, aquilo fora um espetáculo medíocre. Anos mais tarde, depois de um longo treino em mediunidade de transe e clarividência, alcançaria um poder semelhante. Mas, naquela noite, aprendeu mais sobre a infinita credulidade humana e a solidão das pessoas do que sobre espiritualismo.

Em 1948, quando eu era editor-chefe da revista *Tomorrow* de Eileen e ela ocasionalmente aceitava convites para falar sobre mediunidade, recordo um episódio em que ela própria "recebeu" uma mensagem de um marido falecido para a sua viúva, numa audiência que estava a endereçar.

Acompanhei-a, certa noite, a uma reunião no *Wendell Wilkie Hall*, na *West Fortieth Street*, e ouvi, com atenção absoluta, juntamente com os restantes homens e mulheres presentes, enquanto ela falava sobre mediunidade e sobre as inúmeras tentativas feitas por cientistas para compreender por que razão se comportava daquela forma.

Durante o período de perguntas, no final do discurso, uma jovem sentada no fundo da sala ergueu a voz:

"Sra. Garrett, pode ajudar-me? Perdi o meu marido há cinco meses e sinto-me terrivelmente sozinha. Não consigo continuar sem ele. Sinto que ele precisa de mim e que tenho de ir ter com ele. Ele

está a sofrer, e eu não consigo suportar mais esta dor. Pode ajudar-me?"

"Querida," respondeu a Sra. Garrett com ternura e firmeza, "o teu marido está bem. Ele está feliz onde está. Está contigo agora, sentado ao teu lado, e quer que continues o teu caminho, como tens feito e como deves continuar a fazer. Ele diz que está feliz e que não está a sofrer. Agora, querida, não te preocupes mais com ele."

Após a reunião, a viúva apressou-se a ir até à frente para agradecer à Sra. Garrett e dizer-lhe o quanto se sentia aliviada, como se tivesse sentido a presença do marido ao seu lado.

Mais tarde, ao tomarmos café no *Algonquin Hotel*, perguntei à Sra. Garrett porque se afastara da sua abordagem mais científica para confortar aquela mulher. Ela respondeu-me simplesmente:

"Oh, pobre rapariga. Estava tão infeliz… e eu sabia que bastava tão pouco para a ajudar."

O primeiro encontro de Eileen com o espiritualismo em Londres deixou-a chocada e intrigada.

"Seria possível," perguntou-se, *"que tudo o que eu tinha compreendido sobre a libertação e purificação após a morte pudesse ser reduzido a um nível tão banal?"*

Mesmo assim, surpreendeu-se a si própria ao voltar no dia seguinte e a inscrever-se como membro da *London Spiritualist Alliance*.

Sim, o ambiente era banal, pobre e até explorador das pessoas solitárias e vulneráveis. Mas, de alguma forma, sentia que em algum momento, alguém ali poderia dar-lhe uma pista – uma explicação para as suas próprias visões e encontros com os mortos que vinham até ela e com quem falava.

A secretária da *Alliance*, Miss Mercy Phillimore, era uma mulher articulada e atraente (agora, aos oitenta e oito anos, vivia no condado de Hampshire) e tornou-se uma grande amiga de Eileen. Mercy ficou intrigada com o interesse de Eileen em juntar-se ao grupo. Nunca tinham tido uma membro tão fascinante e glamorosa.

Achou melhor apresentá-la a cinco membros que estavam a formar um grupo de estudo dentro da sociedade. O grupo exigiria leituras aprofundadas e encontros regulares para discutir questões relacionadas com o espiritualismo.

O grupo de seis mulheres reunia-se uma vez por semana, numa sala escura, na sede da *Alliance* em *South Kensington*.

Após a cerimónia de abertura e a recitação do Pai Nosso, todas colocavam as pontas dos dedos sobre uma mesa e alegadamente recebiam mensagens dos mortos, transmitidas através de batidas no chão pelo pé da mesa, letra por letra.

A cada encontro, semana após semana, as mensagens chegavam com crescente rapidez.

Eileen começou a tentar os mesmos experimentos em casa, com o seu marido cético, mas bem-humorado, e alguns amigos – e obteve resultados surpreendentes.

Numa dessas sessões caseiras, o primo do seu marido perguntou ao espírito invisível onde tinha nascido. Ele próprio não sabia os detalhes exatos, mas a mensagem veio com o nome da rua e o número da casa. Quando verificaram a informação, perceberam que era correta.

Na terceira reunião do grupo de estudo, algo inesperado aconteceu.

Pouco depois do encontro começar, Eileen sentiu-se sonolenta e não conseguiu resistir ao impulso de cair num estado que parecia um sono profundo.

Acordou uma hora depois, enjoada e tonta. As mulheres do grupo, incluindo a sua amiga Mercy, abanavam-na, tentando trazê-la de volta do transe em que caíra tão repentinamente.

O grupo estava visivelmente alarmado: enquanto Eileen dormia, uma voz estranha falara através da sua boca, transmitindo mensagens de amigos e parentes falecidos de várias participantes – pessoas que Eileen não conhecia.

Totalmente inconsciente de ter adormecido ou falado, Eileen não se lembrava de nada. Mas ficou tão assustada quanto as outras mulheres e contou o episódio ao seu marido.

Sempre cético e agora zangado com as *extravagâncias psíquicas* da esposa, Jim Garrett ordenou-lhe que deixasse a *Alliance*, abandonasse as reuniões semanais e esquecesse aquela *parvoíce assustadora*.

Eileen ficou aliviada por obedecer e tentou esquecer tudo sobre o mundo do espiritualismo e da mediunidade.

Mas Mercy Phillimore reacendeu a sua curiosidade ao telefonar-lhe para dizer que ela tinha de descobrir o que lhe acontecera.

Nenhuma das mulheres no grupo de estudo, nem ninguém na *Alliance*, conseguia explicar o fenómeno. Mas era, sem dúvida, um acontecimento importante, e seria um erro não investigar o seu significado.

Por que razão apenas Eileen tinha adormecido? Como surgiram mensagens tão precisas sobre pessoas falecidas, através dela?

Mercy disse que conhecia um homem em *Lambeth, sul de Londres* – um suíço chamado Huhnli – que possuía vastos conhecimentos sobre comportamento humano anómalo. Talvez ele pudesse explicar por que razão Eileen era diferente das outras pessoas e porque agia sem qualquer controlo consciente sobre si própria.

Eileen visitou Huhnli e encontrou um homem gentil e despretensioso.

Ele já sabia alguma coisa sobre ela, através da carta que Mercy lhe escrevera, mas pediu-lhe que lhe contasse, na primeira pessoa, o que acontecera durante a reunião do grupo de estudo.

Enquanto falava, sentada à frente dele, Eileen voltou a sentir-se sonolenta e, mais uma vez, caiu num sono profundo.

Ao acordar, viu Huhnli a observá-la, com um olhar calmo e interessado.

Disse-lhe tranquilamente:

"Entraste em transe. E enquanto estavas nesse estado, revelaste possuir poderes mediúnicos."

Eileen ficou perplexa. Nunca ouvira o termo *transe* e pediu-lhe que explicasse o que significava.

Huhnli explicou que o transe era um estado semelhante ao sono, em que a mente se relaxava tanto que a consciência normal desaparecia.

Durante esse período, a personalidade de outro ser tomava temporariamente o controlador do corpo do médium, usando-o como um canal para projetar pensamentos, responder a perguntas e transmitir mensagens.

"Foi isso que aconteceu contigo," continuou Huhnli. "Falei com a entidade que te controlava enquanto parecias dormir. Ele é um homem de inteligência invulgar, que declara ser um oriental. Diz que deseja realizar um trabalho sério para provar a validade da teoria da sobrevivência da alma. Ele dá o nome de Uvani."

Aquele primeiro encontro com Huhnli foi uma experiência devastadora. Eileen deixou-o rapidamente, sem mais discussão sobre transes e mediunidade. Sozinha no táxi a caminho de casa, lutou

contra a aceitação do que Huhnli lhe tinha dito. Recusava-se a acreditar que tinha estado em transe e que um estranho homem oriental tinha invadido a sua consciência. Perdeu pouco tempo a contar ao marido tudo o que acontecera e teve de concordar quando ele lhe disse que, se o que Huhnli dizia dela era verdade e não um disparate, então ela devia estar louca. Não conseguia livrar-se da sensação de que podia haver outra pessoa dentro dela. Era aterrador.

"Durante semanas," disse ela, "nunca dormi sem uma luz acesa no meu quarto e perguntava-me constantemente se este Uvani via e ouvia tudo o que eu fazia na minha vida diária. Também me perguntava se este oriental não seria apenas fruto da minha imaginação; mal podia acreditar que o tivesse 'inventado', já que não tinha qualquer interesse especial pelos orientais."

Questionava-se se este homem a acompanhava para todo o lado e conhecia os seus comportamentos mais íntimos. Seria ela uma mulher que nunca mais conheceria a privacidade?

Voltou a Huhnli com estas questões, e ele assegurou-lhe que Uvani não era um espião e não tinha qualquer interesse no seu comportamento privado. Ele tinha-a encontrado por razões próprias, e ela era a pessoa, o médium, a mulher sensitiva através de quem ele poderia, de tempos a tempos, transmitir a sua sabedoria ao mundo, bem como a indivíduos em sofrimento. Além disso, disse Huhnli, Uvani não poderia falar através dela a menos que ela estivesse preparada para ele, e essa preparação exigia que estivesse em estado de transe.

Ela perguntou então se poderia resistir a entrar em transe. Huhnli disse que isso poderia não ser possível e que, em qualquer caso, se ela conseguisse resistir ao transe, estaria a pôr em risco a sua saúde. Pois o objetivo de Uvani era provar a sobrevivência da personalidade humana após a morte do corpo, e ela, Eileen Garrett, era essencial para esse propósito. Ele, Uvani, representava assim uma força que só poderia ser resistida com um esforço tão grande que imporia uma tensão capaz de provocar doença.

Eileen duvidava desta explicação, mas tinha tal consideração pela gentileza e evidente honestidade de Huhnli que acedeu quando ele lhe perguntou se poderia questionar Uvani quando ele aparecesse novamente. Desta forma, disse Huhnli, poderia ele próprio exercer algum controlo sobre Uvani e compreendê-lo melhor, talvez até treiná-lo para que aparecesse de forma menos surpreendente e trabalhasse mais harmoniosamente com o seu organismo, como ele lhe chamava ─ ou seja, Eileen Garrett.

Eileen acabou por se convencer de que era aquilo que Huhnli e outros especialistas chamavam de médium mental.

Jim Garrett soube, consternado, da recusa da esposa em obedecer às suas ordens, e Eileen, por sua vez ─ agora convencida de que possuía certos poderes sobrenaturais e desejando saber mais sobre eles ─ sentiu que não tinha outra escolha senão investigar esses poderes mais a fundo, mesmo que isso colocasse em risco o seu casamento. Desafiou ainda mais Jim ao dizer-lhe que não iria a um psiquiatra, pois não acreditava, como ele, que estivesse em grave perigo e precisasse de psicoterapia.

O marido e os amigos estavam certos de que essa atitude fazia parte da sua doença mental e contemplaram formas de a obrigar, para seu próprio bem, a submeter-se a observação psiquiátrica num hospital para doentes mentais. O plano estava repleto de dificuldades e acabaram por desistir dele.

Eileen, entretanto, preparava-se para se dedicar totalmente à investigação desses poderes e, por isso, fechou o seu hostel de trabalhadores, enviou a filha para uma escola fora de Londres e ficou satisfeita quando Jim teve de partir nessa altura para uma longa estadia no continente. Estava livre, como queria estar, mas, antes de poder iniciar as suas novas investigações, adoeceu gravemente com hemorragias pulmonares e teve de permanecer na cama durante semanas.

Enquanto recuperava, revisitou os acontecimentos surpreendentes dos últimos meses e chegou à conclusão de que provavelmente havia uma grande dose de fantasia em tudo o que tinha sido dito sobre os seus poderes. Afinal, era apenas Huhnli, um só homem, embora bem-intencionado e honesto, que fizera aquele diagnóstico sobre a sua mediunidade. Ele podia estar enganado, pois havia tanto que não sabia sobre ela.

Não sabia dos incidentes da infância em que ela se refugiava da dor do castigo projetando uma parte da sua consciência para outra esfera onde não havia dor. Lembrava-se da tia a repreendê-la por alguma infração, via os lábios da tia a moverem-se enquanto falava com grande raiva e, no entanto, não ouvia uma única palavra do que era dito. Poderia o estado em que entrava nesses dias estar relacionado com o estado de transe do presente, no qual Uvani aparecia e falava através dela?

E aquelas terríveis surras, castigos físicos da infância ─ poderia ter sido o estado de transe que a protegia da dor?

(Esta capacidade de ignorar a dor persistiu ao longo da sua vida. Apesar de sofrer dores intensas devido à osteoartrite durante os seus últimos dez anos, demonstrou uma capacidade invulgar de suportar esse sofrimento, e apenas no fim, nos últimos dois ou três anos, o velho truque deixou de funcionar. Acabou por recorrer a alguns medicamentos não narcóticos, mas, para espanto dos seus médicos, usava-os com parcimónia. Duas semanas antes de morrer, a 15 de setembro de 1970, participou em todas as sessões da conferência internacional de três dias da Parapsychology Foundation, e apenas durante os intervalos para almoço consentiu receber uma injeção de um fármaco.)

Também tinha sofrido do que os médicos chamavam de amnésia nos primeiros tempos do seu casamento com Clive Barry e durante o período em que os seus filhos morreram na infância. Mas agora compreendia, após as discussões com Huhnli, que isso não era

amnésia, mas a mesma técnica de fuga que se tinha revelado eficaz na Irlanda.

"Esta nova perspetiva," escreveu, "sobre a técnica de fuga que desenvolvi e continuei a usar toda a minha vida, para evitar tanto a dor como o sofrimento, pode muito bem ter preparado o caminho para o desenvolvimento posterior deste estado de transe que agora se apoderou de mim."

OITO

Uma mulher esbelta, de vinte e quatro anos, com um ar algo sensual, cabelos escuros, olhos penetrantes e uma expressão cheia tanto de autoridade como de compaixão, Eileen levava uma vida social ativa. Havia festas e serões prolongados, atividades bem afastadas das suas investigações privadas sobre os elementos psíquicos que tinha descoberto em si mesma.

A sua filha de quatro anos, Babette, ou Babs, como lhe chamava, era cuidada por criados, exceto quando estava doente. Havia um lar e havia o casamento com Jim Garrett, pelo qual sentia afeição, mas pouco mais. Isso não interferia com a sua vida social, profissional ou de negócios, e, claro, ele não estava de forma alguma envolvido nas suas aventuras psíquicas, que via como flertes com a loucura.

Eileen gostava assim; na verdade, não conseguiria funcionar de outra forma. Nunca poderia submergir-se ou encontrar completo calor, conforto e deleite nos cuidados da casa, dos filhos, dos vizinhos e dos assuntos da comunidade, e durante toda a vida evitou tais atividades. Sabia que o seu estilo de vida era anormal para uma mulher e dizia-me

frequentemente que deveria estar em casa, rodeada de muitos filhos, a lavar, cozinhar e costurar, mas achava isso impossível. O mundo do conhecimento, os mistérios da vida, as ideias, o carácter humano atraíam-na sempre mais do que a felicidade doméstica, e foram essas forças que a levaram à publicação, à investigação psíquica, à mediunidade e à escrita.

Jim Garrett sabia disso e o divórcio era inevitável. Poderia haver amantes nos anos seguintes, mas nunca voltaria a casar. Haveria apenas uma criança, a sua filha, Babs, e ela garantiria sempre o seu sustento.

A experiência assustadora com as senhoras do grupo de estudo espírita, os encontros subsequentes com Huhnli e a descoberta de Uvani continuavam a deixá-la perplexa, e ela procurava formas de escapar a tudo aquilo. Talvez devesse ir para outro país e começar uma nova carreira, longe tanto dos irlandeses como dos britânicos. Continuava ambivalente em relação aos seus alegados poderes psíquicos e mediúnicos, por vezes reconhecendo em si forças que outras pessoas com vidas menores não tinham, mas noutras ocasiões convencendo-se de que tais forças não existiam e que era apenas uma mulher demasiado imaginativa e sensível, que desde a infância aprendera o truque de mudar de personalidade por um tempo.

Sabia que também era uma mulher irlandesa muito prática e sensível, que estava a envelhecer, que gostava de gerir o seu próprio negócio, que sabia lidar com uma equipa e que queria construir uma carreira que utilizasse as suas capacidades práticas e lhe permitisse entregar-se ao seu próprio tipo especial de rebeldia com as pessoas que a atraíam.

De repente, decidiu que precisava de um novo começo e contemplou uma viagem à Austrália. Os desenvolvimentos psíquicos e este estranho na sua vida, este Uvani, que falava com os mortos e sabia tantos segredos sobre os vivos – bem, era tudo demasiado para suportar e estava na altura de tentar afastar-se disso. A Austrália

parecia suficientemente distante e convidativa para o novo começo de que precisava.

Mas Mercy Phillimore dissuadiu-a, lembrando-lhe a sua obrigação para com a investigação psíquica. Era em Inglaterra que estavam a acontecer as coisas mais importantes na investigação psíquica, disse ela. Descobertas maiores estavam prestes a ser feitas nesse campo e Eileen poderia ajudar e fazer parte desta grande aventura. A Austrália não tinha trabalhadores psíquicos e ninguém lá poderia responder às suas perguntas sobre aquelas forças dentro dela, das quais, de qualquer maneira, não conseguiria escapar.

Era uma pena, continuou Mercy, que Eileen tivesse deixado de frequentar o Sr. Huhnli, um investigador e professor muito respeitado, mas seria ainda mais desastroso para a sua carreira se fugisse agora de Londres, pois os seus dons tinham chamado a atenção da médium de longa data e altamente respeitada, Gladys Osborn Leonard.

O controlador de Mrs. Leonard, Feda, não era muito diferente de Uvani de Eileen, e ela dissera a Mercy que queria conhecer Eileen Garrett e ajudá-la a regressar à investigação psíquica e ao espiritualismo.

Eileen finalmente aceitou encontrar-se com outra mulher da área, Mrs. Kelway Bamber.

Mrs. Bamber, uma espiritualista, era uma médium por mérito próprio que vivera na Índia e tinha um interesse e conhecimento especiais sobre religiões e filosofias orientais. Em toda Londres, as pessoas da área falavam de Mrs. Bamber com respeito, como uma das verdadeiras estudiosas do paranormal. A resistência de Eileen dissipou-se rapidamente, claro, e a Austrália não voltou a ser mencionada, pois havia emoção suficiente em Londres.

No seu primeiro encontro com Mrs. Bamber, Eileen ficou impressionada com a sua eloquência sobre fenómenos psíquicos e

com a força que irradiava. Durante essa sessão, Eileen entrou em transe, após o qual Mrs. Bamber conversou com Uvani.

Nas sessões seguintes, Mrs. Bamber deu instruções a Eileen sobre como usar os seus poderes mediúnicos de forma mais eficaz, sendo uma professora particularmente boa devido ao seu estudo das filosofias orientais e à abordagem dos orientais ao comportamento paranormal.

Mrs. Bamber ficou contente por apresentar esta nova e jovem sensitiva atraente a outros espiritualistas de renome em Londres, e muitos deles realizaram experiências com ela em transe. Uvani manifestou-se para todos eles, e todos ficaram convencidos de que ele era um novo controlador que oferecia provas impressionantes de que a personalidade humana sobrevive à morte e pode comunicar com os vivos.

Esse era o princípio fundamental do espiritualismo, mas, embora Eileen trabalhasse de perto com os espiritualistas nesses primeiros dias em Londres e encontrasse em algumas pessoas do movimento companheiros estimulantes e amigos calorosos, ela sentia-se incomodada – como aconteceu ao longo da sua vida – com essa crença central.

De alguma forma, conseguia explicar o seu próprio comportamento irracional de maneira racional, mas os mortos a falarem com os vivos parecia-lhe algo além da razão, um insulto à razão.

Deve notar-se aqui que a visão dos espiritualistas diferia da dos investigadores psíquicos da mais respeitável e mais "científica" Sociedade para a Pesquisa Psíquica, fundada em Londres em 1882 por um distinto grupo de figuras públicas e académicos, muitos deles da Universidade de Cambridge.

Ainda hoje, é a organização mais respeitável na área, e os seus fundadores e presidentes anteriores incluem Arthur Balfour, Henry e

Eleanor Sidgwick, o poeta F. W. H. Myers, William James e Henri Bergson.

É importante notar como os objetivos da Sociedade, definidos abaixo, diferiam dos objetivos dos espiritualistas, que procuravam, acima de tudo, a comunicação com os mortos. Os objetivos da Sociedade eram os seguintes:

Um exame da natureza e extensão de qualquer influência que possa ser exercida por uma mente sobre outra, para além de qualquer modo de perceção geralmente reconhecido. O estudo do hipnotismo e das formas do chamado transe, com toda a sua alegada insensibilidade à dor; clarividência e outros fenómenos associados.

Uma revisão crítica das pesquisas de Reichenbach sobre certos organismos chamados "sensitivos", e um inquérito para determinar se tais organismos possuem algum poder de perceção além de uma sensibilidade altamente exaltada dos órgãos sensoriais reconhecidos.

Uma investigação cuidadosa de quaisquer relatos, baseados em testemunhos sólidos, sobre aparições no momento da morte, ou noutras circunstâncias, incluindo perturbações em casas consideradas assombradas.

Um inquérito sobre vários fenómenos físicos vulgarmente chamados "espiritualistas", com uma tentativa de descobrir as suas causas e leis gerais.

A recolha e organização de vários materiais relevantes para a história destes temas.

Esses objetivos estavam mais próximos dos de Eileen, mas, em 1922, ela era demasiado inexperiente na área para resistir às ofertas e à atividade muito mais intensa dos espiritualistas.

Nessa época, era um dos melhores sujeitos de estudo para eles, numa altura em que a maioria dos médiuns tinha talentos duvidosos e métodos suspeitos.

Além disso, esta mulher atraente trouxe uma vivacidade até então desconhecida para a investigação e experimentação espiritualista.

ma das espiritualistas que procurou esta jovem médium atraente foi a Sra. James Hewat McKenzie, que, juntamente com o marido, fundara e agora dirigia o *British College of Psychic Science*, em abril de 1920. No primeiro encontro, a Sra. McKenzie reconheceu grandes possibilidades em Eileen e sugeriu que ela conhecesse o seu marido.

Eileen sentiu-se lisonjeada, pois sabia que McKenzie era uma autoridade mundial de renome em espiritualismo e fenómenos psíquicos. Era uma rara oportunidade de conhecer e depois trabalhar com um grande professor, apesar do facto de ele ser um espiritualista intransigente, cujas crenças fundamentais ela nunca poderia aceitar completamente.

Ele era muito diferente dos homens atraentes que ela tanto gostava; um escocês atarracado e sisudo, sem humor, colidia com o seu estilo cintilante. Apenas os mais perspicazes poderiam entender como conseguiram dar-se tão bem durante tantos anos ─ a majestosa Eileen e o tirânico McKenzie.

Ainda assim, foi a este homem que ela dedicou *Telepathy: In Search of a Lost Faculty*:

"Em memória afetuosa de James Hewat McKenzie, de cuja infalível simpatia e grande compreensão retirei a força necessária para continuar a minha própria investigação."

McKenzie era um escocês nascido em Edimburgo, enérgico, exigente, dominador e autodidata, que fugira para Londres em jovem após achar impossível trabalhar sob o comando do seu pai ditatorial na próspera fábrica de aço e ferramentas da família.

Durante a Primeira Guerra Mundial e no período pós-guerra, quando estava na casa dos quarenta anos, McKenzie, engenhoso e com inclinação para a mecânica, teve sucesso em cada um dos muitos negócios ─ joalharia, equipamento de salvamento aeronáutico,

fornecimento de canalizações, equipamentos de cozinha e madeira ─ em que se envolveu.

Especialista em ganhar dinheiro, este homem astuto e aparentemente completamente pragmático, pai de três filhos, tinha inclinações e crenças menos práticas que as igrejas estabelecidas não encorajavam nem desenvolviam.

Frequentara as igrejas Presbiteriana e Metodista, mas desiludiu-se com a sua ineficácia, especialmente durante os anos da guerra, quando, na sua opinião, falharam em trazer verdadeiro consolo às famílias que perderam filhos e maridos no campo de batalha.

As mortes destes homens seriam vazias de sentido, a menos que se encontrasse um novo significado para a própria morte.

Tão determinado quanto era nos negócios, McKenzie também tinha uma espécie de compaixão austera para com todas as pessoas, num sentido quase do *Antigo Testamento*.

Participava e fazia doações substanciais a diversas atividades de assistência social, incluindo o *Adult School Movement*, talvez porque sempre fora sensível à sua escassa educação formal.

As suas tendências espiritualistas tornaram-se mais evidentes em 1900, quando, numa reunião da *Adult School*, conheceu um artista, um imigrante de língua italiana vindo dos Estados Unidos, a quem encomendou alguns desenhos.

Era a forma de McKenzie ajudar o homem a estabelecer-se em Inglaterra, pois não precisava urgentemente dos desenhos.

Quando foi à casa do artista na manhã de Natal para recolher o trabalho concluído, comoveu-se tanto com o isolamento do homem ─ mal conhecia a língua e vivia num quarto exíguo e miserável ─ que o convidou para jantar nessa noite com a família McKenzie.

Após o jantar, no seu estilo direto e excessivamente pragmático, McKenzie virou-se para o artista italiano e perguntou sem rodeios:

"Quais são as suas opiniões sobre religião?"

O homem respondeu que não seguia nenhuma religião formal e que era espiritualista e médium mental.

McKenzie, fumando o seu charuto pós-jantar de forma algo autoritária, olhou para o homem com curiosidade e pediu uma prova através de uma demonstração de comunicação espiritualista.

O artista pediu uma mesa e pediu aos McKenzie que colocassem as pontas dos dedos sobre ela para ouvirem as mensagens que, segundo ele, a mesa poderia transmitir.

As mensagens surgiram, ou o homem interpretou vários toques e outros sons como mensagens, e uma delas continha informações sobre uma tia de McKenzie que morrera há alguns anos.

Os detalhes da mensagem estavam corretos, disse McKenzie, mas considerou que isso era leitura da mente, e não comunicação com os mortos.

O artista recebeu outras mensagens familiares para McKenzie, mas ele negou a sua veracidade, dizendo que não sabia nada sobre elas.

Mais tarde, ao inquirir sobre os seus parentes na Escócia, descobriu que as mensagens do artista tinham sido corretas até ao mais ínfimo detalhe.

Este foi o incentivo final de que McKenzie precisava para tornar o espiritualismo a sua missão de vida.

A prosperidade, que lhe fora sempre fácil de alcançar, continuaria, mas agora teria outras pessoas a trabalhar para ele nos negócios enquanto se dedicava a tempo inteiro à busca pelos factos da vida após a morte.

Tinha a certeza de que a morte não era o fim do homem e provaria isso através da educação; primeiro educando-se a si mesmo e depois formando outros que tivessem a sensibilidade para ultrapassar as barreiras convencionais entre os mundos dos vivos e dos mortos.

Ingressou na *London Spiritualist Alliance*, leu extensivamente, discutiu espiritualismo com as principais autoridades e académicos, estudou hipnose e tornou-se um especialista em cura hipnótica, deu palestras por toda a Grã-Bretanha e transmitiu a vastas audiências a mensagem de que *não há morte*.

Teve grande sucesso não só pela sua própria paixão, vigor e honestidade ao discursar, mas também porque a Grã-Bretanha vivia, naquela época, um *boom* psíquico comparável ao surto ocultista-psíquico que tomou conta dos Estados Unidos em anos mais recentes.

A sua esposa, Barbara, foi sua colaboradora constante em todo o trabalho psíquico.

Duas vezes por semana, iam para o quarto da casa que haviam reservado exclusivamente para sessões espíritas.

Preparavam-se para essas sessões com uma refeição ligeira, sem álcool.

Depois disso, observavam um período de silêncio e, ao entrarem na sala, sentavam-se calmamente sem conversar.

Ambos acreditavam que a comunicação mais eficaz com uma entidade de outro plano de existência através de um médium em transe exigia uma abordagem reverente e um corpo e mente purificados de impurezas.

Barbara era a médium e, ao entrar em transe no silêncio da sala de sessões, as vozes desencarnadas de sábios e estudiosos que viveram há muito tempo falavam através dela para o seu marido.

Durante estas sessões, James fazia muitas perguntas às personalidades que falavam através da esposa e invariavelmente encontrava nelas respostas para problemas difíceis que antes lhe pareciam insolúveis.

Ocasionalmente, personalidades violentas e ignorantes tentavam invadir essas sessões e desalojar as entidades mais calmas e sábias, mas o rigoroso treino de Barbara como sensitiva, sob a orientação do marido, permitia-lhe superar essas presenças malignas.

A sua casa e a sala de sessões não eram apenas para eles.

Recebiam todos os que tinham fé no espiritualismo.

Após as suas palestras em reuniões bem frequentadas em Londres, Edimburgo, Glasgow e outras cidades, as pessoas conheciam-nos e batiam à sua porta em busca de conselhos e consolo para os seus problemas.

Às suas próprias custas, os McKenzie emprestavam livros e outras literaturas, conduziam debates sobre questões espiritualistas com pequenos grupos na sua casa e contratavam médiuns respeitáveis que realizavam sessões para muitos desses visitantes, que, com poucas exceções, procuravam comunicar com parentes falecidos.

Quando as sessões não se concentravam nos mortos e no passado, tomavam-se precauções redobradas com os médiuns que faziam previsões do futuro, pois ainda vigorava na legislação inglesa a *Vagrancy and Witchcraft Act* de 1735, que tornava crime qualquer pessoa ser condenada por "predizer o futuro".

Esta lei raramente era aplicada, mas até ser revogada em 1951, concedia ao tribunal o poder de prender e multar infratores, e ocasionalmente alguém era considerado culpado devido a circunstâncias especiais.

A casa dos McKenzie rapidamente se tornou demasiado movimentada para a família e para o pessoal recentemente contratado,

que tinha de responder às cartas vindas de todo o mundo, muitas vezes solicitando cópias das palestras de McKenzie e do seu livro, *Spirit Intercourse: Its Theory and Practice*, um texto modesto, mas pioneiro, sobre mediunidade e espiritualismo.

Era o momento certo para fundar uma escola ou colégio dedicado ao estudo e à prática da ciência psíquica.

O Sr. McKenzie primeiro perguntou aos diretores da *London Spiritualist Alliance* se disponibilizariam as suas instalações, então situadas em *St. Martin's Lane, Trafalgar Square*, para a nova escola, mas recusaram.

Algumas pessoas sugeriram que os dirigentes e membros da *Alliance* viam McKenzie como um concorrente demasiado enérgico, com métodos demasiado diretos e que não se coadunavam com o decoro da mais tradicional e respeitável *Alliance*.

É certo que McKenzie era um membro respeitado da *Alliance*, mas os círculos internos diziam que ele era um impostor ou, na melhor das hipóteses, um recém-chegado ao espiritualismo que ainda tinha muito a aprender.

Na realidade, ele tornara o espiritualismo popular em demasia e as suas ideias para um grande edifício com vários departamentos para formar estudantes de longa duração, vindos da Grã-Bretanha e do estrangeiro, poderiam dar à *Alliance* e ao espiritualismo uma notoriedade que só poderia ser prejudicial.

Ironicamente, alguns anos depois, a *Alliance*, que mais tarde se autodenominou *College of Psychic Science* e, mais recentemente, mudou o nome para *College of Psychic Studies*, acabou por ser reorganizada exatamente no modelo originalmente sugerido por McKenzie.

McKenzie começou a trabalhar nos planos para a sua escola em 1916, e esses planos incluíam uma viagem aos Estados Unidos.

A Grã-Bretanha estava no terceiro ano da Primeira Guerra Mundial, mas ele conseguiu, de alguma forma, embarcar num navio para a América.

Em Nova Iorque e noutras cidades, procurou médiuns de alta qualidade que pudessem trabalhar para ele em Londres e discutiu as suas ideias para a nova escola com as principais autoridades americanas, como o Dr. James H. Hyslop, filósofo da *Columbia University* e durante muitos anos tesoureiro e diretor da *American Society for Psychical Research*, e o Dr. Walter Franklin Prince, antigo presidente da *London Society for Psychic Research* e um dos fundadores da antiga *Boston Society for Psychic Research*.

Também conseguiu persuadir a Sra. Almira Brockway, uma famosa médium *clairaudiente* ─ isto é, uma médium cujo corpo, e não os seus ouvidos, "ouve" vozes e recebe mensagens ─ a regressar a Inglaterra com ele para demonstrar os seus poderes, realizar sessões e integrar o corpo docente da sua escola.

Infelizmente, um jornalista em busca de uma história sensacionalista enganou a Sra. Brockway para que lhe desse uma leitura, que, de alguma forma, chegou à polícia.

Ela foi condenada e sentenciada ao abrigo da *Vagrancy and Witchcraft Act* por prever o futuro e receber dinheiro de forma fraudulenta.

Foi detida na prisão de *Holloway* durante uma semana, apesar dos esforços de McKenzie para a libertar através de um apelo ao cônsul americano.

Quando finalmente foi libertada e regressou aos Estados Unidos, recusou-se a voltar a Inglaterra.

Este desastre com Brockway fez com que McKenzie perdesse alguns apoios importantes para aquilo a que decidira chamar *British College of Psychic Science*, e teria de o construir sozinho.

O *College* abriu em abril de 1920 num sólido e bem-mobiliado edifício de pedra com vinte e cinco quartos, situado numa área bem cuidada, tranquila e acessível de *Kensington*.

Desde o início, tinha uma boa biblioteca de livros e outros materiais psíquicos, salas de sessões onde os médiuns podiam trabalhar em privacidade, um auditório para palestras, salas de consulta, escritórios para os McKenzie e o pessoal administrativo, uma sala especial para tratamentos de cura, um estúdio fotográfico, salas de aula e apartamentos privados para a família McKenzie, para estudantes de longa duração e para visitantes de todo o mundo que frequentemente ficavam até seis meses.

Os cursos de estudo incluíam: ciência psíquica, mediunidade, astrologia, radiestesia, grafologia, cura, hipnotismo, meditação, quiromancia, frenologia e telepatia.

Todos os membros do corpo docente recebiam um salário estipulado e tinham direito a licença médica e férias.

Todos os médiuns recebiam um pagamento anual fixo e, além disso, um valor por cada sessão realizada.

O *College* retinha uma parte modesta dessa quantia, mas médiuns do calibre de Eileen Garrett, que após um período de formação se tornou famosa em todo o país, tinham garantido um mínimo de quinze libras semanais, um salário confortável, embora não luxuoso, na Inglaterra dos anos 1920.

Mais do que isso, tais condições salariais e de trabalho confortáveis, numa zona elegante de Londres, deram aos médiuns, pela primeira vez, um estatuto que nunca antes haviam desfrutado.

McKenzie venerava a arte da mediunidade, esse poder sagrado de comunicar com outros mundos, e estava determinado a retirá-la dos quartos traseiros de bairros desolados, onde era vista como bruxaria ou fraude.

James Hewat McKenzie foi o primeiro Diretor Honorário do *College*, e a sua esposa, Barbara, foi a Secretária Honorária.

Muriel Hankey, que mais tarde se tornou a biógrafa de McKenzie, foi sua secretária pessoal e, na prática, a sua associada mais próxima na administração do *College*.

McKenzie não cobrou renda pelo *College* durante os seus primeiros dois anos, o que significou um subsídio de mil libras por ano até que, em 1922, as propinas e doações reduziram significativamente esse montante.

Ainda assim, a instituição exigiu sempre contribuições dos McKenzie para se manter solvente.

Sir Arthur Conan Doyle presidiu ao Conselho Consultivo, estabelecido em 1923 para conduzir investigações especiais.

O *Journal of Psychic Science* era a publicação oficial do *College*, e os seus dois primeiros editores foram Frederick Bligh Bond, arquiteto e autor de *The Gate of Remembrance*, que afirmava ter usado ciência psíquica e métodos espirituais na direção das célebres escavações na Abadia de Glastonbury, em Somerset, e Stanley De Brath, engenheiro que, após vinte anos de serviço governamental na Índia, regressou a Inglaterra e iniciou uma nova carreira como espiritualista de renome e autor de livros como *Science and Religion* e *Religion of the Spirit*.

A primeira edição do *Journal*, publicada em 1922, fez o seguinte anúncio:

O *British College of Psychic Science* aceita como base do seu trabalho o axioma ou princípio evidente de que a Alma do Homem, a parte idealmente consciente dele, é separável da consciência física ou cerebral, e que a alma, com o seu veículo ou veículos próprios, sobrevive ou transcende esse corpo.

Prossegue com base no axioma de que os poderes da Alma ─ quer com corpo físico, quer sem ele ─ transcendem as limitações físicas de Tempo, Espaço e Personalidade, tal como as conhecemos no plano físico.

Trabalha com o objetivo sério de inculcar a vantagem e a necessidade premente de uma exploração científica desses poderes, para benefício de uma geração na qual eles estão a germinar espontaneamente, espalhando as sementes de novos e estranhos desenvolvimentos, cheios de potencial para o bem ou para o mal, dependendo de serem conduzidos para o serviço humano ou deixados ao abandono, como ervas daninhas num jardim.

Na história do espiritualismo, nunca antes existira uma instituição tão bem organizada para o estudo e a prática de fenómenos supranormais, e foi aqui, no *British College of Psychic Science*, que a jovem Eileen Garrett teve o seu primeiro encontro com o seu fundador.

Enquanto McKenzie acreditava na vida após a morte e que os médiuns tornavam possível a comunicação entre os mortos e os vivos, Eileen não era crente e queria apenas compreender o significado dos seus transes.

Observou este escocês de meia-idade, de aparência quase austera, e, desde o primeiro momento, sentiu que ele era o homem que compreendia os fenómenos psíquicos melhor do que qualquer outra pessoa que ela já conhecera.

Ele falou-lhe sobre a sua infância, os seus casamentos, a sua vida em Londres, as suas visões e Uvani, e depois perguntou-lhe se aceitaria entrar em transe para que pudesse obter algumas conclusões preliminares.

Quando despertou, ele disse-lhe que ela possuía poderes psíquicos e que estes, sem dúvida, lhe proporcionavam perceções supranormais sobre pessoas e acontecimentos.

Também conversara com Uvani enquanto ela estava em transe, mas, nesse primeiro exame, não encontrou evidências de sobrevivência, ou seja, não encontrou provas de que Uvani falava a partir do plano dos mortos.

Mas isso poderia surgir com o treino, e foi então que lhe revelou algo que ela nunca soubera ─ que o controlador poderia ser treinado e deveria ser treinado se se pretendiam comunicações de alta qualidade e a prova da sobrevivência da alma.

Ela era uma médium de transe e possuía um controlador que falava através dela, mas havia nuances, gradações de significado e uma pureza de verdade que só poderiam ser alcançadas pelo controlador após um devido processo de instrução.

A mediunidade de transe, continuou McKenzie, era um facto que não necessitava de mais provas, mas, infelizmente, quando era descoberta em pessoas como ela, o controlador era utilizado para os propósitos mais triviais, e assim o seu verdadeiro potencial nunca fora plenamente concretizado.

As respostas a perguntas sobre onde se encontrava um póquer perdido, uma panela ou uma carta do avô vinham de outro plano, dos mortos, mas que mensagem tão insignificante para a humanidade!

Foi por isso que Thomas Henry Huxley disse que não tinha qualquer interesse nos fenómenos psíquicos, fossem eles verdadeiros ou não, porque eram irrelevantes.

"Melhor viver como um varredor de ruas do que morrer e ser forçado a dizer disparates por um 'médium' contratado por uma guinéu por sessão," disse Huxley no seu feroz ataque ao espiritualismo.

Mas se esses seres fossem treinados, dizia McKenzie, se lhes ensinassem a alcançar grandes verdades, então surgiria a possibilidade de receber revelações que não apenas beneficiariam indivíduos, mas toda a humanidade.

Os profetas da Bíblia, estava ele convencido, tinham recebido as suas mensagens inspiradas em transe e através de controladores, e essas mensagens, sem dúvida, beneficiaram todos os homens.

O Treino no British College of Psychic Science

Eileen aceitou trabalhar e treinar no *College*.

Mesmo nos seus primeiros meses na equipa, daria consultas a clientes, mas teria sessões semanais com McKenzie, durante as quais ele treinaria o seu controlador e também a própria Eileen.

As sessões exigiam o máximo rigor disciplinar e continuaram durante cinco anos, todas as sextas-feiras à noite.

Geralmente, apenas McKenzie, Eileen e Muriel Hankey, que transcrevia tudo o que era dito, estavam presentes.

Eileen foi instruída a comparecer a essas sessões no estado mais puro possível de mente e corpo.

Tinha de mudar os seus hábitos de vida diários.

Sexo, álcool e comida só podiam ser consumidos com moderação.

Tinha de evitar o emocionalismo e viver de forma simples e harmoniosa consigo mesma e com a natureza.

Dessa forma, poderia manter a sua mente subconsciente pura, assegurando uma receção mais clara das importantes mensagens que o controlador transmitia.

A mente consciente era apenas uma ínfima parte da consciência humana, e era no subconsciente que o homem recebia as suas impressões mais profundas.

Maus hábitos pessoais e excessos na vida quotidiana obscureciam o subconsciente, prejudicando a eficácia de um médium e do seu controlador.

McKenzie também avisou que o subconsciente devia ser protegido da influência de outros médiuns, de grupos espiritualistas e até da literatura ocultista e psíquica.

Ele poderia ter acrescentado, como Eileen frequentemente fez mais tarde, que pessoas sem escolaridade, de vida simples e sem complicações, como camponeses e crianças, frequentemente se revelavam excelentes médiuns, pois as suas mentes eram descomplicadas, tal como as suas vidas.

McKenzie utilizava sugestão hipnótica para induzir Eileen ao transe.

Passava a mão sobre o seu rosto algumas vezes enquanto ela estava sentada numa cadeira ou deitada num sofá.

"Agora dorme," dizia-lhe suavemente, e imediatamente ela ficava sonolenta e, em dois ou três minutos, entrava em transe profundo.

Depois perguntava:

"O que vês? Está alguém contigo? Onde te encontras?"

E em breve Uvani surgia, e McKenzie conversava com ele, verificando a cada sessão até que profundidade da consciência de Eileen Uvani conseguira chegar.

McKenzie procurava trances cada vez mais profundos, conduzindo Uvani para áreas do subconsciente nunca antes alcançadas.

Muriel Hankey, que observava atentamente e registava estas sessões, disse-me que as sessões de sexta-feira à noite eram intensas.

Eram autênticas provas de resistência, disse Muriel, e prolongavam-se por horas a fio, com McKenzie de pé sobre Eileen, gritando ordens:

"Vai mais fundo... sobe... desce... entra!"

Ele referia-se às camadas do subconsciente, e Eileen, hipnotizada, respondia penetrando cada vez mais fundo nesses domínios.

Essas sessões semanais de treino, juntamente com o rigoroso regime que Eileen seguia antes de cada sessão, presumivelmente abriram o seu subconsciente para que Uvani e, mais tarde, outros seres espirituais pudessem explorar as profundezas da sua mente, em busca dos pensamentos mais puros e da sabedoria mais profunda.

Os registos completos dessas sessões de treino foram perdidos, mas Muriel recorda muitas delas.

Ela relata uma noite de sexta-feira particularmente angustiante, quando McKenzie foi tão fundo no subconsciente de Eileen que não apenas despertou a grande sabedoria que Uvani começava a transmitir, mas também pensamentos de seres baixos e perversos, embutidos no subconsciente de Eileen, que ele não conseguiu reprimir.

Depois de uma sessão extenuante, em que Eileen ficou perturbada, violenta e exausta, McKenzie, com a sua rígida e impiedosa abordagem ao treino, persistiu, dando ordens cortantes.

Muriel quase chorou, sentindo que aquilo era crueldade injustificada.

Naquela noite, saiu do *College* com Eileen quase a colapsar.

Na manhã seguinte, contou a McKenzie o que tinha acontecido e disse-lhe que não podia arriscar outra noite como aquela.

Mckenzir escutou-a com tolerância e admitiu que colocara Eileen num transe tão profundo que despertara entidades violentas, além de Uvani.

Uma dessas entidades não regressara ao seu estado dormente e tinha-se alojado no subconsciente de Muriel, e foi ela quem a levou para casa, onde a entidade invadiu a mente do marido e causou o seu comportamento violento.

Não era provável que isso acontecesse novamente, disse McKenzie, sugerindo que fazia parte do treino essencial para um médium tão sensitivo quanto Eileen.

Muriel aceitou a explicação e deixou-se persuadir a continuar.

Eileen compreendia que McKenzie não poupava nem a si próprio e frequentemente se exauria tanto quanto ela e os outros médiuns que treinava.

Eileen nunca se queixou dos métodos severos que por vezes a deixavam abalada e tornavam impossível sair de casa até à reunião seguinte, na sexta-feira.

"Seja qual for a integridade e seriedade que consegui alcançar na minha atitude para com a utilização das minhas sensibilidades supranormais," disse ela, "sinto que o devo à paciência incansável e à fé deste homem inflexível e corajoso."

Enquanto treinava Eileen, McKenzie descobriu que ela possuía poderes de mediunidade física, além da mediunidade mental, e aconselhou-a a não os desenvolver.

A mediunidade física refere-se à capacidade do médium de mover objetos físicos ou fazer materializar formas físicas de homens e mulheres.

McKenzie acreditava que a mediunidade mental era a forma mais pura, mas Eileen ignorou os avisos e juntou-se a um grupo que incentivava a mediunidade física.

Durante uma dessas sessões, disseram-lhe que ela tinha produzido "com uma substância translúcida e nebulosa, relacionada com ectoplasma", os rostos de vinte pessoas mortas que os outros presentes na sala tinham conhecido em vida.

Contudo, não continuou com essas sessões de mediunidade física, pois sentiu que estava a enganar McKenzie, a prejudicar a sua relação

pessoal com ele e talvez a destruir o padrão de trabalho meticulosamente planeado pelo professor.

Atormentada pela consciência, confessou a sua infração ao acordo de trabalharem juntos como aluna obediente e mestre.

Esperava que ele explodisse de raiva, mas, para sua surpresa, McKenzie manteve a calma e explicou novamente que a mediunidade mental era a forma mais elevada de uma arte sagrada e que a mediunidade física imporia uma tensão maior no corpo e seria prejudicial para alguém tão propensa a doenças como ela.

Ela cedeu à sua vontade, um testemunho da grande consideração que tinha por McKenzie.

Mas o seu respeito por este professor não eliminou as suas dúvidas sobre as explicações dele acerca do controlador, do transe e da mediunidade.

À medida que o treino progredia, tornava-se cada vez mais cética em relação a Uvani e começou a perguntar-se se algum controlador era mais do que uma parte do seu próprio subconsciente.

McKenzie ficou chocado quando a sua jovem aluna lhe disse que acreditava que Uvani era "uma fragmentação da minha mente subconsciente".

Ele e Barbara McKenzie ficaram consternados ao perceberem que Eileen Garrett, de quem esperavam tanto no futuro, duvidava de toda a hipótese espiritualista e estava agora a inclinar-se para uma visão mecanicista da mediunidade.

McKenzie era um homem honesto e via-se a si próprio como um cientista, disse Eileen, mas os seus métodos e premissas não tinham lugar num laboratório onde experiências controladoras eram conduzidas por físicos, químicos e outros cientistas.

Dúvidas e Conflitos

Eileen começou a fazer pouco caso de Uvani e deixou de o temer.

Na atmosfera solene e reverente do *College*, chocou os colegas ao referir-se ao seu controlador como "o velho pássaro".

Tornou-se também inquieta e crítica em relação às pessoas que a procuravam para consultas.

Normalmente, queriam falar com um parente ou amigo falecido, mas, segundo Eileen, demasiados deles usavam estas sessões como um ópio ou afrodisíaco, e não como um auxílio para uma vida mais responsável.

Ela geralmente produzia os resultados esperados, e os clientes saíam satisfeitos, mas quando não ficavam contentes com as mensagens de Uvani, criticavam-na assim que saía do transe.

Não adiantava dizer-lhes que não tinha controlo sobre as mensagens; eles queriam mensagens agradáveis e não tinham verdadeiro interesse pela mediunidade.

Agora estava convencida de que nunca acreditara realmente que existia dentro dela um ser que vivera há muito tempo chamado Uvani.

Ele vinha do seu próprio subconsciente de alguma forma, e Huhnli, McKenzie e outros espiritualistas estavam errados ao aceitá-lo como um ser real.

Eram pensamentos heréticos, mas não abandonou o *College*.

Ainda acreditava que havia muito a aprender com McKenzie e evitava críticas abertas a ele e à instituição.

Também gostava de trabalhar com Conan Doyle, que se tornara um amigo próximo, e com Sir Oliver Lodge, o célebre físico que embaraçava os seus colegas académicos com a sua "prova" da sobrevivência da alma e da comunicação com os mortos.

As novas dúvidas levaram-na a romper com o treino prescrito por McKenzie.

Ele avisara-a de que um médium de qualidade devia evitar ocultistas, escritores, artistas e outros que pudessem perturbar o seu subconsciente.

Mas eram precisamente essas pessoas que agora a interessavam:

Catherine Dawson Scott, fundadora do *P. E. N. Club* e da *Survival League*, que reunia artistas e escritores interessados em reencarnação;

Aleister Crowley, o notório praticante de magia negra;

E. Phillips Oppenheim, James Stephens, William Butler Yeats e James Joyce.

McKenzie morreu em agosto de 1929.

Eileen treinou com ele até ao fim, apesar da sua rejeição das crenças espiritualistas dele.

Continuou a trabalhar por um curto período no *College* com Mrs. Champion de Crespigny, mas sabia que partiria em breve.

Quando finalmente se afastou do *College*, ainda parecia uma instituição ativa, mas para ela estava vazia sem a vitalidade de Hewat McKenzie.

Ela continuou a trabalhar como médium privadamente.

Depois do seu rigoroso treino e de milhares de sessões no *College*, descobriu que lhe era impossível abandonar a área.

Agora era uma das duas ou três médiuns mais conceituadas do mundo, e havia constantes pedidos pelos seus serviços.

Foi a escolha óbvia após o desastre do dirigível R-101, em outubro de 1930, quando Harry Price procurava a médium mais

objetiva e cientificamente orientada de Londres para tentar comunicar com o recentemente falecido Arthur Conan Doyle.

Essa célebre sessão deu a Eileen fama internacional, mas foi apenas a mais espetacular de muitas sessões.

Eileen manteve a sua prática porque esperava aprender mais sobre mediunidade longe das regras do *College*.

Mas os novos clientes não revelaram, como ela esperava, novos fenómenos que pudessem dar-lhe novas perceções sobre o comportamento paranormal.

Não estava satisfeita com o seu sucesso nem com a sua fama.

Podia-se dizer que em transe não era responsável pelo que Uvani revelava, mas não podia negar a sua responsabilidade pelo que as pessoas faziam depois de ouvirem Uvani.

Esperara ajudar as pessoas com a sua mediunidade, mas, em vez disso, via-as deteriorarem-se, tornarem-se demasiado dependentes dela e de uma entidade invisível, incapazes de se revitalizarem por si próprias.

Se isso era mediunidade, então estava demasiado próximo da exploração dos sentimentos de impotência e medo das pessoas.

Foi então que decidiu que talvez fosse melhor abandonar a prática mediúnica.

Enquanto considerava essa possibilidade, Eileen adoeceu com febre paratifoide, e após recuperar dessa enfermidade teve de ser submetida a duas cirurgias.

Durante o longo período de convalescença, livre de transes e de clientes, não sentiu o cansaço extremo que a mediunidade lhe trazia, mas sim uma nova descoberta ─ aquilo a que chamou "o meu mundo de luz, som e movimento", no qual, utilizando as vibrações das cores, emanações que podia sentir e ver, conseguia curar-se das doenças.

Quando regressou aos amigos em Londres, parecia tão saudável que lhe disseram que só poderia ter poderes mágicos e que devia continuar como médium.

Ela não resistiu, e mais uma vez atraiu uma vasta clientela, que viajava longas distâncias para consultá-la.

Era 1930 e ela tinha trinta e sete anos.

Uma mulher impressionante, com um conhecimento assombroso do passado e do futuro, consultora de figuras públicas, cientistas e médicos.

O aparecimento de um novo controlador nesta altura provavelmente aumentou ainda mais a sua reputação.

Os seus clientes disseram-lhe que o novo espírito era Abdul Latif, um grande médico muçulmano nascido em Bagdade em 1162 e falecido em 1231, após viajar por todo o mundo islâmico e servir como médico na corte de Saladino, sultão do Egito.

Ao contrário de Uvani, Abdul era conhecido há séculos pelos investigadores psíquicos, não apenas como médico, mas também como académico e filósofo.

Escreveu em árabe, hebraico, hindi, grego, latim, copta, francês, alemão e italiano sobre medicina, história, teologia, botânica, física, música, literatura, mineralogia e anatomia.

A sua grande obra médica era "O Corpo Humano", além de ter escrito uma história do Egito e mais de quarenta tratados sobre filologia, lógica e retórica.

Os clientes de Eileen falavam admirados de Abdul, e ela ficou intrigada com o facto de ele não enfatizar a sobrevivência da alma e a comunicação com os mortos, mas sim concentrar-se na saúde, na cura e numa abordagem filosófica da vida diária.

Perguntava-se se Abdul teria surgido porque os problemas dos seus clientes tinham mudado.

Haveria sempre quem quisesse mensagens dos mortos, mas já não eram tão numerosos, e a urgência por tais mensagens deixara de existir.

Ao contrário dos dias após a Primeira Guerra Mundial, quando McKenzie fundara o *College*, a morte já não era a grande questão nos lares ingleses.

Agora, as pessoas procuravam um significado e um propósito para a vida, e esta nova entidade, Abdul Latif, parecia ter a sabedoria para os novos tempos.

Isto sugeriu a Eileen que o subconsciente em pessoas sensíveis como ela se expandia conforme as circunstâncias exigiam, de modo que a partir dele surgia a sabedoria apropriada para os novos clientes e os novos tempos.

O Dr. Ian Stevenson, psiquiatra e diretor da Divisão de Parapsicologia da Universidade da Virgínia, contou-lhe um exemplo do papel de Abdul na vida de Eileen.

Quando Stevenson solicitou um financiamento para suas pesquisas sobre reencarnação, Eileen recusou recomendá-lo ao seu comité, pois não via valor nesses estudos.

Mas disse que perguntaria a Abdul Latif, e que ele poderia ter outra opinião.

E assim foi ─ a voz de Abdul aconselhou a apoiar Stevenson, e a bolsa foi aprovada.

Era um exemplo claro de outra parte do seu subconsciente a responder a novas condições.

Eileen considerava a pesquisa sobre reencarnação um desperdício de energia, mas Abdul, ou outra parte da sua mente subconsciente, insistiu que ela fosse menos rígida na sua opinião.

Noutro momento, Eileen e Abdul concordaram.

Uma figura pública famosa procurou Eileen e perguntou-lhe se deveria candidatar-se novamente a um cargo público.

Eileen respondeu que não, pois iria perder.

Os tempos tinham mudado e novas figuras políticas, mais sintonizadas com a época, estavam a emergir.

O político não ficou convencido e pediu que Eileen entrasse em transe para consultar Abdul.

Ela aceitou, e Abdul também o aconselhou a não concorrer.

"Termine a sua carreira pública com dignidade, sem uma derrota, e siga outro caminho," aconselhou Abdul.

O político ignorou o conselho. Candidatou-se. Perdeu.

A presença de Abdul em 1930 trouxe um novo interesse à mediunidade de Eileen, mas não foi suficiente para convencê-la a continuar o trabalho.

Quanto mais bem-sucedida se tornava, mais duvidava da utilidade da sua mediunidade.

Os amigos que antes a incentivavam a continuar, agora sugeriram que ela entrasse em transe para discutir a questão com Abdul.

Ela aceitou, e quando Abdul "se manifestou" através dela, disse:

"Não me preocupa que Eileen Garrett abandone a mediunidade. Isto é apenas um processo no seu desenvolvimento. Ela passará por isto, mas não, como pensa, abandonará a mediunidade."

Eileen acreditava que Abdul estava enganado.

Interrompeu a prática e recusou todos os clientes.

O seu casamento com James W. Garrett chegou ao fim, e um divórcio amigável libertou ambos.

Estava prestes a casar novamente, com um amigo de longa data, esperando finalmente encontrar a paz doméstica que sempre lhe escapara.

Mas então ouviu uma voz ─ a mesma que ouvira antes da morte dos seus filhos ─ dizer:

"Aproveita a tua felicidade ao máximo; ela não pode durar."

Ela reconheceu a voz e soube que não haveria novo casamento.

No dia em que o casamento foi anunciado, ela e o noivo foram hospitalizados.

Ela com uma infeção mastoide, ele com pneumonia.

Ele morreu uma semana depois.

Eileen ficou gravemente doente, não apenas por causa da cirurgia mastoide, mas também devido a complicações resultantes da rutura de um apêndice.

O seu cirurgião disse-lhe que, durante a anestesia, falara em hindi, língua que ele reconheceu por ter vivido na Índia na infância.

Mais tarde, G. R. S. Mead, o orientalista, disse-lhe que estivera em contacto com Abdul Latif, e que Abdul afirmara ter estado na sala de cirurgia durante a operação.

Após recuperar, Eileen estava muito fraca e incapaz de aceitar oportunidades de negócios.

Só lhe restava voltar à mediunidade.

Agora compreendia que era a arte e profissão para a qual estava melhor preparada.

No entanto, a sua abordagem mudaria.

"Desta vez, e nos anos seguintes, trabalharia apenas como investigadora, buscando factos sobre este fenómeno intrigante."

As sessões seriam realizadas apenas se prometessem revelar novos dados sobre a natureza da mente ─ e não apenas mais mensagens dos mortos.

Ela tinha agora trinta e oito anos.

A sua filha Babs, com quinze anos, era mais companheira do que filha.

Havia liberdade e tempo para estudo e experiências científicas.

Enquanto formulava esses novos planos, recebeu um convite da *American Society for Psychical Research* para participar numa série de experiências psíquicas e numa turnê de palestras pelos Estados Unidos.

Em setembro de 1931, Eileen e Babs chegaram a Nova Iorque.

NOVE

Uma grande reputação precedia Eileen nos Estados Unidos.

Milhões de americanos tinham lido sobre a sua notável explicação do desastre do R-101, e milhares já há anos acompanhavam os relatos das suas sessões, caçadas a fantasmas e perseguições a poltergeists.

Muitos conheciam bem a sua imagem:

O cabelo negro lambido e bem penteado,

O rosto cheio,

As pulseiras e anéis abundantes que estavam sempre presentes.

Os académicos das sociedades de pesquisa psíquica tinham os registos documentados do seu trabalho, mas as revistas populares e os jornais de todo o país haviam captado a atenção do grande público com inúmeros relatos sobre Eileen Garrett.

Um exemplo foi o caso de Tony Burman, em 1926.

Tony era filho da Sra. Harry Burman, uma atriz conhecida na Inglaterra dos anos 1920 como Isabel Thornton.

Quando a Sra. Burman esteve em Londres em 1926, teve uma sessão com Eileen na London Spiritualist Alliance.

Quando a sessão estava prestes a terminar, Uvani disse-lhe:

"Vejo com a senhora o seu filho mais pequenino. Há um problema, mas ele quer dizer: 'Não se preocupe.'"

A Sra. Burman ficou perplexa, pois não tinha filhos pequenos.

O seu filho mais novo, Tony, tinha vinte anos.

Não lhe ocorreu naquele momento que o árabe Uvani talvez não conhecesse bem a expressão idiomática inglesa e tivesse dito "o mais pequenino" em vez de "o mais novo".

Algo incomodada, a Sra. Burman respondeu que não sabia do que ele falava, que não tinha crianças pequenas e que os seus dois filhos adultos estavam bem.

Uvani insistiu:

"Deixemos isso então, senhora, mas acho que estou certo."

Acrescentou que recebera a mensagem sobre Tony de um velho amigo da família Burman, que morrera há alguns anos.

Noutra mensagem, transmitida por Uvani, a Sra. Burman foi instruída a consultar um livro específico e um determinado trecho na página que lhe foi indicada, para obter mais informações sobre Tony.

Naquela noite, ao chegar ao teatro, a Sra. Burman recebeu um telegrama com a notícia de que Tony sofrera um acidente de mota naquela tarde.

O acidente ocorrera uma hora após a sessão com Eileen.

Tony faleceu no dia seguinte.

A Sra. Burman não consultou imediatamente o livro que Uvani mencionara; a morte de Tony adiou isso por vários dias.

Quando finalmente o fez, uma semana depois, leu a seguinte passagem:

"Ele não chegará à idade adulta, nem tomará uma esposa para si."

Tony ainda não tinha morrido quando Uvani fez referência àquela passagem no livro.

Era um exemplo de precognição e predição.

Após a sua morte, Tony continuou a enviar mensagens através de Uvani.

Uma das pessoas a quem comunicou foi Nea Walker, uma escritora sobre fenómenos psíquicos, que nunca conhecera Tony, mas que era amiga da sua mãe e de alguns conhecidos da família.

Em 8 de novembro de 1927, um ano após o acidente, a Sra. Walker teve uma sessão com Eileen e Uvani no *British College of Psychic Science,* onde recebeu mensagens de Tony.

Tony estava preocupado com a inscrição do seu memorial, pois a mãe pretendia incluir a palavra "morte".

Mais tarde, confirmou-se que a Sra. Burman de facto cogitara essa ideia, mas acabara por decidir omiti-la.

Tony também falou sobre problemas de saúde da mãe e dificuldades profissionais que a preocupavam.

"Ela não tem dormido bem," disse Tony através de Uvani.

Isso também era verdade.

A Sra. Burman tinha tido insónias devido a dores nas costas e estava preocupada com questões no teatro.

Houve ainda um momento de brincadeira de Tony:

Falou sobre um relógio barato que comprara certa vez, que nunca marcava a hora certa, o que levava a sua mãe e o irmão, Stephen, a brincarem com ele, perguntando-lhe constantemente que horas eram.

Disse que o relógio estava guardado numa caixa de madeira, onde guardava fotografias antigas e outros objetos pessoais.

Ao regressar a casa, Stephen e a mãe encontraram o relógio exatamente onde Tony dissera que estaria.

Depois, Uvani transmitiu esta mensagem de Tony para o seu irmão:

"Diz à mãe que gosto do rádio da casa, e também da música… E diz-lhe que, à noite, quando está sentada na sua cadeira habitual, ocupada como sempre, eu estou sempre lá. Eu ouço com ela. O que mais me interessa no mundo é a comunicação a longa distância."

Stephen confirmou:

"Tony era fascinado por rádio. E a mãe sempre trabalha com ráfia num canto específico do sofá enquanto ouve o rádio."

No final daquele mês, a Sra. Burman e a sua irmã, Mabel France, participaram numa sessão conjunta com Eileen.

Dessa vez, Tony transmitiu uma descrição de si próprio:

"Estou com um ar alegre, a rir, alto e robusto."

A sua mãe achou graça e comentou com Uvani:

"O meu filho era simplesmente gordo."

Tony respondeu prontamente através de Uvani:

"Não mencionei o peso. Pedi ao controlador para não falar nisso. Nunca gostei da minha barriga. Graças a Deus, já não a tenho. Estou muito mais elegante agora. Alegre, sim, mas redondo ─ isso é muito indelicado da vossa parte!"

Todos sempre desprezavam o seu tamanho, acrescentou Tony, porque ele era tão alegre.

O Caso Tony Burman na Sociedade para a Pesquisa Psíquica

Nea Walker relatou esses factos no seu artigo "O Caso Tony Burman", publicado nos *Proceedings of the Society for Psychical Research*, em agosto de 1929.

Descreveu a sessão com Eileen desta forma:

**"A sessão foi anónima do ponto de vista da Sra. Garrett. Se antes eu tivesse alguma dúvida sobre se ela me conhecia ─ e na verdade não tinha ─ a própria evidência interna da sessão mostrou claramente que não me conhecia.
Nunca tinha visto a Sra. Garrett, embora já tivesse ouvido falar dela, geralmente com boas referências.

O seu comportamento é digno, e ela não conversou comigo nem antes nem depois da sessão.

Senta-se em plena luz do dia ou sob luz elétrica. Não há preparações elaboradas, e o transe ocorre rápida e naturalmente, demorando, neste caso específico, apenas cinco minutos."**

Outra Sessão Notável: T. P. O'Connor

No seu livro *Ferry Over Jordan*, Margerie Lawrence relatou uma sessão que teve com Eileen em 1929, após a morte de T. P. O'Connor, o jornalista irlandês que representou Galway no Parlamento Britânico.

O'Connor foi um mentor para Margerie, ajudando-a a iniciar a sua carreira de escritora.

No entanto, ela não foi à sessão para ouvir O'Connor, mas sim para tentar comunicar-se com o pai de uma amiga que a acompanhava.

Para ajudar na sessão, trouxeram uma amostra da caligrafia do falecido pai da amiga, pois acreditavam que um objeto pessoal poderia facilitar o contacto.

No entanto, foi O'Connor quem se manifestou quando Uvani falou.

Ele falou exatamente com a mesma voz, sotaque e maneirismos que Margerie se lembrava tão bem.

Espantada, Margerie iniciou uma conversa com ele sobre as notícias da atualidade, que, como jornalista, certamente o interessariam.

De repente, perguntou diretamente:

"Diz-me, T. P., como é morrer?"

O'Connor respondeu, com o seu inconfundível estilo irlandês:

"Morrer, é isso?"

E continuou...

"Bem, minha querida, sabes que estive doente durante muito tempo antes de deixar esta velha Terra, e tinham de me empurrar para todo o lado como um pobre velho aleijado numa cadeira horrível – e não odiava eu aquilo?… E depois fiquei ainda mais doente e tive de ir para a cama… e lembro-me de um dia desejar com todo o meu coração que pudesse dormir para sempre e sempre. E então lembro-me de começar a adormecer e de sentir: 'Ah, este é o sono que queria, o verdadeiro sono que ando a desejar há tanto tempo'… só que eu não sabia, percebes, minha querida, que era a morte a chegar – mas era como deslizar para um sono escuro, quente e acolhedor.

"E então pareceu-me que dormi e dormi por muito tempo… mas depois acordei… e estava deitado numa cama ou num divã de algum tipo, num salão ou numa grande sala iluminada por uma espécie de luz azulada, e havia pessoas a moverem-se em silêncio à minha volta, e eu percebia que estavam ali a cuidar de mim. E então, de repente, pareceu-me ver o meu velho pai, que eu não via desde que era um rapaz, ali perto, a sorrir para mim e a dizer: 'Bem, meu rapaz, então estás aqui, e estamos todos felizes por te ver.

Mantém-te calmo e tudo ficará bem.' E depois pareceu-me que voltei a adormecer, com a vaga sensação de que tudo aquilo era um sonho estranho… E muito tempo depois, quando acordei completamente, eis-me sentado à beira de um rio, no jardim mais lindo que já vi, com flores e grandes árvores por todo o lado e, ao longe, colinas ondulantes coroadas de nuvens – colinas azuis que eram a Irlanda toda outra vez! E o sol estava quente e o céu azul, e havia pássaros a esvoaçar por ali, e ao fundo via-se o mar. Olhei para as

minhas pernas e estavam bem, sem nenhuma cadeira de rodas; olhei para as minhas mãos e eram as mãos de um homem jovem e disse para mim mesmo: ‘Tim, estás bêbado.’"

Margerie Lawrence, escrevendo sobre essa sessão, observa que Eileen Garrett nunca tinha conhecido O’Connor, mas que as palavras que saíram da sua boca eram genuinamente dele.

Questões Sobre a Vida Após a Morte

Este tipo de questão – como é viver depois da morte – foi colocado frequentemente a Uvani.

Aqui está uma resposta que ele deu um ano após a conversa com O’Connor, na casa de Mrs. C. A. Dawson Scott, em Maida Vale.

Nessa noite, além de Eileen, estavam reunidas doze pessoas.

Após a manifestação de Uvani, um dos presentes perguntou se poderia falar diretamente com o famoso advogado Sir Edward Marshall Hall, que morrera em 1929.

Curiosamente, Hall tinha consultado um clarividente dois anos antes da sua morte, que lhe dissera que morreria dentro de dois anos.

H. Dennis Bradley, que descreve a sessão no seu livro *And After*, recorda que perguntou a Uvani se seria possível falar diretamente com Hall, em vez de receber mensagens através de um intermediário.

Uvani conseguiu finalmente "trazer" Hall e anunciou a sua presença:

"O cavalheiro do Direito chegou. Está na casa dos cinquenta, cinquenta e sete ou cinquenta e oito anos. Tem a aparência e o temperamento de um ator. Fala com grande precisão. Passou horas e horas a treinar a sua voz. Não parece tão velho quanto realmente é, mas dá-me a impressão de ter sofrido muito. Parece que a sua doença foi de natureza cancerosa."

Então Hall falou diretamente:

"Aqueles que me conhecem não ficarão surpreendidos ao ouvir que, quando parti, estava calmamente convencido de que estava a navegar para um país muito bonito, e não posso dizer que tenha sentido pena de ir."

Mais tarde, na sessão, quando Hall desapareceu e já não era possível falar com ele diretamente, alguém do grupo perguntou a Uvani:

"Podemos perguntar que tipo de trabalho ele está a fazer agora?"

Uvani respondeu:

**"Ele diz: 'Temo que vos vá desiludir, mas isto não é o Céu, nem é o Inferno, embora tenha um pouco de ambos.

Os meus amigos ainda estão presos em nós e problemas, mas sempre joguei com tudo e fui terrivelmente sincero quando o fiz. Continuo a jogar.

Isto não é um estado de espírito mais do que aquele que deixei, e sou jovem aqui, um mero bebé. Estou aqui há apenas um ou dois anos.

Faço o que qualquer recém-chegado faz: abro os olhos, olho em volta e faço perguntas. Ainda há muito do homem terreno em mim, graças a Deus.

Continuo num estado de matéria, com um corpo mais bonito e muito menos problemático.

Participo em tudo o que está a acontecer.

Estou interessado nos avanços científicos que estão a acontecer.

Este é um lugar onde o livre-arbítrio predomina."**

H.D.B.: Ele lembra-se de me ter dado as suas opiniões pessoais sobre uma determinada sessão?

Uvani: Ele diz que se lembra de ter falado sobre isso consigo.

H.D.B.: Ele falou uma ou duas vezes sobre isso.

Uvani: Ele diz que estava profundamente e vitalmente interessado, muito mais do que lhe deu a entender.

Diz que essa primeira sessão fê-lo sentir-se como um jovem escolar.

Perguntou-se se os céus não se abririam perante ele.

H.D.B.: Ele fez-me uma confissão pessoal sobre os seus sentimentos acerca de uma certa sessão de *Voz Direta*...

Uvani: Ele diz que sempre considerou ambos os lados da questão e, embora estivesse disposto a aceitar e acreditar, havia sempre um "se" e um "mas".

H.D.B.: Sim, exatamente, mas ele ainda não me deu a resposta.

Uvani: Ele fala do efeito mental que isso teve.

A sua mente treinada dizia uma coisa, mas a sua mente psicológica dizia outra.

H.D.B.: Eu sei que é impossível lembrar-se de tudo. Ele encontrou-se com Dewar?

Uvani: Isso deixa-o imensamente feliz.

E também com o nosso amigo e litigante, F.E.

CORO: "F.E. Birkenhead."

Uvani: Sim, é esse o cavalheiro, Madame.

Do primeiro cavalheiro, ele diz:

**"Com as mãos nos bolsos, olhou para tudo e disse-me: ‘Isto não é um mau sítio para se estar, de todo.

Seria uma pena se as igrejas viessem pedir terrenos para construir aqui…'"**

MEMBRO: Tem a certeza de que não está no Inferno?

CONTROLADOR: Ele diz: "Acredito firmemente nisto: que toda a experiência é crescimento e que participamos do bem e do mal através de cada experiência, e que pode ser Inferno ou Paraíso conforme a nossa visão potencial. Do meu ponto de vista, não estou no Inferno. Na vida, fiz a maioria das coisas que desejei fazer. Quis alcançar um certo grau de sucesso, e fiz isso com um júbilo infantil e vaidade. No que me diz respeito, estou agora numa parte confortável do globo. Não lhe chamo Paraíso. É uma expressão desta personalidade que sempre será minha. Aqui há liberdade da dor, liberdade do sofrimento, a visão que me guiou toda a vida e que não mudaria. Vim até vós porque estava curioso para saber o que teríeis para me dizer. Esta mente de criança que vedes ainda está a brincar. Deu-me grande prazer vir esta noite."

OMNES: Muito obrigado.

MEMBRO: Pode dizer-me apenas isto: porque é que Sir Edward Marshall Hall usa a primeira pessoa quando fala?

CONTROLADOR: Tenho de fazer isso por ele. Interessar-vos-ia aprender o meu método?

TODOS: Sim, por favor.

CONTROLADOR: Não estou convosco. Estou, por assim dizer, sobre uma plataforma, e se um homem se recusa a falar no instrumento, procuro ser seu intérprete. Vós enviais o pensamento, ele capta-o, e enquanto falais, ele está a dar-me a resposta ao vosso pensamento. Há dois canais, a mente do Médium e a do Controlador. Lembrai-vos de que somos duas personalidades, portanto, estais destinados a perder uma grande parte da personalidade de quem quer que esteja a comunicar. Pensai nisto: a comunicação tem de passar por duas mentes, a do Controlador e a do Médium. Podeis esperar obter

respostas exatas às vossas perguntas? Mas fazemos o melhor que podemos."

Aqui, a sessão terminou.

Pouco depois de Eileen ter chegado a Nova Iorque, em 1931, na sua primeira viagem aos Estados Unidos, a médium americana mais conhecida e controversa da época, Mina Stinson Crandon, de Boston, mais conhecida como "Margery", organizou uma sessão com ela na Hyslop House. As duas mulheres nunca se tinham encontrado antes e Margery não se identificou, nem Eileen perguntou quem ela era. Este tinha sido sempre, e continuaria a ser, o seu costume com as milhares de pessoas para quem realizou sessões durante meio século, pois no seu estado consciente não tinha interesse pelas pessoas que a procuravam para sessões. Eileen entrou em transe quase imediatamente depois de se sentarem. Mas então, quando Uvani apareceu, ele disse:

"Capto uma circunstância peculiar. És uma médium poderosa. Poderias ser tanto uma médium mental como física, mas penso que és física. Estou errado?"

Margery não respondeu e Uvani continuou:

"Um jovem muito enérgico aparece. Ele está a andar de um lado para o outro nesta sala e sorri para ti, e é muito amigável... Ele diz: 'Margery, foste uma amiga tão boa, oxalá tivesse seguido o teu conselho. Morri na Califórnia.'"

Uvani, através de Eileen, continuou a falar sobre este homem falecido que Margery aparentemente conhecia bem, e finalmente o próprio homem falou. Margery gritou:

"Theron! Se és o Theron Pierce, já tentaste comunicar antes. Outros médiuns não conseguiram provar a tua identidade, então esta é a tua oportunidade. Responde a esta pergunta: como chamava eu a ti e ao Sr. Bligh Bond quando viajavam juntos?"

"Mutt e Jeff." veio a resposta imediata e absolutamente correta. Margery ficou tão excitada que pediu ao alegado Theron Pierce, falando através da médium adormecida, que esperasse enquanto ela descia para ir buscar Bligh Bond. Bligh subiu e teve uma conversa de dez minutos com Pierce. Depois disso, Eileen, ainda em transe, voltou a Margery e deu-lhe mais informações corretas e mensagens de pessoas vivas e falecidas. Margery disse mais tarde que aquilo não tinha sido telepatia, mas mediunidade de um nível muito elevado.

Quando o marido de Mary Roberts Rinehart, Dr. Stanley Rinehart, morreu em 1932, ela entrou no seu quarto, sentou-se na cama onde ele jazia e, como tinha feito tantas vezes ao longo dos anos, segurou-lhe a mão. Mas desta vez, claro, não houve qualquer resposta, apenas silêncio, e, segundo conta na sua autobiografia *My Story*, sentiu nesse momento a irreversibilidade da morte e soube que ele a tinha deixado para sempre. Mas ambos tinham experimentado um pouco de questões psíquicas e tinham combinado que, quando um deles morresse, essa pessoa tentaria comunicar com o outro. A Sra. Rinehart consultou um médium pouco tempo depois da morte do marido e recebeu provas impressionantes e inexplicáveis da presença do falecido na mesma sala.

Dois anos depois, estava a tomar chá com Eileen Garrett no seu apartamento na Park Avenue, em Nova Iorque, acompanhada pelos seus três filhos, Stanley, Alan e Ted. Eileen nunca tinha conhecido nenhum deles antes. Durante a conversa, naquela tarde ensolarada, ela parou de repente, pousou a chávena e disse que tentaria ver o que conseguia obter depois de entrar em transe. Uvani apareceu rapidamente e a sua saudação introdutória familiar—

"Saudações, amigos, sou eu, Uvani, paz esteja convosco" e assim por diante—

foi recordada pela Sra. Rinehart como "a conversa preliminar". Mas ela também recorda na sua autobiografia que ela e os filhos ficaram espantados ao ouvirem, em silêncio atónito, a voz do marido e pai que todos conheciam tão bem a sair da boca da Sra. Garrett. O Dr.

Stanley Rinehart estava a falar, com a voz, os maneirismos e o riso que todos conheciam tão bem. Mais do que isso, a voz desencarnada do Dr. Rinehart falou da sua própria morte e depois disse à esposa:

"Não percebi o que me tinha acontecido até que entraste naquela noite, sentaste-te ao lado da cama e me pegaste na mão."

A Sra. Rinehart nunca conseguiu explicar esta revelação surpreendente. Nunca tinha contado a ninguém sobre aquela noite em que segurou pela última vez a mão do marido, e já se tinha esquecido completamente disso até Eileen Garrett lhe trazer essa memória de volta.

Muito depois de ter deixado de realizar sessões em transe regularmente e de ter fundado a Parapsychology Foundation, Eileen ocasionalmente concordava em trabalhar em alguns casos individuais. Um desses casos foi-lhe apresentado em 1966 por Lawrence LeShan, um psicólogo então a trabalhar no Programa de Psiquiatria e Religião do Union Theological Seminary em Nova Iorque, que também tinha realizado algumas experiências psíquicas com a Sra. Garrett na sua fundação. O problema para o qual ele pedia a sua ajuda dizia respeito a um homem desaparecido, o Dr. B., um médico que tinha deixado a sua casa no centro-oeste para participar em algumas conferências médicas e que não tinha sido visto nem ouvido durante vários dias.

O Dr. LeShan não conhecia o Dr. B., que era marido de uma amiga da sua esposa, e só soube do desaparecimento quando a Sra. LeShan telefonou enquanto viajava pelo centro-oeste. A única informação que a esposa do Dr. B. tinha era que ele se registara num hotel a 24 de fevereiro de 1966 e fizera o check-out às cinco horas da tarde. A 18 de março, o Dr. LeShan levou um pequeno pedaço da camisa que o Dr. B. tinha usado no dia anterior à sua partida para Eileen, nos escritórios da Parapsychology Foundation, na West Fifty-seventh Street, em Nova Iorque. Disse-lhe apenas que o pedaço de tecido pertencia a um homem desaparecido— nada mais. Antes disso, tinha tido apenas uma conversa telefónica com Eileen, na qual disse:

"Tenho um problema que requer a tua ajuda. Tens uns minutos para me dispensar hoje?"

A Sra. Garrett entrou numa das salas de investigação da fundação com o Dr. LeShan e a sua secretária, que preparara um gravador para a sessão e também tomaria notas taquigráficas. Ela entrou em transe e quando Uvani apareceu, LeShan disse-lhe: "Um homem desapareceu, sumiu-se. A sua esposa está muito angustiada e procura alguma ideia sobre o seu paradeiro."

Uvani então perguntou se havia algum objeto que pertencesse ao Dr. B., e LeShan entregou à Sra. Garrett adormecida o pedaço da camisa. Enquanto a Sra. Garrett segurava o tecido, Uvani falou sobre o médico desaparecido.

"Penso que [antes de partir] ele falou muito sobre querer ir para o México. Tenho a certeza de que pensou em ir para a Califórnia e depois para o México. A sua partida não foi sem premeditação. O homem deve ter estado deprimido durante algum tempo. Há cerca de dois ou três anos, enfrentou muitas dificuldades, algumas financeiras, algumas imaginadas e algumas relacionadas com a saúde, mas todas muito reais para a sua personalidade, e fizeram-no sentir-se bastante inseguro... Ele tinha definitivamente o desejo de se encontrar consigo mesmo, algo que sentia não poder fazer se não se afastasse. Não sofreu nenhum acidente e está bem."

Após essa primeira sessão, Uvani disse que numa segunda sessão, a ser realizada numa data posterior, para obter mais informações detalhadas sobre o homem, seria necessário um objeto que o doutor sempre carregava consigo, como um cachimbo. O pedaço de tecido tinha revelado a ansiedade do homem, mas pouco mais. LeShan não discutiu as conclusões de Uvani com a Sra. Garrett, limitando-se a dizer que a sessão tinha corrido bem. Nessa noite, telefonou à Sra. B. e pediu-lhe que lhe enviasse o tipo de objeto pessoal que Uvani dissera ser necessário para a sessão seguinte. Ela enviou-lhe uma caixa selada, que ele não tentou abrir, limitando-se a colocá-la dentro

de um envelope grosso de manila. (Mais tarde, revelou-se que a caixa continha uma caneta favorita.)

A segunda sessão, sem a presença de Uvani, teve lugar nos escritórios da Fundação a 28 de março de 1966, às 10h50, com Eileen segurando a caixa selada e coberta. Ela não entrou em transe, mas no seu estado de vigília natural, psicometrizou o pacote, falando durante quarenta minutos sobre a mensagem que este lhe transmitia.

"Tenho a impressão de alguém que está na casa dos quarenta," disse sobre o Dr. B., que tinha quarenta e dois anos. "Um homem que, quando jovem, foi considerado um prodígio. Entre os treze e os quinze anos, houve uma perda na família. Creio que foi o seu pai." Isto estava correto; quando o médico tinha catorze anos, o seu pai deixou a família e não voltou a ser visto pelos filhos durante vinte e cinco anos.

Ela deu a altura do médico como sendo de cinco pés e dez polegadas, uma polegada a mais do que a sua altura real. Disse também que ele tinha perdido peso recentemente, e verificou-se que tinha perdido cerca de vinte e cinco libras durante o seu desaparecimento.

Perto do final da sessão, disse: "Vejo-o em La Jolla." Alguns minutos depois, acrescentou: "Vejo-o em San Diego." Depois disse que a Sra. B. já devia ter recebido notícias dele, mas que, de qualquer forma, iria receber muito em breve. A seguir, acrescentou: "Vejo-o num autocarro, a fazer uma longa viagem de autocarro."

Nesse mesmo dia, 28 de março, às 13h00, menos de duas horas após o início da segunda sessão em Nova Iorque, a Sra. B., no centro-oeste, recebeu uma carta do Dr. B., escrita em La Jolla mas com carimbo postal de San Diego, informando-a de que não tinha estado bem e que voltaria para casa em breve. Ele também lhe telefonou nesse dia e disse-lhe que tinha feito uma longa viagem de autocarro, de La Jolla ao México e de volta. Regressou a casa a 8 de abril.

Quando o Dr. LeShan discutiu este caso na edição de janeiro de 1968 do *Journal of the American Society for Psychical Research*, afirmou que as impressões de Eileen nas duas sessões "indicam claramente uma aquisição paranormal de informação". E, no entanto, acrescentou que sabia que o seu relato dos factos—e estes eram apresentados com grande detalhe no seu artigo—resultava num texto que só poderia ser considerado "antiquado".

A razão, continuou ele, era porque:

"Não se enquadra nos interesses atuais de muitos investigadores e não está inserido no fluxo moderno da parapsicologia... Atualmente, a parapsicologia enfatiza avaliações estatísticas, os efeitos da hipnose e das drogas sobre a capacidade paranormal, a relação entre estrutura de personalidade e atitude relativamente ao nível de pontuação, e outras abordagens deste tipo. Apesar das repetidas declarações feitas por oradores em várias conferências de parapsicologia nos últimos anos de que somos prejudicados pela falta de bons sensitivos com quem trabalhar, muito pouco está a ser feito atualmente com aqueles que estão disponíveis e dispostos a participar em investigação. Então, por que publicar um artigo como este? Simplesmente porque, crenças à parte, ainda não está estabelecido qual abordagem—qualitativa ou quantitativa—será, em última instância, mais frutífera..."

DEZ

Os dons mediúnicos e clarividentes de Eileen eram armas espantosamente eficazes na perseguição de fantasmas e poltergeists; McKenzie frequentemente levava-a consigo em tais investigações. Os poltergeists (do alemão *polter*, "barulhento", e *geist*, "fantasma") são

aquelas entidades ou manifestações semelhantes a diabretes que, alegadamente, durante séculos, têm causado estragos em edifícios—partindo cadeiras e mesas e espalhando os pedaços por uma igreja ou casa, lançando chuvas de louça partida, vidros e pedras através de divisões e caves, rebentando canos, desenterrando rochas e arrancando árvores, abrindo as torneiras das casas de banho, colocando chaves de casa dentro de garrafas de leite e, em geral, transformando num caos um local que, apenas horas antes, podia estar perfeitamente tranquilo. De acordo com os crentes em poltergeists, estes fantasmas ruidosos conseguem fazer praticamente tudo o que o homem invisível de H. G. Wells conseguia.

Alguns investigadores dizem que não há diabretes envolvidos e que fenómenos físicos explicáveis, como tremores de terra e águas subterrâneas, são os verdadeiros culpados. Outros acreditam que a desordem causada pelos poltergeists é provocada pela energia de uma mente esquizofrénica ou perturbada, frequentemente a de uma criança. Esta era a visão de McKenzie. Ele acreditava que uma entidade separada e traquina podia invadir o corpo de outra pessoa e, muitas vezes, causar grandes danos, devendo, por isso, ser persuadida e exorcizada. Para isso, um médium precisava de entrar em estado de transe e, assim, alcançar um plano de existência a partir do qual, através do seu controlador, pudesse falar com o fantasma e compreender a natureza do problema.

Após algumas ocorrências de poltergeist que perturbavam os membros de uma casa em Londres, McKenzie levou Eileen consigo, colocou-a em transe e depois soube, através de Uvani, que o espírito de um avô falecido há muito tempo era o responsável. Uvani possibilitou que McKenzie falasse diretamente com o avô, e este contou-lhe que problemas relacionados com a herança e um testamento desaparecido o tinham forçado a regressar à Terra e praticamente destruir a casa para chamar a atenção para a sua presença. Agora, disse a McKenzie que o testamento poderia ser encontrado atrás de uma moldura, e depois de ser localizado e as suas disposições cumpridas, a paz voltou ao lar, à família e ao infeliz

espírito do velho avô. Eileen, naturalmente, não sabia o que tinha acontecido enquanto estava em transe e só pôde relatar a história porque McKenzie lhe contou. Na sua autobiografia, ela expressou esta opinião sobre o seu trabalho com poltergeists com McKenzie e as suas próprias expedições para "enterrar fantasmas":

"Os espíritos que, nessas várias ocasiões, relataram as suas histórias enquanto eu estava em transe pareciam, sem exceção, ter causado essas perturbações de poltergeist porque estavam atormentados por algum profundo conflito emocional que não tinha sido resolvido antes da sua morte. A vingança e a correção de injustiças pareciam frequentemente ser os motivos do seu regresso. Quando essas complicações eram resolvidas, as manifestações de fenómenos de poltergeist cessavam sempre tão abruptamente como tinham começado."

Eileen muitas vezes via um fantasma de forma clarividente, em vez de em transe. Nos anos 1920, durante umas férias de carro na Alemanha com a filha e uma amiga próxima, percebeu que seria impossível chegar a Colónia no mesmo dia e decidiu passar a noite numa estalagem atraente na cidade de Cleves. A amiga de Eileen, que conduzia o carro, conhecia o proprietário deste pequeno hotel acolhedor e íntimo, e o grupo foi recebido com grande entusiasmo.

Eileen foi a primeira a descer do quarto depois de se refrescar. Enquanto esperava no salão pela filha e pela amiga, começou a sentir-se desconfortável; a pele arrepiou-se e teve sensações estranhas nas costas. Para ela, estes eram sinais familiares de que alguém estava na sala perto dela e, quando a filha desceu, perguntou:

— Babs, há alguém atrás de mim?

Babs abanou a cabeça, mas a mãe, que agora se virava, insistiu que via um homem *não completamente morto*, com a cabeça num laço, pendurado numa viga na sala ao lado.

Eileen acreditava na morte parcial. *"Conheci casos,"* escreveu ela, *"em que houve evidências de uma 'consciência' parcial a permanecer em forma fantasmagórica durante anos após a morte do corpo, como se alguma parte da mente relutasse em libertar-se... A permanência aqui deve-se a alguma injustiça, ferida ou erro moral que a consciência não conseguiu perdoar ou esquecer, e que, sob a misteriosa lei da compensação, detém o seu progresso e mantém-na no local da sua mais profunda relação com a vida."*

Na estalagem em Cleves, ela nada sabia sobre o antigo proprietário, mas ali estava o seu corpo quase morto, pendurado numa viga, a invadir a sua vida, a exigir que soubesse mais sobre a sua história e a grande injustiça que lhe tinham feito. Ela não conseguiu comer o jantar, pois continuava a ver o corpo enforcado do infeliz velho estalajadeiro. Saiu para dar um passeio com Babs e contou-lhe que continuava a ter aquela visão terrível, mas Babs suspirou e assumiu que tudo acabaria por passar.

Mas não passou, nem mesmo quando partiram para Colónia na manhã seguinte. Eileen mandou parar o carro junto a uma pequena igreja no caminho para poder entrar e acender uma vela pela alma do homem. Ela não seguia uma fé religiosa formal, mas este tipo de simbolismo místico tinha significado para ela e dava-lhe conforto. Sabendo que o homem tinha sido católico, também entrou na Catedral de Colónia mais tarde nesse dia e rezou pela sua libertação pacífica e completa da vida infeliz à qual ainda se agarrava.

Quando saiu da catedral, contou ao condutor do carro sobre a sua visão de um homem pendurado numa viga. Ele disse que conhecia a história da estalagem e que, aparentemente, ela tinha descoberto alguns factos trágicos e verdadeiros. O velho estalajadeiro acolhera um sobrinho pobre, que fora trabalhar na estalagem e, através de artimanhas, acabara por se tornar proprietário. Depois disso, o velho, de coração partido, enforcou-se numa viga.

Um dia, na década de 1920, Conan Doyle recebeu uma carta de um homem de uma cidade nos arredores de Londres que queria que

ele investigasse os ruídos vindos de uma casa que estavam a perturbar os habitantes da localidade. Era uma casa pobre, pertencente a uma viúva que tinha chegado recentemente à vila e que geria uma pequena e modesta loja. Ela tinha uma filha frágil e jovem, e os vizinhos ficaram alarmados ao ver como a saúde da criança continuava a deteriorar-se. Estaria a sua doença de alguma forma ligada aos estranhos ruídos que não paravam de ecoar naquela pequena casa? Doyle pediu ajuda ao seu amigo McKenzie, e McKenzie, Eileen Garrett e alguns outros partiram para investigar.

A mãe ressentiu-se com a visita do grupo, mesmo depois de McKenzie lhe dizer educadamente que tinham vindo para tentar ajudá-la. Mas, apesar disso, acabou por deixá-los entrar na casa. A menina estava lá e parecia estar muito doente. Todos ouviram claramente as batidas dentro da casa e não conseguiram encontrar uma explicação para elas. A pedido de McKenzie, Eileen entrou em transe e, quase de imediato, o pai falecido da criança manifestou-se através de Uvani.

Era a sua única filha, disse ele, e quando morreu, dois anos antes, deixou-lhe uma pequena herança. Mas a mãe e o advogado que administrava o pequeno património desperdiçaram o dinheiro e, depois disso, o advogado abandonou a mulher. O falecido estava a fazer aqueles ruídos em protesto contra a injustiça cometida contra a sua filha. Mais do que isso, a própria energia que tornava possível esse protesto era a energia que ele retirava da menina, numa tentativa de arrancá-la da vida e levá-la para junto dele, para um mundo onde pudesse protegê-la de uma forma que a mãe já não podia.

Após esta revelação, foram feitas providências para que a criança recebesse a alimentação e os cuidados de que necessitava, e os ruídos cessaram. O pai, aparentemente já sem receio pelo futuro da filha, partiu em paz e nunca mais precisou de protestar.

Em 1929, um pescador e a sua esposa, que viviam modestamente no Vale de Severn, escreveram ao Colégio de Londres a pedir que membros da instituição investigassem o fantasma que os aterrorizava

em casa e, em particular, ao seu filho de treze anos, o mais novo e o favorito de toda a família. O rapaz dizia que, noite após noite, um homem rude e de aspeto sombrio aparecia diante dele. Algumas noites, o rapaz corria para o quarto da mãe, ofegante, dizendo que o fantasma tinha arrancado os cobertores da sua cama. Quando a mãe voltava ao quarto com ele, confortava-o, mas o homem escuro que o assustava continuava a regressar. O rapaz contou também aos irmãos sobre o homem, e eles disseram: "Ah, sim, nós também o conhecemos, mas ele é inofensivo."

A família cooperou com o grupo do Colégio, liderado por Stanley Barber (Hewat McKenzie tinha falecido mais cedo nesse ano), e Eileen Garrett era o médium que tentaria comunicar com o fantasma. Barber explicou à família, disposta mas perplexa, que a jovem de cabelo preto e bonito que estava com eles era uma médium. Ela em breve adormeceria, disse ele, e então poderiam ouvir, através da sua boca e dos seus lábios, outra voz que lhes diria quem estava a assustar o jovem no seu quarto. Talvez até pudessem ouvir o próprio fantasma contar a sua história.

Então, Uvani manifestou-se, explicando que ia agora apresentar o fantasma, que falaria diretamente com todos os presentes. A voz seguinte revelou um homem difícil e desagradável. Disse que era um parente distante que, há muito tempo, vivera naquela mesma casa de campo no Severn, e que gostava tanto dela que continuava a regressar, especialmente quando a pesca era boa. No passado, costumava ir pescar com o irmão, e não voltavam apenas com peixe, mas também com vários tipos de tesouros que contrabandeavam do continente.

Na verdade, o parente distante, o fantasma que estava a causar todo o problema na casa, disse-lhes que os levaria à igreja local e lhes mostraria onde tinha escondido esse tesouro. Confessou também que tinha discutido com o irmão, e matado e enterrado na propriedade.

Neste ponto, Stanley Barber interrompeu para perguntar por que razão ele voltara após tantos anos e aterrorizara um rapaz inofensivo. O estranho respondeu que era tão apegado à velha casa que se

ressentia da presença da família que agora vivia nela, mesmo sendo parentes seus. Mas gostava do jovem rapaz que tanto medo tinha dele e não lhe queria fazer mal.

Barber raciocinou com o fantasma, explicando que ele tinha vivido neste mundo há muitos anos, mas já não fazia parte dele e precisava de regressar ao local de onde viera. O estranho pareceu compreender, e depois disso os ruídos cessaram e o homem escuro nunca mais foi visto. Mais tarde, escavações na propriedade revelaram muitas moedas antigas e ossos humanos, talvez confirmando a história do assassínio e do tesouro escondido que o fantasma mencionara.

"Enterrar um fantasma" significa descobri-lo, identificá-lo, confrontá-lo e, após um raciocínio adequado, exorcizá-lo. Eileen nunca conseguiu enterrar o fantasma da velha igreja saxónica na cidade de Bradford-on-Avon, perto de Bath. Sempre quis regressar e tentar novamente, mas nunca conseguiu, e assim este permaneceu um dos seus fracassos.

Foi em 1932 que ela tentou exorcizar o fantasma da igreja saxónica, e embora nunca tenha publicado a história, falou-me muitas vezes sobre ela e anteriormente contara-a a William Oliver Stevens, que a publicou pela primeira vez no seu livro *Unbidden Guests: A Book of Real Ghosts*.*

(Nota do tradutor: Ver mais sobre isso no apêndice.)

Bradford, no condado de Wiltshire, é por vezes chamada "a vila mais bonita de Wiltshire." Alguns historiadores locais dizem que a sua pequena igreja saxónica foi construída no século X ou XI e permaneceu relativamente intacta porque foi usada como celeiro e armazém durante o período das guerras religiosas, não sendo reconhecida como tendo sido originalmente uma igreja. No entanto, no século XIX, um clérigo avistou a pequena estrutura ao olhar para Bradford de uma elevação alta e, finalmente, convenceu antiquários simpáticos e arqueólogos amadores de que a área deveria ser

desobstruída para que este tesouro dos tempos saxónicos pudesse voltar a ser visto na sua beleza clássica e original.

A igreja é singularmente pequena, com uma nave de vinte e cinco por treze pés e um pórtico de dez pés quadrados. As paredes extremamente altas têm poucas janelas, e a única porta da estrutura tem a forma de uma fechadura. Dois anjos rudemente esculpidos sobre o altar são a única sugestão de decoração nesta rara relíquia do passado de Inglaterra.

Embora seja uma relíquia, ainda são celebrados serviços na igreja de tempos a tempos. Em 1932, o ministro local disse que, durante um serviço, sentiu uma presença perturbadora no santuário consigo. Quando contou isto ao irmão, que também era clérigo, este confessou ter sentido a mesma presença. Outros membros do clero que haviam conduzido serviços lá relataram ter tido a mesma sensação desconfortável de que alguma entidade estranha partilhava o santuário com eles. O próprio vigário afirmou que não só sentira essa presença, como também ficara nauseado durante o serviço.

Paroquianos e clérigos finalmente concordaram que valia a pena recorrer à famosa médium Eileen Garrett, que havia regressado recentemente da América e trabalhado de perto em fenómenos psíquicos com os mais eminentes cientistas tanto naquele país como em Inglaterra.

A Sra. Garrett foi até à igreja de Bradford num domingo com o Sr. e a Sra. Stanley Barber, do Colégio, pois o vigário dissera-lhe que era aos domingos que a presença parecia mais ativa. No momento em que entrou na igreja, foi instantaneamente transportada para uma cena de séculos atrás. No exterior da igreja, ela podia ver – ou, melhor dizendo, teve uma visão de – um grande grupo de pessoas a receber a comunhão. Quis observá-los melhor, pois as suas vestes pareciam muito diferentes de qualquer coisa que lhe fosse familiar, e assim dirigiu-se à grade do altar e olhou pelo óculo, uma característica comum nas igrejas mais antigas de Inglaterra.

Perto do óculo, viu com mais clareza um grupo de homens e mulheres vestidos com roupas dos séculos XV ou XVI. Não pareciam felizes, mas sim *"pessoas que pareciam quase forçadas a adorar."* Na altura, ela não sabia – como veio a saber mais tarde – que estas eram pessoas leprosas da grande colónia de Bradford, forçadas a adorar do lado de fora da igreja para não contaminarem os habitantes da vila que estavam dentro.

Enquanto continuava junto à grade do altar, sentiu-se empurrada por algo que poderia ter sido uma mão a tocar-lhe no ouvido. Os seus amigos, os Barbers, estavam a alguma distância, e ela sabia que não podia ter sido nenhum deles. Então viu um homem carrancudo junto ao que pensou ser uma porta, mas que na realidade era um túmulo embutido na parede da igreja, contendo algumas inscrições.

O homem de aspeto severo perturbou-a, mas ela continuou a caminhar na sua direção para tentar ler melhor a antiga inscrição, e ao fazê-lo, chamou:

— Stanley, vem cá ver este túmulo.

Nesse momento, sentiu um golpe violento na cabeça, que a atirou ao chão de pedra, deixando-a inconsciente. Demorou duas horas a recuperar os sentidos. O vigário contou mais tarde que ele próprio, no passado, também fora atacado por esta presença, mas não com a violência que quase matou Eileen.

Ela nunca mais voltou à igreja, mas frequentemente refletia sobre aquele domingo na igreja saxónica. Seria o homem sombrio que aparentemente a derrubou uma entidade desencarnada? Um leproso de outrora da colónia de Bradford, ressentido com o clérigo e com todos os responsáveis por forçar os leprosos a viver e a adorar à parte dos outros? De qualquer modo, o seu encontro com o leproso naquele domingo teve algum efeito, pois nunca mais nenhum clérigo se queixou da presença.

Foi Uvani quem resolveu um caso de um testamento desaparecido envolvendo um almirante reformado da Marinha Real, que vivia nos arredores de Londres. Este homem ignorou a história que os seus dois filhos pequenos lhe contaram sobre ruídos misteriosos e outros acontecimentos estranhos no armário do quarto que partilhavam. Os rapazes tinham a certeza de que ouviam barulhos à noite e, pela manhã, estavam convencidos de que os seus sapatos no armário tinham sido movidos por alguém ou alguma força que não conseguiam ver nem sentir.

O almirante recusou-se a acreditar em *"tamanha tolice"*, e a sua total falta de empatia afetou tanto o filho mais novo que este teve de ser enviado para convalescer no campo. Depois disso, para grande satisfação do pai, nunca mais se falou de sapatos a mover-se ou forças misteriosas no quarto à noite.

Porém, pouco depois, a mãe começou a ouvir barulhos – passos de um ser invisível. Ela não contou ao marido, mas encorajou, silenciosamente, o fantasma a revelar-se melhor. Entretanto, o almirante, sem suspeitar de nada, decidiu que era hora de trazer o filho mais novo de volta para casa e para o seu quarto, pois o *"problema já estava resolvido."*

Alguns dias antes do regresso do filho, o almirante, enquanto tomava o seu whisky com soda, assistiu, incrédulo, ao copo a mover-se sozinho pela mesa até cair no chão. Preparou outra bebida sem contar a ninguém o que acontecera, mas desta vez, como o copo não se moveu, tentou esquecer o *"absurdo"* do que tinha acontecido com a primeira bebida. No entanto, dois dias depois, ao ver um jarro mover-se espontaneamente da mesa e partir-se ao cair no chão, decidiu contar o ocorrido a um amigo, apesar de sentir vergonha. O amigo aconselhou-o a entrar em contacto com o *British College of Psychic Science*.

Eileen Garrett foi chamada para investigar o caso, e Uvani deu a seguinte explicação à família enquanto ela estava em transe.

O tio dos rapazes, irmão da mãe, que falecera dois anos antes, nos últimos meses de doença tornara-se mentalmente instável e convencera-se de que a esposa e o advogado estavam a conspirar contra ele. Como resultado, fez um novo testamento, deixando à esposa apenas a parte mínima da herança a que tinha direito por lei e destinando o resto da sua fortuna a um primo distante.

Mas, depois de morrer, percebeu o erro que cometera em relação à esposa e, desde então, tentava contactá-la para avisar que existia outro testamento na casa, garantindo-lhe a parte que originalmente lhe destinara. Ele não sabia exatamente onde estava esse testamento, mas lembrava-se vagamente de que costumava esconder coisas nos sapatos, e foi por isso que voltou e começou a mexer nos sapatos dos rapazes.

Tinha uma ligação especial com o sobrinho mais novo e, sabendo como ele era sensível, esperava que, ao perturbá-lo dessa forma – mudando os sapatos de sítio e fazendo ruídos –, conseguisse transmitir a mensagem sobre o testamento.

A mãe, ao ouvir esta explicação, passou a acreditar que os passos que ouvira eram também tentativas do seu irmão de comunicar com ela.

O testamento antigo foi encontrado dentro de um dos sapatos do falecido, e o primo distante, a quem a maior parte da herança fora deixada, prontificou-se a cumprir as disposições do documento original. Depois disso, os barulhos cessaram e os sapatos no armário dos rapazes nunca mais foram mexidos.

O Fantasma de Ash Manor, uma vasta propriedade em Guildford, no sul de Inglaterra, a cerca de duas horas de Londres, apresentou problemas e decisões extremamente difíceis para a Sra. Garrett e Uvani. É uma história algo complicada, mas fascinante.

O Sr. e a Sra. Maurice Kelly compraram a atraente casa e vinte e quatro acres de terreno arborizado em 1934 por um preço muito

abaixo do seu verdadeiro valor, provavelmente porque o antigo edifício, que datava do século XI, era conhecido por ser assombrado. No entanto, os Kellys não acreditavam em fantasmas e assombrações, e ficaram encantados por terem Ash Manor só para eles.

Em novembro, cinco meses depois de os Kellys e a sua filha de dezasseis anos, Patricia, se terem mudado para a casa, o Sr. Kelly foi despertado às 3h35 da manhã por três pancadas fortes na porta do seu quarto. Depois de se levantar e não encontrar ninguém à porta, desceu até ao quarto da esposa e descobriu que ela também tinha ouvido o som. Na noite seguinte, ouviram-se mais dois golpes na porta, e na noite seguinte a essa, o Sr. Kelly ouviu apenas um, como se fizesse parte de um padrão descendente.

Mas quem estava a bater? E porque é que os ruídos pararam quando o Sr. Kelly se ausentou da propriedade durante alguns dias? Decidiu garantir que se livravam do incómodo, ficando acordado no seu quarto até de madrugada, depois das três, hora a que os ruídos costumavam começar. Desta vez, deixou a porta aberta e as luzes acesas. Esperou e esperou, até que, por fim, adormeceu de exaustão.

Vinte minutos depois, foi despertado por uma pancada forte na porta e, ao olhar em volta, viu a espreitá-lo o que mais tarde descreveu como *"um homenzinho idoso, vestido com uma túnica verde, calças enlameadas e polainas, um chapéu mole e um lenço ao pescoço."*

— *Quem és tu?* — gritou Kelly, convencido de que se tratava de um vagabundo que tinha entrado por uma porta aberta. — *O que queres na minha casa?*

O homem permaneceu em silêncio, com um olhar estúpido e inofensivo, mas a sua recusa em responder enfureceu Kelly, que se lançou para agarrá-lo e estava prestes a segurá-lo pelo ombro. No entanto, não havia ombro nem homem, apenas ar vazio, e perdeu o equilíbrio, caindo no chão. Apesar do terror, conseguiu recompor-se o suficiente para se levantar e fugir para o quarto da esposa, falando de forma incoerente até colapsar na sua presença.

Quando a esposa foi buscar brandy para o reanimar, passou pela porta aberta do quarto do marido e, lá dentro, também viu os pés, as polainas, as roupas elisabetanas e o rosto avermelhado de um homenzinho idoso, usando o que descreveu como *"um pequeno chapéu redondo em forma de taça."*

— *Ele olhou para mim como um idiota* — disse ela.

Tal como o marido, também gritou:

— *O que queres? Quem és tu?*

Furiosa com a aparência inofensiva daquele pateta, cerrou o punho e lançou um soco com força contra a figura que via diante de si, mas não havia homem algum, e ela magoou a mão ao acertar na porta.

De regresso ao quarto do marido, contou-lhe o que tinha visto, e ambos concordaram que aquilo só poderia ser um fantasma, uma aparição. A entidade regressou repetidamente; às vezes apenas os observava de uma porta, outras vezes desaparecia perto da chaminé.

Certa noite, a forma levantou a cabeça e mostrou-lhes uma ferida aberta onde a garganta fora cortada. Noutra ocasião, invisível mas com os passos claramente audíveis, abriu a porta trancada do quarto da Sra. Kelly, assustou o cão adormecido aos pés da cama, abriu a escotilha do teto e desapareceu.

O estranho continuou a regressar a Ash Manor. A família Kelly recorreu ao ministro local, que tentou confortá-los e até realizou um exorcismo, mas sem sucesso. Então, em julho de 1936, foram a Londres pedir ajuda ao Dr. Nandor Fodor, Investigador do Instituto Internacional de Pesquisa Psíquica. Poderia a ciência psíquica ajudá-los a recuperar a paz na sua casa em Guildford?

Fodor visitou Ash Manor sozinho pela primeira vez e passou uma noite lá, mas não encontrou nada de invulgar nem ouviu nada digno de registo. Falou longamente com os Kellys e registou as suas palavras literalmente (vale lembrar que, na sua Hungria natal, ele tinha sido

campeão europeu de taquigrafia e ganhara muitos prémios pela velocidade e precisão com que tomava notas). Antes de regressar a Londres, foi à aldeia próxima e soube pelos habitantes que Ash Manor fora, de facto, assombrada no passado, mas que os Kellys *devem ter despertado algo*, pois não havia relatos de fantasmas na casa há sete anos, até à chegada deles.

De volta a Londres, Fodor persuadiu Eileen Garrett a acompanhá-lo a Ash Manor para ajudar a "enterrar o fantasma". A 25 de julho de 1936, Fodor, Eileen, a sua secretária Kenneth Rouse, a sua filha Babs e um velho amigo e investigador psíquico, o Dr. Elmer Lindsay, um cirurgião dentista americano, chegaram a Ash Manor.

Fodor deliberadamente nada disse a Eileen sobre o fantasma que os Kellys tinham visto, limitando-se a dizer que o local era assombrado. De qualquer forma, era assim que ela preferia trabalhar, raramente pedindo detalhes antes de tais investigações.

Na noite de 25 de julho, Fodor, Eileen e o resto do grupo de Londres reuniram-se no quarto do Sr. Kelly com Kelly e a sua esposa. Sentada numa cadeira, Eileen passou por momentos convulsivos e rapidamente entrou em transe, começando a falar com um sotaque masculino e persa:

— Sou eu, Uvani. Saúdo-vos, amigos. Que a paz esteja convosco, na vossa vida, no vosso trabalho e no vosso lar.

Era precisamente isso que os Kellys desejavam: paz no seu lar.

Fodor contou a Uvani sobre os acontecimentos recentes na casa dos Kelly. Havia ali um fantasma infeliz que, por sua vez, aterrorizara Maurice Kelly, a sua esposa e a sua filha. Como poderiam os vivos trazer paz à casa e ao espírito que nela habitava?

Uvani respondeu:

— Não vos importais que diga que, quando há infelicidade numa casa e há a impressão de que alguém regressa, isso acontece porque

criam para esse espírito um Jardim da Memória, onde ele pode viver e reviver os seus sofrimentos. Se forem felizes, tudo é agradável – não há constrangimento no vosso coração ou na vossa mente – não há visitas. Não podeis receber uma visita do fragmento de algo que está preso ao seu ambiente, a menos que sejais vós próprios a fornecer esse ambiente.

Esta foi a primeira sugestão, de entre todas as que os Kellys tinham ouvido sobre o fantasma, de que poderia haver tensão na família, que nem tudo era felicidade doméstica em Ash Manor e que, talvez, eles próprios fossem responsáveis pela sua infelicidade.

O Dr. Fodor discordou desta visão, mas Uvani manteve-se firme:

— A vida não pode morrer. Podeis dispersar o seu dinamismo, mas não dissipar a sua energia. Uma pessoa sensível pode facilmente dar vida não a uma, mas a mil memórias. A cerca de quinhentos metros desta casa, houve, no início do século XIX, uma prisão temporária para prisioneiros do Estado. Muitos homens e mulheres perderam ali a vida. Há dezenas de almas infelizes por aqui. Se uma em particular vos atormenta, é porque tem alguma afinidade convosco. Se estais nervosamente esgotados e viveis neste quarto, emitis energia com a qual o fantasma se constrói, como uma imagem num palco.

Depois, dirigindo-se diretamente à família Kelly, continuou:

— A menos que os membros desta casa sejam infelizes, a menos que haja constrangimento entre vós… ele não pode vir incomodar-vos.

O Dr. Lindsay perguntou a Uvani:

— E sobre casas desabitadas que são assombradas?

Uvani respondeu que tais casas recebem energia dos visitantes, especialmente se for um local onde um crime foi cometido.

— *Vamos lá e libertamos uma força que vivifica. Mesmo uma casa vazia pode continuar assombrada pela energia emitida por aqueles que passam apressadamente por ela, com medo.*

Em Ash Manor, continuou Uvani, o Sr. Kelly estava deprimido, emocionalmente perturbado e, em geral, infeliz, e esse sofrimento criava o ambiente ao qual o fantasma era atraído.

Lembrando-se das pancadas na porta do Sr. Kelly, Lindsay perguntou:

— *O que provoca esses sons?*

— *Nada se perde,* — respondeu Uvani. *Se tivésseis um instrumento de sensibilidade suficiente, poderíeis ouvir imediatamente os sons do passado. Se rebobinásseis os relógios do tempo, seria possível ouvir os Profetas a falar. Se essa personalidade está a tentar entrar em contacto convosco e sois sensíveis ao som, conseguireis ouvi-lo. Ele está presente no registo da intemporalidade.*

— *O que pode ser feito para acabar com a assombração?* — insistiu Lindsay.

Isso poderia ser conseguido, explicou Uvani, trazendo de volta a memória, permitindo-lhe tomar posse do médium – neste caso, Eileen Garrett – e desalojando-a. Uvani, o próprio orador, afastar-se-ia e, então, essa memória desapareceria.

— *Permitir-vos-ei encher esta câmara com a memória do passado,* — disse Uvani. — *Retirar-me-ei. Quando essa memória tomar posse deste instrumento [Eileen], estarei ausente. Prometo-vos que, quando essa memória se dissipar, não haverá mais problemas.*

Lindsay perguntou:

— *Quando a memória é trazida de volta, o homem do passado continua a assombrar a casa?*

— *Enquanto ele vos parecer sólido,* — respondeu Uvani, *ele não sabe que está a assombrar o lugar. Tereis de lhe dizer que está. É possível que ele nem sequer tenha consciência disso… A forma pode não saber que o tempo já não é o que era. Ele pode até confundir-vos com algo do passado.*

Até aquele momento, Eileen, em transe, parecia relaxada, com a respiração regular e tranquila. Mas quando Uvani terminou as suas palavras, ela emitiu um gemido profundo e o seu corpo tornou-se imóvel na cadeira, rígido da cabeça aos pés. A sua respiração tornou-se difícil, como se estivesse a sufocar.

Uvani já não era audível, a sua presença já não era sentida, e no seu lugar surgiu uma nova entidade. Eileen moveu as mãos, tocou nos lábios com os dedos e depois no pescoço. Estes eram gestos do fantasma, e os dedos nos lábios eram um sinal de que não conseguia falar.

Ainda em transe, Eileen – ou o fantasma – fez um gesto para que Fodor se aproximasse, e quando ele o fez, agarrou-lhe a mão direita com uma força tal que Fodor gritou de dor. O aperto era tão forte que, quando Lindsay tentou separá-los, não conseguiu soltar a mão de Fodor.

Eileen libertou a mão apenas quando caiu da cadeira para o chão e, em silêncio, ergueu os braços num gesto suplicante. Todos tentaram, silenciosamente, fazer o fantasma compreender que podia falar. Lindsay tocou nos lábios de Eileen, e dela saíram sons abafados, mas sem palavras.

Finalmente, após quinze minutos de luta, o fantasma gritou:

— *Eleison!*

Pronunciando-o *"Elee'son,"* com o acento na segunda sílaba – alguém na sala reconheceu imediatamente a pronúncia medieval da frase grega que significava *"Ó Senhor, tem misericórdia de todos nós!"*

Eileen, possuída pelo fantasma e ainda em transe profundo, foi ajudada a sentar-se novamente na cadeira.

O fantasma agora falava em inglês medieval, e embora ninguém na sala compreendesse bem as suas palavras, todos perceberam quando disse que tudo lhe fora tirado, incluindo a esposa. Também reconheceram a palavra *"Buckingham"*, e os primeiros indícios da tragédia do fantasma surgiram quando disse:

— Levaram-me tudo. Ofereceu-me ducados e vastas terras pela minha esposa, o meu senhor feudal. Ele, o meu inimigo, deixa-me apodrecer aqui sem o meu filho. Espero notícias do meu filho.

A expressão facial de Eileen mudou completamente, tornando-se irreconhecível para a sua filha e os amigos presentes na sala.

O Sr. Kelly aproximou-se para ver melhor e, ao recuar, exclamou consternado:

— É a imagem exata!

A Sra. Kelly olhou também e, entre soluços histéricos, gritou:

— Ó meu Deus!

Era o rosto do fantasma que ambos já tinham visto antes.

O fantasma continuou a falar, mas ao perceber que os ouvintes tinham dificuldade em compreender o seu inglês medieval, fez um gesto pedindo pena e tinta. Quando lhe deram, escreveu em caligrafia antiga mas legível o nome *"Henley."*

Foi escrevendo e falando com esforço, até que ficou claro que aquele era o fantasma de Lord Henley, que lutara contra os Tudors e agora procurava vingança contra o seu antigo amigo, Lord Buckingham, que seduzira a sua esposa e depois o torturara, mutilara e aprisionara. Isso acontecera há mais de quatrocentos anos, mas ele ainda se considerava prisioneiro e ainda procurava vingança.

O grupo de Fodor tentou argumentar com o fantasma de Henley, dizendo-lhe que tinha de esquecer a vingança, pois já tinham passado centenas de anos. Mas o fantasma recusou-se a aceitar, insistindo que precisava de vingança e pedindo ajuda para obter notícias da esposa e do filho.

Fodor voltou a dizer-lhe que ele já não pertencia a este mundo, que era o que se chama *"morto"*, mas que, de outra forma, ainda estava vivo e poderia ver a sua esposa e o seu filho novamente – se desistisse da vingança e deixasse Deus julgar Lord Buckingham.

— *"Falais-me de Deus!"* — gritou o fantasma. — *"Eu quero a minha vingança."*

Fodor insistiu, dizendo ao fantasma que, apesar do seu desprezo pelo trabalho de Deus, eles podiam mostrar-lhe que Deus poderia ajudá-lo, mas apenas se ele se libertasse do desejo de vingança.

— *"O que preferes?"* — interrompeu Lindsay. *"A tua vingança ou ver a tua esposa e o teu filho?"*

O fantasma parecia vacilar, pois, após alguma hesitação, disse:

— *"É por eles. Não pedirei nada para mim... por eles, sim..."*

A sua voz começou a esmorecer.

— *"Falareis comigo de novo? Segurai-me, não consigo ficar. Estou a escorregar. Não me deixeis."*

Após isso, instalou-se o silêncio na sala. Todos sentiram que o estranho já não estava ali com eles. Alguém no grupo tentou certificar-se, chamando pelo fantasma, mas não houve resposta. O ambiente na sala tornou-se mais relaxado, como se os problemas tivessem sido resolvidos e as tensões aliviadas. Eileen saiu do transe com a sua expressão normal e serena, e a sessão terminou. Parecia que o fantasma tinha finalmente sido libertado.

O Sr. e a Sra. Kelly sentiram alívio naquele momento, mas não estavam convencidos de que os seus problemas tinham terminado. Antes de o grupo partir para Londres, disseram a Fodor que ele prometera demasiado ao fantasma e que este voltaria se não encontrasse a sua esposa e o seu filho.

E, tal como tinham previsto, o fantasma regressou. No dia seguinte, o Sr. Kelly telefonou a Fodor e disse:

— *"Meu Deus, ele está aqui outra vez! Está na ombreira da porta, a tentar abrir a boca para falar."*

Fodor procurou Eileen após o telefonema e pediu-lhe uma sessão privada. Rapidamente, através de Uvani, confirmou aquilo que já suspeitava: que o Sr. Kelly tinha uma vida privada sórdida, que ele e a esposa discutiam constantemente e viviam em permanente tensão e conflito emocional.

Querendo obter mais informações, Fodor reuniu naquela tarde o grupo que participara na sessão em Ash Manor – exceto os Kellys – e realizou uma nova sessão com Eileen num apartamento em Piccadilly. Logo no início, Fodor recordou a Uvani o que acontecera em Ash Manor e perguntou porque é que, apesar de parecer que o fantasma não regressaria, ele tinha voltado para aterrorizar os Kellys.

A razão, disse o imperturbável Uvani, era que os Kellys não tinham cooperado. Tinham rezado, sim, mas sem sinceridade, e sem verdadeiro sentimento no coração não pode haver sucesso num exorcismo. Na verdade, os Kellys tinham carregado o ambiente com ainda mais tensão, criando as condições para que o fantasma continuasse a manifestar-se.

— *"Eles fornecem a energia que permite esta assombração... Dar um lugar no vosso coração aos mortos é bom se o fizerdes para os libertar. Mas manter-se sensível à vossa própria dor cria para eles uma morte viva."*

— *"Mas não fizeram algo pelo fantasma? Não o ajudaram?"* — perguntou alguém.

Uvani respondeu que eles o tinham sacudido do seu transe e do seu pesadelo, e que ele finalmente percebera que já não lidava com pessoas reais. Mas ainda era um homem atormentado, e os seus pensamentos agora eram:

— *"Como posso escapar disto, para que não volte a sonhar? Por favor, ficai comigo em compaixão até ao momento em que já não tenha medo de cair se partir para a luz!"*

Uvani continuou a lembrar-lhes que Henley sofrera profundamente e fora vítima de traição e de indignidades atrozes. Enquanto lutava na Escócia e em França, acreditava que Buckingham cuidava da sua esposa e das suas terras, mas Buckingham roubara-lhe ambas.

Quando Henley regressou, com apenas trinta e quatro anos, foi arrastado pelo campo com uma corda, teve a língua cortada e a garganta aberta para que os seus gritos nunca fossem ouvidos, e foi atirado para a prisão perpétua. Durante trinta anos, naquele calabouço, o outrora orgulhoso soldado, senhor de terras, marido e pai foi reduzido a uma ruína humana, cuja única força vinha do desejo de vingança.

— *"Lembrai-vos,"* — prosseguiu Uvani — *"quando temos uma ideia fixa na mente, é difícil libertarmo-nos dela. Dizei-lhe que a casa dos seus sonhos desapareceu, tal como tudo o resto. Dentro de pouco tempo, falareis com um cavalheiro razoável… Ele ainda se vê como impuro, desalinhado, irracional."*

Uvani silenciou-se e deu lugar ao fantasma, que falou diretamente com Fodor e o grupo:

— *"Vim saudar-vos,"* — disse o fantasma de Henley. *"Digo-vos que encontrei a fala, encontrei o meu filho... Está tudo bem? Suplico-vos, não brinqueis com alguém que está doente até à morte. Estou*

verdadeiramente fora desta vida? Não me digais para minha paz momentânea, pois já suportei demasiado. Dai-me força para falar mais, para que tenha a certeza de que não estou a ser enganado outra vez. Estou morto há muitos anos e, no entanto, aprisionado… Roguei junto à Cruz, jurei lealdade ao meu Senhor, beijei a espada para o servir. Os homens da minha fé roubaram-me tudo. O que é do meu Senhor? Ele permite que aqueles que invocam o Seu santo nome torturem aquele que O serviu? O que fiz para que Ele me tenha esquecido?"

Fodor perguntou ao fantasma quando fora preso.

— *"Foi em Seu nome e no dia do Seu nascimento, em 1536."*

Fodor explicou que tinham passado quatrocentos anos desde então. O seu carcereiro morrera, e nenhum homem o impedia agora de ser livre.

O fantasma falou do seu carcereiro:

— *"Os seus ossos ficaram comigo por muitos dias e noites, mas o seu espírito reteve-me. Tende misericórdia, tende piedade e tolerância para comigo. Vivi sozinho com este corpo apodrecido enquanto o seu espírito não me abandonava."*

E então perguntou, com voz suplicante:

— *"Ele já não existe?... Não há mais tormento a sair disto?... Posso partir em paz?"*

— *"Podes partir e encontrar os teus entes queridos,"* — disse Fodor calmamente.

Como que em júbilo, o fantasma exclamou:

— *"Então, que toda a miséria e ódio partam comigo. Eu parto e levo a minha paz."*

Parecia ser o fim do fantasma. Mas, alguns dias depois, o Sr. Kelly telefonou a Fodor e disse que o fantasma estava sempre na sua mente e que não conseguia dormir.

— *"Ele assombra-me. Nunca me livrarei dele."* — lamentou-se Kelly.

Fodor enviou-lhe uma transcrição da análise de Uvani, onde o descrevia como um devasso e alcoólico casado com uma viciada em morfina. Vivendo juntos em Ash Manor, os dois haviam criado o ambiente que atraíra o fantasma de Henley.

Mas o fantasma nunca mais regressou a Ash Manor. O choque da revelação do seu próprio caráter por Uvani foi tão forte para o Sr. Kelly que pareceu quebrar a influência do fantasma sobre ele.

Danton Walker, colunista da Broadway para o *New York Daily News*, não sabia que a antiga casa no Condado de Rockland, que comprou em 1942, era assombrada, mas em 1952 ele, os seus empregados e os seus convidados já sabiam muito bem que coisas estranhas estavam a acontecer por lá.

A grande casa colonial em Camp Hill estava em péssimas condições quando Walker a viu pela primeira vez, mas ele sabia que podia fazer muito para restaurá-la. Queria-a porque ficava numa região rural encantadora, datava da época da Revolução Americana, quando o General *"Mad"* Anthony Wayne a usara, e, mais importante ainda, porque era o refúgio perfeito. Foram precisos alguns anos e muito dinheiro, mas Walker finalmente fez dela o retiro que desejava para si e para os seus amigos da cidade.

Mas então começaram as perturbações.

Uma tarde, em 1944, enquanto lia, ouviu uma pancada forte na porta da frente, mas ninguém entrou quando ele gritou para que entrassem. Levantou-se, abriu a porta e não encontrou ninguém. Mais tarde, o seu trabalhador doméstico relatou que, certa noite, desceu três vezes para verificar quem estava a bater na porta e, de cada vez, não

encontrou ninguém. Outro trabalhador disse a Walker que ouvia frequentemente passos dentro da casa, mas nunca via ninguém a andar por lá. Dois convidados vindos da cidade também lhe contaram a mesma coisa: ouviram claramente o som de passos, mas não viram ninguém a caminhar dentro da casa.

Foi mais difícil ignorar outros fenómenos: vidros estalados, mossas nos utensílios de estanho, um quadro que caiu repentinamente ao chão depois de estar firmemente pendurado na parede durante dois anos. Depois houve o caso da senhora que quase foi atingida por um jarro de estanho que caiu subitamente da estante do seu quarto. Outro hóspede ficou inquieto porque a luz do seu quarto acendia e apagava sozinha, sem qualquer explicação mecânica.

Ao mesmo tempo, outro convidado queixou-se de que fora despertado do sono por alguém que lhe deu uma bofetada no rosto. Ao levantar-se, não viu ninguém no quarto, mas a sua camisa, que estava pendurada numa cadeira, agitava-se como se houvesse uma corrente de ar – o que era impossível, pois a noite estava completamente calma. Além disso, uma cadeira de baloiço, noutra parte do quarto, movia-se sozinha para a frente e para trás.

Por fim, Walker também começou a questionar-se sobre as rajadas de ar frio repentinas que o atingiam enquanto caminhava pela casa – até ao dia em que, exasperado, gritou:

— *"Por amor de Deus, deixem-me em paz!"*

E, misteriosamente, as rajadas de ar pararam.

Finalmente, construiu um pequeno estúdio ao lado da casa principal para poder dormir em paz. Durante algum tempo, sentiu-se confortável ali, mas os convidados continuavam a passar por experiências perturbadoras.

Uma mulher, depois de passar duas noites na casa, disse-lhe:

— *"Foi maravilhoso da tua parte convidar-me para este belo refúgio no campo, mas simplesmente não consigo suportar mais o meu quarto."*

Quando Walker perguntou porquê, ela respondeu:

— *"Aquele quarto não tinha ninguém além de mim, e mesmo assim foi o lugar mais agitado onde já passei uma noite."*

Depois, o pintor da cozinha disse a Walker:

— *"Todas as tardes, por volta das quatro, alguém sobe as escadas."*

Quando Walker perguntou a quem ele se referia, o homem respondeu:

— *"Alguém que usa botas."*

E então veio a história da convidada, Eloise, que bebeu demais numa noite e subiu para dormir. Uma hora depois, os outros convidados ouviram um estrondo no teto acima deles e presumiram que ela tivesse caído do sofá. Correram para verificar se estava bem, mas não a encontraram nesse quarto. Ela estava numa outra divisão, no andar de baixo, e já tinha recuperado dos excessos da noite.

Foi então que Danton Walker percebeu que precisava de ajuda profissional. Isso levou-o a conversar com Eileen Garrett no seu apartamento em Nova Iorque. Ela ouviu o relato sobre os distúrbios em Rockland e disse-lhe que já tinha tido sucesso a "enterrar fantasmas" em Inglaterra e que não se importava de tentar o mesmo nos Estados Unidos.

Chegou à casa de Rockland num dia cinzento de novembro, acompanhada de um grupo considerável que incluía o Dr. Robert Laidlaw, psiquiatra nova-iorquino; Hans Holzer, escritor e professor especializado em fenómenos psíquicos; Michel Pobers, então

secretário da *Parapsychology Foundation*; e a secretária pessoal de Eileen, Miss Lenore Davison.

Danton Walker levou Eileen numa pequena visita guiada pela casa, enquanto os outros exploravam por conta própria. Quando lhe mostrou o quarto no segundo andar, ela disse-lhe que provavelmente era o quarto assombrado. Também lhe disse que a estrada que levava à casa antigamente se estendia até às montanhas, algo que Walker mais tarde verificou ser verdade.

Eileen mencionou ainda que, em tempos, existira um *"wagon way"* (caminho para carroças) que levava à colina onde ficava a casa. Algumas semanas depois, Walker encontrou esse caminho. Em seguida, disse-lhe que aquele quarto tinha sido, em tempos, dividido por uma parede, sendo uma parte usada como armazém para maçãs, cereais e outros produtos cultivados no terreno.

Walker ouviu atentamente, pois ele próprio tinha removido essa parede anos antes, pouco depois de comprar a casa. Por fim, olhando em volta e farejando o ar como um cão, Eileen afirmou que, há muito tempo, um homem armado com um rifle sentava-se junto à janela do quarto, alerta para agentes fiscais que caçavam produtores clandestinos de álcool (*moonshiners*).

Walker, que havia estudado a história da casa, ficou espantado – esta era uma informação verídica, revelada por uma mulher que nunca estivera ali antes e que nada sabia sobre a história do Condado de Rockland. Mais tarde, escreveu sobre essa visita:

— *"A partir daquele momento, fiquei convencido de que a Sra. Garrett estava, no mínimo, a seguir a pista certa, e estava preparado para ouvir com respeito tudo o que ela ainda tivesse para revelar."*

Pouco depois, o resto do grupo subiu para se juntar a Eileen e Walker no chamado *quarto assombrado*.

Eileen sentou-se numa grande cadeira de baloiço colonial, cuja parte de trás estava encostada a uma parede, enquanto os outros

formaram um semicírculo à sua frente. Eram 14h45, e ainda havia bastante luz.

Com voz calma e informal, Eileen anunciou que entraria num transe profundo.

Usando as palavras de Walker para descrever o que se seguiu, ela *"procedeu a desmaiar completamente, num estado que parecia cataléptico. Embora os seus olhos tenham permanecido abertos o tempo todo, estavam revirados para cima e pareciam sem vida."*

Logo, começaram a ouvir murmúrios vindos dos seus lábios, numa voz grave e masculina...

Após um longo monólogo de Uvani, uma nova personalidade emergiu, e então as coisas realmente começaram a acontecer.

Quando Uvani saudou o grupo pela primeira vez, perguntou:

— *"O que desejam de mim hoje, por favor?"*

Dr. Laidlaw: — *"Estamos aqui como amigos do Sr. Walker, dono desta casa, para investigar ocorrências estranhas que têm ocorrido de tempos a tempos e que nos levam a acreditar que pertencem a este domínio do nosso interesse. Gostaríamos que nos orientasses, Uvani, sobre qual o melhor método a seguir esta tarde. A nossa boa amiga e instrumento [referia-se à Sra. Garrett] tem a sensação de que há uma personalidade ligada a esta casa, cuja influência ainda se faz sentir aqui."*

Uvani: — *"Sim, penso que sim. Eu próprio estou confrontado com uma personalidade bastante inquieta. Na verdade, uma personalidade muito estranha, alguém que talvez, em vida, não tivesse plena posse das suas faculdades mentais. Sinto uma enorme agitação. Gostaria de vos falar sobre esta personalidade e, ao mesmo tempo, chamar a vossa atenção para os notáveis efeitos atmosféricos que ela consegue criar no nosso ambiente..."*

As mãos de Eileen começaram a tremer, e a voz de Uvani tornou-se trémula ao dizer que já não conseguia controlar os seus movimentos. Havia uma nova personalidade a lutar dentro dele, explicou Uvani, e essa entidade sofria do que os médicos chamam de *"paralisia clássica."* Ainda a tremer violentamente, Uvani pediu a Laidlaw, como médico e psiquiatra, que lidasse com a nova personalidade enquanto ele próprio se retirava daquela atmosfera tensa.

— *"Peço-te que te recordes,"* — continuou Uvani dirigindo-se ao médico, *"que estás a lidar com uma personalidade muito jovem, muito cansada, que sofreu imensamente em vida e que, durante muitos anos antes da sua morte, foi incapaz de pensar por si mesma. Agora, por favor, toma conta da situação."*

Hans Holzer deu o seguinte relato direto do que se seguiu:

"Uvani deixou o corpo do médium naquele momento. Por um instante, parecia que toda a vida tinha desaparecido dele, enquanto permanecia imóvel na cadeira. Então, subitamente, uma nova personalidade pareceu tomar posse do corpo. Lentamente, a nova entidade sentou-se, com as mãos a tremer violentamente devido à paralisia, o rosto distorcido por uma dor extrema, os olhos a piscar e a fixar-se no vazio, sem ver nada, olhando através de nós sem qualquer sinal de reconhecimento. Tudo isto foi acompanhado por gritos inarticulados, que mais tarde se transformaram em choros entrecortados e profundamente emocionais. Durante cerca de dez segundos, a nova personalidade manteve-se sentada na cadeira, mas depois tombou repentinamente para o chão.

Deitado no chão, continuou a emitir sons inarticulados durante um ou dois minutos, tentando, em vão, erguer-se. Uma das pernas, a esquerda, continuava a mover-se rapidamente em espasmos convulsivos, típicos da paralisia. Era visível que a perna tinha sido gravemente danificada. De tempos a tempos, ele levava

a mão esquerda à cabeça, tocando-a como se quisesse indicar que também sentia dor ali."

O Dr. Laidlaw disse ao espírito atormentado que estava entre amigos, mas a entidade continuava a murmurar e a chorar. Laidlaw persistiu, falando-lhe com paciência e gentileza, até que, finalmente, da entidade sofredora emergiram palavras com um forte sotaque polaco:

— *"Amigo... pedras... espancado... jaz aqui na noite escura... sangro..."*

E então o espírito polaco silenciou-se. O médium ergueu-se, sentou-se novamente na cadeira, e ouviu-se novamente a voz de Uvani:

— *"Deixai-me contar-vos um pouco do que consegui perceber. Aqui tendes, claramente, uma pobre alma presa na memória de dias, talvez semanas ou anos de confusão... Ele foi, ao que parece, prisioneiro de um exército mercenário... Tornou-se um 'bota de ferro' para todos os tipos de homens que lutaram. Foi um bom servo. Ele está aqui, está ali. Não sabe para quem trabalha. Refere-se a um André, com quem esteve em contacto durante algum tempo, e gostava muito desse André porque tinham nomes semelhantes – porque ele é Andrewski... O seu amigo André desaparece, e ele fica perdido... até que, eventualmente, cai nas mãos das tropas britânicas.**

É conhecido por ter cartas e planos consigo, e quer que vos diga que os escondeu a leste do local onde vos encontrais agora, num edifício temporário... Ele recusou-se a revelar os planos e foi impiedosamente espancado. Os seus membros foram quebrados e ele desmaiou, já sem plena consciência, com uma grave lesão num dos lados do corpo e uma perna danificada.

Aparentemente, esteve em coma de tempos a tempos – acordava, sonhava e voltava a perder-se. Às vezes diz, com uma certa inocência, que foi um longo sonho entre dois estados de existência."

A voz de Uvani dirigiu-se então a Danton Walker, alto e de olhos azuis, e disse-lhe que Andrewski, o polaco que assombrava a casa, provavelmente se apegara a Walker e à casa de Rockland porque Walker se parecia com o seu irmão.

— *"Tive um irmão,"* — disse Andrewski a Uvani. — *"Deixei-o muito jovem, alto, de olhos azuis."*

Uvani virou-se para o grupo e disse que tentaria, com as suas preces, encontrar o irmão de Andrewski. Falou então diretamente ao espírito, dizendo-lhe que nunca mais seria humilhado e espancado e que encontraria paz e liberdade.

— *"Em nome desse Deus e dessa fé na qual foste criado,"* — entoou Uvani, *"busca a salvação e a misericórdia para a tua inquietação. Parte em paz. Parte para um sonho mais sereno. Parte para onde há uma vida maior. Vem connosco,"* — concluiu Uvani, ele próprio um estranho de outro mundo e outra vida. — *"Não estás entre os teus. Por misericórdia, deixa-nos partir de mãos dadas."*

Danton Walker juntou-se à oração que veio de Uvani e dos lábios da Eileen Garrett em transe:

— *"Que não haja mais doença, nem discórdia, nem infelicidade nesta casa, pois ele pensava que era o seu único refúgio. Que haja, de facto, paz nos corações e compreensão entre este mundo e o outro. É tão curta a distância, embora pareça tão grande. Que, então, na nossa vida quotidiana, não esperemos por esta experiência sombria, mas ajudemos a cada momento da nossa existência."*

Uvani desapareceu, e Eileen despertou, completamente alheia a tudo o que acontecera na última hora e um quarto. Os seus amigos contaram-lhe o sucedido, e ela ouviu com o interesse de quem ouvia aqueles factos pela primeira vez.

Depois disso, não houve mais distúrbios na casa, e algumas semanas depois Walker escreveu a Hans Holzer dizendo que *"a atmosfera do local parece muito mais calma."* Ao recordar Eileen

Garrett, o transe, as vozes, Uvani, Andrewski, as revelações sobre a história da casa e a oração final, Walker concluiu:

— *"Ou ela era a maior atriz viva fora do teatro, ou estava realmente possuída. E como a Sra. Garrett é conhecida como uma mulher de intelecto e integridade, nem a sua honestidade nem a sua sinceridade poderiam ser questionadas."*

Algumas semanas após o exorcismo da casa Rockland, Eileen, durante umas férias de inverno na Jamaica com alguns amigos e colegas do seu escritório em Nova Iorque, dirigiu-se a Rose Hall, a treze milhas de Montego Bay, para visitar a imponente mansão abandonada, dita assombrada pelo fantasma de Annie Palmer. Annie foi a senhora da grande casa e da plantação de açúcar ao seu redor numa época anterior, e tem sido conhecida por gerações de jamaicanos como a Bruxa Branca, cujo corpo foi queimado por escravos em 1831, depois de ter sido estrangulada pelo seu terceiro marido. O grupo de Eileen naquele dia de Natal de 1952 incluía Michel Pobers, da Fundação de Parapsicologia; a sua secretária, Lenore Davison; e dois amigos de Nova Iorque. Todos tinham vindo como turistas, intrigados, tal como os outros, pelas lendas de um passado sombrio e vibrante.

Mesmo em decadência, Rose Hall era – e ainda é – memorável; situada no topo de uma colina, com uma escadaria de pedra de quatorze pés que se abre para um pórtico de vinte pés, um grande salão de quarenta pés de comprimento e trinta pés de largura, e um teto a dezoito pés de altura, com vista para imensos móveis e portas de mogno com quatro polegadas de espessura. Pouco depois de entrar na mansão, Eileen deixou de ser a turista despreocupada e foi tomada por visões clarividentes incontroláveis.

Lee Davison, sua secretária, há muito acostumada às sensibilidades de Eileen quando esta era sobrecarregada por tantas lendas e história, estava preparada para registar tudo o que ela dissesse, e começou a tomar notas. Eileen falou primeiro sobre o primeiro marido de Annie, John Rose Palmer, o plantador que a

trouxe de Inglaterra como sua jovem esposa.
"Tenho a impressão", disse Eileen, "de que o primeiro homem da sua escolha lhe causava medo. Ele pode ter sido lentamente envenenado...

Parece-me ser uma pessoa rude. Pode ser que a presença dele seja mais potente do que a dela ou de qualquer outra pessoa quando ela partiu – um pouco corpulenta, cabelo muito preto e muito brilhante, olhos estimulantes. Ela deve ter sabido que a sua vida estava em perigo, pois tentava escapar. Quando estive perto da árvore, senti isso. Era bem sabido que ela usava esta árvore, ou que o seu feiticeiro e outros que a serviam o faziam, e era vista com grande suspeição, pois foi perto desta árvore que ela foi espancada, violada e finalmente morta."

Annie Palmer era altiva, melancólica e inquieta, e não gostava do luxo de Rose Hall naquela ilha tão vital para o comércio de escravos, melaço e açúcar da época. Também detestava o marido com tal intensidade que tomou um jovem escravo negro como amante. Na noite em que o marido descobriu, colocou veneno no seu vinho e, enquanto ele agonizava e sofria, entrou no quarto com o seu amante e riu-se dele com uma satisfação vingativa. Mesmo debilitado, ele amaldiçoou-a violentamente do seu leito de morte, e ela interrompeu-o ordenando ao seu amante que o estrangulasse antes que o veneno o matasse. Dispensaram-se do corpo de forma rápida e eficiente, e nunca houve um túmulo conhecido para John Palmer.

Mas Annie, agora a nova senhora de Rose Hall, precisava de se livrar do único homem que conhecia o crime. Mandou açoitar o jovem amante até à morte enquanto observava, montada num cavalo negro, até que toda a vida lhe escapasse. Continuou com as suas crueldades, espancando e torturando os seus trabalhadores negros, por vezes vestindo-se de homem e cavalgando pela propriedade, golpeando com o seu chicote os escravos que não estivessem nos seus aposentos. Muitos trabalhadores desertaram para outras partes da ilha à medida que as torturas desta bruxa branca se tornaram conhecimento comum, mas a maioria permaneceu, pois temia os seus poderes mágicos, que,

dizia-se, tinham sido adquiridos através do poder do obeah que aprendera numa visita ao Haiti.

Um dia, a sua escrava, Princess, trouxe-lhe um copo de leite, mas Annie não o bebeu porque viu um sedimento suspeito, que, após exame, se revelou ser veneno. A jovem foi julgada por um tribunal em Montego Bay e condenada à morte, e Annie pediu – e foi-lhe concedida – permissão para ficar com a cabeça da rapariga, de modo a colocá-la no topo de um poste de bambu com vista para os alojamentos dos escravos, como aviso para todos os outros que pudessem tentar tirar-lhe a vida.

Novos homens brancos chegaram à plantação para assumir cargos de supervisão, e Annie envolveu-se com uma sucessão deles, envenenando-os ou mandando-os esfaquear até à morte quando se cansava deles. Também voltou a casar-se, mas o segundo marido escapou-lhe e deixou a plantação antes que ela pudesse matá-lo.

Os seus supostos poderes mágicos, através dos quais podia destruir aqueles que tentavam destruí-la, continuavam a protegê-la. Mesmo quando um grupo de escravos rebeldes incendiou a plantação a 27 de dezembro de 1831, não a atacaram, pois temiam-na mais do que a odiavam. Dois anos depois, os escravos encontraram-na estrangulada na sua cama, aparentemente morta pelo terceiro marido ou por um escravo que ousou desafiar a sua magia. Mas nenhum homem negro foi encontrado para lhe cavar uma sepultura, pois a sua reputação de lançar feitiços malignos continuava poderosa mesmo após a morte. Plantadores brancos de outras partes da Jamaica acabaram por enterrá-la num jardim próximo da sua casa.

Eileen e o seu grupo regressaram a Rose Hall no dia 26 de dezembro, na noite seguinte à sua primeira visita. O plano, nesta segunda visita, era comunicar com o espírito de Annie. Completamente destemida, descontraída, até um pouco brincalhona como sempre no início de tais missões, Eileen ouviu pacientemente e com respeito, mas ignorou os avisos dos proprietários e funcionários experientes do seu hotel em Montego Bay, que a lembraram da

terrível história e do sofrimento associados a Rose Hall e advertiram que não deveria ser perturbada. Foi uma viagem lucrativa para os taxistas que levaram o grupo de Garrett as treze milhas até à mansão, mas até eles estavam assustados e alertaram-na sobre as consequências.

Havia uma lua brilhante, cães a ladrar e o som de tiros distantes quando o grupo chegou e começou a avançar pelas ruínas e por um túnel sob elas, com Eileen a liderar o caminho. O seu comportamento despreocupado mudou rapidamente assim que emergiu do túnel para as ruínas, pouco depois de terem chegado. Caminhou cada vez mais depressa, parou, atirou-se ao chão, começou a gemer, bateu no chão com as mãos e logo entrou em transe. Uma nova voz falou agora, e era a voz de Annie Palmer, a suplicar: "Por favor, por favor, por favor."

O Sr. Pobers disse, enquanto o grupo se reunia à volta de Eileen: "Em nome de Deus, não tens nada a temer."

Annie – ou o corpo de Eileen – rolou no chão, riu, gemeu, cantou, rezou e pediu ao grupo que rezasse por ela. Mas foi uma missão inconclusiva, como Eileen percebeu ao sair do transe. Disse que teria de voltar.

Ela regressou duas vezes uma semana depois, no início de janeiro. Por vezes em transe, por vezes de modo clarividen, encontrou uma Annie Palmer infeliz e solitária. Viu-a no dia da sua morte. Ouviu cânticos nos alojamentos dos escravos. Viu uma multidão frenética e viu Rose Hall ser invadida. E depois viu o corpo de Annie à luz das tochas, morto ou espancado e inconsciente.

"Então vês a multidão de pessoas," disse Eileen, "e quase ouves os passos apressados... Sentes que a casa está prestes a ser tomada. Depois vêm outras pessoas. Alguém se inclina e olha para ela [Annie], não pensa que está morta... Finalmente, uma espécie de ordem foi restabelecida pelo homem alto, de aspeto rude, escuro – escuro como um espanhol. Duas ou três mulheres, com lenços bastante brilhantes

na cabeça, saem. Depois cerca de vinte ou trinta pessoas. Vários inclinam-se sobre ela e pegam numa coisa que parece uma escada. Ela é colocada sobre ela e levam-na ainda viva. Tens a impressão da sua dor terrível."

"Ela morre durante a noite, lentamente, dolorosamente. Depois vejo uma espécie de luz cinzenta. Talvez seja a luz da manhã. E alguém, que deve ter tido um mau pressentimento, recolhe-a e leva-a de volta."

Pobers perguntou se Annie voltava para assombrar Rose Hall, e Eileen disse que sim, que ela regressava e estava determinada a que ninguém jamais vivesse ali.

Então a voz de Annie veio de Eileen em transe, dizendo:
"Que ninguém pense que isto é o fim de mim. Eles têm mais do que eu com que se preocupar... Os meus gritos viverão e aqueles que procurarem herdar encontrarão uma maldição sobre eles.

Morrerei sem santificação, mas a força da minha vida não se esgotou, apenas o meu sangue."

Rose Hall e o fantasma de Annie Palmer fizeram parte de uma experiência, e nada de conclusivo resultou dela. Eileen percebeu alguma história passada, e o que sentiu e registou faz parte do sempre crescente folclore de Rose Hall. O jornal jamaicano *The Sunday Gleaner*, na sua edição de 13 de janeiro de 1953, publicou um longo relato das investigações de Eileen, e as manchetes diziam:

A BRUXA BRANCA ANNIE PALMER
FALA COM MÉDIUM
ELA ASSOMBRA ROSE HALL

A repórter que escreveu a história, uma certa Margery Gunter, disse:
"Através da mediunidade da Sra. Garrett, foi feito contacto com o

espírito de Annie Palmer. Por vezes, ela falava em francês e outras vezes em espanhol... Algumas das dramatizações foram muito assustadoras para os observadores, mas Eileen Garrett formou uma impressão mais branda. Ela pensa que Annie Palmer não era uma mulher má, mas sim solitária, injustiçada e completamente incompreendida pelos vários homens que a amaram, que os escravos de Rose Hall a odiavam e que ela teve de se proteger. Por isso, rezemos por Annie Palmer, de qualquer maneira."

ONZE

Os dons mediúnicos de Eileen incluíam testes de livros, ou seja, quando em transe, o seu guia podia orientar um participante numa sessão espírita a consultar uma passagem específica num determinado livro que estivesse numa prateleira ou mesa na casa do participante, e que continha a resposta para uma dúvida ou problema pessoal. Esta não tem sido uma forma comum de comunicação extrassensorial, mas aparentemente deriva de uma sensibilidade de alta qualidade e foi praticada por alguns dos médiuns mais famosos dos últimos cem anos, incluindo Stainton Moses, Drayton Thomas, Gladys Osborn Leonard e William Eglinton.

Sir William Crookes, físico, inventor do tubo de Crookes e pioneiro da investigação psíquica moderna, discutiu os testes de livros de forma simpática na edição de janeiro de 1874 da *British Quarterly Review of Science*, e a Sra. Henry Sidgwick, igualmente eminente como estudiosa do paranormal, concluiu em 1921, após um estudo exaustivo dos testes de livros, que "as provas perante nós constituem um caso razoável e à primeira vista credível para a crença na perceção de coisas externas não conhecidas por ninguém presente, mas conhecidas por alguém, algures."

Eileen realizou muitos testes de livros notavelmente precisos nos seus primeiros tempos no British College e aparentemente com pouca formação por parte de McKenzie nesta forma de comunicação. A 14 de maio de 1926, por exemplo, a sua participante era uma Sra. M. K., e a transcrição da sessão, na qual Uvani falou, revelou que a mãe de

M. K. comunicou diretamente com a filha. A voz da mãe era familiar e identificou-se ainda mais ao revelar dados pessoais íntimos que eram tão precisos que não deixavam dúvidas sobre a sua identidade. A mãe da mulher disse-lhe que, se abrisse na página 94, décima segunda linha, de um livro que estivera a ler naquele dia, encontraria a resposta para um problema que a preocupava.

M. K. tinha, de facto, estado a ler um livro naquela manhã, desviando-se nesse dia do seu hábito regular de ler o jornal matinal. O livro era *The Meaning of Masonry*, de W. L. Wilmshurst, e na página 94, como indicado, havia uma discussão sobre evolução.
"Aqui encontrei uma resposta," escreveu a Sra. M. K. após a sessão, "numa frase concisa para as perguntas que tenho vindo a fazer. Numa leitura posterior do livro, não encontrei qualquer outra frase que respondesse de forma tão habilidosa às minhas dúvidas."

Alguns dias depois, a Sra. Garrett realizou uma sessão para a sua primeira mentora em mediunidade, a Sra. Kelway Bamber. A Sra. Bamber tinha estado a tentar explicar a outra pessoa interessada no espiritismo que a mediunidade não implica leitura, mas sim uma verdadeira comunicação com o espírito. Uvani apareceu e disse-lhe: "Se olhar para o livro na mesa da cómoda, na página cento e vinte, linha cinco, encontrará algo adequado relacionado com o que tem feito ultimamente."

A Sra. Bamber encontrou o livro, *The Life After Death*, editado por Sir James Marchant, e na página 120 encontrou precisamente a discussão sobre espiritismo que lhe foi tão útil, assim como ao seu mais recente aluno.

A 10 de julho de 1926, Uvani, no College, disse a uma Sra. M. que ela encontraria uma mensagem importante para ela no livro que estava a ler em casa.
"Olhe para a página sessenta e dois e encontrará ali uma mensagem do seu marido."

O livro era *Experiences in Spiritualism with D. D. Home*, de Lord Dunraven, e a linha na página especificada por Uvani dizia o seguinte: *"Sabemos de todos os teus sofrimentos e das tuas falhas, e de tudo contra o que tens de lutar, pois não fomos também nós mortais, não nos cansámos nós à beira do caminho, não tivemos os nossos momentos de agonia e dúvida?"*

A Sra. M. ainda não tinha chegado à página 62 na sua leitura do livro, mas aquela linha indicada por Uvani era exatamente a mensagem que procurava, e foi, disse ela, "literalmente uma resposta às perguntas que tenho feito mentalmente ao meu marido, sobre se aqueles do outro lado, com toda a sua vasta experiência, podem realmente continuar a interessar-se pessoalmente pelos nossos pequenos problemas. O teste do livro seguiu-se imediatamente a uma mensagem muito íntima e pessoal do meu marido."

Numa sessão no British College, em 1927, o Sr. e a Sra. T. J. perguntaram a Uvani notícias do seu filho falecido, após o que a voz do filho se fez ouvir e dirigiu-os para uma estante de livros numa sala específica da sua casa.
"Na segunda prateleira encontrarão um livro com capa amarela," disse ele, *"e na página 50, linha 3, encontrarão uma mensagem minha."*

O livro era *Toward the Stars*, de Dennis Bradley, e a secção da página 50 dizia o seguinte:
"Ele então referiu-se a James do outro lado e ao espírito de um rapaz que tinha falecido jovem e que se desenvolveu no mundo espiritual... A minha existência no mundo espiritual está cheia de vida, conhecimento e vitalidade. Estou tão feliz por ainda poder ser útil. Não quero ser alguém inacabado. O mundo espiritual não é misterioso, mas sim bastante natural."

Numa segunda mensagem, o filho disse aos pais:

"Procurem um livro de capa mole – segunda fila, quinto a contar do topo, página onze, linhas terceira a décima quinta."

Ele também mencionou que a estante onde se encontrava o livro estava perto de uma secretária com tampa de rolo (que, na verdade, se revelou ser um piano de tampo redondo e não uma secretária), e na página indicada os pais encontraram estas linhas:

"Os teus mortos viverão, os teus corpos ressuscitarão,
Acordai e exultai, vós que dormis no pó.
O orvalho da manhã cairá sobre vós,
Mas a terra esmagará os opressores."

A 2 de fevereiro de 1927, o Sr. M. S., numa sessão com Eileen, perguntou a Uvani:
"Como estou a progredir no meu desenvolvimento oculto?"

Uvani respondeu:

"O teu desenvolvimento oculto tem seguido linhas filosóficas. Ultimamente, não tens podido participar em trabalhos comunitários; tens, por assim dizer, estado na retaguarda, mas isso não impediu o teu progresso. Fizeste grandes avanços, és fortemente utilizado; a noite é usada para o teu desenvolvimento; deves sentir-te bastante feliz. No teu quarto, sobre a mesa de cabeceira, há um livro; na página cinquenta e dois, linhas terceira a décima quinta, encontrarás a resposta à tua pergunta: 'Estou a desenvolver-me?'"

O Sr. M. S. tomava notas e não tinha certeza do número da página que ouvira.
"Disse página cinquenta e quatro?" perguntou.

Uvani respondeu que não, que era a página 52, linhas 3 a 15. Também lhe deu outra mensagem e mencionou nela o nome de uma pessoa que M. S. nunca tinha conhecido ou ouvido falar.

Quando M. S. chegou a casa e consultou a página 52, conforme indicado, encontrou as dez linhas de verso que lhe haviam sido ditas para ler e que tinham *"um significado especial"* para ele. Já tinha lido o livro na íntegra anteriormente, mas teria perdido o significado da página 52 se Uvani não o tivesse enviado de volta a ela.

Mas ele ainda estava intrigado com a mensagem incompreensível que Uvani lhe dera, aquela na qual mencionava o nome de um amigo e outro nome que lhe era desconhecido. Ele não sabia que isto era comum numa sessão espírita e em comunicações do outro mundo, uma vez que o espírito guia – neste caso, Uvani – vê ou ouve uma variedade de pessoas e fenómenos que só têm uma relação secundária ou marginal com o participante.

Quando M. S. encontrou o amigo que Uvani mencionara, contou-lhe sobre a sua sessão e também mencionou a estranha mensagem e o nome desconhecido que lhe tinha sido transmitido. O amigo de M. S. reconheceu imediatamente o nome como sendo o do seu melhor amigo, que tinha morrido há dezoito meses, e cuja mensagem ele entendeu claramente.

No início de 1931, Eileen realizou uma sessão no British College para um pai cujo jovem filho tinha falecido recentemente. O rapaz, segundo o pai, comunicou-se muito bem, enviando várias mensagens depois de Uvani ter aparecido primeiro. O rapaz disse ao pai que estava perturbado porque a sua mãe ainda estava profundamente de luto e inconsolável.

Assim, disse ao pai durante a sessão:

"Diz-lhe para consultar os últimos dois parágrafos da página 23 de um livro numa língua estrangeira que está na mesa ao lado da cama dela."

O pai protestou ao ouvir isto, dizendo que devia haver algum erro, pois a mãe lia apenas inglês e não tinha livros em línguas estrangeiras em casa. Quando lhe foi dito novamente que não havia erro e que existia, sim, tal livro em casa, o pai disse que mencionaria o assunto à esposa.

Inicialmente, a reação da esposa foi negar, dizendo que aquilo estava errado e que não tinha livros em línguas estrangeiras. Mas, de repente, parou e lembrou-se de que tinha comprado um livro em

francês, *Le Malade Imaginaire*, de Molière. Encontrou-o sobre a mesa ao lado da cama, exatamente como o filho lhe dissera, e sentou-se com o marido para ler a página 23.

As últimas duas frases, traduzidas do francês, que o filho falecido falava e lia bem, eram as seguintes:

"E eu seguirei os teus passos para te provar toda a ternura que tenho por ti.
Oh, meu querido, estás a partir-me o coração, mas, por favor, consola-te."

O Sr. H. C., da Argentina, participou numa sessão em Londres com Eileen a 22 de dezembro de 1931, antes de partir para a América do Sul. Muriel Hankey foi a estenógrafa da sessão e confirmou a exatidão do relato do Sr. H. C. Uvani trouxe mensagens do filho falecido do homem, mas a veracidade dessas mensagens só foi confirmada quando ele já estava de volta à Argentina, a oito mil milhas de distância e muitas semanas depois.

Uvani começou por dizer ao pai que o seu filho falecido, um jovem estudioso, queria que ele consultasse a página 36 do volume 3 das obras de Heine.

"Quero que leias isso," foi a mensagem que Uvani recebeu do rapaz para o pai, *"para veres se aí há uma compreensão do teu carácter e do que ele significa para mim. Isso dirá mais do que eu consigo dizer. Tenho tentado acertar isso para ti, para que tenhas uma pequena surpresa quando chegares a casa."*

De volta à Argentina, o pai procurou a coleção das obras de Heine que tinha comprado quarenta anos antes e que, agora se lembrava, o filho guardava no seu quarto. O rapaz lia e falava alemão fluentemente. Quando o pai abriu a página 36 do volume 3, ficou espantado ao encontrar um resumo do carácter de Martinho Lutero que se aplicava incrivelmente bem a si próprio. Mas, escreveu ele a Muriel Hankey, a precisão dessa caracterização não era tão

extraordinária quanto a capacidade de Eileen, em transe, de permitir que o seu filho lhe dissesse para consultar um livro específico na sua vasta biblioteca – um livro que ele nunca tinha lido – e que essa mensagem o acompanhasse na viagem de oito mil milhas até aquele livro, que continha uma mensagem tão precisa. Para o pai, isto foi *"uma peça absolutamente maravilhosa de evidência,"* como escreveu a Muriel Hankey, evidência de que o seu filho vivia num outro mundo e tinha comunicado com ele.

Noutra mensagem, Uvani disse ao pai para procurar, no quarto do filho, entre os seus antigos livros sobre motonáutica e engenharia.

"Procura entre eles", disse Uvani, fazendo uma pausa antes de acrescentar:
"Recebo o nome Brooke; ele abre na página doze."

O pai, intrigado, perguntou quem era Brooke e que tipo de livro ele teria escrito. Uvani respondeu que era poesia. O pai então questionou se poderia ser Rupert Brooke, ao que Uvani respondeu que sim, que esse era o nome completo do poeta.

O filho, falando através de Uvani, disse ainda:
"Porque foi empurrado para junto dos meus livros, não sei, mas a página doze, as últimas seis linhas, transmitir-te-ão um pouco da filosofia que é minha neste momento."

O pai encontrou o volume de Rupert Brooke, publicado por Sidgwick e Jackson, em Londres, em 1919, e as seis linhas da página 12 diziam:

"Construímos uma casa que não pode ser derrubada pelo Tempo,
Ganhámos uma paz inabalável perante a dor para sempre.
A guerra não tem poder. Segura será a minha partida,
Secretamente armado contra todos os esforços da morte;
Seguro, embora toda a segurança se perca; seguro onde os homens caem,
E se estes pobres membros morrerem, o mais seguro de todos."

O filho, licenciado em Cambridge, era um grande admirador de Brooke, também um homem de Cambridge.

Um detalhe final da sessão, que para o pai constituiu uma forte evidência da comunicação com o filho falecido, foi o aviso do rapaz de que os seus dentes precisavam de atenção e que deveria tratá-los antes de iniciar a longa viagem de regresso a casa. Mas o pai insistiu que estava tudo bem e embarcou na sua viagem sem consultar um dentista. Em Lisboa, uma paragem programada do navio, uma coroa de ouro soltou-se na sua boca, danificando uma ponte dentária e obrigando-o a submeter-se a várias horas de tratamento de emergência no consultório de um dentista inglês.

DOZE

Depois de seis meses nos Estados Unidos, durante a sua primeira visita em 1931, Eileen aprendeu rapidamente que as experiências em que participou como principal sujeito não eram tão científicas quanto esperava. Os bem-intencionados investigadores dos seus patrocinadores, a *American Society for Psychical Research*, eram, como tantos membros da Sociedade, espiritualistas – interessados principalmente em comunicar com os mortos. Eles receavam experiências e testes rigorosamente científicos e, nesse sentido, não eram tão diferentes de muitos dos seus colegas na Inglaterra, no *British College of Psychic Science*, e das milhares de pessoas que a procuravam para sessões espíritas. Tanto na Inglaterra quanto na América, o milagre de receber uma mensagem de uma mãe, um irmão, um marido ou uma esposa falecidos parecia muito mais significativo do que uma experiência friamente controlada e o seu registo detalhado.

"Fiquei espantada ao descobrir," disse ela, recordando o seu trabalho nas primeiras semanas na América, *"que não se fazia qualquer tentativa de manter registos objetivos das sessões que eu realizava."*

No entanto, ali estava ela, na América, com a sua jovem filha, tendo concordado em viajar pelo país e dar palestras sob os auspícios da *American Society*. Seria uma aventura para ambas. Haveria a oportunidade de ver muitas coisas novas, especialmente o Oeste americano, mesmo que, como ela antecipava e como acabou por acontecer, a atmosfera para a investigação psíquica objetiva fosse ainda menos acolhedora nas cidades dessa região.

Chegou a Los Angeles a 4 de julho de 1932, e na manhã seguinte o *Los Angeles Times* publicou um artigo de página inteira com a seguinte manchete:

MÉDIUM ENFRENTA TESTES DA CIÊNCIA

SRA. GARRETT, DE INGLATERRA, FARÁ DEMONSTRAÇÕES

VISITANTE FALA COM ENTIDADES E PREVÊ EVENTOS

A reportagem, assinada pelo jornalista Ransome Sutton, começava da seguinte forma:

Eileen Garrett, de Londres, que comunica com entidades e prevê acontecimentos, chegou tarde na noite passada – quinze horas atrasada. Porque o Texas se tornou um estado "molhado" (legalizando

bebidas alcoólicas), um deslizamento de terras na linha ferroviária Southern Pacific, aparentemente não previsto pela célebre médium, atrasou a sua chegada e dececionou bastante a delegação local que correu à estação na manhã de segunda-feira para a receber.

Durante a sua estadia nesta cidade, a Sra. Garrett realizará quatro demonstrações públicas e várias privadas dos seus poderes psíquicos, semelhantes à série que acabou de concluir em Nova Iorque. Um júri misto de observadores críticos, incluindo vários cientistas de renome, com Hamlin Garland como presidente, tentará descobrir o segredo por trás das suas incríveis demonstrações. Seja o que for que ela fizer, será feito abertamente, declarou, sem luzes ténues, passagens misteriosas, incenso, camuflagem ou qualquer tipo de artifício.

A Sra. Garrett é de meia-idade, um pouco mais corpulenta do que a média, com olhos azuis britânicos, cabelo curto e anéis enormes na maioria dos dedos.
Fala de forma clara e impressionante, com um forte sotaque inglês. Parecia até senso comum ouvi-la dizer que 90% de todo o chamado "discurso psíquico" não passa de histeria.

Depois, disse aos jornalistas que possuía visão clarividente. As leis da física e da química governam a matéria viva, mas o clarividente vê a força muito maior que está por trás dessas leis, afirmou. Com essa força, pode recordar o passado, prever o futuro e até pôr em movimento forças mecânicas sem o auxílio de instrumentos. Sim, previu o destino do *R-101*, e não havia nada de extraordinário nisso, da mesma forma que não há nada de miraculoso quando os cientistas preveem, com total precisão, a data e a hora de um eclipse solar ou lunar.

Quando lhe perguntaram como conseguia alcançar o estado mental que lhe permitia ver clarividentemente, respondeu:

"Simplesmente suspendo as minhas faculdades conscientes e deixo que a minha mente subconsciente aja livremente. Nesse estado,

obtenho resultados em cerca de noventa e cinco casos em cada cem. Com isso quero dizer que entro em contacto com entidades falecidas."

Houve audiências grandes e entusiásticas em todas as apresentações de Eileen em Los Angeles. No Hotel Roosevelt, a 13 de julho, falou para um auditório lotado com quinhentas pessoas. Ransome Sutton, escrevendo para o *Los Angeles Times,* disse que ela atuou *"como se estivesse num sono profundo e perplexo."* Após ser apresentada, continuou ele, *"aproximou-se da borda do palco, acenou com as suas mãos expressivas – com enormes anéis nos dedos indicadores – e começou a transportar os ouvintes para os domínios do oculto. A simpatia da audiência, incluindo os que duvidavam da realidade das suas revelações, era obviamente a seu favor."*

Ela recebeu e transmitiu mensagens para muitas pessoas na audiência, fazendo-as rir com o humor de algumas delas e, em seguida, trazendo-as de volta a um estado sério com palavras mais solenes. Ainda assim, insistiu que todas as mensagens vinham de pessoas *"ardentemente vivas"* e que, apesar das centenas de sessões espíritas que tinha conduzido, nunca obteve prova de que o ser humano sobrevive à morte.

Disse que não sabia de onde vinham os seus poderes, mas tinha a sensação de que estavam embutidos no seu subconsciente, naquilo a que chamava a sua *"mente interior."*

O repórter concluiu o seu artigo observando que ela atuara diante de um público que dificilmente era imparcial. Aqueles que queriam acreditar ficaram convencidos, mas até os céticos, escreveu ele, saíram do *"feitiço que ela lançou totalmente convencidos de que apenas uma mulher singularmente dotada, que acredita na sua clarividência tão sinceramente quanto um místico acredita no misticismo, tinha atuado sem definitivamente provar nada de novo."*

O *Los Angeles Sunday Times*, na edição de 14 de agosto de 1932, publicou um artigo de página inteira assinado por Harry Carr, com uma fotografia de Eileen Garrett e uma manchete destacada:

A DIZER A FORTUNA DO MUNDO

AMÉRICA TERÁ A SUA MAIOR GUERRA; JORGE V SERÁ O ÚLTIMO MONARCA BRITÂNICO; ALEMANHA E RÚSSIA TORNAR-SE-ÃO ALIADAS, PREVÊ A SRA. EILEEN GARRETT

A reportagem seguinte apresentava Eileen Garrett como uma das maiores médiuns do mundo, aclamada por cientistas porque não reivindicava nada de sobrenatural e se submetia de bom grado a todos os testes que tentassem determinar a natureza dos seus dons. Ela própria explicou:

"Acredito que tenho uma super-sensibilidade, e todas as pessoas têm esse tipo de sensibilidade, em algum grau – quer seja fraca, latente ou exagerada, como no meu caso. Mas, seja o que for, tenho a certeza de que é algo natural."

O repórter descreveu-a como *"uma irlandesa – bela de uma forma profusa e fluída – culta, espirituosa e que lida com os mistérios da vida e da morte de uma forma prática."* Era uma médium que conquistara o respeito de figuras como Hamlin Garland, tinha sido estudada por membros do corpo docente do Instituto de Tecnologia da Califórnia e por quem milhares de homens e mulheres comuns pagaram para ver e ouvir.

Seguiram-se mais encontros entusiásticos na área de São Francisco durante os dois meses seguintes, agosto e setembro. Eileen teve de dar palestras adicionais no *Western Women's Club* porque as sessões originalmente programadas não conseguiam acomodar todos os que queriam ouvi-la.

Lillian B. Connelly, do *San Francisco Chronicle*, que entrevistou Eileen na sua suíte no clube, descreveu-a como *"uma mulher de cabelo escuro, tranquila, com um ar invulgar e uma capacidade concentrada de avaliar todos à sua volta, alguém que elevou a*

investigação psíquica das salas escuras e abafadas de médiuns baratos para os reinos claros e iluminados da ciência."

Eileen afirmou que queria discutir investigação psíquica com pessoas como o Dr. Robert Millikan, físico e Prémio Nobel do Instituto de Tecnologia da Califórnia.

"Isto não tem lugar na religião," disse ela ao repórter, *"embora possa dar mais conforto aos enlutados do que qualquer bispo. Não pertence a sessões espíritas baratas e emocionais, mas sim ao campo da ciência. Não estou preparada para dizer, embora tenha recebido mensagens dos chamados mortos durante sete anos, que isto tenha algo a ver com o espiritismo. Mas digo que existe outra dimensão, mais nebulosa do que a nossa dimensão terrena consegue compreender, e vi aqueles que são dados como mortos a seguir os seus caminhos, felizes, a existir realmente na sua própria atmosfera. A vida nunca pode ser realmente destruída, e não existe tal coisa como limites de tempo ou espaço. Sei disso porque descobri a forma de os atravessar."*

Na Califórnia, naquele ano, enquanto dava palestras para a filial de Los Angeles da *American Society for Psychical Research*, um dos dirigentes do grupo, que também era compositor de canções para os Estúdios Paramount, levou Eileen a visitar o estúdio da Paramount em Hollywood. Durante esse dia de folga para passeios turísticos, ela parou para ver o grande realizador Cecil B. DeMille a trabalhar numa das suas produções espetaculares. Observou uma cena em que DeMille trabalhava com Elissa Landi num cenário oriental que continha uma banheira.

Eileen assistia em silêncio e relaxada até que sentiu a presença de outra pessoa – uma pequena senhora determinada, vestida à ocidental, que surgiu naquele cenário oriental, colocou-se ao lado de DeMille e disse:
"Gostaria que desistisses destas cenas. Sempre quisemos o melhor de tudo o que fazias, e sempre te implorei que nunca fizesses coisas de segunda categoria."

Eileen, agora certa de que estava realmente a ver esta senhora rígida, de aspeto severo, parecida com uma antiga professora americana, a falar com DeMille de forma tão enérgica, perguntou-se o que ele diria. Mas ele apenas coçou a cabeça sem se virar e continuou a trabalhar, enquanto a senhora se afastava. Espantada, a Sra. Garrett virou-se para a filha, Babs, que estava ao seu lado, e disse que o sol da Califórnia devia estar tão quente que lhe teria turvado a visão, pois estava certa de ter visto uma pequena senhora de fato escuro repreender, de forma bem-humorada, o grande realizador.

Babs, há muito habituada às visões da mãe, sorriu e nada disse, continuando a observar a rodagem do filme.

Pouco depois, a senhora voltou e dirigiu-se a Eileen.

"Não consigo fazer com que ele me ouça," disse. *"Gostaria que tu falasses por mim. Estou ansiosa por que, nesta fase da sua vida, ele cause uma boa impressão."*

E então, pela primeira vez, Eileen percebeu que era uma mulher falecida que falava com ela, pois a pequena senhora disse:

"Fomos grandes amigos durante a minha vida. Infelizmente, não consegui chegar até ele nos últimos anos. Ele é uma pessoa muito solitária. Precisa do meu conselho, embora nunca lhe tenha dado grande atenção. E, no entanto, tem um amor duradouro por mim. Ele respeitaria até as coisas que tu representas, e pergunto-me se não terias tempo para o ver e permitir que eu te dissesse algumas das coisas que gostaria que ele expressasse através do seu trabalho. Quero que as coisas que ele fará nos próximos anos tenham significado para os outros. Quero que ele faça algo na política pelos mais desfavorecidos."

E então, a pequena senhora desapareceu.

Eileen conhecia Jesse Lasky, chefe do Estúdio Paramount, de trabalhos que tinha feito em transe, e perguntou-lhe como seria se dissesse a DeMille o que acabara de ouvir de uma mulher que tinha

regressado do além. Lasky desaconselhou-a, dizendo que DeMille *"não tolera interferências dos vivos ou dos mortos,"* e, de qualquer forma, aquilo que ela tinha para lhe dizer só a levaria a um manicómio.

Dois anos depois, novamente em Hollywood, Eileen voltou a encontrar-se na presença da mesma senhora. Intrigada, contactou o seu amigo Hamlin Garland. Garland era amigo de DeMille, viviam na mesma rua e frequentemente discutiam fenómenos psíquicos e a sobrevivência da alma. DeMille estava em Nova Iorque naquele momento, contou-lhe Garland, mas se Eileen lhe escrevesse, assim como à sua secretária, cujo nome e morada ele lhe forneceu, a carta certamente chegaria ao realizador.

Eileen escreveu-lhe, dizendo que, como alguém que trabalhava com fenómenos psíquicos, gostaria de discutir algumas experiências que poderiam interessá-lo. Durante dez dias, não obteve resposta e já se preparava para partir para Lake Arrowhead, onde daria a palestra que levou Lamar Trotti a ouvi-la pela primeira vez, quando recebeu um bilhete de DeMille a dizer que a receberia no seu escritório nos Estúdios Paramount.

Quando chegou ao estúdio, encontrou DeMille extremamente ocupado. Ele mal se lembrava de a ter convidado. Eileen mostrou-lhe o bilhete, mas ele não se interessou. Olhando pela janela, de costas para ela, disse:

"Muito bem, diga-me qual é o seu assunto."

Eileen sentiu novamente a presença da pequena senhora de dois anos antes, que a incentivava a falar com aquele que era um dos maiores realizadores de cinema, o homem de fato branco à janela, autoritário e tenso, ansioso por continuar com o trabalho do dia. A senhora disse-lhe para insistir:

"Continua, continua."

A personalidade da senhora então sobrepôs-se à de Eileen, e ela começou a falar através dela, com uma precisão quase escolar para DeMille, que continuava sem olhar para ela.
"Que a minha emoção não me domine neste momento, quando ponho os braços à tua volta, mas que eu fale antes sobre as coisas que acredito serem importantes para o teu futuro."

A mulher, ou melhor, a sua voz através de Eileen, continuou a criticar alguns dos seus trabalhos e a dizer-lhe que devia ajudar os outros.

"Há certas coisas que quero que faças. És um bom republicano. Quero que uses as tuas forças, as forças que Lincoln compreendeu e conheceu. Usa-as com calor humano. Quero que te dediques às pessoas maduras. Quero que te tornes competente e ajudes a juventude. Quero que lhes leves uma promessa, e essa promessa deve ser sempre a de ensinar a juventude a ter responsabilidade. Tens muito a fazer pelas pessoas daqui e pelas pessoas do outro lado da fronteira."

A mulher contou-lhe então sobre os seus primeiros dias como professora, confirmando o que Eileen suspeitava ser a sua profissão, e depois chamou-lhe *"meu filho"*, dizendo-lhe que ainda devia produzir o seu maior filme sobre a Rússia e a América, com uma mensagem de compreensão mundial.

A Sra. Garrett parou, olhou para a figura impassível do homem de costas para ela e disse:
"É tudo, Sr. DeMille. Posso ir agora?"

O realizador virou-se. Tinha lágrimas nos olhos e no rosto.
"De onde vieste ─ e para onde vais a seguir?" perguntou.

Ela contou-lhe das suas viagens, de Londres para Nova Iorque e para a Costa Oeste.
"Não sou uma mulher com uma missão," continuou. *"Levo o meu*

trabalho muito a sério. Tenho alguma reputação como sensitiva e fico feliz que, muitas vezes, o que faço tenha sido útil."

"Útil, útil," repetiu DeMille, como se aquilo fosse uma subestimação grosseira. *"Amei a minha mãe... Nem sempre nos entendemos, mas tinha grande respeito por ela. Esperei por isto durante mais de vinte anos."*

No dia seguinte, em Lake Arrowhead, o quarto de Eileen estava cheio de rosas, enviadas por DeMille, com um cartão dizendo que ela deveria avisá-lo sempre que voltasse à Califórnia.

Antes de regressar a Inglaterra naquele ano, Eileen trabalhou com a Dra. Anita Muhl, uma médica, psiquiatra e psicóloga de San Diego, Califórnia, numa experiência para testar a sua alegada capacidade de se projetar telepaticamente a longas distâncias.

Eileen sentou-se numa sala em San Diego com a Dra. Muhl e uma secretária encarregada de registar, palavra por palavra, todas as mensagens. A Dra. Muhl pediu então a Eileen que tentasse contactar o Dr. D. Svensen, psiquiatra e chefe da Divisão de Saúde Mental em Reiquiavique, Islândia, com quem tinha feito arranjos específicos para participar na experiência.

Eileen nunca tinha estado na Islândia, mas, pouco depois, conseguiu descrever o consultório do Dr. Svensen na sua casa e os arredores – pois havia-se transportado telepaticamente para lá, a mais de oito mil milhas de distância.

"Encontrei-me," disse Eileen, *"não apenas no local da experiência, mas antes mesmo de entrar na casa, consegui ver o jardim e o mar, bem como as flores que cresciam ao longo do caminho. Depois, atravessei as paredes e estava dentro da sala onde a experiência ia decorrer."*

Ela não viu o Dr. Svensen quando chegou, mas pouco depois ele desceu as escadas e entrou na sala. Possuidor de poderes sobrenormais, ele sentiu a sua presença e soube que a experiência, na

qual seriam empregues clarividência, clariaudiência e precognição, estava prestes a começar.

Ele então dirigiu-se a ela em voz alta, dizendo:
"Esta será uma experiência bem-sucedida."

A secretária em San Diego registou esta observação, que Eileen repetiu, tal como registou as descrições do que ela viu e até cheirou na Islândia.

"Agora olha para os objetos na mesa," disse-lhe Svensen.

Eileen seguiu as suas instruções como se estivesse em transe ou sob hipnose e, nesse estado, descreveu à secretária, na Califórnia, os vários objetos que via na sala na Islândia. Também comentou que a cabeça do doutor estava enfaixada e, nesse momento, ouviu-o dizer: *"Apresenta as minhas desculpas aos experimentadores do teu lado. Tive um acidente e não posso trabalhar tão bem como esperava."*

A Dra. Muhl exclamou de imediato:
"Isso não pode ser verdade, porque recebi uma carta há poucos dias e o doutor estava perfeitamente bem."

Imperturbável, Eileen continuou a sua parte na experiência, relatando à secretária o que via. Observou o Dr. Svensen dirigir-se à estante de livros e antecipou que ele pegaria num livro sobre Einstein e a teoria da relatividade – o que ele de facto fez. Em seguida, leu um parágrafo do livro, cuja essência Eileen conseguiu descrever à secretária que registava a experiência.

Svensen também disse a Eileen que tinha projetado a sua consciência até ao apartamento onde a Dra. Muhl vivia e notou que dois quadros que lá estavam durante uma visita anterior que ele lhe fizera já não estavam, e que aparentemente toda uma sala tinha sido redecorada.

A experiência durou quinze minutos e a descrição registada dos eventos na Islândia, conforme vistos e relatados por Eileen Garrett em

San Diego, foi enviada ao Dr. Svensen em Reiquiavique. Assim como ela, o doutor conseguiu utilizar as suas próprias capacidades de clarividência, telepatia e clariaudiência.

No dia seguinte, um telegrama do doutor revelou que, de facto, tinha sofrido um acidente e que tinha mesmo uma lesão na cabeça. Dias depois, chegou uma carta da Islândia na qual ele descrevia os objetos da sua sala e fazia outras observações que coincidiam exatamente com as descrições fornecidas por Eileen na experiência.

Esta foi uma das experiências mais complexas em que ela alguma vez participara, exigindo o uso de todas as suas faculdades sobrenormais. O Dr. J. B. Rhine, diretor do *Parapsychology Laboratory* na Universidade de Duke, ficou impressionado e, ao mesmo tempo, perplexo, especialmente porque tinha grande respeito pelo trabalho da Dra. Muhl. Mais tarde, ao escrever sobre o assunto, confessou que a experiência da Islândia *"aguçou o nosso desejo de testar a Sra. Garrett sob condições laboratoriais..."* Outros cientistas também ficaram desconcertados, mas demonstraram pouco da simpatia que Rhine – ele próprio, um biólogo agora suspeito como cientista devido ao seu trabalho em parapsicologia – claramente nutria por Eileen Garrett e pelo estudo do paranormal.

Eileen deu a seguinte explicação sobre a experiência na sua autobiografia:

*"O que não é geralmente aceite pela ciência, mas que eu, no entanto, sei ser verdade, é que cada pessoa tem um duplo de substância mais fina do que o corpo físico; a maioria dos cientistas refere-se a isso como o corpo astral ou etérico. Isto não deve ser confundido com o envoltório que permanece na posição a envolver o corpo humano, enquanto o duplo pode ser projetado. É através deste duplo que ocorre a projeção, seja ela acidental ou consciente; agora, nestas experiências, eu estava a fazer projeção consciente, e sei, pela minha própria experiência, que quando projeto este duplo, faço-o a partir do centro do meu peito, acima dos seios.

A partir do momento em que começo a projetar, sinto nessa zona uma espécie de puxão, acompanhado por um tremor, que causa palpitações no coração e acelera a respiração, bem como, se a projeção for longa, uma ligeira sensação de asfixia na laringe e uma leve vertigem.

Enquanto a projeção continua, permaneço consciente dessas sensações a ocorrerem no meu corpo físico. Enquanto estou nesse estado, o duplo aparentemente consegue usar a atividade normal dos cinco sentidos que operam no meu corpo físico. Por exemplo, posso estar sentada numa sala num dia de neve e, no entanto, na projeção, chegar a um lugar onde o verão está em pleno esplendor; nesse instante, consigo registar com os meus cinco sentidos físicos a visão das flores e do mar, sentir o cheiro das flores e o salpico do oceano, ouvir os pássaros a cantar e as ondas a bater na costa.

Curiosamente, nunca esqueço o menor detalhe de qualquer experiência que me venha através da projeção consciente, embora, na vida diária, possa ser bastante esquecida e as memórias se tornem turvas."*

Ela continuou a explicar que, num estado inconsciente, como durante um devaneio ou pouco antes de adormecer, o seu duplo poderia sair sem que ela o quisesse e chocar com obstáculos, causando uma sensação de impacto no seu corpo físico. Mas, em estado consciente, quando controlava a sua projeção para um local distante, isso não acontecia.

A experiência Islândia-Califórnia também exigiu o uso das suas capacidades precognitivas – num fenómeno semelhante à projeção – no momento em que sentiu e anunciou a previsão do doutor em Reiquiavique de que a experiência seria bem-sucedida.

Ela explicou, na sua autobiografia:

*"Este e todos os outros passos no funcionamento psíquico são induzidos por mudanças conscientes na minha respiração. Para fazer

precognição, tenho de conceber-me como estando fora do tempo; este é um processo que aprendi quando era criança, ao recuar das curvas de cor e luz para as observar mais de perto. Ao afastar-me assim, percebo ontem, hoje e amanhã como uma única curva, cuja circunferência me se torna visível em todos os seus pontos.

É apenas ao mover-me para fora do tempo, longe do passado, presente e futuro, que consigo examinar cada um dos seus aspetos. Nesse estado, eles apresentam-se a mim, não como numa sequência, mas como existindo simultaneamente; nesse momento, o tempo perde toda a realidade e pareço ser capaz de viver no passado e no futuro ao mesmo tempo.

Para mim, então, não pode existir tal coisa como o tempo presente, pois no momento em que começamos a pensar no presente, ele já é passado, e o futuro já se tornou presente."*

Durante a sua primeira visita aos Estados Unidos, Eileen trabalhou durante três semanas em Baltimore com o Dr. Adolf Meyer, chefe da *Phipps Psychiatric Clinic* na Universidade Johns Hopkins. Ele estava interessado nos aspetos psiquiátricos da sua mediunidade e estudou-a numa série de dezasseis sessões. No entanto, os seus resultados foram inconclusivos e ele sugeriu que ela realizasse testes de associação de palavras que poderiam determinar melhor as reações de Eileen no seu estado normal de vigília e no estado de transe, quando supostamente era possuída pelas suas personalidades de controlo, Uvani e Abdul Latif, em resposta aos estímulos apresentados pelo som de palavras selecionadas.

Este teste foi desenvolvido por Carl Jung e baseava-se na premissa de que a resposta de uma pessoa a determinadas palavras, o tempo necessário para responder a essas palavras e a análise posterior da palavra que provocava uma resposta específica revelariam aspetos importantes da personalidade da pessoa sujeita ao teste. Meyer sugeriu que ela consultasse Hereward Carrington, um psicólogo de Nova Iorque e veterano investigador psíquico, provavelmente o mais qualificado para conduzir os testes. Meyer ajudou a financiar os testes

ao transferir para Carrington uma verba do que chamou de *"fundo de intuição"*, que supervisionava.

Carrington, fundador e primeiro diretor do *American Psychical Institute*, realizou nove testes com Eileen em 1932 e quinze em 1933. O seu objetivo: determinar se Uvani era realmente o que afirmava ser – ou seja, uma entidade espiritual – ou se representava apenas uma dramatização ativa do subconsciente da médium, tal como os outros alegados *"comunicadores"*.

Como tantos outros que escolheram Eileen Garrett para testes científicos, Carrington optou por estudá-la porque ela não fazia reivindicações sobre os seus dons aparentes e estava tão interessada quanto ele e outros cientistas em compreender a verdadeira natureza dessas capacidades. Ao longo dos anos, havia-se acumulado um conjunto considerável de evidências de que seres desencarnados falavam através de pessoas vivas, através de médiuns, mas essa evidência intrigante nunca tinha fornecido prova conclusiva.

Carrington tentou agora obter alguma medida de prova através do uso de métodos laboratoriais aceites, instrumentos e experiências controladas. Se esta entidade, Uvani, trazia mensagens dos mortos, se fosse um ser separado de Eileen Garrett, então alguma prova disso surgiria ao descobrir que ele e ela respondiam aos estímulos de maneiras diferentes. Ou seja, se a médium e o seu *controle* fossem duas pessoas diferentes, presumivelmente responderiam de maneira distinta ao mesmo conjunto de cem palavras de teste. Mas, se a Sra. Garrett, Uvani e Abdul Latif fossem, na realidade, uma única pessoa, então a resposta às palavras de teste seria mais ou menos idêntica.

Um galvanómetro, precursor do moderno detetor de mentiras, foi ligado a Eileen, que foi vendada e sentada numa cadeira. Este instrumento indicava variações no tempo de reação à medida que as palavras-estímulo lhe eram apresentadas no estado de vigília e no estado de transe, quando Uvani falava através dela. Um psiquiatra e um médico estavam presentes e foram feitas gravações da temperatura da pele tanto no estado de transe quanto no estado normal.

Aesthesiómetros foram usados para testar a sensibilidade da pele, e o pulso e a respiração também foram registados.

Antes de analisar os resultados em detalhe, Carrington observou: *"É um facto interessante e curioso que a Sra. Garrett, no seu estado normal, não seja inclinada ao espiritualismo; parece estar, de certo modo, numa posição neutra em relação à interpretação dos seus próprios fenómenos; afirma francamente que não sabe a origem da sua informação ou muito sobre o seu controle. Isto é bastante diferente da médium comum!... Ela está interessada nas coisas materiais da vida. Uvani, por outro lado, é digno e filosófico e defende firmemente a realidade da sua própria identidade. Os seus tempos de reação galvânica e as respostas às palavras são correspondentemente diferentes."*

Foi obtida uma grande quantidade de dados estatísticos a partir destes testes. O Dr. Joseph Zubin, do *New York Medical Center*, um estatístico experiente, foi chamado para analisar os resultados e relatou que houve variação significativa na resposta a apenas onze palavras-estímulo.

Carrington apontou, no entanto, que isso, por si só, tinha pouca importância, pois muitas das palavras eram *"neutras"*, ou seja, não provocavam grandes reações nem no médium nem no *controle*. Mas havia *"palavras-chave"*, palavras que sempre suscitavam uma resposta marcada, e foram essas as palavras às quais Eileen Garrett e Uvani reagiram de forma nitidamente diferente.

Entre as palavras às quais Eileen reagiu fortemente, enquanto Uvani reagiu fracamente, estavam:
Sono, Caro, Sapo, Cozinhar, Discussão, Beijo, Velho, Amor, Dedo.

Já Uvani reagiu violentamente a estas palavras, que tiveram pouco efeito sobre Eileen:
Aldeia, Sal, Pássaro, Desprezar, Selvagem, Orgulho, Mulher.

O *New York World Telegram*, na edição de 30 de março de 1934, destacou os testes com a seguinte manchete:

“MÉDIUM SUBMETE ÁRABE MORTO A TESTES MENTAIS

CARRINGTON ESTÁ CONVENCIDO
DIFERENTES PERSONALIDADES FALAM ATRAVÉS DE INGLESA”

O artigo começava descrevendo Carrington como *"um vegetariano, mágico, agnóstico e Diretor do American Psychical Institute, que há trinta e cinco anos anda à caça de fantasmas e corpos astrais da mesma forma que outros homens caçam dólares ou alces."*

Na experiência, segundo Carrington relatou ao jornalista, dez mil reações foram recebidas e registadas, e os resultados foram *"a aproximação mais próxima, até agora, de uma prova científica da vida após a morte."*

Quando questionado sobre como era possível que Uvani, um árabe, falasse inglês, Carrington respondeu que Uvani colocava os seus pensamentos no subconsciente de Eileen Garrett, onde eram então traduzidos.

As conclusões e métodos de Carrington foram criticados por muitos, incluindo o Dr. J. B. Rhine, do *Parapsychology Laboratory* da Universidade de Duke, e o Dr. Whately Carington, da *Society for Psychical Research* de Londres (nenhum parente de Hereward Carrington, cujo apelido se escreve com dois "r").

No entanto, Hereward Carrington, mesmo anos após a realização dos seus próprios experimentos e apesar do desenvolvimento de novos e mais sofisticados testes na investigação psíquica, continuou a afirmar:

*"Da minha parte – embora ainda mantenha o meu julgamento final em suspenso – devo dizer que os nossos testes experimentais parecem ter fornecido material que é pelo menos indicativo de sobrevivência, o que, por si só, já é uma conclusão significativa.

Finalmente, do ponto de vista estritamente psicológico, estes testes ajudaram a lançar luz sobre a natureza da personalidade humana e o mistério da própria vida."*

Mais tarde nesse ano, Whately Carington, em Inglaterra, auxiliado por dois dos mais distintos investigadores psíquicos do país, Theodore Besterman e o Reverendo Drayton Thomas, conduziu os seus próprios testes de associação de palavras em Eileen Garrett e Uvani. Os seus testes eram muito mais sofisticados do que os de Hereward Carrington e melhor organizados, mas dificilmente mais conclusivos. No entanto, a sua observação ao concluir os testes voltou a chamar a atenção para os dons surpreendentes de Eileen Garrett, dons que, pela primeira vez, lhe sugeriram que a personalidade humana poderia sobreviver à morte física. Ele escreveu:

*"Quero deixar absolutamente claro que nada nos factos que apresentei permite a alguém afirmar ─ como alguns entusiastas certamente o farão ─ que este trabalho 'prova a sobrevivência humana' ou até 'demonstra a existência de entidades desencarnadas'. Que fique bem entendido que não faz nem uma coisa nem outra, e qualquer alegação nesse sentido constituirá uma extrapolação grosseiramente injustificável dos factos.

Consciências desencarnadas podem existir. Acho que sim. A sobrevivência humana após a morte pode ser um facto da natureza: acredito que é. Pode até tornar-se estritamente demonstrável: acredito que será. Mas, por mais verdadeiras que possam ser estas proposições, nenhuma delas decorre dos factos que descrevi neste estudo.

Tudo o que posso afirmar que estes factos mostram é, primeiro, que o teste de Associação de Palavras ─ quando devidamente aplicado e os seus dados devidamente analisados ─ fornece um instrumento

poderoso para o estudo dos problemas que nos confrontam; e, segundo, que para lidar com os factos revelados podemos muito bem ser obrigados a rever amplamente as nossas teorias sobre personalidade múltipla.

Quando, e se, algum dia conseguirmos obter resultados significativamente semelhantes do mesmo suposto comunicador através de dois médiuns diferentes, podemos começar a falar sobre entidades desencarnadas.

E quando, e se, algum dia obtivermos de um suposto comunicador, através de um médium, reações significativamente semelhantes às que ele deu antes da sua morte, podemos razoavelmente começar a falar sobre provar a sobrevivência.

Enquanto isso, devemos permitir que sejamos guiados pela implacável Lei da Parcimónia, que nos ordena evitar hipóteses desnecessárias; mas podemos bem adotar como lema as palavras de Terêncio: *'Não há limite para os poderes da investigação.'"*

Whately Carington queria acreditar ─ e provavelmente acreditava ─ que os seus testes em Eileen Garrett e nos seus *controles* provavam a sobrevivência, mas era uma conclusão demasiado avassaladora e ele temia assumir a responsabilidade por ela.

"Se nada mais importante do que alguns milhões de libras ou o destino de um par de nações estivesse em causa," disse ele, *"eu sentir-me-ia inclinado a declarar categoricamente que o funcionamento de alguma influência extrínseca foi estabelecido e deixaria o assunto por aí.

Mas a aceitação de tal conclusão, alcançada pela primeira vez na história através do uso de métodos quantitativos rigorosos, abriria perspetivas perante as quais os feitos da teoria da relatividade pareceriam de interesse meramente paroquial.

Prefiro ser duplamente cauteloso e não me comprometer (se alguma vez o fizer) até ter refeito todo o cálculo, com os refinamentos

adicionais indicados e o material adicional que está agora a ser recolhido..."*

Após essas experiências, Eileen voltou aos Estados Unidos e submeteu-se a testes na Universidade de Duke, conduzidos pelo Dr. J. B. Rhine, que, juntamente com o escocês William McDougall – anteriormente de Harvard, da Universidade de Oxford e da Universidade de Londres, onde estabeleceu o primeiro laboratório de psicologia das Ilhas Britânicas – estava a tornar-se um dos principais parapsicólogos dos Estados Unidos.

Eileen ficou contente por trabalhar com o jovem e controverso Rhine porque ele era um protegido de William McDougall, com quem ela tinha trabalhado em Inglaterra. Formado em medicina, antropologia e filosofia, McDougall foi uma figura pioneira da psicologia do século XX e das primeiras investigações em psicologia social e processos de aprendizagem. Ele enfrentou o ridículo dos seus colegas ortodoxos por encorajar a investigação psíquica.

Após a sua morte, Eileen referiu-se a ele como *"o académico a quem devo grande parte da minha determinação em permanecer no domínio da investigação psíquica."*

O Dr. Rhine empreendeu os testes em Eileen na Universidade de Duke com uma confissão franca das suas dúvidas sobre a validade das conclusões de Hereward Carrington. Ele disse que eram *"interessantes"*, mas acrescentou:

"Sem primeiro conhecer claramente as capacidades naturais da sensitiva para a representação, especialmente no estado de transe e com longa experiência, nada pode ser concluído com segurança sobre a existência e ação de capacidades incorpóreas, sejam elas quais forem."

Ele então procedeu a testar Eileen para duas capacidades:

Clarividência – a capacidade de perceber objetos sem o auxílio de meios mecânicos;

Telepatia – a perceção dos pensamentos na mente de outra pessoa.

Para os testes de clarividência, utilizou as *cartas Zener*, criadas e nomeadas por um dos seus assistentes, Karl E. Zener. Estas consistiam em cinco cartas para cada um dos seguintes desenhos: retângulo, estrela, linhas onduladas, círculo e sinal de mais (+).

A ausência de números nas cartas tornava-as mais fáceis de manusear nos testes, exigia menos baralhamento e tornava mais difícil para uma pessoa recordar ou identificar a posição de uma carta no baralho de vinte e cinco. Além disso, reduzia ao mínimo, novamente por não serem numeradas, a possibilidade de truques ou fraude por parte de alguém experiente em manipulação de cartas que pudesse estar envolvido nos testes de Rhine.

Na altura em que Eileen se submeteu aos testes de adivinhação com cartas, o laboratório de Duke já tinha realizado noventa mil testes de perceção extrassensorial e descobrira que mais de dez sujeitos obtiveram pontuações significativamente acima do acaso, provando que possuíam habilidades extrasensoriais.

A expectativa de acerto por mero acaso seria de cinco respostas corretas num baralho de vinte e cinco cartas viradas para baixo. Observadores estavam sempre presentes para minimizar a possibilidade de fraude, e o sujeito era submetido a centenas, por vezes milhares, de testes.

Os testes eram sempre realizados primeiro na mesma sala, depois em salas separadas por uma parede e, por vezes, por duas paredes.

Eileen não impôs quaisquer condições a Rhine e aos seus colegas, enquanto realizavam os testes. Isso estava de acordo com o seu hábito de toda a vida de deixar os cientistas prosseguir à sua maneira, enquanto ela se via, durante o período das experiências, como *"uma cobaia sem teorias pré-concebidas sobre o seu comportamento e sem*

qualquer objetivo pessoal além de uma melhor compreensão da verdadeira natureza das suas capacidades."

Os experimentadores da Universidade de Duke estavam interessados na pontuação de Eileen Garrett tanto no estado de vigília quanto no estado de transe. Ao contrário de Hereward Carrington, consideravam-na, para efeitos dos seus testes, como sendo uma só com Uvani, embora tenham notado que, em transe, a voz, a postura e o comportamento de Eileen mudavam consideravelmente.

Os testes começaram a 10 de abril de 1934 e terminaram a 28 de abril, período durante o qual ela se submeteu a 14.425 tentativas. Estava doente durante grande parte desse tempo, sofreu uma constipação na última semana e necessitou de cuidados médicos constantes. Ainda assim, prosseguiu com os testes de forma extremamente cooperativa. No entanto, Rhine e outros cientistas frequentemente apontaram que a doença e um estado físico debilitado parecem contribuir para um desempenho inferior nos testes de perceção extrassensorial.

Curiosamente, no estado de transe, com Uvani no controlo, apenas 1.575 testes foram realizados entre 17 e 25 de abril. Ele, Uvani, mostrou-se muito menos disposto a submeter-se a tantas tentativas do que a própria Eileen Garrett, como indicam os números dos testes.

O número total de testes de clarividência e telepatia a que Eileen e Uvani foram submetidos foi 16.000. A adivinhação por mero acaso teria resultado em 3.200 acertos, mas Garrett─Uvani registou 4.018 acertos, ou seja, 818 acima do esperado por acaso.

"Isto resulta em probabilidades contra a hipótese do acaso com um número que contém bem mais de 50 dígitos ─ o que coloca totalmente fora de questão a possibilidade de explicação por acaso," afirmou Rhine.

Numa análise final, Eileen e Uvani pontuaram de forma semelhante, embora houvesse variações significativas nas respetivas capacidades de telepatia e clarividência.

"Isto justifica alguma conclusão sobre a relação entre Uvani e a Sra. Garrett?" perguntou Rhine.

Ele próprio respondeu:
"Acho que a maioria dos leitores sentirá que sim, e que os resultados favorecem a hipótese de uma função ou capacidade comum que opera nos dois estados de personalidade; mas eu não gostaria de afirmar isto como uma conclusão definitiva."

Assim, os bem-organizados e meticulosamente controlados testes de Duke foram inconclusivos, o que os tornou insatisfatórios para os espiritualistas e defensores da sobrevivência da alma.

Foram, sem dúvida, como escreveu Rhine, "o primeiro exame sistemático de uma médium reconhecida", mas, no final, tudo o que Rhine conseguiu demonstrar foi que Eileen Garrett era uma médium altamente sensitiva, com um desempenho muito acima da média nos testes de adivinhação de cartas.

No entanto, o seu controle, Uvani, também obteve bons resultados, embora sempre utilizando o corpo de Eileen Garrett como veículo.

Portanto, disse Rhine:

*"A posição de Uvani deixa-nos uma questão intrigante que não pode ser ignorada: se as capacidades de perceção extrassensorial de Uvani são as da própria sensitiva, como ele afirma, e se ele não possui tais capacidades independentemente dela, como sustenta, então como poderia ele ter qualquer existência mental independente?

E se ele for uma mente independente, deveria ser capaz de nomear cartas e pensamentos como qualquer sujeito corpóreo faz.

Mas estas são apenas questões preliminares. Ainda não estamos prontos para enfrentar o problema da 'natureza última' de Uvani.

A questão do seu estatuto faz parte de um estágio mais avançado do problema da sensibilidade parapsíquica.

Aqueles que já estão inclinados – como penso que muitos espiritualistas estão – a aceitar as 'personalidades de controlo' como meras dramatizações em transe da mente da médium, irão (talvez demasiado rapidamente) descartar Uvani com base nesta evidência."*

O estado de transe de um médium é semelhante, em muitos aspetos, ao estado alcançado na hipnose.

Em ambos os estados, ao contrário do sono, o comunicador pode responder a estímulos externos, seguir instruções e realizar um ato voluntário.

Era compreensível, portanto, que vários cientistas há muito desejassem estudar Eileen Garrett e os seus dons mediúnicos no estado hipnótico.

Ela concordou, em julho de 1934, em participar em tais experiências, conduzidas pelo Dr. William Brown, de Oxford, que no passado havia trabalhado sob a orientação de William McDougall.

Brown, um médico e psicólogo distinto, mais tarde tornar-se-ia Diretor do Instituto de Psicologia Experimental de Oxford, e posteriormente Presidente da Associação Britânica de Psicologia.

Estas foram honras inesperadas para um homem que, como o seu mentor William McDougall, tinha um interesse simpático na investigação psíquica e nos aspetos psíquicos do comportamento.

Com a assistência de um colega em Londres, Dr. Brown realizou uma série de experiências em Eileen para determinar que memórias ou mesmo personalidades ele poderia identificar nela quando estivesse

hipnotizada, em contraste com o seu comportamento quando estava em transe e os *controles* falavam através dela.

Tal como nos testes de associação de palavras, um galvanómetro foi ligado a Eileen, mas, desta vez, para medir resistência e resposta emocional às perguntas, em vez do tempo de reação às palavras.

Brown começou a experiência primeiro entrevistando Eileen no seu estado normal, conversando com ela durante várias horas sobre a sua infância, os seus amigos, a descoberta da sua mediunidade e uma ampla variedade de detalhes sobre o seu passado.

Depois, hipnotizou-a e obteve informações que ela não conseguia recordar no estado desperto.

Por exemplo, quando estava acordada, ela conseguia recordar as Crianças da sua infância na Irlanda, aqueles companheiros imaginários que costumavam aparecer espontaneamente no seu quarto e na quinta.

Mas nunca conseguia dizer os seus nomes.

Sob hipnose, porém, recordou-os facilmente como Elizabeth, Susan e Bobby.

As duas meninas eram primas que morreram antes de ela nascer, mas ela tinha visto fotografias delas num álbum.

O rapaz, Bobby, era um vizinho que morreu afogado.

O Dr. Brown não conseguiu chamar Uvani após hipnotizar Eileen, o que contrastava fortemente com a sua capacidade de invocar Uvani colocando-se em transe em poucos segundos.

Eileen manteve-se tranquila quando Dr. Brown a avisou de que havia alguma possibilidade de que a sua análise pudesse dissolver as suas personalidades em transe, ou seja, que a sua abordagem poderia desfazê-las de tal forma que ela perdesse os seus dons mediúnicos.

Ela respondeu que não estava preocupada.

A seguir, uma transcrição de algumas das perguntas feitas pelo Dr. Brown:

Brown: Agora, quero que recordes aquele homem que apareceu quando Babs estava doente. Quantos anos tinha ela, por sinal?

Garrett: Ela tinha três anos na altura. O médico disse que ela não podia recuperar. Disse: *"Enrolem-na em cobertores frios, cobertores húmidos,"* e eu disse que tinha muito medo.

O médico não me disse isso a mim. Disse ao meu marido: *"Leva-a para fora."*

Quando entrei no quarto, os cobertores estavam enrolados junto à porta, e esse homem disse a rir-se: *"Tirem-nos daí."*

Brown: Ele disse o nome dele, ou tu sabias quem ele era?

Garrett: Abdul Latif. Ele disse: *"Tirem todos os cobertores. Deixem entrar o ar. Segurem-na nos braços. Ela vai melhorar."*

Brown: Relaxa. Quando eu colocar a minha mão na tua testa, Uvani virá.

Ele virá para esta sala e falará contigo. Ele enviará uma mensagem importante ─ importante para esta investigação.

Agora Uvani está a chegar e irá falar contigo. Uvani está a chegar.

Garrett: Sim, Uvani está aqui.

Brown: Diz-lhe para falar.

[Pausa]

Nenhum Uvani?

Garrett: Não consigo encontrá-lo. Onde está ele?

Brown: Não o consegues ver?

Garrett: Não, apenas escuridão. Não, não, não, não consigo vê-lo.

Brown: Agora vou acordar-te. [Sra. Garrett desperta.] Quanto é que te lembras de tudo isto?

Garrett: Não me lembro de nada, sinto como se tivesse estado a dormir.

Brown: Não te lembras de nada do que disseste?

Garrett: Não.

Embora os resultados dos testes de Brown, como tantos outros, tenham sido inconclusivos, o Dr. Brown teve o cuidado de salientar que isso não deveria "de forma alguma diminuir a reivindicação de poderes sobrenormais que possam ser atribuídos à médium."

"Tais poderes só podem ser determinados por comparação objetiva com factos independentemente verificados."

No início de 1936, a Sra. Garrett foi visitar o Dr. Alexis Carrel, vencedor do Prémio Nobel de Medicina em 1912, no *Rockefeller Institute* em Nova Iorque.

Um pouco entediada e ligeiramente divertida com os testes inconclusivos a que tinha sido submetida no último ano, ela sabia que estava *"prestes a pregar uma partida"*, como disse, quando decidiu testar, por conta própria, uma figura científica de renome mundial.

Carrel impressionou-a imediatamente como um dos cientistas mais imaginativos, alguém que não ridicularizaria aqueles que experienciavam fenómenos psíquicos, e os dois conversaram durante três horas.

"Alguma vez foi provado que existe algo como um estado psíquico objetivo?" perguntou-lhe Carrel.

Ela respondeu que, sem dúvida, já tinha experienciado esse estado e que coisas estranhas e assustadoras pareciam acontecer-lhe nesse estado.

Ele continuou:
*"Sim, mas um médico poderia dizer que isso foi um estado de neurose, um estado de histeria, um estado de fraude, consciente ou inconsciente. Mas estou absolutamente certo de que terias grande dificuldade em conseguir que um médico dissesse que existia um estado psíquico objetivo...

Se conseguires fazer algo a respeito disso, acho que estarás a fazer uma verdadeira contribuição."*

Foi uma troca valiosa com um grande cientista.

Carrel disse-lhe que primeiro deveria procurar provas objetivas, mas ela também sabia, pela sua atitude simpática, que ele já estava convencido, pois era tão sensível aos sentimentos de um cientista de renome quanto era aos sentimentos dos seus amigos do quotidiano.

Além disso, não teria ele dito recentemente a jornalistas, ao regressar de França:

*"A intuição, que permite a certas pessoas terem poderes telepáticos e clarividentes, é um processo fisiológico natural.

É o sexto sentido... É algo que realmente torna possível a telepatia e a clarividência."*

Eileen decidiu que uma série de testes fisiológicos conduzidos por um médico cético seria o mais apropriado.

Encontrou um cético ideal em Dr. Cornelius Traeger, do renomado Roosevelt Hospital, em Nova Iorque.

Traeger era especialista em artrite reumatoide e cardiologia.

Era um homem pragmático e experiente em técnicas de testes fisiológicos, o que o tornava o investigador objetivo ideal para estudar os fenómenos que produziam Uvani e Abdul Latif.

Apesar da sua agenda ocupada, ele concordou em conduzir os testes durante um período de seis meses.

Desde o início, Traeger deixou claro que era cético em relação às supostas personalidades em transe e não acreditava que tivessem qualquer efeito nos processos fisiológicos de Garrett.

"Não acho que estejas a mentir a ti mesma sobre estas personalidades em transe," disse ele, *"mas acho que elas surgiram de alguma repressão, algum desejo, ou, se quisermos, de uma imaginação demasiado vívida.

Mas, de qualquer forma, vamos prosseguir."*

Foi um período intenso de seis meses.

Por vezes, Traeger trabalhava com Eileen todas as manhãs, das nove da manhã às duas da tarde, e havia muitas noites de trabalho também.

De um modo geral, ela respondia melhor de manhã, quando estava menos emocional, e foi então que ele conseguiu estabelecer o mais próximo possível do que ela chamava "o meu eu normal."

Ele planeou uma série abrangente de testes, assistido por outros médicos e um técnico.

Os testes incluíam: Contagem sanguínea. Tempo de coagulação. Tempo de sangramento. Respiração. Pulso. e pressão arterial. Registos cardiográficos. Administração de fármacos para analisar reações fisiológicas.

O plano era aplicar estes testes primeiro à Eileen Garrett no seu estado normal e, depois, repeti-los quando estivesse em transe.

Traeger sentiu-se desconfortável quando começou os testes.

Tanto que passou muito tempo a estudar Garrett no seu estado normal, provavelmente mais do que o necessário.

Ali, ele sentia-se confortável e sem preocupações com histórias de fantasmas e superstições, pois tudo o que envolvia Uvani e Abdul Latif lhe parecia um absurdo.

No entanto, tinha de chegar a eles – e, por fim, conseguiu.

O primeiro a manifestar-se foi Uvani.

Numa manhã, Eileen, preparando-se para entrar em transe por sua própria vontade, desmoronou-se na cadeira: As pernas ficaram frouxas, o corpo todo relaxou, a respiração tornou-se difícil, curta e irregular, os olhos reviraram-se, deixando apenas os brancos visíveis, houve um som de luta saindo da sua boca e garganta, um gemido... mais sinais de luta... e depois um momento de libertação

Finalmente, uma voz grave e rouca emergiu:

"Sou eu, Uvani. Saúdo-vos, amigos; que a paz esteja convosco, na vossa vida e nos vossos lares."

Aqui estava a fantasia.

Aqui estava o disparate que Traeger queria evitar – mas que agora não podia mais ignorar.

Ele falou diretamente com Uvani, e a voz masculina que saía da boca de Eileen respondeu que cooperaria plenamente com Traeger e com o técnico que administraria os testes.

Quando Traeger perguntou por Abdul Latif, houve uma troca de controle, e Abdul apareceu.

Abdul, um médico na sua vida passada, falando com um sotaque diferente, tomou a liberdade de fazer alguns diagnósticos médicos que

impressionaram Traeger e os outros médicos pelo seu conhecimento médico e julgamento clínico apurado.

Abdul também disse a Traeger que o seu técnico estava doente, que havia histórico de tuberculose na família do técnico e que, naquele momento, ele sofria de um quadro anémico.

Uma análise sanguínea feita no hospital confirmou a anemia.

Os médicos também perguntaram a Abdul o que ele achava da medicina moderna e como se comparava com a medicina do seu tempo.

Ouviram atentamente enquanto Abdul falava com profundidade sobre a medicina do século XIII.

Com dois controles para estudar, foi necessário que cada um deles desse um sinal ao chegar.

Os dois concordaram com este sistema:

Uvani faria Eileen dar uma batida na cadeira quando ele aparecesse
Abdul faria Eileen dar duas batidas na cadeira quando ele chegasse

Durante os testes, nenhum dos dois deveria falar, pois Traeger acreditava que a conversa os tornaria demasiado emocionais, impedindo-o de observar o seu estado normal, que era o que ele queria estudar.

Assim, tanto Uvani quanto Abdul ficaram em silêncio durante períodos de até duas horas, enquanto os testes eram conduzidos.

Os resultados fisiológicos de Eileen Garrett diferiam marcadamente dos de Uvani, mas muito mais impressionantes foram as diferenças entre Uvani e Abdul. Como exemplo, o sangramento de Eileen demorou cerca de três minutos a estancar; para Uvani, o tempo foi de trinta e três segundos; e para Abdul, foi de noventa segundos. A contagem de hemoglobina para os três era de 70 para Eileen; 85 para

Uvani; e para Abdul 110-115, suficientemente elevada para indicar hipertensão arterial grave. No caso de Abdul, as alterações do pulso mantiveram-se entre 110-112; para Uvani, desceram para 50.

Os cardiogramas foram ainda mais surpreendentes, revelando fraqueza muscular para Eileen, como o seu historial médico confirmava; uma ação cardíaca forte e saudável para Uvani; e a fraqueza cardíaca de um homem idoso para Abdul Latif. Os médicos tornaram-se tão familiarizados com o estado cardíaco dos seus três sujeitos, Garrett, Uvani e Latif, que, mesmo na ausência dos sinais pré-estabelecidos pelos quais os controlos se identificavam, conseguiam determinar, a partir dos gráficos que mostravam a ação cardíaca, qual a personalidade ─ ou entidade ─ que estava a ser testada.

O cético Traeger ficou intrigado e perplexo, tal como os seus colegas médicos. Por isso, pediu a um amigo do Instituto Rockefeller, o Dr. Alfred T. Lewis, que examinasse os cardiogramas. "Consideraria que tinham alguma relação uns com os outros?", perguntou ele.

Lewis disse: "Não, não creio que seja possível."

Foram então realizados testes sanguíneos no Hospital Wickersham, em Nova Iorque. Estes foram feitos em intervalos ao longo de um dia inteiro e revelaram um diagnóstico de diabetes para Uvani, enquanto o sangue retirado de Eileen como ela mesma e do seu corpo quando possuído pela personalidade de Uvani não indicava essa condição.

Traeger ficou estupefato e exasperado. Seria isto algum tipo de fraude? "O que devemos acreditar?", exclamou para os seus colegas enquanto analisava os resultados cuidadosamente obtidos.

Os médicos prosseguiram então com testes utilizando drogas. Eileen tinha usado muitas dessas substâncias no passado e, assim, devido ao seu longo historial de bronquite, pleurisia, asma e outras doenças respiratórias, conseguiu absorver quantidades substanciais de

adrenalina com pouca reação. Mas quando Uvani se manifestou e a adrenalina foi injetada, ele ficou frio, tremeu e teve um espasmo que durou vinte minutos. Esta foi a reação que se poderia esperar se a adrenalina tivesse sido administrada a qualquer paciente de saúde normal e sem historial de doenças respiratórias. Abdul Latif também sofreu um episódio de tremores após a injeção de adrenalina, e foi tão severo que quebrou o acordo de silêncio e disse: "Não gosto muito disto."

A morfina, que foi administrada em seguida, provocou uma reação violenta em Eileen, enquanto Abdul não apresentou nenhuma reação significativa, e o coração de Uvani não demonstrou as alterações normalmente esperadas. Foram administradas várias outras drogas e, em todos os casos, registaram-se reações diferentes entre os três sujeitos. Uma das substâncias afetou de tal forma a entidade Abdul Latif que ele pareceu colapsar e entrar em coma, causando grande angústia a todos os médicos e técnicos presentes na sala. O corpo era, naturalmente, o de Eileen Garrett, possuído naquele momento por Abdul Latif, mas foi difícil trazê-lo de volta à consciência naquele corpo feminino inerte. Quando finalmente recuperou a consciência, o aflito Dr. Traeger perguntou a Eileen, na esperança de aprender a técnica para trazer um controlo de volta desse estado de coma: "O que deveria ter feito?"

Eileen, impassível, pois não tinha conhecimento do que acontecera, apenas respondeu: "Porque me pergunta a mim?"

Após as experiências de Traeger em julho de 1936, Eileen regressou a Londres e falou sobre elas a uma grande audiência no auditório do British College of Psychic Science a 23 de julho de 1936. Disse que ficou especialmente impressionada ao saber que, durante os testes, até os reflexos das três personalidades, Garrett, Uvani e Abdul, eram diferentes. Por exemplo, os pés de Uvani estavam rígidos, como se estivesse num estado cataléptico. Abdul sofria ataques catalépticos na perna e no joelho direitos. Ambos os controlos também

apresentavam dificuldades nos reflexos abdominais. Mas para ela própria, todos os reflexos estavam normais durante todo o teste.

Isso, disse ao seu público, provavelmente explicava por que razão os médiuns estavam frequentemente tão cansados, pois uma grande quantidade de energia e poder escoava-se através das pernas e da parte inferior do corpo, como pareciam demonstrar as reações dos controlos nos testes de Traeger. Essas reações poderiam também responder à questão de por que razão os médiuns são frequentemente doentes. Eileen era certamente um exemplo notável de um médium que sofrera de problemas de saúde ao longo da vida. Não se tratava de excesso de trabalho, prosseguiu, como as pessoas frequentemente sugeriam, mas sim, disse ela ao seu público:

Acho que realmente se resume a isto: não sabemos de todo quais são as forças que estamos a utilizar ou a energia que é libertada nos nossos corpos; e acho que continuamos a fazê-lo inconscientemente, e aqueles que trabalham connosco sabem tão pouco quanto nós. E chega um momento em que já não conseguimos dissipar todas as nossas energias no nosso trabalho. Quero sublinhar esse ponto porque, quando fiz análises ao sangue e os controlos estavam presentes, os testes foram repetidos várias vezes e parecia haver quase um prolongamento... da condição diabética. Parecia durar cerca de trinta a trinta e cinco minutos. Isso é um tempo muito longo para manter essa energia no sangue depois de se ter regressado a um estado normal. E é isso com que lidamos o tempo todo; lidamos com essas mudanças químicas, e realmente não sabemos como lidar com elas ou como gerir o nosso tempo para que tiremos o melhor proveito das mudanças químicas, sem provocar demasiadas alterações no corpo.

As suas experiências com o grupo de médicos de Traeger, em Nova Iorque, marcaram apenas o início de testes importantes e, talvez, de descobertas, disse ela. Já haviam revelado algo sobre a energia despendida e as mudanças fisiológicas que ocorrem na mediunidade. Ela começava a demonstrar a Traeger e a outros céticos que pode muito bem existir um estado psíquico, um que pode ser objetivamente

estabelecido, e, prosseguiu, "se conseguirmos estabelecer isso na medicina, eliminamos uma grande parte da má reputação que paira sobre a mediunidade. Sabem, no momento em que dizem que são sensitivos ou médiuns, as sobrancelhas levantam-se. Se conseguirmos provar que lidamos com algo que é uma lei natural de uma forma prática, isso ajudará muito mais do que toda a propaganda para que a mediunidade seja reconhecido e tenha a dignidade que atualmente lhe é negada. Por isso, acho que essas experiências tiveram um propósito."

No final dessa palestra, a 23 de julho de 1936, o Dr. Eric J. Dingwall, já um dos principais investigadores psíquicos do mundo, levantou-se para dizer que aquilo representava mais uma prova de que a Sra. Garrett se dedicava ao avanço da ciência. Ele conhecera-a pela primeira vez em 1923, quando, em resposta à sua pergunta, ela lhe dissera, mesmo naquela época, que trabalharia pela verdade científica, não importando para onde isso a levasse. Este antropólogo formado em Cambridge, rigoroso e inflexível, disse sobre Eileen:

A Sra. Garrett possuía então, e ainda possui, três qualidades notáveis e muito raras nos médiuns: deseja saber algo sobre o seu mediunismo. Sabe que o método científico é o único pelo qual alguma vez conhecerá a verdade. E, além disso, aproxima-se da ciência e ajuda os cientistas a obter esses factos. Ouvimos esta noite alguns dos resultados. Aqui temos a Sra. Garrett a apresentar evidências importantes do ponto de vista fisiológico de que existem diferenças profundas nas reações quando essas personalidades controlam o médium... Estamos gradualmente a começar a compreender algo sobre personalidades secundárias: se são independentes no sentido de que o médium é controlado externamente, poderemos saber mais tarde. Observamos essas mudanças tanto no âmbito mental como no físico, de momento inteiramente não reconhecidas pela fisiologia e pela psicologia... Quero dizer que aqui temos um médium que, finalmente, através da experiência científica, está a conseguir acrescentar algo ao nosso conhecimento de uma maneira notável. A ciência deve uma grande dívida de gratidão à Sra. Garrett.

Após o seu regresso a Londres de mais uma viagem aos Estados Unidos em 1937, Eileen recebeu um pedido de Mrs. K. M. Goldney e do Sr. S. G. Soal, da Society for Psychic Research (S.P.R.), para trabalhar com eles e com vários médicos e cientistas de renome em Londres, que desejavam realizar testes semelhantes aos conduzidos por Traeger. Havia muitos médiuns tanto em Inglaterra como nos Estados Unidos, mas Eileen Garrett tinha uma reputação considerável em ambos os países como a única médium que se oferecia voluntariamente aos cientistas e laboratórios para experimentação e investigação. Havia uma grande procura pelos seus serviços em toda a parte e vinda dos mais respeitáveis círculos, muito mais do que ela podia satisfazer, mas o pedido vindo do mais prestigiado dos grupos psíquicos era, obviamente, um que ela aceitaria.

Cinco médicos londrinos ofereceram-se para realizar as experiências, que decorreram em diferentes ocasiões, em junho e setembro de 1937, nos consultórios dos seguintes profissionais:

Geoffrey Bourne, St. Bartholomew's Hospital, King George Hospital, Letchworth Hospital; Examinador de Farmácia e Terapêutica, Medicina, Universidade de Cambridge; Membro da Royal Society of Medicine.

Cuthbert Dukes, St. Peter’s Hospital, St. Mark’s Hospital; Professor, Kings College for Women; Membro da Royal Society of Medicine.

William Nunan, Membro da Royal Society of Medicine; antigo cirurgião da polícia em Bombaim; antigo professor de jurisprudência médica e toxicologia no Grant Medical College, Bombaim; psicoterapeuta no Instituto de Psicologia Médica, Londres.

V. J. Wooley, St. Thomas’ Hospital, Londres; Oficial de Investigação da Society for Psychic Research, Londres.

Dra. Helena Wright, M.R.C.S., L.R.C.P., M.B., B.S.

Além disso, o Dr. Nandor Fodor, Diretor do International Institute for Psychical Research, esteve presente em todas as experiências, assim como Mrs. Goldney, que tomou notas e transcreveu os registos, todos enviados posteriormente aos médicos participantes para sua aprovação antes da publicação nos Proceedings of the Society for Psychical Research. Eileen também disponibilizou a Mrs. Goldney todos os registos das suas experiências e testes com o Dr. Traeger em Nova Iorque; e, a pedido de Mrs. Goldney, Traeger enviou-lhe cópias de todos os gráficos e outros dados relevantes que pudessem ser úteis nos testes de Londres. Traeger incluiu com estes materiais uma carta a Mrs. Goldney, na qual indicava que o seu trabalho tinha sido provisório e os resultados inconclusivos, e que estava preocupado com os relatos melodramáticos das suas experiências na imprensa, que tentavam conferir a "estas experiências, bastante preliminares, uma precisão e uma definitividade que não possuem." Traeger pediu a Mrs. Goldney que incluísse esta declaração no seu relatório sobre as experiências de Londres.

Totalmente informados sobre os testes de Nova Iorque, os médicos londrinos prosseguiram agora com os seus próprios. Examinaram Eileen antes de entrar em transe, durante o transe com Uvani e Abdul Latif como controlos em sessões separadas, e após sair do transe em cada sessão. Após os testes mais exaustivos ─ eletrocardiogramas, metabolismo basal, química sanguínea, hemoglobina, contagem de glóbulos vermelhos, frequência do pulso, reflexos plantares, reflexos oculares, entre outros ─ as suas conclusões divergiram radicalmente das obtidas em Nova Iorque.

O Dr. Cuthbert Dukes escreveu a Mrs. Goldney que, nos registos americanos que lhe foram entregues, as variações na contagem sanguínea de Eileen no seu estado normal e em transe com Uvani e Abdul Latif estavam todas "definitivamente dentro dos limites normais... Eu diria", continuou, "que estes testes químicos e microscópicos são os que se poderiam esperar encontrar nestes testes repetidos efetuados na mesma pessoa. Nenhuma conclusão pode ser tirada dos testes que indique qualquer alteração incomum no sangue

durante o período de transe. A minha própria opinião é que não vale a pena continuar a investigar este assunto nesta linha." Ainda assim, Dukes realizou os seus próprios testes em Eileen, em Londres, e chegou às mesmas conclusões.

O Dr. Bourne, que realizou os testes eletrocardiográficos antes, durante e após os estados de transe de Uvani e Abdul Latif, escreveu: "Não consigo encontrar quaisquer alterações significativas em nenhum destes traçados, que obviamente pertencem ao mesmo indivíduo."

O Dr. Wooley analisou os gráficos do metabolismo basal provenientes da América e escreveu a Mrs. Goldney o seguinte: "Tudo o que estes gráficos mostram é que, quando o sujeito fez violentos esforços inspiratórios ofegantes, consumiu mais oxigénio do que quando estava deitado em repouso. Isto não é surpreendente; na verdade, teria sido surpreendente se qualquer outro resultado tivesse sido obtido. Em todas as determinações da taxa metabólica basal, o primeiro requisito essencial é que o sujeito permaneça quieto e em repouso absoluto. Todos estes gráficos mostram é como não se deve fazê-lo."

O Dr. Nunan comentou sobre os olhos abertos e sem piscar da médium durante o transe, um fenómeno muitas vezes encarado com espanto por aqueles que consultam médiuns. Durante o transe, com Abdul Latif como controlo, Eileen conseguiu manter os olhos abertos sem pestanejar, mesmo quando uma lanterna acesa foi passada diante deles. "Muitas pessoas normais", disse Nunan, "conseguem fixar o olhar sem pestanejar, mesmo para um objeto brilhante, durante períodos indefinidos. A histeria ou a hipnose poderiam produzir resultados semelhantes."

Houve outros relatórios desta natureza, todos apresentando opiniões diametralmente opostas aos resultados obtidos nos testes de Traeger nos Estados Unidos.

Eileen aceitou estas conclusões com a mesma imperturbabilidade com que recebera os resultados dos testes de Nova Iorque. Mrs. Goldney expressou o seu grande apreço pela cooperação de Eileen e pelo enorme serviço que prestara a todos os estudiosos da investigação psíquica com a sua atitude completamente objetiva. Disse Mrs. Goldney:

"A Sra. Garrett disponibilizou-nos os seus serviços inteiramente de forma voluntária e não poupou nem tempo nem esforço. Além disso, enfrenta com coragem a possibilidade de que estes exames rigorosos possam revelar-se dececionantes para as esperanças e possibilidades do mediunismo, mas nunca deixa de compreender que é apenas através de testes tão exaustivos que podemos esperar progredir no nosso conhecimento do assunto... A extensa exposição de resultados puramente negativos neste caso é necessária devido à publicidade dada pela imprensa psíquica a conclusões injustificadas sobre o estado de transe... Na verdade, os maiores inimigos das questões psíquicas são os seus próprios devotos — não só tais declarações exageradas lançam descrédito sobre todo o assunto, como também estas histórias de viajantes, tão levianamente disseminadas, são em grande parte responsáveis pela fraude tão amplamente praticada entre nós hoje, que deveria ser encarada apenas como hipóteses experimentais."

TREZE

E assim, após anos em que o seu corpo fora submetido a raios-X, galvanómetros, fluoroscópios e o resto desse interminável catálogo,

Eileen Garrett convenceu-se de que a maioria dos cientistas que a examinaram falhou em alcançar uma melhor compreensão da mediunidade, principalmente porque abordavam os seus exames com uma atitude negativa ou porque procuravam algo muito pessoal e não eram tão objetivos como acreditavam ser. Isto é, realizavam esses testes, consciente ou inconscientemente, na esperança de que pudessem, de alguma forma, beneficiar na sua prática como médicos ou cientistas a partir dos dados que pudessem ser revelados.

Esses cientistas bem-intencionados rejeitariam como impensável a acusação ─ "observação" talvez seja um termo mais exato ─ de que examinavam Eileen Garrett por razões de benefício pessoal, mas ela sempre esteve convencida de que alguns o faziam sem terem consciência da sua verdadeira motivação. Um número ainda maior, acreditava ela, era de facto negativo em relação aos fenómenos psíquicos e, na realidade, procurava confirmar as conclusões negativas que já tinham antes mesmo de os exames começarem. Tal abordagem, considerava ela, era sempre destrutiva.

A sua desilusão com os métodos de tantos grandes cientistas e os resultados inconclusivos dos testes realizados por outros levaram-na a reexaminar-se a si mesma neste período, e foi uma experiência que confirmou o seu crescente sentimento de que os seus dons psíquicos surgiram pela primeira vez na infância, quando via e percebia o que chamava de *envolvimento* de cada organismo vivo, incluindo o ser humano. Todos os seres vivos, notara ela desde então, expandiam-se e contraíam-se, ou seja, respiravam com aquilo a que chamava um *pulmão externo*. Também observara que, quando as flores inalavam, absorviam luz e cor, tal como todas as outras plantas, animais e seres humanos. A cada respiração, adquiriam uma aura de cor que ela conseguia ver, e para cada pessoa ou animal, assim como para cada flor, existia uma cor particular ou significativa.

Esta perceção tornou-a extremamente consciente da sua própria respiração. Havia um padrão e um ritmo especiais nela, e à medida que aprendia mais sobre esse padrão, tornou-se capaz de o utilizar

para controlar os seus estados psíquicos, alterando a sua respiração de um estado para outro conforme as circunstâncias exigiam. Na clarividência, na clariaudiência, na telepatia e na precognição, assim como em todos os outros estados supranormais nos quais conseguia entrar, descobriu que era necessário respirar no ritmo específico adequado a cada um deles. Observou que, quando algumas pessoas descobrem em tenra idade que possuem habilidades psíquicas e essas habilidades se manifestam em fenómenos supranormais, muitas vezes tornam-se histéricas. Uma das razões para isso é a sua incapacidade de controlar a respiração. As pessoas psíquicas são muito mais sensíveis do que as não-psíquicas, mas essa sensibilidade pode ser protegida e levada a produzir fenómenos ricos quando a respiração é controlada.

Nenhum médico alguma vez lhe dissera isso ou considerara que tivesse grande importância durante os seus extensos exames. Mas ela começara a ensinar-se a si mesma como respirar de forma mais eficaz e, consequentemente, desenvolveu uma sensibilidade rara.

Aprendeu muito cedo na vida que a sua capacidade de perceber a luz especial, a cor, a aura de todas as coisas, que sentia sob a forma de raios, permitia-lhe ver de maneira supranormal o próprio funcionamento da mente e do corpo de outra pessoa. Para alguém com tal perceção, o transe assume uma importância especial. Na infância, entrar em transe era uma forma de escapar ao castigo, a outras experiências duras e à dor. Trata-se, até certo ponto, de um estado esquizofrénico, pois há uma dissociação da personalidade, com uma parte do eu tornando-se temporariamente alheia à realidade consciente. Mas, dizia Eileen, isso é apenas o começo do transe.

Como é que, em transe, algumas pessoas conseguem penetrar para além do consciente e chegar aos recônditos da mente subconsciente? Nestes casos, o transe não se torna apenas um estado passivo e vazio, mas sim uma condição que combina passividade e atividade, na qual recebe e lhe são impressas imagens e pensamentos que, em estado normal, poderiam escapar-lhe. Além disso, é uma condição provocada por mudanças glandulares e fisiológicas, bem

como emocionais, no médium. O princípio ativo-passivo, negativo-afirmativo, que governa o transe e a mediunidade, é o mesmo princípio que governa a utilização da matéria e da energia na natureza.

O *controlo* do médium é, primariamente, a entidade que interpreta as imagens recebidas pela mente em transe e está profundamente embutida no subconsciente. Mas, nesta análise, Eileen também sugeriu a possibilidade de que, dado que a verdadeira natureza do transe e da mediunidade exigia muito mais investigação e uma vez que tanto ainda permanecia sem resposta, o controlo poderia simplesmente ser uma forma do subconsciente *"dramatizar-se a si mesmo numa personalidade de transe"*. No entanto, prosseguiu, havia também a possibilidade de que o próprio subconsciente tivesse um modo de alcançar o *supraconsciente* e receber do universo inteiro informação, conhecimento e sabedoria que a mente consciente normal não poderia obter. Uma evidência disso, dizia Eileen, era o facto de que, quando estava num estado clarividente, recebia imagens e pensamentos completamente desvinculados de toda a atividade da sua vida pessoal.

Os cientistas concordavam que ela parecia ter esta perceção aumentada, esta clarividência, esta capacidade de perceber de maneira supranormal, e chamavam-lhe **perceção extrassensorial e anormal**. Mas ela discordava, dizendo:

"É simplesmente devido à intensificação e ao refinamento da atividade dos cinco sentidos — tato, gosto, olfato, visão e audição — combinados e elevados a um grau de consciência superior ao que a maioria das pessoas alguma vez alcança."

Na sua autobiografia, conta como isso acontecia:

"Poderia acontecer que estivesse a trabalhar de modo clarividente com um certo investigador e, de repente, desse por mim projetada para o jardim da casa desse experimentador. Lá, tornava-me consciente de estar de pé sob uma macieira. Aqui, todos os sentidos físicos entram em ação dentro das condições do meu estado clarividente, mesmo que

o sentido clarividente ainda predomine. É inverno e vejo a macieira que, naquele momento, está despida e nua. Mas então sou também capaz de ver essa mesma macieira nas suas diferentes fases de mudança e crescimento sazonais, para além daquele momento no tempo. Apenas os aspetos da árvore que posso ver dependem, em parte, do meu foco e, em parte, de circunstâncias que estão além do meu controlo. Posso vislumbrá-la primeiro como uma semente quando plantada ou como uma jovem árvore ainda não pronta para dar frutos.

Ou, por outro lado, posso percebê-la em plena floração e sentir claramente o odor das suas folhas e flores. Ou posso obter a impressão da árvore carregada de maçãs, ser capaz de descrever a cor e o tamanho dos seus frutos e antecipar o seu sabor a tal ponto que a saliva se acumula na minha boca. Enquanto estou num estado clarividente, tudo isto pode ocorrer numa rápida sequência. Pode dizer respeito a muitos períodos da vida dessa macieira, ou posso captar um vislumbre da fase que está especialmente relacionada, naquele momento, com a vida do investigador com quem estou a trabalhar.

Ela enfatiza então que, ao longo de toda esta experiência, embora seja supranormal, tem usado, no entanto, os seus cinco sentidos normais e, portanto, não está a percecionar as coisas de uma forma extrassensorial. Além disso, embora não saiba como a clarividência começa dentro de si, uma vez iniciada, pode, através da regulação da sua respiração, controlar a intensidade da visão clarividente. O estado de perceção supranormal também deve ser alcançado num estado de relaxamento e não, como muitas vezes se diz, através da meditação ou concentração deliberada.

"Eu diria que o relaxamento, a despreocupação, a ausência de pensamento dirigido ao processo são pré-requisitos para a produção de tais estados. Um estado de espírito que eu chamo de 'despreocupação elevada'", continua, "é aquele em que obtenho os melhores resultados. Na verdade, descobri que qualquer esforço consciente para pensar, sentir, perceber ou ver na forma de meditação torna impossível aquele

movimento acelerado que considero essencial para a perceção 'supranormal'."

Os seguintes são os sete níveis de consciência que ela atinge no estado clarividente e as mudanças fisiológicas que os acompanham:

Reação nos centros nervosos do estômago, acompanhada por um desejo intenso e primitivo. Consciência de um movimento oscilante para cima e para fora a partir do plexo solar e, em seguida, um recuo em direção à base da coluna. Isto parece transformar o sentimento de desejo intenso num estado prazeroso de suspensão e antecipação. O torso expande-se, há um aumento da circulação sanguínea e um acelerar da respiração, resultando em relaxamento e flexibilidade da coluna vertebral, o que, por sua vez, dá lugar a sensações quentes e agradáveis em todo o corpo. As sensações de calor ascendem desde a coluna até à parte de trás do pescoço e, finalmente, atingem o crânio e o cérebro.

O espaço atrás da testa clarifica-se e torna-se impregnado por uma luz suave, na qual as cores em mudança desempenham um papel importante, e eu entro realmente numa dimensão que é *cor*. Acompanhando este estado surge uma sensação de paz, livre de qualquer pensamento e desconectada do tempo, do espaço ou de eventos. Este é um período de recetividade passiva. Aceleração e unificação geral dos cinco sentidos. O processo de clarividência começa a funcionar, coordenando e acelerando todas as perceções sensoriais. O pequeno espaço atrás da testa, iluminado pelo brilho da luz, parece crescer e expandir-se para além das medidas do tempo e do espaço. A ação que então ocorre pode estar relacionada com um evento atual, com um acontecimento do futuro ou com um episódio que tenha ocorrido há um século ou mais. Da mesma forma, as figuras que vejo nesse espaço atrás da testa podem ser pessoas que estão agora vivas ou que viveram num passado distante. Dentro deste panorama em movimento, essas figuras são distintas, sejam elas grandes ou pequenas. Este nível final já não faz parte do processo, mas sim da conquista de um novo estado de ser. Torno-me, quase

simultaneamente, mais e menos eu mesma. Neste momento de crescendo da minha clarividência, precognição, clariaudiência, projeção e visão à distância ocorrem simultaneamente... Recebo inspiração e torno-me una, identifico-me com toda a minha vida, que a minha visão contempla... Posso estender-me e ter certeza, à vontade, do ciclo de vida de qualquer ser humano.

Todo o processo de alcançar o estado clarividente é tão intenso e estimulante que pode ser exaustivo, mas Eileen aprendeu a controlar a intensidade dessas reações e, através dessa autodisciplina, alcançou um estado de tranquilidade. A maioria das pessoas que descobre que tem este poder apressa-se demasiadamente a agir, sem se preparar devidamente para o controlo que é essencial para amortecer o impacto de experiências avassaladoras. Fazem-no por ignorância ou por impaciência e pelo desejo de alcançar fama ou riqueza, e esta fuga ao treino necessário para uma clarividência e mediunidade eficazes pode resultar em comportamentos neuróticos.

Com o treino adequado, uma pessoa dotada de tais capacidades pode, de facto, ver e analisar a história do homem, a sua música, a sua linguagem, os seus antigos rituais, a sua arte, com uma precisão que está vedada ao arqueólogo, antropólogo ou historiador convencional. E, no entanto, Eileen enfatizou:

"Os fundamentos de capacidades como a clarividência e a telepatia não são anormais, mas naturais a todos os seres humanos. São simplesmente o resultado do desenvolvimento dos nossos sentidos físicos e são produtos instintivos da evolução gradual do homem. Sei que isto é verdade, não apenas pela minha própria experiência, mas pelo conhecimento que adquiri de pessoas de todas as partes do mundo, que conheci, tipos que se orientaram para uma existência normal e prática, mas que, por acaso, desenvolveram alguns aspetos da 'perceção supranormal' que os ajudaram a ampliar as suas vidas pessoais ou profissionais. Pessoas que conheci em pesquisas arqueológicas ou antropológicas admitiram-me que se viram

possuidoras de faculdades que lhes permitiram perceber a natureza íntima dos objetos que investigavam."

Ela reconhecia que a psicologia convencional negava a validade de tais afirmações e as classificava como manifestações do anormal, do neurótico ou de uma personalidade perturbada, mas acreditava sempre que o estudo e a investigação contínuos acabariam por revelar a esses psicólogos e a todos os outros cientistas céticos que o funcionamento coordenado do consciente, subconsciente e supraconsciente proporciona à memória uma visão do passado e do futuro, bem como do nosso ambiente presente, que expandiria incalculavelmente a compreensão do homem sobre si mesmo e sobre o seu mundo.

"Se o homem compreendesse a verdadeira amplitude dos seus poderes," escreveu ela, "seria capaz de alcançar um estado além do tempo, onde passado, presente e futuro são um só, e além da mente consciente, até uma esfera onde o subconsciente, o consciente e o supraconsciente se unem. Quando o homem passar a reconhecer essa experiência como o seu direito inato, poderá finalmente viver consigo mesmo ao mesmo tempo nesses estados fora do tempo, que ainda são pouco conhecidos ou compreendidos por ele."

CATORZE

Em 1939, Eileen Garrett era considerada a principal médium do mundo, embora alguns dissessem que partilhava esta distinção com Gladys Osborn Leonard, que era dez anos mais velha e trabalhara de forma muito próxima com Sir Oliver Lodge e a *Society for Psychical Research* em Londres. Eileen respeitava Mrs. Leonard como uma

grande sensitiva e tinha por ela o mais caloroso afeto, tanto como amiga quanto como colega, mas mantinha uma deliberada distância de alguns dos trabalhos de Mrs. Leonard com Sir Oliver Lodge e a S.P.R. Sempre teve dúvidas sobre a validade dos experimentos que alegadamente provavam a persistência da vida para além da morte e a comunicação entre os mortos e os vivos.

Para Eileen, esta continuava a ser uma hipótese espiritualista ainda longe de estar estabelecida, que ignorava alguns dos mais elementares testes científicos. Estas permaneceram as suas convicções mesmo após repetidas viagens aos Estados Unidos para conferências e experiências e depois de trabalhar com várias organizações inglesas. Continuaria interessada na investigação psíquica, mas passaria agora a ser mais uma observadora, abandonando a prática ativa da mediunidade.

Esta foi uma decisão tomada com relutância, pois significava separar-se de amigos queridos com quem trabalhara de perto e trazia-lhe à memória os dias entusiasmantes em que descobrira a sua mediunidade e trabalhara com Hewat McKenzie no *British College of Psychic Science*.

Mas McKenzie estava morto, o Colégio perdera a sua antiga vitalidade e, mais importante ainda, estava orientado para o espiritualismo e exigia algo semelhante à fé religiosa em vez de experimentação científica rigorosa. Para McKenzie e os outros no Colégio, Uvani e Abdul Latif eram seres desencarnados, separados de Eileen, uma visão que ela nunca poderia aceitar. Ficaria sempre grata a McKenzie pela disciplina que lhe deu e que lhe permitiu estudar-se a si mesma e compreender melhor os seus dons psíquicos, mas não ignorava as limitações que ele, involuntariamente, lhe impusera no seu próprio desenvolvimento científico. Por isso, escreveu nesta altura:

"Sinto-me relutante em continuar o meu trabalho como médium profissional, pois estou convencida de que interfere com a investigação objetiva à qual agora desejo dedicar-me. Cheguei à conclusão de que a hipótese espiritualista, por si só, limita a liberdade

de tal investigação; nem o ponto de vista da maioria dos investigadores psíquicos é ainda suficientemente objetivo ou desapegado para penetrar nessas novas e inexploradas áreas da mente, nas quais agora pretendo experimentar."

Quanto às suas personalidades de controlo, Uvani e Abdul Latif, continuavam a vir ter com ela e a incentivá-la a investigar cientificamente a natureza da sua própria existência, bem como o seu estado de transe e os seus poderes supranormais. Mais uma vez tentou afastá-los, como fizera tantos anos antes, e mais uma vez permaneceram com ela, apesar de todos os seus esforços. Mas agora aceitava os seus controlos com calma. "Cheguei a um ponto no meu desenvolvimento," disse, "em que posso viver em harmonia comigo mesma e em paz com essas chamadas personalidades, pois agora sou capaz de as considerar como aspetos mais subtis do meu verdadeiro eu. Quaisquer que sejam as suas origens, não disponho, no momento, dos meios para as conhecer; mas, por enquanto, estou satisfeita em aceitar os controlos como aspetos de um princípio construtivo sobre o qual toda a minha vida foi construída."

A decisão de manter-se afastada dos grupos e círculos de investigação psíquica e espiritualismo em Londres deu-lhe a oportunidade de viajar extensivamente pelo continente. Uma visita a Munique e outras cidades alemãs confirmou-lhe o que os especialistas diziam: que a guerra era inevitável. Devota de longa data do sul de França e da Riviera, alugou uma villa em Juan-les-Pins, onde o clima mais ameno beneficiava a sua condição respiratória. Estava lá quando a França caiu em 1940. Durante algum tempo, dedicou-se a ajudar a fornecer alimentos e abrigo às crianças francesas da região e aos filhos dos refugiados que chegavam às cidades da Riviera vindos de toda a Europa. Mas sabia que o seu trabalho humanitário teria uma curta duração à medida que a guerra se intensificava. Se não saísse voluntariamente, as autoridades, certamente, acabariam por forçá-la a partir, uma vez que era cidadã britânica.

Não conseguiu obter transporte aéreo ou marítimo para Inglaterra, mas conseguiu chegar a Perpinhã de comboio e, de lá, a Lisboa, onde se tornou mais uma entre os milhares de refugiados que esperavam há semanas e meses por transporte para qualquer país neutro que os aceitasse. Tentou obter passagem para Londres, mas o cônsul inglês, ao olhar para o seu passaporte, o visto americano e os carimbos que testemunhavam as suas muitas visitas aos Estados Unidos, sugeriu que poderia prestar um serviço melhor a Inglaterra e à França indo para a América, onde poderia voltar a dar conferências, mas desta vez pela causa Aliada, em vez de pela investigação psíquica.

A sua filha, agora com pouco mais de vinte anos, estava relativamente segura em Oxford, Inglaterra, a trabalhar como secretária num escritório, e embora fosse bom vê-la, não ajudaria muito no esforço de guerra regressando a Inglaterra – certamente não tanto quanto poderia ajudar na América. Mas conseguir um navio, tanto para Inglaterra quanto para a América, estava fora de questão durante vários meses, pelo menos.

Recusando desistir, Eileen saiu do Consulado e voltou a percorrer as ruas de Lisboa – ruas cheias de desespero, incerteza e refugiados de todas as origens: os muito ricos, jornalistas, profissionais com carreiras destruídas numa Europa que nunca mais conheceriam, banqueiros, órfãos de guerra, expatriados das boémias de Paris e de outras cidades, turistas ricos que até há pouco se recusavam a acreditar que a guerra chegaria ou que duraria muito tempo se chegasse, ex-soldados de muitas nações. Todos esperavam em Lisboa por transporte para casa, para segurança ou para contribuir para o esforço de guerra.

Apesar das perspetivas desanimadoras, Eileen, equipada com um bom número de *traveler's checks*, continuou a procurar e foi informada de que havia um velho navio de registo cubano no porto, o *Ciboney*, que antes fazia a rota entre Havana, outros portos cubanos e a América do Sul, e que partiria dentro de um ou dois dias para Nova

Iorque. Não era um navio de luxo, mas aceitá-lo-ia com agrado, até com um certo espírito de aventura. A bordo, soube que estariam no mar por quase duas semanas, dependendo da presença de submarinos e outros perigos da guerra, e teria de partilhar um grande compartimento com duzentas mulheres, a maioria delas desamparadas e a chorar por maridos e filhos perdidos e vidas destruídas. Deu ao comissário de bordo alguns *traveler's checks* em troca de um cobertor e um lugar para dormir, mas passou todas as noites sentada até à sua chegada a Nova Iorque treze dias depois.

Finalmente, em Nova Iorque, a adaptação foi fácil. Alugou um apartamento na zona de Murray Hill e, dentro de uma semana, já estava a dar palestras para os Franceses Livres e os Britânicos, conseguindo angariar somas consideráveis para os Aliados na América, que ainda era um país neutro. À medida que a entrada dos Estados Unidos na guerra se tornava iminente, havia menos necessidade de oradores especiais para a causa Aliada, e isso permitiu a Eileen concretizar o seu sonho antigo de publicar livros que lhe agradavam e, mais importante ainda, a sua própria revista. Chamaria à editora *Creative Age Press* ─ a revista teria o nome *Tomorrow*, e a sua razão de ser seria servir como um guia para a juventude.

"Muitas vezes sonhei, quando jovem," disse ela, "em ter uma revista que expressasse os meus próprios ideais de vida criativa, mas os anos deram-me poucas oportunidades para concretizar essa ideia. Mas, em 1941, *Tomorrow* foi lançada para se tornar não apenas uma expressão minha, mas uma publicação mensal significativa, alimentada pela ainda pequena fração daqueles que devem participar material e espiritualmente na construção da vida futura."

CATORZE

A investigação psíquica deve ser domínio dos professores, dos cientistas, dos laboratórios universitários, insistia Eileen Garrett após décadas a procurar o significado da sua própria mediunidade. Mas ela já conhecia os principais investigadores psíquicos em Inglaterra e nos Estados Unidos, e estava desiludida. É verdade que houvera avanços

consideráveis desde os tempos das sessões espíritas em salas escuras, mas as sociedades psíquicas respeitáveis e os círculos académicos tornaram-se, demasiadas vezes, reféns de abordagens específicas ao estudo dos fenómenos paranormais e, consequentemente, adquiriram uma rigidez que não incentivava a investigação e experimentação mais livre. M

esmo na edição comercial geral, onde, com a sua *Creative Age Press*, Eileen construiu uma editora conhecida pela qualidade dos seus títulos e pela sua seletividade editorial, os melhores títulos psíquicos eram vistos com suspeição, mesmo quando eram obras pioneiras importantes. E essa suspeita vinha de critérios dominados por uma única questão: "Vai vender?" Conseguiu publicar algumas destas obras psíquicas, quer tivessem potencial de venda ou não, mas apenas devido à sua forte determinação, impondo-se aos seus editores e diretores de vendas.

E assim, ao longo dos anos, manteve o objetivo, sempre presente, mas nunca concretizado, de estabelecer uma organização que procurasse, incentivasse e apoiasse financeiramente os melhores e mais merecedores investigadores da área.

O Dr. J. B. Rhine, da Universidade de Duke, o parapsicólogo mais conhecido dos Estados Unidos, foi um dos homens com quem Eileen discutiu a nova e mais audaciosa organização que imaginava. Foi durante uma das suas primeiras viagens aos Estados Unidos, e o próprio Rhine descreveu bem esse momento:

"As experiências com a Sra. Garrett em Duke foram um ponto de viragem na parapsicologia como ciência. A própria Sra. Garrett aceitou bem os resultados e parecia sempre gostar da sua participação nos estudos laboratoriais. Na verdade, mal tinha terminado as investigações em Duke, já a ideia de um instituto de investigação para expandir o trabalho que ali decorria começava a formar-se na sua mente. À sua maneira vigorosa, avançou bastante nesse caminho antes mesmo de anunciar o seu plano. Lembro-me vividamente da noite, em Washington, em 1936, quando ela desenrolou diante dos meus olhos a

carta patente do *Instituto Nacional de Parapsicologia* (ou talvez fosse *Internacional*), que tinha feito legalmente redigir e impressivamente gravar.

O instituto proposto seria construído sobre o Laboratório de Parapsicologia de Duke, e a Sra. Garrett planeava uma digressão de angariação de fundos para garantir o seu financiamento. No meu espanto ofegante, só consegui murmurar: 'Oh, pergunto-me se Duke concordará com isto.' Foi um momento de absoluta incerteza para mim, e nunca saberei o que se passou na mente da Sra. Garrett durante o silêncio daquela indecisão embaraçosa. Como precisava de apanhar um comboio, fugi rapidamente, dando tempo para uma abordagem mais cautelosa a esta proposta surpreendente."

Aqui estava, de facto, a indecisão e a cautela do académico e cientista com quem a Sra. Garrett tivera tantas experiências desencorajadoras no passado. Mas J. B. Rhine, uma figura solitária e semiostracizada nos círculos académicos, ainda assim mantinha uma sensibilidade para as exigências do respeito académico. Rhine admitia francamente que a Sra. Garrett não trabalhava da mesma maneira. Seguiu em frente sem ele e sem outros professores e estabeleceu a Parapsychology Foundation. Pediu a Rhine que integrasse o Conselho de Administração, e ele disse que discutiram os prós e os contras do convite e, no final, concordaram que "seria melhor mantermos os nossos caminhos independentes e assim alcançarmos uma cobertura mais ampla. Em qualquer caso, manteríamos a nossa cooperação amigável." Rhine continuou:

"Sem estar limitada por um conselho científico, a Sra. Garrett abriu o seu próprio caminho e fez da *Parapsychology Foundation* a maior realização da sua vida. O seu registo fala por si. Um dos seus serviços mais únicos foi a realização de conferências internacionais anuais, reunindo pessoas interessadas, de uma forma ou de outra, na parapsicologia. Estes encontros preenchiam uma necessidade educacional que as reuniões mais científicas naturalmente não podiam satisfazer. Um dos objetivos mais louváveis da Sra. Garrett foi

estabelecer uma biblioteca de primeira categoria para a parapsicologia, e esse tornou-se outro dos grandes legados da Fundação. As suas publicações também ajudaram a preencher a lacuna entre as revistas científicas e o público geral...

Mas, para muitas pessoas, a maior contribuição da *Parapsychology Foundation* para a parapsicologia foi em dólares. Não houve nada que se comparasse à generosidade desta 'Dama Benfeitora da Parapsicologia', que voluntariamente canalizou apoio financeiro para investigadores isolados em muitos países, lutando para fazer algo na área da investigação psíquica. Ajudou a criar novos centros, incentivou a publicação de relatórios e abriu caminhos negligenciados de investigação. Quem mais alguma vez fará o mesmo?... Eileen Garrett teve um papel no desenvolvimento da parapsicologia na nossa cultura que dificilmente será igualado."

A *Parapsychology Foundation* só tomaria forma muitos anos depois de Eileen ter falado dela a Rhine, e ela própria descreveu as suas origens mais imediatas de forma ligeiramente diferente. Em 1951, depois de vender a *Creative Age Press* à editora *Farrar, Straus & Cudahy*, estava cansada e doente.

"Um dia, durante esse período," escreveu ela, "tive uma experiência auditiva que trouxe à tona os meus planos para criar uma fundação de investigação. No limiar do sono, ouvi uma voz a dizer-me que eu devia recuperar e construir um 'edifício' que honrasse o tema ao qual dediquei a minha vida, por mais ambivalente que essa devoção possa parecer ao leitor. Acordei com uma sensação profunda de convicção de que devia começar a construir uma nova estrutura que contivesse os melhores elementos do meu próprio trabalho."

Após esta experiência auditiva, fez planos concretos para o trabalho da nova Fundação, que incluiria um programa de subsídios a académicos em todo o mundo, um programa de publicações para permitir a edição de livros, monografias e periódicos, uma biblioteca de materiais de investigação em todas as áreas relacionadas com o paranormal, conferências periódicas dedicadas a um problema ou

tema específico em parapsicologia e uma divisão de investigação (focada principalmente na sobrevivência após a morte, mas descontinuada após os primeiros seis anos por exceder os objetivos da Fundação).

Tal organização exigia fundos substanciais, muito superiores aos disponíveis para qualquer outro grupo psíquico até então, e esses fundos foram doados por Mrs. Frances Payne Bolton, uma grande amiga de Eileen, que há muito apoiava alguns dos trabalhos de parapsicologia em Duke e noutras instituições. Com a ajuda de Eileen, Mrs. Bolton descobriu no mundo psíquico experiências que, segundo ela, "me deram uma sensação de segurança e paz que nunca antes conheci." Mas, tal como Eileen, acreditava que todas essas experiências, independentemente do significado pessoal que tivessem para cada indivíduo, deveriam ser submetidas à investigação científica mais rigorosa, e era isso que a *Parapsychology Foundation* prometia fazer melhor do que qualquer outra organização. Mrs. Bolton foi eleita **vice-presidente** da Fundação quando esta foi organizada e tem servido ativamente nesse cargo desde a sua criação.

QUINZE

A *Parapsychology Foundation* foi oficialmente registada no estado de Delaware a 14 de dezembro de 1951. Os seus objetivos eram a promoção do “conhecimento das respostas humanas a estímulos psicologicamente reconhecidos, transmitidos por seres humanos por meios que não a visão, a audição, o tato, o paladar e o olfato” nas áreas vulgarmente conhecidas como "parapsicologia, eletrobiologia e perceção extrassensorial".

Era necessário encontrar novos escritórios para a recém-criada Fundação. "Encontrei outro escritório," disse Eileen. "Mudei-me para o 500 da Quinta Avenida. Mais uma vez, os números da minha localização pareciam propícios para um esforço individual. Ainda havia uma divisão de interesses entre a minha vontade interior e a

objetiva, mas deixaria que se resolvessem naturalmente. Sabia que havia uma forte turbulência a ocorrer nas profundezas do meu inconsciente que, com o tempo, se revelaria. Estas atitudes de mudança são entusiasmantes de se viver. Vive-se na fronteira da expectativa, servindo, por vezes, um longo noviciado."

Nos primeiros anos, e por algum tempo, antes da sua publicação ser descontinuada nos Estados Unidos e continuar em Londres sob patrocínio não ligado à Fundação, *Tomorrow* foi publicada como um trimestral popular sobre temas psíquicos. O periódico académico foi o *International Journal of Parapsychology*, cuja primeira edição apareceu em 1959 e que cessou publicação em 1968. O boletim informativo da Fundação, publicado seis vezes por ano, foi renomeado *The Parapsychology Review*, combinando as notícias e informações do boletim anterior com os artigos académicos do *International Journal*.

O núcleo da nova biblioteca de investigação, doado à Fundação, foi a própria coleção de livros raros e esgotados e manuscritos originais de investigadores de renome pertencentes a Eileen Garrett. O departamento de publicações da Fundação não só editava revistas, mas também publicava livros e monografias. Foram criados subsídios para cientistas e outros estudiosos capazes de contribuir para descobertas na área. Além disso, organizavam-se conferências sobre aspetos da parapsicologia, destinadas a acabar com o isolamento dos investigadores psíquicos de todo o mundo. Nunca antes existira uma organização tão estruturada, ambiciosa e bem financiada na história da investigação psíquica.

Os círculos académicos continuavam a desconfiar da investigação psíquica, e muitos mantinham distância do tema, independentemente das suas verdadeiras convicções, pois tal interesse dificilmente ajudaria e poderia até prejudicar o avanço profissional em muitas universidades. Mas, como J. B. Rhine apontou, pela primeira vez existiam recursos financeiros para uma investigação séria, e a organização responsável por disponibilizá-los era liderada por uma

mulher sábia, generosa e experiente, que era ela própria uma investigadora psíquica, que participara em algumas das mais notáveis experiências psíquicas da época, que não estava presa a qualquer escola de pensamento ou visão específica, e que até sugeria, com humor, que no final poderia não haver nada para a ciência descobrir ou investigar, mas que estava disposta a apoiar aqueles que acreditavam que o mundo além dos sentidos deveria ser estudado e que inevitavelmente forneceria dados valiosos para toda a humanidade.

As áreas óbvias de estudo eram: A perceção extrassensorial, a psicocinese, a clarividência, a clariaudiência, a telepatia, a precognição.

Os destinatários dos subsídios incluíam físicos, químicos, teólogos, psicólogos, psicanalistas, psiquiatras, farmacologistas e matemáticos, entre outros. Mas Eileen Garrett também aprovava subsídios em áreas limítrofes, sobre as quais tinha muitas dúvidas – como a sobrevivência após a morte, a comunicação com os mortos e a reencarnação. A objetividade académica exigia uma mente aberta em relação a esses fenómenos e, como já havia mencionado anteriormente, se no seu estado de vigília normal não se sentia inclinada a aprovar fundos para investigações sobre reencarnação e sobrevivência, recorria a uma das outras entidades que falavam através dela – talvez Uvani ou Abdul Latif – e eles aconselhavam-na a aprovar.

Será que alguns professores e cientistas tiraram partido da generosidade de Eileen Garrett e da sua busca pela objetividade científica?
Naturalmente, como qualquer diretor de Fundação sabe.

O seu amigo de cinquenta anos, Dr. Eric J. Dingwall, veterano investigador psíquico, comentou sobre a sua generosidade:

"Detestava vê-la ser explorada pelos inúmeros charlatães que estão sempre a estender as mãos a almas generosas, que acham difícil

resistir às suas lisonjas traiçoeiras. Foram raras as vezes em que consegui convencê-la a recusar um subsídio a algum vigarista óbvio. Afinal, a Fundação era o seu projeto mais querido, e amava-a por isso. 'Nunca se sabe', costumava dizer, 'pode haver algo e não devemos perdê-lo, pois não?'"

Os livros e monografias académicas da Fundação proporcionavam uma oportunidade de interação direta com intelectuais, os mesmos homens e mulheres que tinham feito da *Creative Age Press* uma editora estimulante. Para o cientista e o investigador psíquico, a palavra impressa era tão essencial quanto para o poeta ou o romancista. Isso levou Eileen a fundar, nos primeiros anos da Fundação, a Garrett Press/Helix Books, uma editora comercial separada, especializada em livros de cariz menos académico e científico do que aqueles publicados pela Fundação sem fins lucrativos.

Assim, Eileen Garrett regressou ao mundo da publicação, agora no papel que Rhine chamava de "Dama Benfeitora da Parapsicologia". Ela glorificava-se em tudo isso, graças à sua objetividade, curiosidade, ceticismo e sentido de humor. Era estimulante encontrar-se com os peticionários que vinham em busca de subsídios ou contratos editoriais, e era gratificante ajudar a dar vida a novas ideias e projetos. Também gostava de desempenhar o papel de confidente para muitos desses peticionários.

Vinham ter com ela, muitas vezes oriundos de grandes universidades e laboratórios, frequentemente carregados de honrarias e títulos, mas, na presença de Eileen Garrett, abriam-se, revelando-lhe os seus problemas pessoais, medos e ansiedades. Para muitos deles, ela continuava a ser a médium, a vidente, a grande curadora. Era um papel que nunca poderia abandonar.

As conferências internacionais davam um prestígio especial às atividades da Fundação. Eram um meio de chegar a todas as partes do mundo e de reunir, apenas por convite pessoal de Eileen, todos os

cientistas envolvidos naquilo que ela chamava de “trabalho de exploração”.

Convidava estes investigadores porque muitos viviam isolados dos colegas noutras nações, igualmente empenhados em transcender a ortodoxia fácil do pensamento e da técnica e em relacionar a física, a química e a biologia com a personalidade humana e as suas amplamente desconhecidas capacidades extrassensoriais.

A sua primeira conferência internacional deveria enfatizar, segundo acreditava, a importância fundamental da investigação científica. Como afirmou:

Considero que uma função importante da Fundação é opor-se ao negativismo materialista e às superstições ignorantes, ao mesmo tempo que se opõe ao conceito de que os fenómenos paranormais pertencem ao anormal ou ao patológico. Muitas vezes me perguntei se o homem não terá simplesmente esquecido grande parte do seu conhecimento psíquico original e se agora terá de encontrar o seu caminho para uma nova compreensão dos fenómenos psíquicos ─ não mergulhando nos misticismos obscuros do passado, mas através de métodos de investigação científica moderna... Sinto muito fortemente que os chamados acontecimentos paranormais, na realidade, não devem ser dissociados da realidade que conhecemos como normal. Nas civilizações atuais, somos como prisioneiros do passado, que serviu para isolar a sociedade humana dos próprios fatores psíquicos que parecem governar a vida diária de cada um de nós.

Ela queria reunir indivíduos, mas era importante que as conferências patrocinadas pela sua nova Fundação, que enfatizavam incessantemente a abordagem científica, ocorressem num ambiente irrepreensível do ponto de vista académico. Esse ambiente foi a Universidade de Utrecht, nos Países Baixos, com quatrocentos anos de história. No período de 30 de julho a 5 de agosto de 1953, a Universidade disponibilizaria muitos dos seus auditórios, dormitórios e outras instalações à Parapsychology Foundation para a Primeira Conferência Internacional de Estudos Parapsicológicos.

Eileen, agora ocupada a organizar este primeiro encontro, sabia que a disposição da Universidade de Utrecht em permitir tal reunião nos seus antigos terrenos simbolizava um grande avanço, uma saída dramática da sala de sessões espíritas e das suas próprias investigações e experiências anteriores no Reino Unido e nos Estados Unidos. Impulsionada por esta afirmação externa do valor do seu esforço, ela e a sua equipa convidaram oitenta e seis homens e mulheres de catorze países ─ físicos, químicos, biólogos, filósofos, matemáticos, teólogos, médicos, entre outros ─ para participarem e apresentarem trabalhos sobre estudos da atividade paranormal, que se enquadravam nos quatro grupos de trabalho estabelecidos pela Fundação: Estudos Quantitativos; Abordagem Psicoterapêutica e Psicanalítica; Fenómenos Espontâneos e Investigação Qualitativa; e Personalidade do Sensitivo.

O presidente da conferência foi o Dr. Gardner Murphy, Consultor Geral de Investigação da Fundação, Presidente da American Society for Psychical Research, um dos principais psicólogos americanos e Diretor de Investigação da Menninger Clinic em Topeka, Kansas; mas as anfitriãs da conferência, Eileen Garrett e Frances Bolton, fundadoras da Parapsychology Foundation, foram, na realidade, as figuras dominantes deste encontro extraordinário. Foi esta parceria única entre duas mulheres ─ a primeira, uma médium que se recusava a acreditar que houvesse magia na mediunidade, e a segunda, uma mulher de grande riqueza que concordava que a mediunidade e os fenómenos relacionados deviam ser investigados cientificamente e financiou tais estudos ─ que tornou possível esta reunião e todas as que se seguiriam nas duas décadas seguintes e para além delas…

Quando abriu a conferência a 30 de julho de 1953, Murphy disse:

Quero enfatizar cinco palavras: científico, internacional, democrático, informal, corajoso. O mundo de hoje está a ser transformado pela ciência; pela disciplina, imaginação, paciência, cuidado, objetividade e pelo sentido de partilha de responsabilidade que marcam o trabalho do cientista. Embora possamos diferir uns dos

outros em inúmeros aspetos, acredito que falamos uns com os outros nos termos da ciência. Sugiro que a principal razão pela qual a parapsicologia não recebeu o apoio intelectual e moral que a sua importância exige é a timidez, o medo do ridículo; num nível mais profundo, o medo de perder o contacto com os nossos semelhantes.

Frequentemente, os nossos dados exigem ousadia. Muitas vezes necessitamos de "hipóteses escandalosas", hipóteses que desafiam o senso comum da atualidade. Creio que existe uma diferença fundamental entre uma especulação fantasiosa e uma hipótese escandalosa a partir da qual podem surgir novas direções para a investigação experimental. O que conseguiremos alcançar esta semana?... Precisamos de uma compreensão mais ampla por parte da comunidade científica; de um apoio mais sólido para investigações longas e exigentes, e de uma forma muito mais eficaz de encontrar os jovens homens e mulheres que serão os parapsicólogos das próximas décadas.

No mundo anglófono, se não noutros locais, disse Murphy, o número de médiuns diminuiu, um fenómeno que pode muito bem dificultar a investigação futura, pois no passado os médiuns forneceram dados importantes aos cientistas. No futuro, poderá ser necessário descobrir e formar novos médiuns para que os cientistas possam estudar e compreender melhor os poderes paranormais. A ciência, continuou, não endossaria nem condenaria o espiritismo enquanto religião, mas continuaria a estudar aqueles com sensibilidades especiais, que tanto tinham contribuído para a investigação em curso. Quanto à sobrevivência da personalidade humana para além da morte corporal, esse era um problema que nem mesmo os métodos mais modernos atualmente disponíveis poderiam resolver, mas os cientistas deviam continuar a estudá-lo com a esperança de que técnicas de investigação aperfeiçoadas possam um dia produzir resultados.

A parapsicologia, por si só, dificilmente traria uma compreensão mais profunda da natureza humana, reconheceu ele, mas concluiu que

o espírito científico, que permeia as ciências sociais, físicas, biológicas, comportamentais e médicas, "pode levar-nos a uma conceção integrada da natureza humana mais satisfatória do que a que possuímos atualmente. Mas neste esforço integrador de todas as formas de compreensão do homem, a parapsicologia desempenhará, se o nosso trabalho for bem feito, um papel vital."

Eileen Garrett organizaria e presidiria a mais de dezoito conferências internacionais. Algumas realizaram-se em Nova Iorque e Londres, mas a maioria ─ treze, para ser exato ─ tiveram lugar em St. Paul de Vence, no sul de França. É uma região de beleza incrível, tranquila, adormecida e, ao mesmo tempo, estimulante, como testemunham as centenas de pessoas que participaram nas conferências realizadas ali. Entre as oliveiras e para além delas, através da vegetação rica e semitropical que se estende desde o hotel e complexo de bungalows conhecido como Le Piol, pode-se ver claramente as colinas em direção a Vence, a cidade muralhada do século XV de St. Paul.

Este era, de facto, o lugar ideal para retiros académicos, reuniões e investigação, disse Eileen ao vaguear pelo campo quando regressou a França numa visita após a guerra, em 1947. O seu gestor de negócios, Jean Andoire, acompanhava-a enquanto ela explorava o edifício abandonado e os terrenos, farejando com aquele seu jeito travesso característico que indicava que estava satisfeita. Viu um grande potencial naquele local e disse a Andoire para ficar atento e pronto para comprá-lo para a Fundação. Mais tarde nesse mesmo ano, em Londres, ouviu que estava à venda e comprou-o rapidamente. Em apenas sete anos, transformou-o de tal forma que pôde começar a realizar conferências ali…

Eileen chegava a St. Paul em junho e permanecia até o início do outono na sua espaçosa villa alugada, chamada La Ferme Antonine, situada a cerca de quinhentos ou seiscentos metros estrada abaixo da entrada de Le Piol, por vezes parando em Londres no caminho de regresso a Nova Iorque. Tinha um contrato de arrendamento de longa

duração da villa, onde instalara a sua biblioteca privada, uma piscina e outras comodidades.

Tanto antes, durante, como depois das conferências, recebia um fluxo constante de convidados, alguns cientistas, alguns suplicantes em busca de financiamento, outros à procura dos seus poderes de cura, outros ainda velhos amigos. Tudo decorria de forma informal naquela atmosfera luxuriante do sul de França, com o sol brilhante, o céu azul, os jardins bem cuidados e repletos de flores vivas, e, no entanto, tudo tinha também a aura de uma corte, com Eileen Garrett como uma espécie de monarca no centro de tudo. Havia uma magia que a envolvia.

A Fundação pagava todos os custos de transporte de e para a conferência para todos os participantes e fornecia alojamento completo durante a duração das reuniões. A maioria dos presentes chegava no dia anterior à abertura e partia no dia seguinte ao encerramento. Poucas pausas de cinco dias no calendário académico se comparavam às proporcionadas pela Parapsychology Foundation. Nunca antes a investigação psíquica parecera tão respeitável como nas salas de conferência e de jantar de Le Piol ou nos jardins da villa de Eileen Garrett, nas colinas do sul de França.

Ela era a anfitriã ativa e radiante em todos os momentos, vibrante de forma contida, vestida de forma exótica e elegante, sempre adornada com um conjunto de pulseiras e outras joias chamativas. Os parapsicólogos e outros participantes, espantados, satisfeitos e ligeiramente desconcertados, rapidamente percebiam que a noite de abertura da conferência exigia algo mais do que calças largas e uma camisa aberta, mesmo no ar lânguido da Côte d'Azur, e apareciam para os cocktails e o jantar trajando de forma mais ou menos formal.

Com as bebidas na mão, de pé no bar ou olhando para o mar e o pôr do sol sobre a Provença, ou ainda para a sempre fascinante cidade muralhada de St. Paul, sabiam que nada começaria até que a maravilhosa Eileen Garrett aparecesse. Havia sempre uma ligeira e agradável tensão quando alguém, conhecedor da situação, passava a

palavra de que o seu carro estava a chegar lá em baixo, e todos esperavam com sorrisos expectantes enquanto ela iniciava a lenta subida pelos degraus íngremes de pedra em direção ao terraço no topo, assistida por dois ou três ajudantes ou uma secretária.

Chegava à zona do cocktail ofegante, mas sorridente, e saudava calorosamente todos os presentes, com beijos para uns e apertos de mão para outros. Pedia a um doutor que se sentasse à sua direita e a um professor que se sentasse à sua esquerda, convidava outros para a sua mesa para beberem juntos, e todos tomavam os seus lugares conforme indicado. Quando todos os lugares à sua mesa estavam ocupados, fazia um gesto com a mão, de forma quase régia, indicando que os restantes podiam sentar-se onde quisessem e beber o que desejassem.

O gerente francês de Le Piol permanecia ao seu lado enquanto ela lhe dava instruções num inglês pontuado de palavras francesas para cuidar de todos, e daí em diante, normalmente por volta das sete e meia, até à meia-noite ou mais tarde, era um contínuo beber, jantar e conversar, com a mesa de Eileen Garrett a ser o centro de todas as atenções. Por vezes, a conversa durante o cocktail era tão envolvente que ela não indicava estar pronta para jantar antes das nove ou ainda mais tarde, e então começava a curta caminhada para a área envidraçada do terraço onde se jantava. Mais uma vez, com todos os participantes da conferência de pé, ela selecionava, com graça mas com firmeza, aqueles que desejava à sua mesa de jantar, enquanto os restantes encontravam os seus próprios lugares ─ tudo isto acompanhado por mandolinistas, guitarristas e um cantor de canções sentimentais francesas, com o cenário de uma lareira ardente de onde pendiam gigots e outras carnes.

Num ano, estava Aldous Huxley sentado à sua mesa, e noutro ano, Samuel Hugo Bergman, o filósofo israelita e colega de Martin Buber, sentado de um lado de Eileen, e Monsenhor Corrado Balducci, enviado do Vaticano para o Reino da Jordânia, do outro lado, enquanto, em frente a ela, estava o Cônego H. L. Puxley da Igreja

Episcopal do Canadá. Outros convidados incluíam Henry Margenau, professor de Física e Filosofia em Yale; W. Grey Walter, neurofisiologista do Burden Neurological Institute de Bristol, Inglaterra; e o Professor Arthur Bleksley, do departamento de Matemática da Universidade de Witwatersrand em Joanesburgo, África do Sul. Cada um estudara o domínio psíquico à sua maneira e cada um conhecia o descrédito que isso acarretava. Mas ali, em St. Paul de Vence, eles e os seus estudos psíquicos recebiam um reconhecimento e um respeito sem precedentes num ambiente de luxo e euforia.

Aquela noite de abertura anual, com as suas festividades, sinalizava o novo estatuto da parapsicologia, pelo menos por aqueles poucos dias, e, naturalmente, a resplandecente anfitriã, com o seu jeito enigmático e insondável, tinha tornado tudo aquilo possível. Ela própria era um fenómeno muito mais elusivo do que a telepatia, a psicocinese, a clarividência e a clariaudiência, que seriam discutidas no dia seguinte. Quando, perto da meia-noite, os participantes olhavam para a mesa de Eileen Garrett e percebiam que ela se preparava para sair, levantavam-se ao mesmo tempo que ela, aguardando enquanto passava pelas suas mesas para se despedir de cada um. Outros convidados, não ligados à conferência e sentados noutra parte do terraço, aparentemente também sentiam aquela presença, pois repetidamente vi aqueles jantares terminarem com estranhos a levantar-se em homenagem a esta senhora que partia.

A excitação prolongava-se até à manhã seguinte, na sala de conferências e nas cerimónias de abertura. Eileen chegava sempre cedo, bem antes das nove, sentando-se à frente com o presidente da sessão, e permanecia em todas as sessões da manhã e da noite, participando ativamente com perguntas, dúvidas e as suas próprias reflexões sobre o significado da mediunidade e outros fenómenos psíquicos. Participei em muitas destas conferências e inaugurei muitas das mais recentes. Na Décima Nona Conferência Internacional, cujo tema era *Um Século de Investigação Psíquica: As Dúvidas e Afirmações Contínuas*, realizada menos de duas semanas antes da sua

morte, mencionei nas minhas palavras de abertura que foi a imaginação de Eileen Garrett que reuniu tantos académicos e cientistas, e pedi-lhe que desse as boas-vindas ao grupo. Ela disse:

"Permitam-me agradecer-vos pessoalmente por terem vindo de tantos lugares distantes para participar nesta conferência. Alguns de vós consideram-se céticos, e compreendo-vos muito bem, pois também me sinto muito estranha aqui, e talvez seja eu a mais cética de todos. Disseram-me que produzo fenómenos psíquicos há muitos anos, mas ainda me pergunto: 'O que estou a fazer?' Como posso saber o que estou a produzir ou o que as minhas outras personalidades ─ Uvani e Abdul Latif ─ estão a dizer? Penso que Uvani prepara o caminho, e quando há assuntos que parecem impossíveis para ele, passa-os para Abdul Latif. E assim, durante anos, vivi e lidei com estas duas pessoas conflitantes. O que mais me agrada é que, pelo menos, reuni cientistas ao serviço da parapsicologia. Estes cientistas são, na minha opinião, as únicas pessoas que talvez consigam dar-nos os primeiros indícios de respostas aos grandes enigmas da investigação psíquica. Deixem-me dizer novamente que sou a maior cética de todas. Aguardo com expetativa para vos ouvir nos próximos três dias. Mais uma vez, obrigada por terem vindo."

A Sra. Frances Bolton, cofundadora da Parapsychology Foundation, também saudou o grupo no ambiente que o seu apoio financeiro à Fundação e a sua consideração por Eileen tinham tornado possível. Com oitenta e seis anos de idade, membro do Congresso dos Estados Unidos pelo Ohio durante quase um quarto de século, e a amiga mais próxima de Eileen, emocionou o grupo ao dizer que nunca poderia expressar gratidão suficiente a esta mulher por ter dado à sua vida uma maior amplitude. E concluiu:

"Obrigada, Sra. Garrett, por tudo o que tem sido para o mundo inteiro."

DEZASSEIS

O Dr. Jan Ehrenwald, psiquiatra nova-iorquino há muito ativo como investigador psíquico, empreendeu, no seu livro *Telepathy and Medical Psychology*, o estudo das implicações médicas e psiquiátricas da autobiografia de Eileen Garrett, *My Life As a Search for the Meaning of Mediumship*. Ele afirma que o livro "pode ser classificado como um valioso documento humano, comparável às confissões de místicos cristãos como Santa Teresa de Ávila ou Santa Catarina de Siena, ou, em menor grau, às de E. Swedenborg."

Segundo os padrões psiquiátricos, ela sofria de "despersonalização e perda da sensação de realidade, associadas ao que os manuais de psiquiatria chamam de alucinações autoscópicas", como quando, estando sentada em casa na Irlanda num estado passivo, olhava e via a sua própria imagem diante de si. E quando fala no seu livro sobre ver através das pontas dos dedos e da nuca, ouvir através dos pés e joelhos e perceber vibrações através da estrutura óssea do seu corpo, Ehrenwald afirma que essas experiências "parecem ter-se tornado pontos de cristalização" do que a psiquiatria denomina "delírios sistematizados".

Após a morte dos seus dois filhos na infância, Eileen consultou um psiquiatra em Londres. Ela não fornece os detalhes do diagnóstico no seu livro, mas recorda-se da sugestão do psiquiatra de que as crianças morreram devido a uma doença hereditária e que as suas alucinações estavam associadas à inadequação sexual do seu marido. Ehrenwald prossegue a partir deste ponto para "adivinhar" outros detalhes do diagnóstico psiquiátrico, inferidos a partir de outros factos sobre si mesma que Eileen menciona no livro:

"Desde a infância, há indícios de uma disposição excêntrica. A sua tendência para a dissociação mental e para o devaneio, associada ao que os seus familiares consideravam mentiras fantásticas, deve ter sido fortemente sugestiva de histeria. Assim também o foi a dramatização das suas fantasias através do que ela chamava de seus Filhos Invisíveis! Contudo, numa fase posterior, as suas alucinações assumiram uma coloração cada vez mais esquizofrénica, como

exemplificado pelo facto de 'ver' através das pontas dos dedos ou da nuca. Alucinações extracampinas deste género são geralmente consideradas sintomáticas de uma perturbação mental grave, tal como os seus delírios sistematizados centrados na 'Eva que tudo discerne'. Além disso, a sua atitude em relação à sua tia e aos seus professores apresentava, sem dúvida, um leve tom paranoico, enquanto as suas alegações de possuir faculdades psíquicas ou sobrenaturais poderiam facilmente ser vistas como sintomas de megalomania. O suicídio relatado de ambos os seus pais completaria então o quadro de uma psicose esquizofrénica ou parafrénica com ideias de grandeza numa pessoa constitucionalmente anormal."

Este é o diagnóstico psiquiátrico clássico. Com algumas pequenas variações, é muito semelhante ao que um psiquiatra de hoje poderia concluir após examinar Eileen Garrett, ler o seu livro e conversar com ela. Provavelmente classificá-la-ia como insana, talvez prescrevesse eletrochoques ou terapia com insulina, e poderia até recomendar a sua institucionalização por um período. Se Eileen ou o seu marido tivessem seguido os conselhos dos psiquiatras que a examinaram quando era uma jovem mãe, é bem possível que tivesse sido internada e nunca mais saísse de uma dessas instituições para doentes mentais tão comuns nos romances da Inglaterra vitoriana tardia.

É neste ponto, no entanto, que Ehrenwald, o psiquiatra ortodoxo, se transforma no investigador psíquico, pois acreditava que diagnosticar estas experiências psíquicas como sintomas de uma doença mental era uma abordagem míope. *"É óbvio,"* escreve ele, *"que tal abordagem inevitavelmente destruiria qualquer vestígio de supernormalidade que o seu caso possa sugerir, dissiparia o seu mito pessoal, por assim dizer... O diagnóstico de uma doença mental plena foi desmentido pelo posterior desenvolvimento da personalidade da Sra. Garrett."*

Ele prossegue resumindo a extraordinária vida e conquistas de Eileen. *"Claramente,"* continua ele, *"esta não é a história de uma paciente esquizofrénica, e o diagnóstico de uma psicose parafrénica*

leve pela qual passou após o seu primeiro casamento dificilmente abrangeria todos os aspetos do seu caso. Como, então, deveria ser avaliada do ponto de vista médico-psicológico?"

Apontando que o psiquiatra moderno leva a sério os relatos dos seus pacientes, Ehrenwald afirma que nenhum psiquiatra duvidaria da descrição de Eileen sobre o que ele chamaria de alucinações, mas questiona: porque haveria de duvidar da veracidade das suas histórias sobre mensagens de pessoas moribundas e dos seus Filhos Invisíveis? Por que razão aceitaria as revelações médicas e psiquiátricas do seu caso e rejeitaria as revelações psíquicas?

Ehrenwald concluiu que, embora nem todas as revelações psíquicas da Sra. Garrett fossem igualmente aceitáveis, todas deveriam ser reunidas, estudadas e analisadas segundo o seu valor. Ehrenwald não responde diretamente à questão da telepatia e mediunidade de Eileen, mas, enquanto médico, observa que ela tinha algum controlo sobre o seu comportamento aparentemente psicótico.

Note-se que a sua reação ao impacto das experiências heteropsíquicas nunca assumiu o grau de desespero frenético ou a tonalidade sombria e negativista característica da esquizofrenia paranoide. No seu pior, essas experiências limitavam-se a um episódio transitório, que logo dava lugar a uma atitude mais calma e otimista em relação ao mundo. Isso tornou-se cada vez mais evidente nos seus últimos anos. No momento em que escreveu a sua autobiografia, parecia ter conseguido colocar a sua casa em ordem, reconciliando os aspetos "normais" e "sobrenaturais" da sua vida e trazendo-os sob um certo tipo de comando unificado... Claramente, esta não é a atitude reservada e desconfiada de uma personalidade paranoide ou esquizoide.

É a abordagem afável de uma mulher, impassível perante críticas implícitas, mas facilmente sugestionável e influenciada por pessoas mais fortes do que ela própria. Foi, evidentemente, esta mesma abordagem em relação às pessoas e aos assuntos privados e

empresariais que explica tanto os seus fracassos como os seus sucessos na vida.

Dez anos após a análise de Ehrenwald, que respeitava por vir de um médico e psiquiatra que era também um dos principais parapsicólogos, Eileen sentiu que uma análise puramente psicológica, distinta de uma abordagem médico-psiquiátrica, poderia ser útil. Estava particularmente interessada na nova psicologia profunda holística, derivada em parte de Carl Jung, e cujo grande expoente nos Estados Unidos era o Dr. Ira Progoff, da Drew University. Em 1957, pediu a Progoff que investigasse novamente a sua mediunidade. Ainda se sentia perturbada por este fenómeno que a separava das outras pessoas e que continuava a atrair tantas a si, tantos anos depois de ter abandonado a prática ativa da mediunidade.

Embora há muito tempo se dedicasse à publicação e à sua Fundação, homens e mulheres continuavam a procurá-la devido à sua aparente capacidade de comunicar com os mortos e aos seus poderes de telepatia e clarividência. Frequentemente, essas pessoas construíam uma filosofia de vida baseada nos ensinamentos e comunicações recebidos dos seus controladores espirituais. Era uma responsabilidade terrível, sobretudo porque ela era apenas a portadora das mensagens, o mero médium através do qual esses controladores falavam enquanto ela estava em transe, sem saber nada sobre eles no seu estado desperto.

Durante quarenta anos teve opiniões variadas sobre essas estranhas entidades: duvidava da sua existência, questionava se poderiam ser partes da sua própria personalidade e considerava a possibilidade de que surgissem do seu próprio poder de auto-dramatização. Talvez, portanto, refletia com algum humor, o jovem e brilhante Ira Progoff pudesse trazer novos insights que a ajudassem a compreender melhor, se não a explicar, a sua mediunidade.

Progoff concordou em realizar os estudos e investigações necessários. Estes consistiriam em sessões privadas ao longo de vários meses. Ele falaria com Eileen em transe e, através dela, com Uvani,

Abdul Latif e quaisquer outras personalidades de controlo que se manifestassem ─ e, de facto, durante as sessões de Progoff, surgiram mais duas entidades: Tahoteh e Ramah.

"Acima de tudo," disse Progoff no início, *"trataria estas figuras como pessoas, fossem ou não entidades espirituais reais. Procuraria, nas minhas conversas com elas, alcançar as suas personalidades, extrair os seus desejos e entrar em comunicação com elas sobre os seus objetivos e possibilidades de existência, tal como faria com qualquer indivíduo num trabalho de psicologia profunda que viesse falar comigo."*

Estas quatro entidades ─ Uvani, Abdul Latif, Tahoteh e Ramah ─ surgiam e desapareciam ao longo dos meses de exploração de Progoff. Por vezes, ele mantinha uma conversa normal com a Sra. Garrett no seu estado desperto, mas, após entrar em transe, acompanhada pelos já familiares preliminares do transe ─ suspiros, respiração pesada, gemidos, bocejos e o sempre estranho, mas controlado, choque violento ─ Uvani aparecia sempre primeiro com a sua saudação graciosa.

Progoff chamou a Uvani *"o guardião da porta"*, pois era ele quem controlava a aparição das outras entidades que usavam Eileen como médium ou, como o próprio Uvani disse a Progoff no seu primeiro encontro, como *"seu instrumento"*.

Quando Progoff lhe perguntou por que razão escolhera o corpo da Sra. Garrett, em vez de outro, como seu instrumento, Uvani respondeu:

"A escolha não foi feita por mim. Fui nomeado para ser o guardião da porta. A escolha foi feita por aqueles que, por falta de uma palavra melhor, chamarás de mestres da sua evolução e destino."

Quando Progoff perguntou se a Sra. Garrett, ou o seu instrumento, já tinha vivido na Terra antes, Uvani respondeu que sim,

e sempre no corpo de uma mulher, pois *"o corpo de uma mulher é sempre o melhor instrumento para este tipo de conhecimento. Ela é a recetora passiva de pensamentos e imagens. O homem não é sempre a matriz para onde fluem as imagens. A mulher é o espelho do que está para ser criado."*

Quando o papel de Uvani como guardião da porta foi discutido mais a fundo, ele comentou que, com tantas pessoas a exigirem a atenção do seu instrumento, era necessário manter a ordem, colocar-se entre a confusão e a imagem, manter o equilíbrio.

"Tem de haver alguém que mantenha a ordem, ou ela seria inundada por imagens, impressões e todas aquelas confusões desordenadas e indignas às quais a mente, tendo agora um pequeno afluente a ser desviado, poderia subitamente encontrar-se sujeita, como a vossa terra em tempos de cheia, carregando não só o que é bom, mas também o que não é tão bom, os detritos, todas as coisas — por isso, como vês, tem de haver ordem."

Comentando esta observação, Progoff chamou a atenção para a riqueza da psique de Eileen, para a abundância de material nela contida e, portanto, para a necessidade de manter a ordem.

"Uma figura reguladora dentro da personalidade como um todo só é necessária quando o fluxo psíquico é mais do que abundante. Uma casa com poucos visitantes não precisa de um porteiro; mas um local de passagem ativa requer uma supervisão forte, e é nestes termos que devemos conceber o papel de Uvani na vida psíquica profunda da Sra. Garrett."

Progoff chama a Abdul Latif *"o curador psíquico"*. Como entidade, manifestava-se com um tom de voz diferente do de Uvani e com um entusiasmo, uma extroversão e uma informalidade que contrastavam com os modos formais deste último. Disse a Progoff que, no seu tempo, fora médico, um curador, mas não no sentido comum. Era um curador da personalidade e tinha-se apresentado pela primeira vez ao seu instrumento, à Sra. Garrett, num período de

grande tristeza, quando os seus filhos pequenos morreram e quando era tão necessário manter dentro dela um equilíbrio, uma sanidade.

A entidade Tahoteh foi vista por Progoff como *"o doador da palavra"*, o deus, o princípio universal no homem. Quando Progoff perguntou a Tahoteh quem ele era, respondeu:

"A minha natureza é universal. Sou o sopro da vida... Fui considerado por alguns homens como um símbolo do bem e, por outros, como um símbolo da liberdade, como um símbolo do lado criativo do homem. Não poderei então chamar-me verdadeiramente, em relação a ti, o princípio criativo da vida?... Eu fui, mas o que é sempre mais importante para ti recordares é que estou sempre no coração do homem que sofre. Sou esse símbolo do próprio homem, múltiplo, multifacetado, poliedro de inúmeras faces."

Isto é um exemplo do *oráculo dynatype* ou da personalidade oracular em ação, diz Progoff, contrastando com o *mediumship dynatype*. Na mediunidade, há um foco no pessoal ─ conselhos de cura dados por Abdul Latif ou informações sobre a localização de um diamante perdido. Mas o *oráculo dynatype* lida com questões universais, diz Progoff, e poderia ser mais corretamente denominado *oraculismo* em vez de *mediunidade*, pois trata dos grandes problemas humanos. Eileen Garrett incorporava ambos os tipos, mas, nos seus primeiros anos, preocupava-se mais com a mediunidade e, à medida que progrediu no seu trabalho, interessou-se cada vez mais por *"questões últimas e universais, que iam para além da questão da imortalidade pessoal."*

A quarta entidade era Ramah, *"o doador da vida"*, como ele próprio se apresentou a Progoff:

"Sou o doador da vida. Sou o representante, na mente do homem, daquele que dá a vida."

Ramah, diz Progoff, falava de uma forma semelhante a Tahoteh. Ambos se expressavam a partir do mesmo nível de consciência, um

nível muito mais profundo do que o de Uvani ou Abdul Latif. Os seus sotaques eram árabe-persa e falavam de forma pausada e solene. Ramah expressava-se de maneira mais laboriosa e era difícil manter uma conversa longa com ele sem causar um grande cansaço a Eileen. Ela saía revigorada de um transe em que Tahoteh falava, mas quando Ramah se manifestava, acordava exausta, razão pela qual Progoff teve de ser mais cuidadoso e breve nas suas perguntas.

A declaração de Ramah de que era *"o doador da vida"* não deve ser tomada literalmente, adverte Progoff. Comentando a sua conversa com Ramah, Progoff explica que declarações desse tipo são *"símbolos espontâneos que, por um lado, têm a sua significação psicológica em termos das necessidades pessoais do indivíduo e, por outro, expressam uma perceção da realidade que provém de dimensões não delimitadas pela personalidade individual."* Aqui, os *"últimos fundamentos da vida são expressos em formas simbólicas variadas para que possam ser formulados e compreendidos nos termos da consciência intelectual."* Esta, afirma ele, é a principal função das *vozes* como órgãos simbólicos da psique. Elas servem de ponte entre o nível profundo e obscuro da personalidade, onde se geram perceções da vida, e o nível superficial da consciência racional, onde podem ser formuladas declarações e comunicadas entre as pessoas.

As conclusões de Progoff sobre a sua conversa com Ramah são as seguintes:

"Quando consideramos as quatro figuras de controlo sob esta perspetiva, tal como foram organizadas internamente pelo Executive Dynatype personificado por Uvani, podemos ver que cada uma representa um nível da psique. Uvani, na entrada, é o regulador mais próximo da consciência. Abdul Latif representa o nível abaixo. Tahoteh encontra-se ainda mais abaixo e Ramah é a base. Estas figuras parecem de facto incorporar quatro níveis de profundidade na psique. Assim, podem ser compreendidas simultaneamente como indicações simbólicas e específicas da natureza estratificada da psique, que parece ser um princípio fundamental da personalidade

humana. A qualidade dramatizante ativa da psique da Sra. Garrett torna estas estratificações relativamente claras e fáceis de perceber na forma das personificações das suas figuras de controlo."

Progoff rejeitava a crença sustentada por espiritualistas e outros de que as vozes de Uvani, Abdul Latif, Tahoteh e Ramah provinham de entidades desencarnadas. Mas também não as descartava como insignificantes ou como produtos patológicos de uma mente perturbada.

"Parece mais frutífero," concluiu ele, *"abordar as personalidades de transe não como entidades espirituais, mas como formas simbólicas de dramatização através das quais os princípios fundamentais da vida se tornam mais articulados na experiência humana e pelas quais as nossas intuições sobre o significado da vida se tornam mais específicas."*

As experiências de transe da Sra. Garrett, enfatizou ele, tinham assim significado e revelavam a sua psique e as suas tendências para a dramatização de uma forma mais clara do que outros métodos.

Dentro dessa psique, havia três *dynatypes*:

O Executive Dynatype, que se manifestava nas suas capacidades organizacionais como proprietária de um hostel, de uma editora, de uma revista, organizadora de grandes conferências internacionais, entre outras funções.

O Medium Dynatype, que se expressava na sua intensa sensibilidade às necessidades psicológicas mais profundas das outras pessoas. Foi este aspeto da sua personalidade que lhe permitiu *"exorcizar fantasmas, realizar testes de livros, trazer conforto a pais enlutados ou até mesmo fornecer explicações para um desastre aéreo."* Ela respondia às necessidades das pessoas desta forma, sem contudo se envolver pessoalmente nos eventos que revelava. Era, no verdadeiro sentido da palavra, um *médium* ─ o canal através do qual a informação fluía.

O Oracle Dynatype, personificado pelas figuras de Tahoteh e Ramah, representava o nível mais profundo do subconsciente e lidava com questões fundamentais sobre os valores humanos, o destino humano e o próprio significado da vida.

Este terceiro *dynatype* representava uma forma avançada de desenvolvimento psíquico e, embora se manifestasse na mediunidade, como ocorreu durante as investigações de Progoff, atingia a sua expressão mais elevada quando era evocado por alguém que poderia ser chamado de *estímulo recetivo*. Progoff desempenhou esse papel durante as suas conversas com Eileen (ou com Ramah e Tahoteh).

"Neste sentido," disse ele, *"a minha própria psique, ao entrar na experiência como investigador mas permanecendo como uma pessoa totalmente envolvida e comprometida com ela, deve certamente ser considerada um fator nos eventos que ocorreram. O facto de, à medida que as sessões progrediam, estas se tornarem para mim uma tentativa de estabelecer contacto com o meu próprio oráculo interno, e de isso ter sido sentido, captado e dramatizado pela Sra. Garrett através de Tahoteh e Ramah, é indicativo da espontânea mutualidade que ocorre quando as sobreposições conscientes da personalidade se dissipam."*

Eileen Garrett dramatizou as suas necessidades psíquicas à medida que amadurecia. Sendo órfã num lar protestante na Irlanda católica, teve de desenvolver o que Progoff chama de *"rosto exterior"* para se manter naquela sociedade e cumprir as suas convenções. Mas também havia uma vida interior, um *rosto interior*, e este precisava de se desenvolver, mesmo correndo o risco de gerar um conflito entre ambos. Na infância, recorde-se, parecia ser capaz de se libertar de uma parte da sua personalidade, ou consciência, e assumir outra diferente conforme as circunstâncias exigissem.

Mesmo depois de deixar a Irlanda, parecia conseguir alcançar outra personalidade, mas era uma experiência assustadora e incompreensível, que por vezes era chamada de loucura ou, de forma mais gentil, de imaginação hiperativa. Mas gradualmente,

especialmente após o seu rigoroso treino sob a orientação de Hewat McKenzie no *British College of Psychic Science*, conseguiu aperfeiçoar o método que lhe permitia entrar no estado de transe à vontade e, nesse estado, alcançar personalidades separadas.

Essa habilidade, fruto de um treino cuidadoso, libertou-a da tensão psíquica que certamente a teria afligido se tivesse sido forçada a conter, numa só personalidade desperta, simultaneamente o seu *eu exterior*, para o mundo convencional, e as personalidades que surgiam em transe, quando Uvani, Abdul Latif, Tahoteh e Ramah falavam.

A maioria das mulheres deve viver a vida que lhes é imposta pelo *"rosto exterior"*, pois não possuem a capacidade de mudança de personalidade, e o resultado é repressão, com todos os seus efeitos prejudiciais na mente e nas emoções.

"Se os três dynatypes não tivessem encontrado um meio de se expressar em Mrs. Garrett," diz Progoff, *"a repressão do rosto interior, numa psique tão intensa e tão rica em personalidades, poderia bem ter partido a sua personalidade ao meio. Mas o desenvolvimento espontâneo da psique, através de uma dissociação ordenada e de uma segmentação estruturada, tornou possível que a sua personalidade funcionasse tanto no mundo exterior como no mundo interior..."*

EPÍLOGO

Eileen Garrett nunca encontrou uma resposta para o significado da sua mediunidade. Submeteu-se de boa vontade, com entusiasmo, ao escrutínio dos espiritualistas, dos psicólogos profundos, dos parapsicólogos, dos psicólogos convencionais, dos psiquiatras e de tantos outros, mas nunca obteve esclarecimento. Permitiu que a colocassem nas suas complexas gaiolas isoladas para testes, que a ligassem a uma variedade de máquinas, e sempre manteve a esperança de que alguma pequena descoberta sobre o paranormal resultasse desses estudos. Mas, no final, invariavelmente, não havia descoberta

alguma. Voltava para o seu escritório mais divertida do que desapontada.

"Eles e as suas máquinas," dizia-me frequentemente. *"Estão apenas a perder tempo."*

E, cada vez mais nos últimos anos, dizia:

"Talvez não haja força nenhuma. Talvez nem sequer exista. Pode ser que não haja nada nisto, nada de todo."

Mas o ímpeto de uma vida inteira dedicada à investigação do paranormal tornou impossível para ela abandonar o campo, mesmo à medida que se tornava mais e mais cética quanto à sua validade. Pois, apesar da doença e da idade, continuava a entusiasmar-se com as novas pessoas que chegavam à investigação psíquica e à sua Fundação em busca de apoio, e estava sempre no seu melhor quando tinha a oportunidade de ajudar os outros.

A *Parapsychology Foundation*, com o seu programa de bolsas para académicos e cientistas, com a sua biblioteca de investigação, o seu programa editorial e as suas conferências, atraía-lhe as pessoas que a entusiasmavam. Era uma paixão que persistia até ao fim.

Sofrendo continuamente de problemas respiratórios e cruelmente incapacitada por dores artríticas progressivas que exigiam sedativos cada vez mais fortes, ainda conseguia comparecer ao escritório na maioria dos dias para uma agenda intensa de reuniões com pessoas que procuravam financiamento para um laboratório, a publicação de um livro, sustento para um cientista em dificuldades ou para um escritor dos tempos da *Creative Age Press* e da *Tomorrow*.

Tinha ajuda para todos ─ através de bolsas da Fundação ou, quando isso não era possível, com doações diretas dos seus fundos pessoais.

Havia vigaristas e oportunistas em abundância entre esses peticionários, e muitas vezes a avisávamos contra eles, mas raramente

nos dava ouvidos, pois temia rejeitar alguém que estivesse realmente necessitado. Preferia ajudar um charlatão a arriscar-se a negar ajuda a um homem honesto.

Também ajudava aqueles que mostravam potencial, mesmo que lhe causassem repulsa.

"Você é o cientista mais detestável e arrogante que já conheci," disse a um visitante estrangeiro que quase exigiu uma bolsa para continuar o seu trabalho. *"Mas acho que tem uma mente brilhante e vou ajudá-lo."*

Deu-lhe duas bolsas e disse-nos que não tinha escolha, enquanto a escutávamos com incredulidade e admiração.

Em 1969-1970, tornou-se quase impossível para ela ir ao escritório. Um motorista levava-a do seu apartamento em Sutton Place até ao seu edifício na Fifty-Seventh Street, a poucos quarteirões de distância, mas a artrite implacável tornava doloroso sair do carro, caminhar lentamente até à porta, entrar no elevador e, finalmente, chegar ao seu escritório.

A sua filha ─ a Babs que viajara com ela pela América nos anos 1930 e que agora era sua principal assistente e sua sucessora em formação ─ fechava a porta do escritório privado da mãe e administrava-lhe um sedativo, o que lhe permitia passar a manhã e receber muitos visitantes. Ao meio-dia, Babs dava-lhe outra injeção, e novamente Eileen esquecia a sua dor e continuava a trabalhar com entusiasmo e prazer evidentes.

Mas a artrite intensificou-se e parecia invadir todo o seu ser. Finalmente, tornou-se impossível para ela ir ao escritório. Continuou a trabalhar por telefone e passávamos diariamente pelo seu apartamento em Sutton Place para mantê-la informada sobre os assuntos da Fundação, por vezes levando também visitantes até lá.

No escritório da Fundação, toda a equipa sentia a sua presença, mesmo quando a comunicação se fazia apenas por telefone e, como sempre, as decisões finais eram exclusivamente suas.

E, no entanto, embora soubesse que continuava a ter o controlo, por vezes chorava, soluçava pela sua incapacidade e pelo que sabia ser o fim inevitável da excitação que tanto desfrutava ao trabalhar e ajudar cientistas, escritores e até vigaristas.

Perguntava-se, nesses dias, se algum dia voltaria a França e se voltaria a presidir a outra conferência. Mas, de alguma forma milagrosa, conseguiu reunir forças em junho de 1970 para fazer a viagem até Nice, auxiliada por cadeiras de rodas nos aeroportos Kennedy e Côte d'Azur. Chegou à sua villa em St. Paul surpreendentemente bem.

O seu médico pessoal, por quem tinha mais consideração do que pelos especialistas internacionais que também a tratavam, disse que esse tipo de atividade era ao mesmo tempo um esforço e um estímulo, e encorajou-a a continuar.

Participou e dominou, como no passado, todas as sessões da *Décima Nona Conferência Internacional*, nos dias 2, 3 e 4 de setembro. No dia seguinte ao seu encerramento, desci a colina até à sua villa e encontrei-a à minha espera no seu quarto iluminado pelo sol.

Estava radiante de alegria com o sucesso da conferência e pelo facto de ter realmente vivido para fazer parte dela. Concordou que poderíamos começar a planear a conferência do ano seguinte ainda naquela manhã.

"Será a vigésima," disse. *"E devemos fazer algo especial."*

Deixei-a sorridente ao sol, depois de combinarmos encontrar-nos em Londres três semanas mais tarde para um reencontro com o Dr. Eric J.

Dingwall, o cético investigador psíquico e seu amigo mais antigo.

Alguns dias depois, a 10 de setembro, Eileen foi para o seu canto favorito, sob uma pérgula nos jardins da sua villa, com vista para um olival e, ao longe, para a antiga cidade muralhada de St. Paul. Tinha livros e papéis sobre a mesa e parecia estar a ler, como era seu hábito de manhã, a edição parisiense do *New York Herald Tribune*.

Mas o seu genro, Bob Coly, Secretário Administrativo da Fundação, que estava a cerca de dez metros de distância, notou que não havia o menor movimento do jornal, da sua mão ou da sua cabeça. Aproximou-se lentamente e viu que a sua cabeça estava caída sobre o peito e que os seus olhos estavam abertos. Ela não respondeu ao seu chamado.

Rapidamente, Coly chamou o médico local, que a conhecia bem e a tinha examinado inúmeras vezes no passado. O médico declarou que a condição de Eileen era muito grave e que as clínicas mais próximas, em Vence, a apenas seis quilómetros de distância, não estavam equipadas para lidar com o que parecia ser um derrame cerebral.

Fez então os preparativos necessários para a sua transferência para o *Hospital St. Roch*, em Nice, onde foi admitida dentro de uma hora.

Nunca recuperou a consciência. Houve ocasionalmente pequenos tremores, sinais de vida a tentar reimpor-se.

Eileen Garrett faleceu a 15 de setembro de 1970 e foi cremada em Marselha no dia seguinte.

APÊNDICE

CONVIDADOS NÃO CONVIDADOS

WILLIAM OLIVER STEVENS

III. UM DOMINGO DE MANHÃ NUMA IGREJA SAXÓNICA

A protagonista de uma incrível aventura que teve lugar numa igreja antiga foi suficientemente amável para me permitir ter acesso às suas notas, feitas imediatamente após o ocorrido, e para me fornecer mais detalhes em primeira mão.

Ela é a Sra. Eileen J. Garrett, a famosa sensitiva internacionalmente reconhecida, atualmente residente em Nova Iorque. É diretora da *Creative Age Press* e editora da revista *Tomorrow*. Esta é a história:

A poucos quilómetros da cidade de Bath, na Inglaterra, encontra-se a vila de *Bradford-on-Avon*, anunciada nos folhetos turísticos de verão como *"a vila mais bonita de Wiltshire."*

O maior tesouro desta comunidade é uma pequena igreja de pedra, geralmente aceite como a única igreja anglo-saxónica ainda de pé em toda a Inglaterra.

Sobreviveu através dos séculos porque foi utilizada como celeiro ou armazém, com outros edifícios anexados em todas as suas faces, de modo que a sua identidade se perdeu.

No entanto, no século XIX, um clérigo com olho para a arqueologia, observando do alto o aglomerado de edifícios naquele local, percebeu que um dos telhados parecia pertencer a uma igreja.

Conseguiu despertar o interesse dos antiquários do condado, e iniciaram-se os trabalhos de exame da estrutura. No final, todos os edifícios imediatamente adjacentes ou construídos contra ela foram removidos, revelando este pequeno santuário de pedra, completo em todos os detalhes, exceto pelo facto de que possivelmente algumas, se não todas, as suas janelas tinham sido bloqueadas durante o tempo em que serviu como armazém.

Seja ou não verdade que a igreja data do século X ou XI, como alguns afirmam, é certamente uma construção única.

Ainda hoje, permanece escondida das principais estradas da vila, e se a experiência de um visitante que tentou encontrá-la for representativa, parece que a maioria dos habitantes locais ainda desconhece a sua existência.

Apesar disso, vale bem a pena a peregrinação desde Bath para a ver.

Não há nada semelhante nas Ilhas Britânicas.

Em primeiro lugar, a igreja é incrivelmente pequena. A nave tem apenas sete metros e meio de comprimento por quatro metros de largura, e o pórtico mede três metros quadrados.

A altura parece completamente desproporcional às dimensões do chão, e nas paredes elevadas há poucas janelas.

A estreita porta de entrada, com o seu arco arredondado e os lados inclinados para dentro no topo, tem a forma de um buraco de fechadura.

A única ornamentação é um par de anjos grosseiramente esculpidos sobre o altar.

Aparentemente, é costume o clérigo local realizar serviços religiosos naquele pequeno santuário de tempos a tempos.

Por absurdo que pareça, este clérigo confessou que, ao conduzir os serviços, era perturbado por algo que chamava de *"Presença."*

Sentiu-se encorajado a falar disso porque o seu irmão, também clérigo e que por vezes realizava os serviços ali, também se queixava da mesma experiência perturbadora.

Outros que ali conduziram cerimónias religiosas relataram a mesma sensação curiosa e desagradável.

Segundo o vigário, esse sentimento desconfortável era particularmente forte junto ao altar e tornava-se especialmente intenso durante serviços religiosos especiais.

De alguma forma, parecia *"tomar o controlo."*

O vigário disse que, por vezes, sentia-se verdadeiramente enjoado e, sem motivo aparente, ficava impaciente, não apenas com os fiéis, mas até com o próprio serviço religioso.

O assunto foi levado ao conhecimento de certas pessoas que estudavam estes mistérios da mente, e uma delas procurou a colaboração da Sra. Eileen J. Garrett, a bem conhecida médium psíquica.

Em muitas ocasiões, Eileen dedicou o seu dom único a investigações e experiências conduzidas por sociedades britânicas e americanas de pesquisa psíquica.

Como o vigário relatara que o domingo era o dia em que a *"Presença"* se manifestava de forma mais ativa, a Sra. Garrett e os seus amigos, o Sr. e a Sra. Barber, escolheram um domingo para fazer uma excursão a Bradford e ver se esse sentimento sinistro podia ser detetado.

Assim que a Sra. Garrett entrou na igreja, instantaneamente e sem aviso, a cena mudou diante dos seus olhos. Olhou ao seu redor e viu a igreja, não como era naquela manhã, mas como devia ter sido séculos antes. Do lado de fora, viu uma multidão de pessoas a tomar a comunhão. Para obter uma melhor visão delas, dirigiu-se para a esquerda da grade do altar, onde podia espreitar por um *orifício de observação*.

Os homens e mulheres que viu estavam vestidos com trajes dos séculos XV ou XVI. Posteriormente, anotou que teve *"uma perceção aguda de tudo isto, de uma forma estranha."*

Os rostos dessas pessoas eram singularmente sombrios e severos. Percebia-os como *"pessoas que pareciam quase forçadas a adorar."* Não havia alegria nem paz nos seus olhos enquanto participavam na cerimónia. Muito tempo depois, soube que, séculos antes, existira uma grande colónia de leprosos em Bradford e que, naturalmente, esses desafortunados apenas podiam adorar do lado de fora da igreja, ouvindo o serviço religioso pelo que conseguiam captar através do orifício de observação e das janelas.

Este orifício de observação ainda pode ser visto em muitos edifícios eclesiásticos antigos na Inglaterra.

Enquanto a Sra. Garrett estava ali, junto à grade do altar, a olhar pelo orifício, sentiu de repente um empurrão atrás da orelha. Como não havia mais ninguém na igreja, pensou, é claro, que tinha sido acidentalmente empurrada pelo Sr. ou pela Sra. Barber, que talvez tentassem também espreitar pelo orifício. Mas viu que nenhum deles estava perto dela.

De repente, tornou-se consciente da presença de um homem de aspeto sinistro e carrancudo, que parecia estar ao lado de algo que parecia uma porta à sua esquerda. Sabia que tal porta não existia na igreja e caminhou para observar mais de perto, mesmo que isso significasse aproximar-se da figura ameaçadora do homem.

Ao chegar mais perto, percebeu que o que via não era uma porta, mas um túmulo vertical embutido na parede da igreja, marcado por inscrições ilegíveis.

Esta descoberta pareceu-lhe tão interessante que se virou para chamar a atenção do Sr. Barber:

"Stanley," chamou, *"vem aqui e olha para este túmulo!"*

Se ele de facto foi olhar ou não, teve de aceitar por ouvir dizer, pois nunca chegou a saber.

Naquele exato momento, sentiu um forte empurrão contra a cabeça que a derrubou ao chão, e perdeu a consciência.

Duas horas depois, recobrou os sentidos numa estalagem da vila, com uma dor de cabeça miserável e um grande inchaço doloroso na parte de trás do crânio.

Tinha sido derrubada no chão de pedra da igreja por uma mão invisível.

Sem se deixar abater por essa experiência, que poderia muito bem ter resultado numa fratura craniana, a Sra. Garrett tentou repetidamente regressar para mais uma hora de domingo na igreja saxónica.

Várias vezes organizou tudo para ir até lá, mas, de cada vez, algo tornava a viagem impossível.

Quando o vigário ouviu a sua história, disse que também já sentira um empurrão, mas nunca com força suficiente para o derrubar.

A experiência da Sra. Garrett ocorreu em 1932.

A partir do seu relato, parece que, no momento em que entrou na igreja, recuou para uma época distante da história.

Pois, como já mencionado, a própria igreja pareceu-lhe mudar de repente e, no exterior, onde hoje ainda existem alguns edifícios, viu um espaço aberto cheio de uma multidão de aparência infeliz, vestida com trajes antigos, participando no serviço de comunhão, mas aparentemente contra a sua vontade.

Seria porque o padre lhes era odioso?

Certamente, parecia haver alguma influência maligna ainda ativa na igreja.

Quem era o homem de rosto sinistro que a Sra. Garrett viu por um instante, de pé junto a um túmulo que atualmente não existe?

Que mão lhe deu o primeiro empurrão na cabeça e a derrubou ao chão na segunda vez?

O Sr. e a Sra. Barber não notaram nada de invulgar naquela manhã de domingo até ficarem horrorizados ao ver a sua amiga ser atirada ao chão.

Certamente, não havia nada de imaginário nisso.

É lamentável que a Sra. Garrett nunca tenha conseguido regressar à igreja para testar novamente a *"Presença."*

Aparentemente, ninguém mais tentou, e talvez algum outro vigário esteja agora lá, completamente imune a sensações espectrais.

Mas, a partir do relato da Sra. Garrett, parece que, naquela manhã de domingo de 1932, foi transportada de volta no tempo cerca de quinhentos anos, para uma cena em que a colónia de leprosos estava reunida do lado de fora da igreja para uma cerimónia de comunhão, enquanto, dentro do santuário, um homem malévolo presidia ao ritual sagrado, alguém a quem estas pobres almas miseráveis odiavam.

III. UM FANTASMA É EXORCIZADO

Todas as religiões possuem algum rito ou fórmula mágica para *"exorcizar"* ou afastar espíritos perturbadores.

Entre os povos primitivos, as doenças e os infortúnios são frequentemente explicados como obra de espíritos malignos; consequentemente, sacerdotes e feiticeiros têm muito trabalho de exorcismo a fazer.

Na Igreja Cristã, a prática do exorcismo reduziu-se ao ato de expulsar espíritos malignos de pessoas que se acreditam estar *"possuídas"*, e mais raramente de lugares considerados afetados por aquilo que os clérigos chamam de *"infestação diabólica."*

Este ritual desapareceu do livro de orações episcopaliano, mas, segundo a *Enciclopédia Católica*, o exorcismo ainda é uma prática reconhecida na Igreja Romana.

Os principais instrumentos deste rito são água benta, óleo consagrado e sal, acompanhados de orações. Afirma-se também que *"o exorcista deve estar vestido com sobrepeliz e estola violeta."* Embora o foco esteja no exorcismo pessoal, *"casas e outros locais supostamente assombrados por espíritos impuros devem ser exorcizados com ritos semelhantes."*

Recorde-se que em Borley, um padre tentou o exorcismo, mas sem grande sucesso. Contudo, nos tempos recentes, parece ter sido mais eficaz empregar os serviços de alguém reconhecido como *"médium"* ou *"sensitivo."* Na introdução desta coleção de histórias de fantasmas, foi mencionado que não se falaria de aparições evocadas por médiuns ─ sem *"materializações"*, sem fenómenos de voz direta, e semelhantes.

No entanto, a história que se segue não deve ser considerada uma exceção a esse princípio, pois o fantasma já estava presente, e os serviços de um médium foram usados apenas para afastá-lo. Neste caso, o médium é uma pessoa que o leitor já encontrou várias vezes nestas páginas: a Sra. Eileen Garrett. E, graças à sua gentileza, tive acesso às notas da sua secretária, registadas enquanto estava em transe. Para mais detalhes importantes, sou devedor aos dois principais testemunhos: o Dr. Elmer A. Lindsay e o Dr. Nandor Fodor, que esteve encarregado do caso.

A história apresenta características que a tornam única. Por razões óbvias, os verdadeiros nomes do local e das pessoas intimamente envolvidas não são revelados. O cenário era uma casa

que chamaremos de *Lynn Manor*, situada numa pequena comunidade no sul de Inglaterra, a cerca de três horas de carro de Londres.

A data era julho de 1936.

Dois anos antes, um homem e a sua esposa ─ que chamaremos de Kirk ─ adquiriram a propriedade. Fragmentos das suas paredes diziam-se remontar ao tempo de Eduardo, o Confessor, mas o local fora destruído e reconstruído várias vezes ao longo dos séculos de guerra. O Sr. Kirk comprou a propriedade por um preço relativamente baixo. Não foi informado de que era assombrada, e teria rido da ideia se alguém lhe tivesse dito.

Lynn Manor era uma propriedade campestre encantadora, com a sua estrutura espaçosa e irregular, vinte e quatro acres de relvados, jardins e paisagens rurais ao redor. A primeira indicação de uma possível assombração surgiu cerca de cinco meses depois de o Sr. e a Sra. Kirk e a sua filha se mudarem.

Na noite de 18 de novembro, o proprietário foi acordado às 3h35 por três violentas pancadas na porta do seu quarto. Levantou-se e foi até ao quarto da esposa perguntar se ela tinha ouvido algo. Ela disse que ouvira três fortes batidas. Discutiram o barulho durante algum tempo, sem chegar a uma explicação. Na noite seguinte, à mesma hora, ouviram duas pancadas fortes. Na terceira noite, outra vez à mesma hora, apenas uma pancada. Esta regressão matemática sugeria uma intenção deliberada, mas o mistério permanecia: quem ou o quê estava a produzir estes sons?

Nos dias seguintes, Kirk teve de se ausentar em negócios. Durante a sua ausência, a casa permaneceu em paz. No dia 25, regressou. No seu depoimento posterior ao Dr. Fodor, afirmou que encontrou o seu quarto anormalmente frio. Além disso, sentiu uma estranha inquietação no ambiente, que o deixou nervoso. Ainda tinha bem presente as pancadas na porta. Decidiu, então, ficar acordado até às 3h35, deixando a porta aberta e as luzes acesas. Desta vez, queria ver o que aconteceria. No entanto, por volta das 3h, apagou a luz e

adormeceu rapidamente. Vinte minutos depois, foi despertado por uma nova pancada estrondosa na porta e sentou-se de repente na cama.

No vão da porta, viu *"um homenzinho idoso, vestido com uma túnica verde, calções enlameados e polainas, um chapéu descaído na cabeça e um lenço ao pescoço."*

A primeira reação de Kirk foi pensar que um mendigo tinha entrado na casa por descuido dos empregados.

"Quem és tu?"

Nenhuma resposta.

"O que fazes na minha casa?"

Ainda assim, o intruso ficou parado, olhando de forma apática e silenciosa. Naturalmente, Kirk ficou furioso. Saltou da cama e correu na direção do homem. Tentou agarrá-lo pelo ombro ─ mas a sua mão atravessou a figura. Kirk gritou, perdeu o equilíbrio e caiu pesadamente no chão. Pensou que poderia ter desmaiado, mas logo recuperou e correu para o quarto da esposa. A Sra. Kirk e a filha ficaram aterrorizadas quando o viram entrar cambaleante, a balbuciar incoerentemente, com os olhos esbugalhados e o rosto pálido de terror.

Mal teve tempo de atravessar a porta antes de colapsar no chão. A primeira reação da Sra. Kirk foi procurar um pouco de conhaque. Correu pelo corredor até aos aposentos dos criados para buscar as chaves da adega. Este quarto ficava ao lado do do marido, mas num nível elevado. Como o corredor estava escuro, manteve os olhos baixos para ver os degraus. Ao chegar à porta do quarto do marido, notou primeiro um par de pés e polainas. Levantou o olhar e viu o que depois descreveu como *"um homenzinho idoso, muito sólido, absolutamente nítido."*

O seu traje consistia numa túnica velha, polainas elizabetanas e botas cobertas de lama. Um lenço vermelho estava atado ao seu pescoço. O rosto era muito vermelho, os olhos malévolos e a boca aberta, escorrendo baba.

"Olhou para mim com o olhar de um idiota."

Pensou que um estranho teria invadido a casa para pregar uma peça ao marido.

"O que queres?", gritou furiosa. "Quem és tu?"

Nunca lhe ocorreu que esta estranha figura pudesse ser uma aparição, pois parecia um homem vivo, sólido, substancial. Quando ele não respondeu, deu-lhe um murro com toda a força. A sua mão atravessou-o e bateu violentamente contra a ombreira da porta, ferindo-a gravemente. A dor e a força do golpe fizeram-na girar sobre si mesma. Quando voltou a olhar, o homem ainda estava ali, sólido e imóvel como antes. Foi então que percebeu que não era um homem vivo, mas algo de outro mundo. Assustada, fugiu para a adega.

Ao refletirem sobre a experiência daquela noite, os Kirks lembraram-se de que, embora o corredor estivesse às escuras, a figura era tão nitidamente visível que ambos puderam notar os detalhes do seu traje e da sua expressão. Ainda assim, a aparição não emitia qualquer luz própria. Este foi apenas o início dos acontecimentos. O fantasma foi visto pelo Sr. e pela Sra. Kirk cerca de duas dezenas de vezes. Inicialmente, a figura apenas aparecia na porta do quarto de Kirk. Mas, com o tempo, começou a caminhar dentro do quarto e a desaparecer na chaminé. Sempre que aparecia, o Sr. Kirk chamava a esposa. Ela então tocava no fantasma com a mão estendida, fazendo-o desaparecer.

Na terceira noite em que o viram, o espectro ergueu a cabeça e revelou que tinha a garganta cortada de uma orelha à outra. A ferida era horrenda, com bordas irregulares e tecidos expostos. Certa noite, foi o quarto da Sra. Kirk e da filha que foi invadido. Ouviram passos

pesados a descer o corredor em direção ao quarto. A Sra. Kirk pensou que fosse o marido, mas ao olhar para o cão sentiu um arrepio de pavor: o animal estava petrificado de medo. Olhou para a porta ─ que estava trancada por dentro ─ e viu-a abrir-se sozinha. Embora o quarto estivesse iluminado, nenhuma figura entrou. Em vez disso, mãe e filha ouviram passos invisíveis a atravessar lentamente o quarto. O cão, horrorizado, seguia com os olhos o movimento dos passos. Então, os sons subiram pelo ar, como se uma escada invisível estivesse a ser percorrida. A porta do sótão abriu-se sozinha e os passos desapareceram.

Mais tarde, souberam que já houvera uma escada ali, mas fora removida há anos. Desesperados, os Kirks tentaram um exorcismo da Igreja, mas sem sucesso. Finalmente, o Sr. Kirk procurou a ajuda do Dr. Nandor Fodor, diretor do Instituto Internacional de Pesquisa Psíquica em Londres. Fodor passou uma noite na propriedade, mas não viu nem ouviu nada invulgar. Contudo, decidiu recorrer a Eileen Garrett, uma das maiores médiuns da Grã-Bretanha. Sob a orientação de J. Hewat McKenzie, do *British College of Psychic Science*, Garrett teve sucesso durante mais de dez anos na remoção de poltergeists de residências assombradas.

Ela aceitou o desafio de enfrentar o mistério de *Lynn Manor*...

Assim sendo, foi formado um grupo para esse fim, composto pela Sra. Garrett, a sua filha, o Dr. Fodor, o Dr. Elmer A. Lindsay, um investigador amador, e o Sr. Rouse, secretário da Sra. Garrett. Na tarde de 25 de julho de 1936, partiram de Londres. Nada foi dito à Sra. Garrett sobre o fantasma de Lynn Manor, exceto o mero facto de que o local era assombrado.

Nessa noite, este grupo, juntamente com os Kirks, reuniu-se no quarto do anfitrião, onde este pela primeira vez tinha descoberto a aparição à porta e onde a vira tantas vezes desde então. A Sra. Garrett entrou rapidamente em transe. "Uvani", o seu guia, manifestou-se e saudou-os com a sua habitual saudação: "Sou eu, Uvani, dou-vos as

minhas saudações." Isto foi dito pela Sra. Garrett em transe, inclinando-se formalmente com os braços cruzados sobre o peito.

O Dr. Fodor então explicou que a casa estava perturbada por um fantasma, os proprietários sentiam que este sofria e eles próprios estavam angustiados. Seria possível fazer algo tanto por eles como pelo espírito infeliz?

"Não se importam que eu diga", respondeu Uvani, "que, quando há infelicidade numa casa e existe a impressão de que alguém regressa, é porque criam para esse espírito um Jardim da Memória no qual ele pode viver e reviver os seus sofrimentos. Se forem felizes, tudo é agradável – sem constrangimento no vosso coração ou mente – sem visitação. Não podem ter uma visitação de um fragmento de algo que está ligado ao seu ambiente a menos que sejam vocês próprios a fornecer esse ambiente."

Esta era uma teoria interessante, insinuando que um forte conflito emocional na família Kirk tinha criado o cenário para que a infeliz memória humana revivesse o seu sofrimento.

O Dr. Fodor objetou que esse espectro parecia muito substancial, mas Uvani manteve a sua tese. "A vida não pode morrer", disse ele. "Podem explodir o seu dinamismo, mas não podem dissipar a sua energia... Uma pessoa sensível pode facilmente vivificar não uma, mas mil memórias. A cerca de quinhentos metros desta casa, existiu, no início do século XV, uma prisão temporária para prisioneiros de Estado. Muitos homens e mulheres perderam ali as suas vidas. Há dezenas dessas almas infelizes por aí. Se uma em particular vem atormentar-vos, é porque essa tinha alguma afinidade convosco. Se estiverem esgotados nervosamente e viverem neste quarto, emitem energia com a qual o fantasma se constrói a si próprio, como uma imagem num palco."

Novamente, Uvani dirigiu-se diretamente aos habitantes da casa. "A menos que sejam infelizes, a menos que estejam em conflito uns com os outros... ele não pode vir e incomodar-vos."

O Dr. Lindsay então perguntou: "E as casas desabitadas que são assombradas?" A resposta de Uvani foi que a energia provém das pessoas que lá vão por curiosidade mórbida, especialmente se ali tiver ocorrido um homicídio. "Nós vamos lá", disse ele, "e emitimos uma força vital que dá vida. Mesmo uma casa vazia pode permanecer assombrada pela energia emitida quando passamos apressados, com medo." Afirmou francamente que o Sr. Kirk estava num estado mental e emocional debilitado, e isso criava a base para o fantasma infeliz.

O Dr. Lindsay então perguntou: "O que causa os sons?", referindo-se aos ruídos de pancadas e passos.

"Nada na vida se perde.", foi a resposta. "Se pudessem ter um instrumento com sensibilidade suficiente, poderiam imediatamente ouvir os sons do passado. Se voltarem atrás no relógio do tempo, é possível ouvirem os profetas a falar ou o vosso próprio Cristo – poderiam ver tudo o que aconteceu. Se esta personalidade está a tentar entrar em contacto convosco e forem sensíveis ao som, serão capazes de o ouvir. Está presente no registo da intemporalidade."

A pergunta seguinte foi: "O que pode ser feito para acabar com a assombração?" Uvani respondeu que o método era chamar a memória à existência e permitir que tomasse posse do médium. Assim, poderia ser dissipada. "Vou permitir que esta câmara se encha com a memória do passado. Vou afastar-me. Quando essa memória tomar posse deste instrumento [Sra. Garrett], eu estarei fora de posse. Prometo-vos que, quando esta memória for dissipada, não haverá mais problemas."

O Dr. Lindsay então perguntou: "Enquanto essa memória for vivificada, a alma real do homem está em posse? Ele assombra a casa?"

"Enquanto ele for sólido para vocês, ele não sabe que assombra o local. Devem dizer-lhe que ele o faz. É possível que ele não tenha consciência disso... A forma pode não estar ciente de que o tempo já não é o que era. Ele pode até confundir-vos com algo do seu passado."

Durante todo este tempo, a Sra. Garrett, em transe, estava sentada com os braços cruzados sobre o peito, inclinada para a frente mas relaxada. Quando Uvani terminou de falar, o ritmo da sua respiração mudou, gemeu como se estivesse num sono profundo e estendeu-se completamente, rígida, na beira da cadeira. A respiração tornou-se pesada, como se tivesse um aperto na garganta. Era evidente que outra entidade estava em posse, em vez de Uvani. Ela apontou para os lábios, passou os dedos pelo pescoço, sentindo-o de cima a baixo como se estivesse ferido. Aparentemente, era agora o fantasma que estava no controlo do médium. Ao tocar nos lábios, "ele" parecia tentar indicar que não conseguia falar.

De seguida, a Sra. Garrett fez um gesto a chamar o Dr. Fodor, como se o espírito estivesse ansioso por se certificar de que a cena era real, e, quando ele se aproximou, agarrou-lhe com tanta força a mão direita com a esquerda que ele gritou de dor. O Dr. Lindsay tentou ajudar a soltar os dedos daquele aperto de ferro, mas não conseguiu. Logo, a mão ficou dormente, inchada e dolorosa durante os dois dias seguintes, e ainda estava sensível duas semanas depois.

De repente, a Sra. Garrett caiu de joelhos, fazendo gestos de súplica e desamparo. Os membros do círculo tentaram concentrar-se para fazer o fantasma compreender que podia falar. Houve uma luta para articular palavras. O Dr. Lindsay tocou na língua do médium, e seguiu-se um grito estrangulado.

Durante cerca de quinze minutos, a Sra. Garrett permaneceu de joelhos. Houve uma evidente luta para falar, com gestos de súplica. Finalmente, a primeira palavra surgiu: "Eleison." A princípio, foi confundida com "Alicia", mas quando repetida mais tarde foi reconhecida como a segunda parte de "Kyrie eleison!" – a frase grega que significa "Senhor, tende piedade de nós!" no antigo ritual da igreja. O Dr. Lindsay, assistido por um dos outros cavalheiros, ajudou a Sra. Garrett a voltar a sentar-se na cadeira.

A mão procurou ao longo do lado do corpo, como se buscasse uma pena e um tinteiro, e percebeu-se que o toque do vestuário

feminino lhe era estranho. Novamente, a mão foi ao pescoço. A palavra seguinte foi "Huntingdon". A partir de fragmentos de palavras e frases que se seguiram, os ouvintes supuseram que poderia ser o nome do seu senhor feudal.

Alguém perguntou: "Foi ele que lhe fez isso?"

"Levaram tudo", foi a resposta difícil. Ele então perguntou pela sua esposa. "Peço-te, amigo, encontra-me o seu lugar de repouso." Mais tarde, percebeu-se que esta frase significava a sua morada. Em seguida, perguntou pelo seu filho, dizendo que esperava notícias dele. Neste ponto, houve confusão porque o grupo não conseguia entender bem a sua dicção. Contudo, o nome "Buckingham" foi ouvido claramente. A voz continuou: "Ofereceu-me ducados e terras vastas pela minha esposa, o meu senhor feudal. O meu inimigo deixa-me apodrecer aqui sem o meu filho. Espero notícias do meu filho."

Neste momento, o rosto do médium assumiu uma expressão torturada, com a boca entreaberta, os olhos semicerrados e as faces encovadas. Já não era o rosto da Sra. Garrett. O Sr. Kirk avançou para olhar mais de perto. "É a imagem exata!" exclamou. Depois, a sua esposa olhou e gritou: "Ó meu Deus!" Virou-se, tremendo de soluços. Era, disse ela, a mesma expressão que também tinha visto no fantasma.

A partir dos fragmentos de discurso que se seguiram, pareceu que a Inglaterra estava em guerra e que o filho do fantasma estava envolvido. Alguém pediu-lhe que se identificasse.

"Charles Edward", respondeu ele. "Meu pai, senhor feudal de Henley. As minhas terras em Huntingdon e Buckingham são-vos familiares. Meu filho, John Edward Charles, luta pelo meu rei ingrato."

"Que rei?" perguntou o Dr. Fodor. "Podes dizer-nos o seu nome?"

Houve um longo silêncio. Então, "Não menciono a sua indignidade para comigo e o meu filho. Henley ele tira-me e deixa-me sozinho."

Depois, como se percebesse que os seus ouvintes tinham dificuldade em seguir o seu discurso, disse "pena". O Dr. Fodor entregou ao médium o seu lápis e caderno. Segurando o lápis numa posição estranha, vertical, a mão escreveu, em letras trémulas e curiosas, "Henley". Este é o nome atual de uma quinta perto da mansão. Seguiram-se, numa caligrafia estranha e enredada, as palavras "Edward Charles", seguidas de "Lord Huntingdon".

Como era evidente que o grupo não compreendia bem a relação entre o fantasma e esses nomes, ele continuou: "Buckingham não é o meu nome, mas amigo de infância. Dorothy, minha esposa. Ele forçou os seus olhos [seduziu-a?]. Maulgré, seu pai jaz enterrado em Esse."

A princípio, a palavra francesa antiga "maulgré" não foi entendida no seu significado de "apesar de", e "Esse" foi mais tarde descoberto como o nome antigo de uma aldeia vizinha. Ele prosseguiu: "Enterrado naquela sepultura. Ele fez-me isto. Mas esse bastardo real esquece e rouba. Que a sua alma arda para sempre nesse inferno do qual não há escapatória."

Neste ponto, vários membros do grupo falaram, exortando o espírito infeliz a abandonar o pensamento de vingança. Mas ele repetiu várias vezes que o seu único desejo era vingar-se de Buckingham. Pediu aos seus ouvintes ajuda para atingir esse objetivo. Quando lhe perguntaram se gostaria de ver a sua esposa, a resposta inesperada foi não, porque ela já não o reconheceria. Mas desejava notícias dela e do seu filho.

O Dr. Fodor então disse que o fantasma precisava de compreender a sua situação, que já não estava onde pensava estar; séculos tinham passado e ele era aquilo a que os homens chamavam "morto". Mas ele realmente estava vivo e poderia ser feliz e reencontrar-se com a sua esposa e filho se os chamasse e abandonasse

todo pensamento de vingança. Isso era algo que devia deixar para Deus. Deveria rezar para que tanto ele quanto os seus inimigos fossem perdoados. A sua resposta a esta pequena pregação foi: "Falais-me de Deus. Quero a minha vingança."

O Dr. Lindsay interveio de imediato, dizendo: "Falamos-te de Deus. Também te falamos de que tens a tua língua e que o teu corpo está bem. Então, porque não nos permites provar-te que estamos certos também sobre Deus?"

"Muito bem falado, senhor", foi a resposta. Mas insistiu que não queria nada para si próprio, apenas para a sua esposa e filho. E foi-lhe dito que tudo dependia dele. Ele poderia vê-los novamente, mas deveria abdicar dessa paixão pela vingança.

"O que preferes?", perguntou finalmente o Dr. Lindsay, "a tua vingança ou ver a tua esposa e o teu filho?"

A voz gaguejou. Por fim, disse: "É por eles. Nada pedirei para mim." Quando pressionado a dar uma resposta clara, disse: "Por eles, sim." Depois implorou: "Falareis comigo de novo?... Segurai-me, não consigo ficar. Estou a escorregar. Não me deixem!"

A Sra. Garrett caiu para trás na cadeira e o aperto na mão do Dr. Fodor afrouxou. Alguém voltou a falar da esposa e do filho, mas não houve resposta. Pareceu que, no instante em que o desejo de vingança foi abandonado, o espírito torturado foi libertado. Pouco depois, a Sra. Garrett saiu do transe.

Para o Dr. Fodor e os outros membros do grupo, pareceu que a sessão tinha sido tanto interessante quanto bem-sucedida, mas os Kirks não estavam satisfeitos. Disseram que ele tinha prometido demasiado ao fantasma. E se ele não encontrasse a esposa e o filho? Não voltaria pior do que nunca? De facto, vinte e quatro horas após essa sessão, o Dr. Fodor recebeu um telefonema do Sr. Kirk: "Meu Deus, ele está aqui outra vez! Está na porta, a tentar abrir a boca e falar." Ele já tinha telefonado à Sra. Garrett com a mesma mensagem.

O Dr. Fodor então combinou com ela uma sessão privada para ouvir mais de Uvani sobre o caso. Este esboçou um retrato devastador da vida privada do Sr. Kirk e do conflito emocional que existia naquela casa entre ele e a sua esposa. Isto confirmou o que o Dr. Fodor já tinha descoberto. Três dias após a sessão em Lynn Manor, pela manhã, o Dr. Lindsay teve uma sessão privada com outra médium, a Sra. Ruth Vaughan, na sede do British College for Psychical Research. Ela nada sabia sobre a noite passada na mansão. Quando a sessão começou, ele comentou com o espírito-guia, sem dar nomes: "Tivemos um tempo interessante na semana passada."

"Gostas de exorcizar fantasmas?" foi a resposta. "Também esse foi um duplo exorcismo." Isto referia-se a uma experiência anterior da Sra. Garrett, que o Dr. Lindsay conhecia. Mais tarde, descobriu-se que a assombração em Lynn não era apenas a do prisioneiro, Lord Henley, mas também a do seu carcereiro.

Então, a Sra. Vaughan foi possuída pelo fantasma. O seu rosto assumiu a mesma expressão angustiada que o da Sra. Garrett tinha mostrado, e houve os mesmos gestos de súplica. E a Sra. Vaughan agarrou o pulso do Dr. Lindsay com um aperto firme, tal como a Sra. Garrett fizera com o Dr. Fodor.

"Larga-me e eu falo", ordenou o Dr. Lindsay.

"Vim na noite seguinte" — essa foi a noite em que o Sr. Kirk o viu e telefonou — "e vocês não estavam lá." A voz era um sussurro. O Dr. Lindsay explicou que não tinham feito qualquer promessa de regressar na noite seguinte. Então, o fantasma disse que tinha conseguido contacto com o filho, mas ainda não com a esposa. Nesse momento, o espírito-guia da Sra. Vaughan voltou e nada mais se ouviu de Lord Henley.

Contudo, nessa mesma tarde, o mesmo grupo que se reunira em Lynn Manor voltou a encontrar-se para uma sessão em Piccadilly. Novamente, a Sra. Garrett entrou em transe. Quando Uvani se apresentou, o Dr. Fodor colocou-lhe algumas questões sobre a sessão

de três dias antes na mansão. Uvani respondeu que não tinha havido cooperação adequada por parte dos Kirks. Eles tinham tentado um exorcismo, mas não houve oração vinda do coração, por isso foi inútil. "Eles criaram para si próprios uma atmosfera na qual esta criatura infeliz podia expressar-se. Eles fornecem a energia para permitir esta assombração."

Continuando, fez um comentário de especial significado para aqueles que estão de luto: "Dar aos mortos um lugar no vosso coração é bom apenas se o fizerem para os libertar. Uma sensibilidade contínua à vossa própria dor cria para eles uma morte viva."

Quando lhe perguntaram o que o grupo tinha conseguido para o espírito infeliz, ele respondeu: "Sacudimos alguém de um pesadelo profundo... O que fizemos foi fazê-lo reconhecer que este [pesadelo] era uma fantasia à qual ele se agarrava, não uma realidade. Tudo o que ele procura saber é: 'Como posso escapar disto para que nunca mais sonhe novamente? Por favor, fiquem comigo em simpatia até que eu já não tenha medo de cair se partir para a luz!'"

Uvani continuou com uma longa história sobre o que tinha acontecido ao espírito infeliz. Disse que Henley tinha sido católico e o líder de um movimento contra o regime Tudor. Enquanto Henley estava ausente na Escócia e em França, Buckingham prometeu que a família de Henley ficaria sob a sua proteção. Em vez disso, Buckingham roubou-lhe tanto a esposa como as terras. Além disso, um homónimo de Henley, um Pretendente auto-intitulado ao trono, traiu-o e entregou-o para ser preso, escapando assim do país e salvando a sua própria cabeça. Nesta traição, o próprio irmão de criação de Henley teve um papel. Aos trinta e quatro anos, o pobre desgraçado foi capturado e arrastado, amarrado com uma corda, para uma prisão perpétua. Para silenciar os seus gritos, cortaram-lhe a língua. Apesar dos seus sofrimentos, sobreviveu até aos sessenta e poucos anos, sustentado apenas por uma paixão ardente de vingança contra aqueles que tão cruelmente o tinham injustiçado.

"Lembrem-se", disse Uvani, "quando temos uma ideia na mente, é difícil retirá-la... Digam-lhe que a casa dos seus sonhos desapareceu com todas as outras coisas. Daqui a pouco estariam a falar com um cavalheiro razoável... Ele ainda se vê como impuro, desalinhado, irreconhecível."

Seguiu-se um longo e patético discurso do fantasma, do qual apenas um breve excerto pode ser transcrito:

"Vim saudar-vos. Peço-vos, bons senhores. Digo-vos que encontrei a fala... Encontrei o meu filho... Está tudo bem? Imploro-vos que não brinqueis com alguém doente até à morte. Já não estou, de verdade, nesta vida? Não vos enganeis por um momento de paz mental, pois já suportei demasiado... Dai-me forças para falar mais, para que eu tenha certeza de que não estou novamente a ser enganado.

"Dais-me fala. Dais-me um corpo limpo, morto há tantos anos e ainda assim aprisionado. Escutai-me bem, bons senhores... Escutai com ouvidos livres de astúcia. Rezei junto à cruz, em fidelidade ao meu Senhor, beijei a espada para Lhe prestar serviço. Homens da minha fé tomaram-me tudo. E o meu Senhor, Ele permite que aqueles que clamam pelo Seu santo nome torturem aquele que O serviu?... O que fiz para que Ele me tenha esquecido?"

O Dr. Fodor perguntou-lhe o ano do seu cativeiro. Ele respondeu:

"Anno Domini do meu casamento é claro. Foi em Seu nome e no Seu dia de Natal, 1536."

O Dr. Fodor disse-lhe que agora vivia apenas numa casa de sonhos.

"Estais enganado. Viestes ver-me. É verdade? É por causa do meu título que me libertais?"

O Dr. Fodor respondeu que tinham ouvido falar dele por acaso. Então, a voz perguntou sobre o carcereiro. Aos poucos, ele percebeu que o carcereiro já não tinha poder sobre ele.

"Os seus ossos jazeram comigo durante muitos dias e noites", disse ele, "mas o seu espírito mantinha-me cativo. Tende misericórdia, tende piedade e tolerância para comigo. Vivi sozinho com o seu corpo apodrecido enquanto o seu espírito não se afastava de mim. Ele já não existe? Não há mais tormento a vir disto?

Posso partir em paz?"

"Podeis partir e encontrar os vossos amigos."

"Então que toda a miséria e ódio passem comigo... Eu parto e levo comigo a paz para fora do transe."

Neste momento, a Sra. Garrett regressou.

Foi uma história dramática e trágica, e teria sido muito interessante se houvesse registos históricos que a confirmassem. No entanto, os esforços do Dr. Fodor para investigar a história local do século XVI não deram resultados. Não havia registos de casamentos ali em 1536. Um perito em caligrafia não conseguiu identificar a escrita curiosa feita pela mão da Sra. Garrett em transe, exceto para dizer que não era uma escrita "medieval", o que era irrelevante para uma história do século XVI. O perito tentou em vão, durante várias horas, fazer com que a Sra. Garrett imitasse essa escrita de forma convincente.

Houve uma curiosa sequência de acontecimentos. Pouco depois dessa sessão, o Dr. Fodor recebeu um telefonema de voz assustada. Era novamente Kirk, numa chamada de longa distância, claramente muito agitado.

"O fantasma está dentro de mim agora!" gritou. "Não consigo dormir à noite. Ele assombra a minha mente. Nunca me livrarei dele!"

O Dr. Fodor então enviou-lhe uma cópia do esboço de carácter de Uvani sobre ele. Para grande surpresa do Dr. Fodor, o homem ligou novamente no dia seguinte e disse:

"Dr. Fodor, o que Uvani disse é terrível, mas absolutamente verdadeiro."

O facto era, disse o Doutor, que Kirk, apesar dos seus recursos e posição social, era completamente devasso, sendo tanto alcoólico como homossexual. A sua esposa tinha uma mente brilhante e vinha de uma linhagem distinta, mas a sua família tinha um longo historial de vida imprudente. Na altura da assombração, ela era viciada em morfina. Entre estas duas almas depravadas, desenrolavam-se violentos conflitos.

Esta era a atmosfera emocional infeliz a que Uvani se referia como a base para o aparecimento de Lord Henley e a repetição dos seus trágicos ódios e memórias.

Curiosamente, o choque de ver essa revelação do seu próprio caráter, vinda de forma sobrenatural através de Uvani, provocou algo radical em Kirk. De alguma forma, o vínculo entre ele e o fantasma quebrou-se, e nunca mais se ouviu falar do infeliz espectro de Lynn Manor.